

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**



Rita Joana Reis Carneiro

“Linha Vermelha por um futuro verde”

Cidadania participativa tecida por movimentos sociais globalizantes

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Santarém para obtenção do
Grau de Mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária

Orientação

Professora Doutora Perpétua Santos Silva

Santarém

Julho de 2020

Índice

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	IV
ABSTRACT	V
CAPÍTULO I - O PALCO DAS DINÂMICAS SOCIAIS EMERGENTES.....	4
CAPÍTULO II - CENÁRIOS ENTRECruzADOS DE CIDADANIA.....	14
CAPÍTULO III – AS LINHAS COM QUE NOS COSEMOS: METODOLOGIA, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO	30
CAPÍTULO IV – UMA LINHA VERMELHA POR UM FUTURO VERDE.....	44
A CAMPANHA LINHA VERMELHA: DAS MOTIVAÇÕES ÀS ESTRATÉGIAS DE AÇÃO.....	44
PARCEIROS: ENTIDADES ENVOLVIDAS, PERSPETIVAS, FINALIDADES E DIFERENTES FORMAS DE ENVOLVIMENTO DE PARTICULARES	57
REDES DIGITAIS E GLOBALIDADE	66
RELAÇÕES ENTRE PARES E CONEXÕES IDEOLÓGICAS.....	71
REVIVALISMO DO PATRIMÓNIO CULTURAL, SUA RELAÇÃO COM A CAMPANHA LINHA VERMELHA E IMPACTOS	78
CAPÍTULO V - CONCLUSÕES EMPÍRICAS, RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO SOCIAL E A EMERGÊNCIA DE UMA INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA INOVADORA	84
BIBLIOGRAFIA	93
ANEXOS	I
ANEXO I - GUIÃO DE ENTREVISTA	II
ANEXO II - GUIÃO DA ENTREVISTA.....	IX
ANEXO III - GUIÃO DA ENTREVISTA.....	XV
ANEXO IV - ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	XX
ANEXO V - CONSENTIMENTO INFORMADO	CXIV

Agradecimentos

Aos pais por concederem a vida e a força amorosa para seguir sonhando.

Ao marido por me impulsionar a avançar.

Aos filhos pelo amor proporcionado. É um alento.

À estimadíssima Professora Doutora Perpétua Santos Silva pelo crédito conferido.

À Turma e aos demais Professores pelas enriquecedoras aprendizagens.

Ao João, à Ângela, à Zélia, à Catarina e aos restantes interlocutores que carinhosamente me acolheram e se dispuseram à minha exaustiva observação, interação, inquirição e participação.

A todos os que ativamente lutam por um mundo melhor.

Resumo

No âmbito do mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, e conduzidos pelo interesse despertado no recurso às manifestações culturais no contexto de novos movimentos sociais, dedicámo-nos a uma pesquisa subordinada ao tema por considerarmos a sua relevância na contemporaneidade. Desenvolvemos, para o efeito, um estudo de caso sobre o uso de tricot e de crochet numa campanha ativista.

A Campanha Linha Vermelha foi o nosso objeto de análise tendo, no decurso do ano de 2019, acompanhado as ações pelo projeto organizadas no sentido de conhecer a missão, motivações, estratégias, público-alvo, parceiros e impactos das suas dinâmicas juntos dos cidadãos.

Para efeitos de pesquisa, seguimos uma abordagem qualitativa, em duas modalidades complementares, optando pela perspetiva etnográfica com desenvolvimento de observação direta e participante, com registo em diário de campo, de eventos que ocorreram ao longo do ano de 2019, e realizámos ainda três entrevistas semiestruturadas a elementos-chave envolvidos na Campanha Linha Vermelha.

A investigação permitiu-nos conhecer diferentes tipos de participação cidadã, as relações entre grupos ativistas e a relevância das redes transfronteiriças nas lutas globalizadas. Atendemos ainda à versatilidade e às capacidades adaptativas das intervenções socioeducativas num panorama de fragilidades diversas, procurando contribuir para a compreensão do contexto da intervenção social contemporânea e desenhar possíveis linhas orientadoras para dinâmicas futuras.

Palavras-chave:

Cidadania. Participação. Educação Social. Intervenção Comunitária. Lutas Globais. Ativismo. Craftivismo.

Abstract

Within the scope of the master's degree in Social Education and Community Intervention and driven by the interest aroused in the use of cultural manifestations in the context of new social movements, we dedicated ourselves to a research subject to the theme because we consider its relevance in contemporary times. For this purpose, we developed a case study on the use of knitting and crochet in an activist campaign.

The Red Line Campaign was our object of analysis, having during the year of 2019, followed the actions by the project organized to know the mission, motivations, strategies, target audience, partners and impacts of its dynamics together with the citizens.

For research purposes, we applied a methodology based on the qualitative approach, in two complementary modalities, opting for the ethnographic perspective by developing direct and participant observation, with a record in the field diary, of events that occurred throughout the year of 2019, and we also conducted three semi-structured interviews with key elements involved in the Red Line Campaign.

The investigation allowed us to know different types of citizen participation, the relationships between activist groups and the relevance of cross-border networks in globalized struggles. We also attended to the versatility and adaptive capacities of socio-educational interventions in a panorama of diverse weaknesses, seeking to contribute to the understanding of the context of contemporary social intervention and to design possible guidelines for future dynamics.

Keywords:

Citizenship. Participation. Social Education. Community Intervention. Global Fights. Activism. Craftivism.

Introdução

O presente estudo foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém e decorre do interesse despertado pelo recurso às manifestações culturais no contexto de novos movimentos sociais, como sejam os de índole ativista. Surgiu, assim, a intenção de desenvolver uma pesquisa que permitisse abordar esta temática - que nos pareceu de moldes inovadores na esfera nacional – desenvolvendo, para o efeito, um estudo de caso sobre o uso de tricot e de crochet numa campanha ativista.

Propusemo-nos, deste modo, investigar o despertar do uso das manualidades tradicionais acima referidas por grupos associados a novos movimentos sociais contemporâneos. Foi nosso objetivo primordial perceber de que forma o ressurgimento do tricot e do crochet se constitui enquanto recurso/motor de intervenção de movimentos socioculturais e sociopolíticos. Para este fim, debruçámo-nos sobre a Campanha Linha Vermelha, procurando conhecer a sua missão, percurso, estratégias, parceiros, perfis de participantes e impactos na sociedade portuguesa. Interessou-nos perceber quais as motivações iniciais do projeto em causa e como o mesmo foi evoluindo de acordo com as interações e as transformações emergentes.

Importa contextualizar que a presente investigação coincidiu com o crescente movimento ambientalista de índole ativista à escala mundial, expresso no envolvimento de muitos milhares de jovens e cidadãos adultos, parcial ou amplamente mobilizado pela ação individual da estudante sueca Greta Thunberg. Este aspeto é de suma relevância na presente pesquisa na medida em que constatámos que os eventos internacionais e seus correspondentes na esfera nacional potenciaram a ação e visibilidade do projeto constituído enquanto estudo de caso. O fator globalização esteve, portanto, inevitavelmente na mira da nossa investigação pela impossibilidade de dissociar contextos locais/nacionais de contextos globais/internacionais. Atentámos por isso à compreensão de fenómenos que, não obstante as especificidades muito próprias e restritas aos contextos em que ocorrem, são também eles, espelho e reflexo de dinâmicas além-fronteiras. Este assunto conduziu-nos, ainda, ao estudo e busca de compreensão de funcionamentos e impactos da rede digital e da relevância que a mesma tem especificamente nos movimentos ativistas contemporâneos.

Os objetivos específicos a que nos propusemos visavam, então, conhecer as manifestações culturais associadas ao contexto do craftivismo, designação do movimento ativista com recurso a manualidades tradicionais. A Campanha Linha Vermelha, pelo que constatámos, constitui-se enquanto um dos maiores exemplos contemporâneos nacionais desta nova forma de ativismo, envolvendo um vasto e diversificado número de entidades e grupos de cidadãos. Objetivámos também compreender sobre as entidades envolvidas qual ou quais as suas perspetivas na utilização destes recursos bem como as finalidades a que se propuseram.

Por fim, pretendemos conhecer as diferentes formas de envolvimento de particulares e de grupos de cidadãos por forma a compreender as suas lógicas participativas neste tipo de movimentos.

Importa salientar que a chegada ao terreno nos possibilitou perceber que estava em curso uma segunda etapa do projeto, decorrente das circunstâncias inerente às entidades promotoras da Campanha, bem como fruto da conjuntura internacional acima referida. Assim, a pesquisa ficou enriquecida com os testemunhos de participantes da fase inicial aos quais acresceu a observação direta e intensa em eventos frequentemente coincidentes com a agenda ativista a uma escala internacional, designadamente as Marchas pelo Clima promovidas no âmbito da Greve Climática Estudantil.

Consideramos, portanto, a temática de uma enorme pertinência dada a atualidade dos fenómenos em estudo e por isso merecedora de atenção por parte da comunidade académica, uma vez que estudos subordinados aos movimentos socioculturais contemporâneos podem contribuir para melhor conhecer e melhor compreender as sociedades em que vivemos. É esse o nosso intuito, o de contribuir, ainda que de uma forma singela, para o conhecimento das dinâmicas sociais contemporâneas, especificamente aquelas relacionadas com as novas formas de potenciar a cidadania participativa.

É, portanto, fundamental referir a estreita relação que buscámos observar entre os âmbitos da Educação Social e a temática visada. As ligações prendem-se numa abordagem geral com a procura de estratégias que contribuam para o empoderamento dos cidadãos e o potenciar da cidadania participativa, aspetos centrais à Educação Social.

Para o efeito, propusemo-nos analisar as questões relativas aos novos movimentos sociais com recurso ao tricot/crochet observados estes enquanto tradição cultural com potencial para a socialização e o exercício da cidadania. Este aspeto prende-se, no nosso entender, com a crescente relevância de que se tem revestido a criatividade no contexto social e o reinventar da participação cidadã num quadro de instabilidades várias, reveladoras também de um questionamento crescente do modelo económico causador de inúmeras injustiças sociais. Observámos, assim, a intrincada teia causal entre preocupações ambientais e sentidos de (in)justiça social, logo aspetos que consideramos correlativos à Educação Social. Pretendíamos com o estudo compreender o que mobiliza a participação dos cidadãos nestas dinâmicas sociais refletindo conhecimento, liberdade, capacidade e vontade de atuar e contribuir para a construção/melhoria das suas comunidades.

Acresce também a necessidade de perceber o ressurgimento de técnicas tradicionais por parte dos atores sociais atuais e as interações entre mundos e gerações. A observação das heterogeneidades enriqueceu a nossa pesquisa neste sentido.

Outro aspeto que considerámos de interesse na presente investigação foi conhecer as vicissitudes de um projeto que se implementa com dependência incerta de financiamentos nacionais e/ou internacionais e observar quais as estratégias que podem ser levadas a cabo

para fazer vingar a intervenção comunitária nesta realidade tão vulnerável. Este é, sem dúvida, um tema pertinente no contexto em estudo pois compete ao Educador Social conhecer e saber movimentar-se nestas incertezas e fragilidades e prosseguir os seus intuitos de contribuir para um mundo com menos desigualdades, mais inclusão, justiça e liberdade.

No que concerne à metodologia aplicada para efeitos de pesquisa seguimos a via qualitativa em duas modalidades complementares. Na medida em que a investigação se reveste das especificidades inerentes ao estudo de caso, como sejam o facto da análise e suas conclusões se limitarem ao contexto estudado, não podendo ser extrapoláveis para outras realidades/casos e constatada a própria organicidade do objeto em análise, optámos pela perspectiva etnográfica desenvolvendo observação direta e participante, com registo em diário de campo, de eventos que ocorreram ao longo do ano 2019 e nos quais estivemos presentes enquanto investigador e participante.

No diário de campo registámos as conversas telefónicas, correspondência eletrónica e diálogos tidos durante as viagens de e para os eventos. Foram auscultados, de modo mais dirigido, 20 indivíduos diretamente envolvidos no projeto em estudo, bem como registada a observação de várias dezenas de participantes pontuais na Campanha Linha Vermelha.

Foram, também, realizadas três entrevistas semiestruturadas a elementos-chave envolvidos na Campanha Linha Vermelha.

Enriqueceram a recolha de informação, igualmente, os registos online – site e redes sociais da Campanha Linha Vermelha, através dos quais se acompanhou as informações fornecidas ao longo do período em que decorreu a investigação e o registo dos eventos ocorridos na fase que antecedeu a investigação no terreno. Desta consulta destacamos a análise do registo fotográfico que em muito contribuiu para aferir perfis de participantes, bem como estratégias adotadas na divulgação/promoção da Campanha.

No que respeita à sua estrutura, a presente dissertação é composta por cinco capítulos. No primeiro visámos expor as circunstâncias sociais, económicas e políticas que representam o pano de fundo da emergência do fenómeno ativista. No segundo dedicámo-nos à explanação dos conceitos essenciais para a compreensão do objeto em análise. No terceiro capítulo expusemos a metodologia adotada e os procedimentos desenvolvidos os desafios colocados ao investigador e as estratégias que consubstanciaram a pesquisa. No quarto capítulo dedicámo-nos à apresentação exaustiva do estudo de caso, relatando os processos de construção e de desenvolvimento da Campanha Linha Vermelha, constatações e reflexões sobre as especificidades do nosso objeto de análise, fruto da investigação empírica. Por fim, no capítulo quinto procurámos explicar as conclusões extraídas do cruzamento entre a vasta pesquisa teórica efetuada e as ilações decorrentes da experiência no terreno, visando a relação profunda com a Educação Social e aspirando contribuir para a compreensão dos fenómenos em estudo, extraindo desta investigação potenciais linhas orientadoras que enriqueçam projetos de intervenção comunitária.

Capítulo I - O palco das dinâmicas sociais emergentes

A questão do falhanço do mundo foca a atenção no conceito «mundo». Todas as instituições estão a falhar; ninguém nem nada é suficientemente decisivo no confronto com o risco climático global. E é precisamente a insistência no falhanço que está a fazer do mundo o ponto de referência para um mundo melhor. (Beck, 2017, p. 17)

Sendo esta conjuntura contemporânea o palco dos fenómenos versados na presente pesquisa compete-nos, de uma forma contextual, apresentar as diferentes e intrincadas dimensões analisadas no nosso campo de estudo.

Vivem-se tempos paradoxais. Não há registo histórico de uma época em que a humanidade tenha presenciado tamanha melhoria das suas condições de vida, disseminada por tão vastos territórios, ainda que com discrepâncias abissais. As promessas dos tempos modernos têm sido observadas não apenas no mundo ocidental, como igualmente nos territórios que enformam o Tigre Asiático se inspira o esplendor deste progresso. A ciência possibilitou novos e mais acessíveis cuidados de saúde e as tecnologias aproximaram povos, comunidades e nações num impulso imediato e inovador, propagando informação e disseminando valores socioculturais. Contudo, esta aparente esplendorosa realidade pôs também a nu (ou potenciou) um acréscimo de polaridades económicas, injustiças sociais e, mais recentemente, as problemáticas do clima - quer se atribua ou não causalidade direta ao sistema económico vigente. Não obstante os avanços científico-tecnológicos, o mundo global apresenta-se desumanamente desigual. Como defende Costa (2012, p.9), as desigualdades globais revelam complexidades:

A noção de desigualdades globais pode aqui ser entendida como recobrando os três seguintes planos: (i) o da presença crescente, nas múltiplas desigualdades observáveis em contextos locais e sociedades nacionais, de marcas e efeitos das relações sociais de âmbito global e suas assimetrias; (ii) o das desigualdades entre países, ou desigualdades internacionais, tal como elas se estabelecem e evoluem no mundo atual em profunda globalização; (iii) o das desigualdades sociais que se constituem à escala planetária, abrangendo ou atravessando a sociedade humana no seu todo, num contexto de interdependências sociais globalizadas.

O fenómeno da globalização é, assim, tão vasto quanto diverso. Se por um lado, fruto daquelas inovações científico-tecnológicas possibilitou uma maior proximidade e destaque a

organismos transnacionais que despertam uma nova atenção (Stiglitz, 2002), a disseminação de informações, produtos e serviços antes inacessíveis e que se traduzem em aumento de bem-estar, resultando por isso numa receptividade positiva aos mesmos designadamente perante o conhecimento e os fármacos que, sendo acessíveis em algum ponto do mundo, podem salvar a vida de filhos ninguém o negaria, conforme exemplifica Stiglitz, (2002); por outro, as consequências gigantescas, e nefastas para uma grande maioria, da liberalização de mercados e todos os fatores económicos a este inerentes são os que levantam maiores oposições na atualidade, segundo o mesmo autor.

Estas metamudanças da sociedade de risco do século XXI (Beck, 2015) geram uma realidade sem precedentes e sobre a qual urge refletir. Na lógica de mercados, em que os meios de comunicação/informação são globais, também a opinião pública é construída com base em pressões e jogos de interesse, levantando crescentes dúvidas sobre a credibilidade das informações que circulam livremente (note-se o caso das *fakenews*, por exemplo). O olhar individual não é de todo construído isoladamente. Este representa talvez um dos paradoxos atuais: a capacidade reflexiva individual que coexiste com uma escassa participação social. Não serão alheias a esta realidade, seguramente, as condições de vida das populações.

O índice de qualidade de vida em território nacional (INE, 2018) aponta uma subida de 100 para 173,3 entre 2004 e 2017 no que respeita concretamente à participação cívica e governação. Todavia, estes dados conferem à população portuguesa um grau de envolvimento muito inferior ao da restante Europa, de acordo com Pires (citado por Costa, 2018, s/p). A situação não é, portanto, animadora quando verificamos por exemplo que a apatia e falta de iniciativa da população apresenta-se em sexto lugar nas problemáticas que comprometem a inovação social em Portugal, num estudo que versa sobre a cidadania ativa (Frazão, 2015). Arriscaríamos afirmar que nunca fomos tão informados, competentes e simultaneamente amorfos se equacionarmos a relação entre direitos (assumidos) adquiridos e a evolução da cidadania participativa. Fernandes (2014, p.50) afirma que «quanto menores os recursos económicos, menor a propensão para participar e aderir a associações», por exemplo. O autor assinala ainda que a história tem revelado ser «o Estado forte que fomenta o desenvolvimento da sociedade civil» (2014, p.53), com acréscimos na capacidade associativa. Mas as organizações da sociedade civil beneficiam de um Estado forte precisamente pelas condições que o mesmo possibilita - nomeadamente físicas, logísticas e financeiras - bem como pela capacidade de dar visibilidade às questões locais e centralizá-las, por oposição a Estados fracos que «se dispensem ou sejam incapazes de extrair recursos dos cidadãos, não se veem obrigados a negociar com as populações e tendem a reprimir o desenvolvimento da sociedade civil.» (Fernandes, 2014, p. 55). Uma breve análise sobre as variações de participação cívica em países europeus parece corroborar esta visão.

Há então, um mundo global, desigual entre si e constituído por uma rede de inúmeras desigualdades locais, nacionais, continentais e internacionais, corroborando Castles (2002)

relativamente ao impacto diferenciado e diverso que o fenómeno da globalização tem expressado pelo mundo e cujas desigualdades se elencam ao potencial participativo e ao envolvimento nas questões sociopolíticas.

Stiglitz (2002) assinala ainda que foi o Ocidente quem implementou a globalização, extraíndo da mesma a grande porção dos benefícios, em detrimento dos países em desenvolvimento, apontando assim as responsabilidades aos que mais usufruíram destas últimas décadas de mercado global. Para Santos (2018, p.190):

O Colonialismo não terminou com o fim do colonialismo histórico baseado na ocupação territorial estrangeira. Apenas mudou de forma. Na verdade, como acontece desde o século XVI o capitalismo não consegue exercer o seu domínio senão em articulação com o colonialismo.

Diríamos, portanto, que à prepotência das instituições públicas substituiu-se um mundo das multinacionais com sede em parte incerta neste mercado livre contemporâneo. Bauman (2001, p.20) designa a «elite global» nómada e extraterritorial que se assemelha aos antigos «senhores ausentes» da época imperial. É, assim, verificável, um quadro de direitos diametralmente opostos entre aqueles milhões envolvidos na produção e os poucos que geram a riqueza numa escala mundial. Discrepâncias assinaladas por Fontes (2015) que indica a desresponsabilização do capital quando comparado com a força de trabalho no que concerne a contribuir efetivamente para o equilíbrio das sociedades. Ou, ainda de acordo com Santos (2012), sobre a evidência da maioria da população mundial não ver os seus direitos, tidos como universais, salvaguardados numa realidade planetária de interdependência desequilibrada com pendor para as corporações. Observemos, por exemplo, a condição de refugiados ou a situação mais gravosa de indivíduos que, embora nascidos em território nacional, se encontram sem direito à cidadania portuguesa contrastando - no mínimo, moralmente - com a existência de vistos protocolados em troca de robustos investimentos, tudo em prol da economia e do progresso.

Como observado, os países que mais beneficiaram com o boom da industrialização não estão imunes às desigualdades. Pelo contrário, segundo Castles (2002), proliferam também aí os contrastes e as polarizações riqueza-pobreza crescendo novas formas de diferenciação social originadas pela globalização. O caso nacional representa um exemplo destas assimetrias quando comparado com alguns dos seus congéneres europeus, conforme afluído.

As tecnologias da informação e comunicação aceleraram a globalização económica e cultural (Castells, 2005). A esta situação se associa um questionamento (e/ou contestação) crescente, inclusivamente por parte da comunidade científica e relativamente à própria produção de Saber, designadamente a partir da «sociologia das ausências» salientada por

Santos (2018) na sua obra que versa sobre a relevância e afirmação das epistemologias do Sul, num expressivo combate ao que considera as imposições do pensamento hegemónico concretizado também pelo processo da globalização.

No entanto, Ramonet (2004, p.62) enfatiza o peso da economia nesta equação ao afirmar que «A globalização não visa tanto conquistar países como conquistar mercados». Estamos assim perante um fenómeno de transformação abissal das sociedades assente quase em exclusivo nos fatores económicos que se impõem e sobrepõem aos valores sociais, culturais e ecológicos, com as consequências que se revelam no que respeita a polarização social e desigualdade, culminando em desemprego massivo e precariedade laboral. O vasto número de desempregados no continente europeu e pelo mundo a empregabilidade asfixiada pela exploração de homens, mulheres e crianças (Ramonet, 2004). O desenvolvimento tecnológico tem um impacto direto na dimensão do trabalho, conforme nos indica Castells (2005, p.28)

Temos, assim, a maior das contradições: quanto mais desenvolvemos a elevada produtividade, os sistemas de inovação da produção e da organização social, menos precisamos de uma parte substancial de população marginal, e mais difícil se torna para esta população acompanhar esse desenvolvimento.

Consideradas as desigualdades transversais (embora desiguais entre si, aspeto complexo que extravasa os objetos deste estudo) a diferentes idades, géneros e sob a égide do consumo e do mercado, indivíduos, grupos, comunidades e nações são decantadas criando esta panóplia de realidades contrastantes à escala planetária. De acordo com Castells (2005, p.21) a organização do trabalho a partir da rede gera mudanças radicais a uma escala global, não afetando exclusivamente os setores associados às linhas de produção e disseminando instabilidades em classes outrora mais protegidas: «a noção de uma carreira profissional estável, previsível entrou em erosão, na medida em que as relações entre capital e trabalho foram individualizadas e as relações contratuais do segundo escapam à negociação colectiva.», ampliando assim os riscos individuais e potenciando vulnerabilidades.

No que respeita ao mercado, Latouche (2007) salienta que o «circuito diabólico» da sociedade de consumo depende de três ingredientes fundamentais - publicidade, crédito e obsolescência acelerada e programada - que funcionam como três molas da sociedade do crescimento, às quais indivíduos estão vinculados sem que, frequentemente, se consciencializem. Importante este aspeto por conferir a correlação direta entre a produção e os efeitos no ambiente, se recordarmos por exemplo as problemáticas decorrentes da (curta) vida útil de inúmeros produtos e equipamentos atuais, naturalmente dependente também das céleres inovações tecnológicas e designada obsolescência programada.

Esta lógica de mercado que originou novas formas de diferenciação social, com um crescimento desigual e novas polarizações sociais que marginalizam grupos de indivíduos,

reféns do esquema global, apresenta, como referido, particularidades nacionais e locais tornando difícil a assunção de um modelo de mudança universal (Castles, 2002). Latouche (2007), por exemplo, aponta um caminho que quebra qualquer continuidade da visão de crescimento como solução para o descalabro económico, social, cultural e ambiental que se vive. Ramonet (2004, p.62) alertava que é «a mercantilização generalizada das palavras e das coisas, dos corpos e dos espíritos, da natureza e da cultura provoca um agravamento das desigualdades».

O crescimento da pobreza está também a evidenciar-se em países desenvolvidos e, como abordado anteriormente, com um paralelo muito estreito entre desigualdades e pobreza efetiva. Stiglitz (2002) compara o crescimento de pobres (com um aumento de cerca de 100 milhões) ao crescimento do rendimento médio mundial em cerca de 2,5% ao ano, revelando o incumprimento de promessas de redução da pobreza por parte de instituições governamentais, durante a última década do século XX. Este é, portanto, um problema que conta com várias décadas.

A globalização é, assim, palco de inúmeras desigualdades que vai desencadeando descontentamentos crescentes, novas formas de questionar as políticas e de se atuar civicamente. Embora o presente estudo se foque na realidade nacional, note-se que a mesma decorre e correlaciona-se com o crescendo de protestos à escala mundial, conforme veremos. Importa, assim, compreender o fenómeno português. No estudo coordenado por Rodrigues (2016) que faz a relação entre Desigualdades e Pobreza, Portugal surge com uma taxa de desigualdade de 34,5% e de pobreza de 19,5%, representando a sétima posição negativa relativamente aos 28 países da União Europeia (ficando à frente da Roménia, Grécia, Espanha, Estónia, Letónia, Bulgária, com taxas de desigualdades muito equiparadas, mas de pobreza relativamente distintas). A investigação indica que quanto mais desigual mais pobre é o país. E este é fator expressa-se na educação, nas discriminações de género e na convivência apática com fenómenos como os *working poors* (constituindo 10,8% em 2016, segundo o referido estudo).

Segundo dados disponíveis no site Portugal Desigual, da responsabilidade da Fundação Francisco Manuel dos Santos¹, a taxa de desigualdade - aferida através de um Inquérito às condições de vida e rendimentos desenvolvido pelo INE em 2019 - apresentou-se de 31,9% representando um decréscimo de 0,2% relativamente ao ano anterior e uma melhoria relativamente a 2016. Todos os dados deste estudo apontam uma melhoria ligeira de condições de vida, apesar de referirem a persistência de dificuldades em grupos vulneráveis. Importa salientar que são números respeitantes a uma época em que a economia nacional viveu um crescimento notável em relação aos anos precedentes (crise 2010-2014) e com valores compatíveis registados apenas no ano 2000. De acordo com os dados disponíveis na

¹ Em <https://portugaldesigual.ffms.pt/evolucaodasdesigualdades> acedido fevereiro de 2020.

PORDATA² 2000 o crescimento do PIB fora 3,82% tendo-se mantido sempre inferior até 2017 (atingindo valores negativos nos anos da crise económica), cujo registo é de 3,51% e 2018 de 2,64%. A corroborar esta noção de discrepâncias entre crescimento económico e melhorias de vida está o relatório da EAPN (2019, s/p) onde se afirma:

Portugal permanece entre os países da União Europeia com rendimentos medianos mais baixos. Segundo os dados referentes a 2016, era necessário estar entre os 40% mais ricos da população portuguesa para ter um rendimento superior ao rendimento dos 20% mais pobres da União Europeia.

Consequentemente, Portugal tem-se revelado tendencialmente desigual e com incidência de trabalho precário. Importa também salientar a distribuição da riqueza. Novamente de acordo com o estudo de EAPN (2019, s/p)

Cerca de 40% do rendimento equivalente nacional concentrava-se em 20% da população mais rica, enquanto que 20% da população mais pobre tinha apenas cerca de 8% do rendimento equivalente nacional, ou seja, o rendimento de 20% da população mais pobre é 5.2 vezes inferior ao rendimento de 20% mais rica.

Estes dados contribuem para a compreensão da insegurança dos trabalhadores nacionais e o facto de apresentarem um elevado grau de insatisfação no que concerne à noção de felicidade (INE, 2020). Não obstante o distanciamento da crise a conjuntura tem-se revelado deficitária. Consideramos, portanto, pertinente salientar que segundo Rodrigues (2016) estes dados revelam o falhanço da estratégia Europa 2020, uma vez que objetivava a diminuição de pobreza em 20 milhões de pessoas. Perante esta trágica realidade, a sociedade portuguesa debate-se, atualmente, com inúmeras questões de fundo para fazer face às fragilidades nacionais, às quais acrescem os fatores de risco globais, nomeadamente financeiros e cujos impactos estão na memória recente dos cidadãos.

O quadro pessimista desenhado por pensadores de diferentes áreas não abona relativamente ao futuro da humanidade e à capacidade de inverter as injustiças sociais, as desigualdades e a exclusão ou as catástrofes ambientais. Ramonet (2004, p.221) alertava:

A grande lição da história da humanidade é esta: perante o agravamento das desigualdades, os seres humanos acabaram sempre por se revoltar. O actual aumento, tanto no Sul como no Norte, das delinquências e criminalidades – que muitas

² Em <https://www.pordata.pt/Portugal/%C3%8Dndice+de+Bem+Estar-2578>. Acedido em fevereiro 2020.

vezes não passam de manifestações primitivas e arcaicas de agitação social – constitui um sinal indiscutível da exasperação dos mais pobres perante a injustiça do mundo. Ainda não é violência política. Mas todos pressentimos que é um adiamento. Até quando?

Como salientado anteriormente, neste mundo globalizado com forte peso das lógicas de mercado e novas elites globais (Bauman chamara-lhe «elites nômadas», 2001), os governos nacionais encontram-se com poderes limitados, dada a transição do poder político para aquelas, de acordo com Ramonet (2004). Há, neste sentido, um vasto discurso assente no dramatismo que os números revelam. Interessa-nos, por outro lado, nesta análise que aqui iniciamos, atentar ao que socialmente se vai transformando e que caminho poderão seguir as sociedades desde o cenário avassalador. É para este olhar que nos conduz Beck (2017 p.32) quando aponta: «O paradoxo é que as queixas e as acusações sobre o fracasso do mundo estão a despertar as consciências do mundo.» Na sua obra póstuma revela-nos, portanto, uma visão assaz curiosa e pertinente para o contexto em estudo acerca das transformações sociais acima referidas. O autor (2017, p. 90) da «Sociedade de risco global» apresenta-nos, assim, o que designa de «metamorfose» para caracterizar a realidade contemporânea:

Está a desenrolar-se um processo duplo. Em primeiro lugar, o processo de modernização, que tem que ver com o progresso. Visa a inovação, a produção e a distribuição de bens. Em segundo, há o processo de produção e de distribuição dos males. Os dois processos desenrolam-se e impelem-se em direções opostas. Contudo, estão interligados.

Ao alertar-nos para a época em que considera viver-se os «efeitos secundários» do progresso, Beck (2017, p.86) sugere que são esses mesmos efeitos, esses «fracassos» que criam «formas cosmopolitizadas de práticas e espaços de ação para a crítica política e para o ativismo político». Conceptualiza, portanto, o mundo atual numa perspetiva que operacionaliza o que chama de «catastrofismo emancipatório» e que configura uma consciência que desperta fruto dos «males» que se disseminam. É uma visão que consideramos fulcral para a análise das problemáticas da nossa pesquisa, por conceder ênfase às formas novas e/ou inovadoras dos cidadãos reagirem perante as situações que lhes são conflagradas.

Como veremos, incidimos particularmente no presente projeto de investigação sobre lógicas de envolvimento cívico intermediado pelas inquietações climáticas. Contudo, consideramos a consciência ambiental indissociável de toda uma conjuntura que mobilizou, mobiliza ou

mobilizará os indivíduos. Embora seja visível a crescente preocupação pelo desgaste dos recursos naturais e os impactos da mão humana sobre os ecossistemas em geral, quer nas mais recentes e difundidas práticas quotidianas (nomeadamente o reduzir e reutilizar que antecedem o reciclar), quanto na expressividade que se vai revelando em pequenas fações partidárias cujos discursos enfocam a natureza e os animais (designadamente o que pode ser observado nas últimas eleições legislativas nacionais), parece-nos, deste modo pertinente aludir para a relação entre estas mesmas inquietações e um certo desaire pela generalidade das políticas neoliberais. Trata-se, assim, a nosso ver, de um dinamismo que a ser crescente é fruto, sobretudo, de toda uma conjuntura desastrosa acima descrita e que induz nos cidadãos necessidades participativas - mesmo que distintas - associadas aos contextos que vivenciam. Conforme afirma Matos (2016, p.120):

Muitas das ações de protesto desencadeadas por populações afetadas por decisões que não vão ao encontro das suas necessidades não só marcam a atualidade, como expressam formas de conflito que, embora organizadas em torno de questões muito específicas, contestam o modelo de democracia representativa vigente enquanto espaço cada vez mais acanhado para o exercício do direito de participar na vida política. Muitas ações de protesto reivindicam, portanto, a transformação da democracia num sistema mais aberto à participação direta dos cidadãos e cidadãs na política e nas decisões.

Consideramos fulcral este olhar para os (novos) movimentos da sociedade civil com a noção de que há efetivamente um descontentamento que, embora expresso de forma tácita na abstenção eleitoral, revela a emergência de uma democracia que se faça mais democrática. Pode, portanto, o móbil da participação ser revelador da necessidade desse grito? Não tendo a pretensão de responder a um questionamento tão complexo, levantamos, contudo, este véu que contextualiza e pretende contribuir para a compreensão de lógicas distintas e complementares que transitam da reflexividade à participação social, olhadas sob o prisma do nosso campo de estudo.

Posto isto, importa notar que os Direitos da Natureza têm sido amplamente equacionados neste mesmo contexto de brutalidade global em que humanos e não humanos são expostos a injustiças extremas e as mesmas projetadas mundialmente, por via dos avanços tecnológicos da sociedade em rede. As preocupações com os efeitos do modelo económico e seus impactos, nomeadamente no ambiente, configuram a terceira etapa dos Direitos Humanos – a geração dos Direitos de Solidariedade - e tiveram a sua génese na segunda metade do século passado, muito próximos da emergência da «Sociedade de Risco» (Beck,

2005) e a crescente «Modernidade Líquida» que alerta para a volatilidade das vidas e das próprias sociedades (Bauman, 2001).

Não sendo consensual a premissa de que alterações climáticas – manifestadas em torno do globo, quer pelo aumento de intempéries, quer no registo de temperaturas extremas que condenam comunidades inteiras – são resultado direto dos processos de industrialização contínuos e devastadores (não apenas em recursos, mas nas crescentes emissões de CO₂ que produzem), assumimos aqui a analogia de Beck (2017, p.64), no que concerne à crença ou crédito conferido ao mesmo:

Pascal afirmava que Deus existe ou não existe. Eu não sei. Mas tenho de escolher Deus porque se Ele existir, ganho; se não existir, não perco nada.

Comparemos a crença na existência de Deus com a crença nas alterações climáticas provocadas pelo homem. Tal como Pascal, não sabemos se as alterações climáticas são «reais». Apesar dos indícios substanciais, persiste uma incerteza básica. (...) Há dois cenários. Em primeiro lugar, negamos as alterações climáticas, o que significaria que cada catástrofe enfatiza a irresponsabilidade dos que a negam. Em segundo, admitimos que admitimos que as mudanças climáticas são reais, aceitamos a responsabilidade e confrontamos a pesadíssima necessidade de uma mudança moral e política. Tal como no caso de Pascal, existem boas razões práticas, mesmo para os negadores, para aceitar que as alterações climáticas são reais. As alterações climáticas podem mudar o mundo para melhor.

A partir deste olhar ponderado - e numa manifesta assunção de incompetência científica que permita corroborar visões de negacionistas ou do seu contrário -, focamo-nos no presente estudo na conjuntura que faz nascer uma consciência de que urge atuar em prol do planeta, mas sobretudo, em prol da humanidade decorrente da visão antropocêntrica ainda vigorante. Referimo-nos particularmente à defesa do Homem por constatarmos genericamente uma estreita relação entre as preocupações ambientais que são levantadas e seus efeitos nefastos sobre as comunidades humanas, ainda que revelem alguma (note-se, crescente) sensibilidade pela destruição dos ecossistemas no seu todo. Será, porventura, o narcisismo inerente à sociedade da individualização que confina o medo na sobrevivência da espécie, numa versão vinculada à «Ética da Responsabilidade Ambiental» de Hans Jonas que vê na boa ação aquela que preserva a vida humana no planeta segundo nos refere Varandas (2017). Consideramos, contudo, para o presente trabalho assente na ótica da Educação Social – e, por conseguinte, numa perspetiva do comportamento social que veicule capacitação de

indivíduos e o potencial da cidadania - que importa trazer o foco desta mundivisão para a seguinte questão levantada por Beck (2017): o que é bom nas alterações climáticas? Que mundo melhor espreita ou pode nascer deste «catastrofismo emancipatório»? - Essa é uma demanda para a qual visamos contribuir com respostas, incidindo na ação humana e civilizatória que decorre da tempestade que se vive.

Verificamos que as inquietações da sociedade civil vivem paredes meias com preocupações que oficialmente se expressam em diferentes organismos políticos nacionais e transnacionais, eventualmente despoletados por aquelas. Ainda que as mesmas convivam com perspectivas negacionistas de algumas nações, o mundo da política tem proferido discursos que tendem a corresponder às exigências de Organizações não Governamentais e outros elementos da sociedade civil, no que concerne a preocupações ambientais e injustiças de diferentes índoles. Neste sentido, apontamos a Agenda 2030 da ONU³ e respetiva criação dos ODS - Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (2015) - como a montra desta panóplia de preocupações institucionais construídas numa escala transnacional e que seguramente visam responder aos apelos vociferados pela sociedade civil, tanto quanto pela comunidade científica. Um fugaz olhar sobre os distintos aspetos que constam destes Objetivos possibilita reconhecer a transversalidade que, em certa medida, espelha o panorama que expomos neste capítulo: a impossibilidade pragmática de separar os diferentes vetores que compõem a sociedade global com ênfase para as problemáticas globais e suas interligações. Por exemplo: o «Trabalho digno e crescimento económico» (ODS 8) é indissociável da «Erradicação de Pobreza e da Fome» (ODS 1 e 2, respetivamente). No entanto, se se torna óbvia a relação intricada de alguns dos Objetivos apresentados, outras não são assim tão imediatas e exigem uma reflexão que aqui procurámos expor ao associar a precariedade geral, a disseminação de injustiças, os colapsos climáticos à busca de outra(s) via(s) construtoras de uma sociedade que seja viável ou tendencialmente melhor, em especial para as comunidades humanas.

Deste modo, salientamos a estreita relação entre a visão catastrófica - embora negada por alguns - e a consubstanciação de intenções em medidas numa plataforma institucional, visando a reposição do «bem» em resposta aos «males» Beck (2017) ou procurando acalmar ânimos e aquietar vozes que se vão elevando na sociedade civil.

³ Organização das Nações Unidas

Capítulo II - Cenários entrecruzados de cidadania

No seguimento da contextualização acima descrita - que visa retratar cenário no qual a presente investigação incide - importa-nos agora apresentar alguns aspetos que consideramos intrinsecamente relacionados aos objetos da nossa análise. O olhar de cada investigador está afeto àquilo que carrega concretizando-se, assim, numa perspectiva de entre tantas outras possibilidades exploratórias. Não quer isto significar que aquilo que vê seja simplesmente fruto das suas convicções, embora as mesmas se indissociem daquilo que produz. Deste modo, compete partir do reconhecimento da subjetividade inerente a toda a pesquisa científica para, desses alicerces reconhecidos, atentar aos eventuais confrontos que a investigação nos proporcionou. Abordamos, portanto, os pilares que o olhar destacou e buscámos os diálogos construtivos para a edificação do estudo que se pretende rigoroso e científico. Destacamos, por conseguinte, um cenário ou cenários em torno da cidadania, seus recursos e estratégias de consubstanciação.

A cidadania é conceito intrínseco ao sujeito e marco da própria democracia e, tal como nos afirma Lúcio-Villegas (2012, p.14) «pensar em participar é pensar sobre democracia». Estão, contudo, limitados os poderes/capacidades do cidadão de participar perante as relações hierarquizadas como nos refere Matoso (2017), dependendo a mesma da capacidade de pôr os meios ao serviço dos cidadãos (Estanque, 2006). Consideramos, assim, imprescindível debruçar-nos sobre este conceito por se revestir de uma enorme relevância na temática a que nos propusemos. O estudo sobre os novos movimentos sociais vem, a nosso ver, no seguimento deste intuito de criar outras/novas formas de devolver (ou potenciar) a participação dos cidadãos na construção das suas sociedades, bem como na tomada efetiva de decisões sobre as suas realidades, sobre as suas vidas. Parece-nos interessante nesta abordagem à conceptualização teórica a referência seguinte:

E esta só se consegue com novos agentes, novos discursos e novas acções, que apostem num radicalismo reformista e transformador das instituições e da sociedade, e que assente na ampla participação dos cidadãos e na mobilização dos grupos organizados, dos movimentos sociais e das associações de todos tipos. (Estanque, 2006, p.8).

A adesão ao associativismo é seguramente uma forma de expressar a cidadania participativa. Importa, porém, conhecer e compreender no panorama nacional que tipo de participação efetivamente ocorre e quais as suas especificidades.

Segundo o estudo «A Sociedade em rede em Portugal» (Cardoso, Costa, Coelho & Pereira, 2015), uma em cada cinco pessoas pertence a uma associação, o que significa que cerca de 80% da população portuguesa não participa em nenhum organismo associativo ou semelhante, situação que prevalece nos cerca de 10 anos analisados no referido estudo. Pelo contrário, é-nos indicado no mesmo que a participação cívica e em campanhas de solidariedade aumentou entre 2003 e 2013, passando de 15% para 23%. Os temas que mais mobilizaram os cidadãos foram a defesa dos direitos humanos, a conservação da natureza, a luta contra a pobreza e a igualdade de género, conforme nos apresentam os autores do estudo (2015).

No que concerne às faixas etárias e graus de escolaridade a análise desta década revelou que são os mais jovens (15-34 anos e depois dos 35 aos 54) que mais se mobilizam, destacando-se as qualificações superiores e aqueles que finalizaram o ensino secundário, em oposição aos indivíduos com a escolaridade básica que representam os menos participativos neste tipo de protestos. Importa ainda acrescentar que o estudo revela que os cibernautas tendem a ser mais civicamente participativos, nomeadamente através do associativismo. (Cardoso, Costa, Coelho & Pereira, 2015, p.192).

Importa ainda referir que se concluiu no estudo que os utilizadores da internet (76%) revelam maior crédito do que os que não são cibernautas (59%) na possibilidade das suas participações poderem influenciar decisões políticas e acontecimentos ao nível mundial, com aposta na mobilização coletiva. Os primeiros apresentam-se também mais otimistas perante a possibilidade da mobilização coletiva poder pôr termo à corrupção política. Estes dados revelam que os internautas se mostram «potencialmente mais intervenientes social e politicamente» de acordo com o mesmo estudo (2015, p.199), aspeto igualmente apontado por Castells (2005). Note-se que os dados se referem à década 2003-2013, considerando nós que as mudanças globais dos últimos anos teriam expressão numérica relevante para o enquadramento da nossa investigação, designadamente no respeitante ao movimento mundial das Marchas pelo Clima.

O ambiente e as problemáticas do clima têm, assim, potenciado a mobilização cívica e a noção de que a dimensão e transversalidade planetária exigem uma concertação

de esforços que se materializa numa chamada cidadania ambiental. Para tal apontam Marques & Neves (2017 p. 20):

Hoje sabemos que ninguém, nenhuma comunidade, nação, país ou continente conseguirá isolada e independentemente responder cabalmente aos problemas ambientais que enfrentamos – eis o que se ergue como a maior dificuldade para a sua resolução e se perfila como maior desafio ético para a humanidade: a sobrevivência do homem na Terra depende da vontade e capacidade de todos trabalharem em conjunto.

Uma análise aos 25 anos de Eurobarómetro (Schmidt, Delicado, Ferreira, Fonseca, Seixas, Sousa, Truninger & Valente, 2011) revela que é a temática ambiental que maior preocupação registou na comunidade nacional e em crescimento, destacando-se as alterações climáticas, os desastres naturais e os antrópicos. Este aspeto é revelador da tomada de consciência dos cidadãos daquilo a que Beck (2017, p. 84) apelidou de «efeitos secundários ambientais do capitalismo» e que, certamente, estarão na origem do crescente nível de mobilização da sociedade civil quer em participações cívicas e em protesto pontuais, quer na construção de coletivos e grupos formais e informais de luta pela justiça climática.

Ainda que o estudo (Schmidt et al. , 2011) apresente a discrepância entre preocupações elevadas e práticas reduzidas, julgamos que uma análise da história mais recente (principalmente o ano 2019) seria decisivo para conhecer a efetiva mobilização nacional, tendo em conta os fenómenos ocorridos à escala mundial e as decorrentes repercussões nacionais, nomeadamente no registo da participação cidadã nas Marchas Mundiais pelo Clima com coorganização do Movimento Estudantil pelo Clima. Mais atual, o Eurobarómetro 2019 respeitante especificamente às alterações climáticas (Special Eurobarometer 490, 2019) apresenta dados de relevo. Se, por um lado, os portugueses demonstram maiores preocupações (e registam crescimento nas mesmas no período 2017-2019) no que concerne aos efeitos das alterações climáticas quando comparados com os seus congéneres europeus (87% considera um problema muito sério contrastando com os 79% registado na Europa dos 28), e se essas preocupações se mostram mais expressivas, quando questionados sobre genéricas ações diretas levadas a cabo nos últimos seis meses (74% dos inquiridos nacionais afirma positivamente em contraste com 60% da média

européia); por outro, quando questionados especificamente sobre as ações operacionalizadas na luta pelo clima os portugueses registam valores inferiores à da restante Europa (superando apenas na tentativa de redução de lixo e na separação do mesmo, em 1%). Uma análise ponderada poderia apontar responsabilidades aos fatores económicos, visto que algumas das medidas em inquérito dependem da capacidade económica dos indivíduos para corresponder a apelos intrínsecos e extrínsecos (designadamente um maior uso de energias de fontes limpas, isolamento das habitações e aquisição de viatura elétrica). Outro aspeto que consideramos limitar a ação efetiva dos portugueses relaciona-se com a conjuntura nacional e as infraestruturas disponíveis, nomeadamente no que respeita a uma rede de transportes públicos eficaz (fator referido já em Schmidt et al., 2011).

A relação entre condições de vida e cidadania ativa fica, também nestes dados, reforçada tal como apontada por Alves, Araújo & Azeiteiro (2012) ao afirmarem que a efetivação dos direitos à cidadania depende de condições práticas, inacessíveis a alguns. Destas condições os autores destacam a capacidade reflexiva inevitavelmente conexas quer à educação, quer às demais aprendizagens ao longo da vida. Assim, a prática da cidadania não depende exclusivamente do enquadramento legal, mas sobretudo das circunstâncias pessoais inerentes à complexidade contextual das comunidades de indivíduos, sendo a socialização um ponto de empoderamento cívico das populações, segundo os mesmos autores (2012). Tal socialização ocorre mediante condições que sejam favoráveis aos indivíduos.

Os novos movimentos sociais representam, deste modo, a expressão da cidadania participativa e elencam-se ao projeto constituído estudo de caso. Importa situar o seu surgimento bem como a sua relação com as sociedades pós-modernas - na Europa inaugurados pelos protestos estudantis, tendo como marco histórico o maio de 68 em Paris (Pichardo, 1997) – estando intimamente relacionados a movimentos ecologistas, femininos e de paz (entre outros, sendo que enunciámos os que mais se associam ao presente trabalho). De referir, segundo o mesmo autor que estes movimentos se insurgem frequentemente contra as metas materialistas e voltadas para o crescimento económico das sociedades industriais e pós-industriais, assim como questionam as estruturas de democracia representativa que limita a participação dos cidadãos, logo temáticas relacionadas com o nosso objeto de estudo. Interessa-nos igualmente a análise que Pichardo (1997) faz aos perfis dos participantes por ter contribuído para a observação e reconhecimento de aspetos fulcrais dos interlocutores, nomeadamente comportamentos individuais e sua relação com as lutas que abraçam.

Decorridas algumas décadas, os movimentos, numa necessidade de adaptação a diferentes e mais globalizantes contextos, têm vindo a construir percursos mais fundamentados e recorrido a outras estratégias, designadamente as possibilitadas pelo mundo digital. Algumas causas são novas, contudo, na presente pesquisa, procuraremos focar-nos nos aspetos que se interligam ao projeto que temos em mãos. Baseando-nos em Estanque (2006, p.17) parece-nos de notar que mais recentemente, os condicionalismos da contemporaneidade apelam a um «idealismo voluntarista» enquanto motor essencial ao exercício efetivo de pressão sobre as instituições e afigura-se como alternativa emancipatória perante a conjuntura que se vive. Ainda Costa (2012) faz referência aos movimentos da sociedade civil e sua importância no quadro de desigualdades e injustiças que se vivem. Considera-se também pertinente apontar nesta reflexão a relevância de movimentos *botton-up* que contrariem a tendência observada na atualidade para alguma dominação e refreamento de direitos dos cidadãos, aspeto salientado por Castles (2002, p.130): «Mas pode assumir, também, novas formas de globalização de baixo para cima através de organizações transnacionais da sociedade civil.»

Num contexto bem mais próximo, surge-nos pela mão de Beck (2017) o termo «catastrofismo emancipatório» pretendendo aludir para a conjuntura marcada pelas alterações climáticas e os movimentos que dela decorrem numa construção ainda imberbe, à qual designa de «metamorfose» de uma sociedade que, todavia, se desconhece.

De acordo com Martins & Mendonça (2010) os novos movimentos sociais não consideram a classe como referência necessária e única para a identidade, o que também corrobora este apelo a focar naquilo que são lutas comuns. Visam antes «atuar para superar aspetos decorrentes do desenvolvimento do modo de vida dominado e dirigido pelo capital» (2010, p. 18), como nos afirmam, sendo, assim, muitas ONG exemplo desse novo padrão de intervenção social. No seguimento desta premissa os mesmos autores (2010, p.26) acrescentam:

A praxis desenvolvida por parte dos NMS não pode ser considerada cabalmente reiterativa do padrão civilizatório, já que a dinâmica de luta de muitos deles promove também uma crítica radical do sistema de vida social, um dos exemplos é a identidade promovida em defesa do meio ambiente que, a depender do tipo de intervenção social, pode colocar em xeque o sistema de

apropriação e mercantilização da natureza necessário ao desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Aponta-se, assim, a metamorfose social contemporânea e o impulso quase visceral que se desencadeia perante as já nefastas consequências (ou efeitos secundários, segundo Beck 2017) das alterações climáticas. Respeitante à investigação em causa, torna-se imprescindível também abordar a relação entre sentimentos de injustiça perante os desastres climáticos e as desigualdades a eles inerentes, pondo em risco os que se encontram numa prévia situação de vulnerabilidade. Este é um apelo de Beck (2017) na sua visão de metamorfose que faz transitar as potenciais vítimas em cidadãos cujos direitos há que acautelar, aspeto que está em estreita conexão com o amplo movimento social visado na nossa pesquisa.

No enquadramento do nosso estudo importa também assinalar a relação entre Democratização cultural e Democracia Cultural por nos conduzir à compreensão de noções mais amplas e integradoras do que são os processos e as manifestações culturais (longe das aceções cultura erudita versus cultura popular), numa visão em que os públicos são diversificados - mais perto da democracia do que da precedente democratização (de cariz paternalista e geradora de uma massa destinatária) - e numa abordagem de «baixo para cima e de dentro para fora a partir das necessidades e aspirações das populações» (Lopes, 2009, p.5), condicente com a perspetiva analisada de empoderamento das comunidades. O mesmo autor (2009, p.6) refere-nos ainda que a «auto-consciência é um processo social indispensável para combater a dominação social e cultural, ambas íntima e finamente imbricadas. Mas também, de vencer a tendência amplamente instalada de dissociação entre conhecimento e acção, saber e poder». Igualmente Matoso (2017, p.6) aponta a urgência em atuar ativamente no combate a uma «certa submissão da ordem estabelecida» correlacionando «o direito à cidadania enquanto o direito à cultura, o direito à participação e à construção da vida pública».

Embora os conceitos se associem a épocas históricas e num continuum, importa para a nossa análise compreender que se, por um lado a introdução às expressões se revela a partir do acesso à cultura, significando uma «democratização cultural» o que, na sua génese constitui e consagra o direito (humano) de ingresso em mundos que eventualmente estariam vedados por motivos socioeconómicos; por outro, este recurso estabelece também o objetivo da promoção de uma «democracia cultural», na medida em que o sujeito assume o papel de produtor sendo, deste modo,

observado o impacto social destas abordagens em dois sentidos complementares (Santos & Pappámikail, 2017). Percebemos, deste modo, que o recurso em causa (artístico, cultural) valida a cidadania em duas vias distintas, o que é assaz relevante para a nossa pesquisa e no enquadramento do nosso plano de estudos.

Há em toda a linha do presente trabalho a relevância do trazer para a esfera pública práticas (culturais) outrora vividas no domínio privado, frequentemente estigmatizadas e associadas a artes menores o que, por si, representa esta dupla função democrática. Com efeito, importa compreender de que modo o envolvimento cultural se traduz em ativismo e participação, quer pelo grau reflexivo ao mesmo inerente quer pela capacidade de promover a construção de novas mobilizações reivindicadoras do bem comum. Assim, os conceitos de Ativismo Cultural e Participação Cultural devem integrar o nosso estudo na medida em que segundo Matoso (2017, p.6) «urge mudar a visão ornamental da cultura para uma convivência cultural quotidiana no sentido mais amplo e não apenas no sentido artístico ou patrimonial», propondo também a criação de projetos «disruptivos que interroguem a realidade e as condições de vida existentes» refere o mesmo autor (2017, p.6). Este ativismo preconizado por Matoso parece-nos vir ao encontro do projeto em análise, uma vez que o autor (2017, p. 12) apela ainda à criação de «espaços onde se experimentem e se cristalizem identidades colectivas e dinâmicas, formas diferenciadas de relacionamento com as artes, experimentações culturais híbridas e práticas sociais inovadoras».

A diversidade de propostas e as ferramentas de teor criativo têm-se mostrado potencialmente ricas e enriquecedoras das relações interpessoais pautadas por valores de respeito, equidade e justiça. Também representam uma forma de simultaneamente exercer a cidadania e potenciá-la, extrapolando para dimensões mais profundas ou estruturantes como aquelas afetas às questões políticas.

Sucintamente a florada, a criatividade relaciona-se ao pensamento crítico (ou questionamento), conduzindo a um alargamento de horizontes profícuo à persecução dos fins a que os sujeitos se propõem, de acordo com Bahia & Trindade (2014). Consideramos o potencial do Craftivismo e o seu enquadramento – nomeadamente os encontros de tricot que propiciam diálogo e reflexão espontânea sobre temáticas previamente indicadas – muito relevante quando estamos cientes de que nesses ambientes informais e criativos as pessoas se mobilizam para refletir conjuntamente, eventualmente despertam para assuntos que, dizendo-lhes respeito, se alheiam pela carga vincadamente associada a questionamentos de ordem ideológica ou rotulada com a política tradicional, veiculada em exclusivo pelos partidos.

As experiências criativas e imaginativas promovem o desenvolvimento integral, melhoram as capacidades de pensar, agir e comunicar e estimulam a exploração de valores e das relações interpessoais, (Gulbenkian, 1982, de acordo com Duffy, 2008). Estes aspetos enfocam, deste modo, as potencialidades socializadoras da criatividade e chamam-nos a alargar a esfera de perceção desta que, passa assim do indivíduo para uma criatividade em contexto, como nos referem Gomes & Veloso (2016), apontando a manifestação criativa enquanto participação cultural, por veicular e/ou transformar elementos culturais do espaço-tempo em que se inscreve.

Em diferentes âmbitos socioeducativos, a criatividade pode concomitantemente promover e aproximar dos valores culturais e artísticos, mas também desenvolver competências críticas e reflexivas (Bahia & Trindade, 2014), essenciais à adaptação contínua que se exige do indivíduo nas sociedades em constantes e aceleradas mudanças. Com efeito, as práticas criativas promovem a participação social.

O recurso à arte afigura-se, portanto, potenciador da cidadania participativa e este é, sem dúvida, um aspeto a explorar no âmbito da presente investigação. Segundo os mesmos autores a criatividade a par do pensamento crítico e da cooperação são consideradas as principais competências necessárias para os desafios que se avizinham, o que vem ao encontro do objeto em análise.

Shaw & Martin (2005, p. 85) transmitem que «*Democracy is sustained by the agency of the critical and the creative citizen, not the conformist citizen. This is, of course, both the promise and the problem of democratic life.*» De acordo com os autores, cujos percursos investigativos têm sido construídos numa conceção da arte enquanto empoderadora de cidadania participativa, esta associa-se com o sentimento e a empatia, bem como com o conhecimento e a compreensão. Reconhecemos a importância desta teorização na fundamentação do presente trabalho pelo facto de nos debruçarmos sobre um movimento que mobiliza recursos criativos/artísticos em contextos de socialização, com motivações assentes na cooperação (ver capítulo IV). Segundo aquela investigação, a empatia traduz-se, em última instância, numa prática política que prevê na relação com os demais a possibilidade de um novo e melhor mundo. Como veremos na análise do Projeto Campanha Linha Vermelha e nos moldes em que se vão sucedendo os eventos, apontamos para a presença deste aspeto.

Com efeito, as expressões abrem simultaneamente portas ao mundo exterior e interior, edificando a singularidade individual, ao partirem do convite a uma participação que requer subjetividade, presença e envolvimento (estimulando

invariavelmente processos reflexivos). Estes aspetos apontam o reforço de competências criativas mobilizadoras dos sujeitos na capacitação de uma inclusão social consistente e duradoura, aspetos que buscamos averiguar nesta pesquisa. Robertson & Vinebaum (2016, p.7) indicam:

Artists are inventing “new ways of being in common” evidenced by recente proliferation of collaborative and participatory projects, as well as the emergence of social practice – a hybrid field combining arts, grassroots community organization, critical ethnography, sociology, and activism. (...) share work also strenghtens groups cohesion and fosters social bonds.

A enfatizar que se pressupõe o interesse e motivação por parte dos sujeitos enquanto condição para um genuíno envolvimento que gere efeitos pessoais e sociais. Este aspeto será seguramente aprofundado no capítulo IV, aquando da análise do estudo de caso.

Podemos, assim, supor que enquadrada na nossa pesquisa está o cimentar da cidadania e a participação ativa em comunidades locais e nacionais a que não está naturalmente alheia uma motivação crescente dos indivíduos para fazer uso das tecnologias da informação e da comunicação, como nos afirmam Castells & Cardoso (2005), construindo uma cidadania digital e verificado no estudo «Sociedade em rede» (Cardoso, Costa, Coelho & Pereira, 2015).

Em termos coletivos pode-se, também, afirmar que os movimentos sociais se vão expressando internacionalmente conectados em rede, e consciencializando para temáticas globais como sejam o consumo sustentável, traduzem-se numa pressão sobre os agentes decisores, numa escala agora ampliada. De acordo com os mesmos autores (Castells & Cardoso, 2005) as tecnologias de informação e comunicação apresentam modos de amenizar as desigualdades sociais que são vivenciadas enquanto um flagelo em crescimento.

Ainda na ótica dos mesmos, a relevância das TIC e sua valoração qualitativa está dependente do uso que lhes é dado. Na presente investigação, consideramos a sua pertinência enquanto via de acesso e comunicação de informação, sensibilização de indivíduos para questões atuais (desvinculadas dos atores ideológicos convencionais, como referido) e conexão conducente à mobilização prática ou ao ingresso em movimentos desta índole, o que, no nosso entendimento, pode ser observado

enquanto ciberparticipação e fomento à cidadania (Simonard & Santos, 2017). Castells e Cardoso (2005) assinalam a comunicação sem obstáculos e a auto-organização a nível sociopolítico proporcionado por este meio. De notar também as palavras de González (2014, p. 254): «*Esta realidad afecta a mujeres y hombres en su quehacer cotidiano pero también a las dinâmicas socioculturales y económicas, a las organizaciones y a los movimientos de cambio y transformación social.*»

A veemência das TIC é, deste modo, amplamente assinalada em estudos que versam sobre as formas de participação e interação social dos nossos dias, apontando-se especificamente a proximidade que possibilitam ao poder democrático e associativo. O caso dos protestos online sob a forma de petições são modos acessíveis do internauta poder manifestar a sua opinião e lutar por causas comuns, representando as redes sociais um excelente exemplo de proximidade e mobilização conducente também à «(re)construção de identidades» (Cardoso, Costa, Coelho & Pereira, 2015, p.180 e 168).

Luvizotto (2016) afirma que foi precisamente a internet que potenciou e fortaleceu muitas das ações de cariz político e social, sendo que esta rede virtual contribuiu tanto para a divulgação da informação quanto para a promoção de debate, corroborado por Simonard & Santos (2017). Os autores referem ainda que o utilizador deixou de ser observado enquanto «agente passivo» para assumir o papel de produtor de conteúdos, proporcionando o ampliar de redes de participação cidadã (2017, p. 298-299). O estudo «Sociedade em rede» (Cardoso, Costa, Coelho & Pereira, 2015, p.191) acrescenta também o facto desta segunda década do milénio ter sido palco, em todo o mundo, de protestos originados nas redes sociais, com especial referência nacional para a «Geração à Rasca», aliás ação espontânea que posteriormente deu origem à criação da associação que acolhe o projeto do nosso estudo de caso, a Academia Cidadã.

Em relação às especificidades da nossa pesquisa, importa também debruçar-nos sobre a relevância da internet para fins de participação mais diversificada, como seja aquela afeta à prática de tricot e crochet. Refira-se que o meio online se revelou igualmente fundamental quer para disseminar informação e potenciar o revivalismo (com preponderância para o mundo ocidental), quer para construir grupos identitários e despertar sentidos de pertença, transpondo práticas da esfera doméstica para canais públicos, em vias de acesso massificado (Robertson & Vinebaum, 2016).

À semelhança do proposto para as ações de protesto, neste contexto, as redes online mostraram-se igualmente vias capazes de mobilizar as pessoas para encontros

ocorridos no mundo real. Assim, são inúmeras as iniciativas promovidas pela internet, de convite expresso à reunião específica em praças, cafés e outros espaços públicos, conforme indicam Robertson & Vinebaum, (2016) Este fenómeno será aprofundado aquando da exposição do estudo de caso (capítulo IV).

Note-se desde já a relevância do meio digital na implementação de projetos que conjugam a prática de manualidades tradicionais e impulsos sociopolíticos. Este é o caso do Craftivismo, o fenómeno versado na nossa pesquisa.

Robertson & Vinebaum (2016, p. 3) referem: «*Whether bringing people together in physical or digital space or both, artists are mobilizing textiles to spur interpersonal dialog and exchange, and to educate, built community, and advocate for social change.*» Considera-se esta expressão interessante no contexto do presente estudo por apontar as valências do craftivismo.

Torna-se essencial destacar da vaga de revivalismo das manualidades para fins diversos no presente projeto a referência ao surgimento do conceito Craftivismo (do inglês, *Craftivism*). Ainda que de terminologia recente, saliente-se que este conceito é unanimemente considerado muitíssimo posterior à prática de manualidades criativas e culturais com um propósito ativista. Contudo, respeitamos a designação criada por Betsy Greer (2003, citada por Corbett, s/d, s/p) que manifestamente visa extravasar a simples junção de duas palavras - *Craft* e *ativismo* - para propor: «*a way of looking at life where voicing opinion through creativity makes your voice stronger, your compassion deeper.*»

Urge recordar aspetos históricos que coadjuvam a relevância do conceito associado aos novos movimentos sociais numa vincada rutura com as considerações depreciativas relativamente a estas práticas manuais, historicamente conotadas com artes menores. No que respeita à Arte foi nos anos 60-70 do século passado que os Movimentos Artísticos Feministas trouxeram, então, relevo às artes femininas em protestos pelas carreiras, numa exigência pela igualdade sexual e política (Chilenski, s/d), o que, por seu turno, nos reportaria ao fenómeno das Sufragistas cujas práticas manuais trazidas para a esfera pública desempenharam um importante papel sociopolítico.

Considerado, assim, o craftivismo enquanto uma ferramenta inclusiva e efetiva na transformação da injustiça sistémica (Corbett s/d), um dos aspetos mais ressaltado é o teor pacífico e empático deste tipo de protesto que faz uso do belo e da delicadeza para propor mudanças nas relações interpessoais, bem como ao nível das instituições. Demarca-se, portanto, dos protestos que frequentemente recorrem a

elementos agressivos (na forma e por vezes no conteúdo), para encetar uma mudança assente nos propósitos últimos de uma sociedade mais justa e pacífica, designando-se por isso mesmo de protesto gentil.

Corbett (s/d) confere, igualmente, ênfase ao simples facto do uso do tricot para confeção de vestuário poder ser considerado um ato político por contrariar o consumo e produção em massa da contemporaneidade. Também de notar que esta forma de protesto é referida pela ativista enquanto «*skill used to deceiving others*» (Corbett, s/d, s/p), querendo com a expressão determinar (segundo complementa) que este recurso se afigura mais impactante, requer pensamento crítico, perspicácia e inteligência emocional da parte do participante, ou seja potencia a consciencialização, corroborando outros autores por nós estudados, conforme será exposto.

Parece-nos pertinente a referência de Neves & Marques (2017, p. 18) sobre os diferentes graus de rejeição com que movimentos de cidadãos marcados pelo «espírito de militância (radical)» e com recurso a «estratégias sensacionalistas (de choque)» foram recebidos anteriormente e que conduziram a mudanças de posturas visando «uma educação ambiental para todos os níveis etários e diferentes estratos sociais». Este ativismo reveste-se, deste modo, de uma nova estrutura (e maior fundamentação científica) e uma nova moldura (com recurso visual apelativo) atuando através e pela paz.

Importa igualmente notar, segundo Corbett (s/d, s/p), que o ativismo baseado em manualidades artísticas é de teor inclusivo na medida em que «*can engage even more people, reaching different audiences online around the world, creating thoughts, conversations and action in place social justice isnt often discussed.*» A autora acentua enquanto necessidade satisfeita através destes recursos, o facto do craftivismo propiciar um espaço para os indivíduos introvertidos poderem participar publicamente (2017). Com efeito, na presente pesquisa procuraremos averiguar da validade de tal premissa (em território nacional e no que respeita ao caso estudado) ao analisar o perfil dos participantes e as motivações para aderirem ao movimento social em análise.

Igualmente relevante a propósito do ativismo com recurso a práticas manuais é a relação entre o processo de fazer e o de pensar. Helen Carnac (2014, s/p) aponta a importância do fazer e como essa produção/criação se relaciona com dinâmicas reflexivas, em silêncio e/ou em coletivo (a artista intitula-se «*maker*»). A expressão DIY (*Do it yourself*) veicula parcialmente esta ideia, sob o ponto de vista do sujeito embora esteja, também, na origem da constituição de grupos que se reúnem para

prática de manualidades diversas seja fisicamente seja através da rede web, desencadeando em ambos partilha e, frequentemente, debate sobre os temas abordados. Também Corbett (2017) refere «*it helps you think critically while you stitching.*» Tendencialmente observa-se esta noção de que a prática individual de manualidades tradicionais representa, por si mesmo, um ato político - e se atendermos ao proferido por Matoso (2017), qualquer ato cultural é, na sua génese, um ato político. Acresce ainda a ideia de que este ato considerado político, transita nos séculos XIX e XX da esfera doméstica e isolada para contextos grupais sob a forma de movimentos sociais, designadamente o iniciado pelas Sufragistas. Nestes movimentos, as manualidades são recurso para prática em conjunto potenciando a sua exposição pública, mas também usados na elaboração de objetos cuja finalidade seria a angariação de fundos para as causas a que se dedicavam os autores, fundamentalmente mulheres (segundo Newmeyer, 2008).

Nas sociedades contemporâneas, o *crafting* é um recurso com potencialidades mais vastas e intervenientes diversos, não se confinando a causas feministas (Jefferies, 2016). Observa-se, portanto, uma evolução nos agentes e nas finalidades do *Craftivism* ao longo da história, apontando Jefferies (2016) ao movimento um percurso iniciado pela 3ª onda feminista, seguindo-se a causa ambientalista, a anticapitalista e a antiguerra. A autora define, assim, diferenças entre o craftivismo atual e o surgido nos anos 70 - este vinculado ao empoderamento feminino para surgir agora enquanto empreendedorismo de combate ao sistema capitalista. Saliente-se este móbil especificamente da luta contra a indústria têxtil global e os monopólios corporativos tendo início na década de 90 do século passado conforme indicado por Newmeyer (2008) e cuja progressão é observável nos nossos dias.

Das inúmeras vantagens referidas - tanto individuais quanto coletivas - do uso destes recursos, destaque-se o empoderamento de grupos, a capacitação para a ação, expressão e negociação, o potenciar da autoconfiança, da facilitação para o trabalhar em rede e com metodologias eficazes extrapoláveis a outras situações de acordo com Carpenter (2010), assim como a agilidade para reavaliar a esfera doméstica e relacionar o político e o individual, melhorando o uso de táticas de resistência à sociedade consumista como afirma Newmeyer (2008). No que concerne ao recurso manual enquanto forma de protesto, este é igualmente assinalado favoravelmente pelo facto de facilitar a ação política daqueles que por questões familiares, etapa de vida ou motivos laborais não têm condições para atuar politicamente sob formas mais tradicionais, de acordo com o mesmo autor.

Há, contudo, quem refira aspetos menos positivos deste recurso nomeadamente apontando o facto do craftivismo ter sido instrumentalizado para perpetuar desigualdades e escamotear precariedade laboral. De acordo com Shannon Black (2017, p.700) estas manualidades associam-se a um perfil feminino específico - «*white, middle-class, able bodies, heterosexual women become synonymous with the identity of "crafter"*» - enunciando o fenómeno *Pussyhat Project* que analisara. Segundo a autora este processo contribuiu para naturalizar a discriminação racial e de classe ao associar a manualidade e o ativismo por este meio a mulheres que dispõem de tempo, capacidade económica, estatuto cultural e social para se dedicar a estas práticas, independentemente de o fazerem por lazer ou por motivações políticas. Por outro lado, Kelly (2013) aponta o facto do tricot oferecer novas oportunidade quer para o feminismo quer para a masculinidade alternativos. Também por trazer da esfera da necessidade (à que estaria adstrita esta prática no sentido doméstico e conservador em que seria expectável que as mulheres dominassem as manualidades) para a dimensão do lazer, na qual se torna uma opção acessível a ambos os géneros. A autora (2013, p.143) afirma, contudo, que muitos dos indivíduos que tricotam rejeitam veemente a visão da prática de tricot enquanto feminista ou anti-feminista revelando «*Most of my participants were feminists who knit, not feminist knitters.*» Mais além vão Robertson & Vinebaum (2016) ao indicarem uma nova geração de artistas transgénero e género não conformista que optam pelo uso destes recursos como forma de expressão das suas causas. Newmeyer (2008) refere ainda que as questões de género relativas às manualidades tradicionais são um tema recente, dado que até ao século XIX estas não eram práticas confinadas a um género, sendo a confeção de vestuário uma atividade realizada quer por mulheres, homens e igualmente crianças tanto para uso pessoal quanto para a comercialização que potenciava os recursos financeiros das famílias.

As questões de género associadas ao movimento designado Craftivismo podem, então, apresentar significações distintas de acordo com as abordagens bem como análises realizadas, sendo que da nossa pesquisa foi-nos possível retirar algumas ilações que posteriormente apresentaremos (Capítulo IV).

No que concerne especificamente aos géneros e idades na relação com práticas de civismo, designadamente ambiental, destacamos as conclusões de Schmidt et al. (2011) de que são os mais jovens (sobretudo os 15-24 e 25-39) os que revelam maiores preocupações ambientais, não se registando diferenças significativas no

género. Adiante faremos referência ao que a nossa investigação nos permitiu observar.

A panóplia de possibilidades que a Arte em geral oferece, enquanto recurso da Educação não Formal e, por isso, coadjuvante de aprendizagens formais, contribui para reforçar a noção de que se aprende a partir da relação com o outro, revelando a emergência dos laços para a construção identitária individual e concretização do sentimento de pertença que nos é essencial a todos enquanto espécie, enquanto ser social. Afirma-nos Lima (2018, p.52) que «Os grupos servem assim como forma de garantir a segurança ontológica» e não podemos desvincular o surgimento destes movimentos ao desprendimento progressivo (ou falhanço ideológico) que marcando uma época, gerou um profundo impacto nos sentidos de pertença dos diferentes grupos segundo refere Vilaça (1993).

Duarte (2004) faz referência à importância que a organização de movimentos em torno de associações tem no que concerne ao contributo para minorias verem reforçadas as suas identidades coletivas.

Em relação ao tema do presente estudo importa referir a relação dos novos movimentos sociais quer com a identidade quer com o comportamento individual daqueles que os vivem, observando-se, assim, segundo Pichardo (1997) influências fundamentalmente na classe média. Perfil e identidades são aspetos a ter em conta em estudos que versam sobre estas matérias, nas quais aparentemente inexistem consenso sobre quem são e porquê se mobilizam a participar. Pichardo (1997), por exemplo, aponta a proximidade aos comportamentos diários na relação com o tipo de causa em que se envolvem, embora continue a indicar o pendor ideológico (à esquerda) dos movimentos emergentes. Mais recentemente, e sobretudo nos derradeiros anos, estes movimentos vão sendo abraçados por uma esfera mais vasta de indivíduos cujas participações se prendem ao reforço de consciência cívica associada ao degradar das condições de vida. Crescem, assim, novas identidades, mais globais e inevitavelmente relacionadas aos efeitos decorrentes de políticas e mercados da globalidade. O estudo «Sociedade em Rede» (Cardoso, Costa, Coelho & Pereira, 2015) refere que cerca de 38% e 35% dos indivíduos se identifica com a Europa e com o Mundo respetivamente. Importa salientar que a identificação territorial difere entre internautas e não utilizadores desta rede web, estando os primeiros mais voltados para a Europa e para o Mundo, o que decorre também do fator idade e escolaridade: quanto mais jovens e escolarizados maiores as proximidades ao mundo global. Note-se ainda que uma análise entre os anos 2003 e 2013 foi capaz de registar

um decréscimo na relevância concedida à identificação cultural e nacional dos inquiridos, apontando as referências mais latas acima referidas segundo aquela investigação. Versando o presente trabalho sobre temáticas e cenários relativos às potencialidades conferidas pelo mundo digital – e cujas potencialidades-oportunidades são igualmente geradoras de novas identidades e ampliados sentidos de pertença acima apontados – colocando na mira aspetos considerados profícuos refletimos sobre as palavras de Simonard & Santos (2017, p. 20):

A volatilidade do espaço virtual propicia que esta característica seja intensificada, assim como a multiplicidade identitária manifestada na vida real e apropriada pelos indivíduos nas mídias sociais. Identidades políticas, plurais e diversas compõem o cenário digital da atualidade. Neste sentido, surgem cada vez mais comunidades virtuais nas mídias sociais onde identidades de resistência se formam, muitas delas sem uma diretriz política mais forte. Contudo, muitas destas novas comunidades conseguem desenvolver identidades de projeto, criando um território próprio onde valores e signos comuns surgem e aglutinam os membros destas comunidades em torno de objetivos comuns.

Estão, assim, a mudar as referências identitárias dos cidadãos a par das mudanças conjunturais destacadas no capítulo anterior. Exercício de cidadania, participação e sentidos de pertença e identitários são duas facetas da mesma moeda. A vida social depende de ambas. São estes os aspetos fundamentais para a compreensão dos fenómenos em estudo e por isso buscámos aqui uma abordagem transversal que nos permitirá a posterior análise do caso investigado.

Capítulo III – As linhas com que nos cosemos: metodologia, técnicas e procedimentos da investigação

Dedicamo-nos no presente capítulo a expor a metodologia utilizada para efeito da pesquisa, fundamentando as nossas escolhas e explicitando os procedimentos com base nos objetivos da investigação.

O estudo do recurso a manifestações culturais por parte dos movimentos socioculturais e sociopolíticos conduziu-nos à imersão no contexto ativista contemporâneo, por forma a conhecer e compreender o fenómeno do craftivismo.

Considerámos que a estratégia indicada para responder aos questionamentos da nossa pesquisa seria o estudo de caso, na medida em que a mesma tenciona responder aos «como e porquê», sem exigir controlo sobre eventos ou comportamentos, bem como por se tratar de analisar um fenómeno contemporâneo, com cariz explanatório - fatores enumerados por Yin (2001) para a escolha desta modalidade.

Estamos, todavia, cientes de que os estudos de caso não deixam de ser uma investigação centrada, que aborda uma realidade única e não pode/deve, por isso, da mesma decorrerem generalizações científicas no que concerne aos resultados. Sendo uma investigação empírica, trata única e exclusivamente de buscar responder aos questionamentos levantados na situação concreta em análise. Procurámos cingir-nos, assim, ao contexto em estudo, não obstante termos realizado pontes entre o mesmo, a Educação Social e a intervenção comunitária, visando unicamente a compreensão de uma realidade emergente e a consequente necessidade de atuar sobre alguns dos fenómenos das sociedades contemporâneas.

Considerámos também, fundamentados no referido autor (Yin, 2001), que o estudo de caso depende de uma preparação prévia e possibilita a recolha de informação por diferentes vias, sujeitas a uma posterior triangulação, situação que procurámos cumprir. Também relevante a afirmação de Costa (1987) de que a pesquisa de terreno, sendo equivalente a diferentes conceptualizações como sejam método qualitativo, etnografia, trabalho de campo, estudo de caso e observação participante, se destaca de outros métodos investigativos que se baseiam na análise de dados estatísticos. Efetivamente, foi nosso intuito, a partir do recurso a distintos e complementares técnicas, desenvolver compreensão sobre os fenómenos em estudo. Percebemos igualmente que esta metodologia assenta no papel fulcral do

investigador, que se torna assim o principal instrumento da própria investigação, tal como nos indica Costa (1987) e Correia (2009).

Foi a preparação preliminar a partir da análise do estado da arte que nos conduziu a uma campanha de ativismo ambiental com expressão a nível nacional, sediada em Lisboa, nas instalações da Academia Cidadã (a associação que acolheu o projeto). Designada Campanha Linha Vermelha, este projeto constitui-se o nosso estudo de caso.

Objetivámos perceber a relevância do recurso utilizado – o tricot e crochet -, seus impactos bem como estudar os diferentes parceiros e participantes de modo a conhecer e compreender as suas lógicas participativas. Pretendíamos, assim, explorar as diversas vias através das quais os indivíduos consubstanciam a sua cidadania, neste contexto. A dimensão social e política estavam na mira da nossa pesquisa e considerávamos pertinente observar como se processavam os encontros promovidos pela Campanha em estudo, atentando, desta forma, às práticas individuais e coletivas destes cidadãos. Também tencionávamos conhecer as relações entre os diferentes grupos ativistas numa escala nacional e desta com agentes além-fronteiras. Pretendíamos, portanto, compreender o fenómeno emergente. Segundo Guerra (2006, p.8): «A perspetiva compreensiva torna-se mais pertinente para explicar os períodos de crise, particularmente aqueles em que se assiste a transformações culturais com profundas mudanças ao nível das práticas sociais». Tendo em linha de conta a emergência do «catastrofismo emancipatório» numa escala global (Beck, 2017) considerámos que este seria o prisma mais apropriado à nossa investigação.

Julgámos, então, que o método de procedimento estudo de caso se revelava o mais adequado e optámos por desenvolver o nosso processo de investigação com recurso a uma abordagem metodológica qualitativa, incidindo particularmente na observação participante. Mais do que buscar causas, visámos conhecer as dinâmicas e suas interligações, num encontro entre causas e efeitos, fruto das interpretações de cada um dos sujeitos (Guerra, 2006), mesmo que despertando para a perceção do que lhes é comum. De acordo com Costa (1987, p. 137) «o método de estudo de caso pelo trabalho de campo (...) é particularmente adequado à investigação, não de uma faceta isolada, mas de um tecido espesso de dimensões articuladas do social.» Considerámos à priori que o fenómeno em estudo se encontrava numa estreita e intrincada relação com os condicionalismos e circunstâncias alargadas da esfera socioeconómica em que se inscreve, logo justificando a nossa escolha metodológica.

O projeto ativista que analisámos desenvolve-se a partir da organização e presença em eventos e ações em distintos locais - aos quais acresce o dinamismo na rede virtual -, contando com a participação dos cidadãos, uns de forma apenas pontual enquanto outros com carácter mais regular, pelo que considerámos adequado optar pela metodologia que nos permitisse a observação direta dessas interações entre os intervenientes. Esta técnica foi coadjuvada com a observação participante tendo em mente que «numa interação social não se pode não comunicar e, num quadro social qualquer, não se pode igualmente deixar de estabelecer relações sociais» (Costa, 1987, p. 135). O mesmo autor (p. 138) assevera «pode dizer-se que a pesquisa de terreno é, em boa medida, a arte de obter respostas sem fazer perguntas. As respostas obtêm-se no fluxo da conversa informal e da observação directa, participante e continuada.» Este foi um fator importante na nossa investigação. Frequentemente, os questionamentos da pesquisa foram respondidos sem que tivéssemos de realizar as perguntas, o que pode comportar uma maior genuinidade da informação obtida na medida em que os interlocutores dialogam de forma espontânea, ao contrário do que ocorre por exemplo nas entrevistas diretas ou semidiretas.

Destacámos, por isso, o interesse pela perspectiva etnográfica conforme nos propõe Serrano (1993) e que nos assegura a inevitabilidade da participação, se para tal se considerar (ou reconhecer) a prevalência de subjetividade no decurso do processo investigativo, quer na abordagem, seleção de conceitos, elaboração de instrumentos e, fundamentalmente, durante a observação. Ressaltamos, no enquadramento do presente estudo, o papel do Educador Social que põe em relevo a preposição «com». Estivemos, portanto, com os intervenientes das ações e com eles participámos, construímos e buscámos compreender os seus (nossos) processos sociais. A nossa investigação incidiu, assim, fundamentalmente na observação direta e participante durante os eventos promovidos pela Campanha Linha Vermelha. Estes constituíram-se fontes privilegiadas de informação, complementada pelos testemunhos obtidos e entrevistas a interlocutores fulcrais.

Para consubstanciar e robustecer a recolha de informação tornou-se inevitável prolongar o período de pesquisa no terreno, cientes do espaçamento entre os eventos promovidos pelo projeto constituído estudo de caso, das exigências relativas à observação, ao aprofundamento de interações - e «transformação [do investigador] em «nativo»» (Valladares, 2007, s/p) - todos estes aspetos que requerem tempo,

conforme nos indicam Costa (1987), Valladares (2007) e Correia (2009). Estivemos, para o efeito, durante todo o ano de 2019 imersos no trabalho de campo.

Seguindo a proposta de Serrano (1993) destacámos, portanto, a via da observação participativa direta e interna, que se caracteriza pela própria participação do investigador enquanto sujeito. No entanto, reconhecemos que esta técnica eleva a exigência pelo facto de levantar alguma necessidade de distanciamento a fim do mesmo não permitir que os seus próprios sentimentos e preconceitos interfiram no estudo, segundo assevera a autora.

Correia (2009, p.33) alerta que «o grau de participação pode e deve ser «negociado», de modo a adotar-se o que proporcione dados mais significativos tendo em conta a natureza da questão em estudo, as características dos participantes e o contexto em que ocorre». Este foi um exercício exigente, dado constatarmos «a necessidade de construir uma base de confiança e empatia indispensável a uma desejada flexibilidade nos momentos da observação». (Correia, 2009, p.35). Foi neste sentido que nos finais de 2019 nos recusámos em duas situações distintas a dar voz pela Campanha Linha Vermelha junto dos meios de comunicação social, tendo o mesmo sido sugerido pela organização em eventos em que o grupo foi abordado por equipas de reportagem. Apropriámo-nos, neste contexto, da ressalva de Costa (1987, p. 136) de que «a familiarização com o objeto de estudo é um contraponto indispensável ao igualmente necessário distanciamento». Mantivemos, portanto, sempre presente a nossa postura de investigador que embora participante não deixa de preservar a função científica a que se propôs pelo que o «seu papel de pessoa de fora terá que ser afirmado e reafirmado. Não deve enganar os outros nem a si próprio» (Valladares, 2007, s/p).

Parece, contudo, que Serrano (1993) faz sobressair esta técnica participativa fundamentando-se, para o efeito, na própria função do Educador Social que é, por si, um interveniente ativo e vinculativo enquanto «agente de mudança». Foi seguramente um exercício minucioso para o qual contribuiu a adoção da técnica de registo em diário de campo, pois, a partir da redação e posterior confronto durante o processo de análise despertámos para posicionamentos dos outros, mas também do «eu» que observa e participa, reajustando o olhar e a participação, sempre que considerámos adequado. A reflexividade acompanhou deste modo todas as etapas da investigação. A apontar que considerámos relevante - tendo aplicado no nosso processo investigativo – os diferentes tipos de observação referidos por Correia (2009) que variam de acordo com a fase da pesquisa, tal como sugere «Inicia-se com observações descritivas (...) depois desta etapa e analisados os dados dará início a

observação focalizada e finalmente, depois de retomar ao campo, voltar a novas observações (...) selectivas». Esta oscilação entre observação e análise concisa dos dados preliminares permitiu-nos retomar a pesquisa mais seguros do que focar e igualmente cientes de eventuais enviesamentos da observação que pudessem comprometer o rigor da investigação. Segundo Correia (2009, p. 31) «na realidade é essencial que o observador esteja consciente de estereótipos culturais e possa desenvolver a sua capacidade de introspeção». Este fator conduziu-nos, em algumas circunstâncias, a prolongar o trabalho de campo e/ou auscultar outros interlocutores. A permanente classificação e interpretação de dados é ainda apontada por Costa (1987) enquanto característica da metodologia que aplicámos. Foi, portanto, esta a forma como conduzimos o processo investigativo.

Importante referir que o rigor e a objetividade foram potenciados, também, pelo recurso a técnicas complementares, designadamente as entrevistas e em particular a terceira realizada já numa fase avançada de trabalho de campo (outubro de 2019) e que teve por base a necessidade de clarificar alguns aspetos e assegurar da precisão de alguns indicadores obtidos. Seguimos assim a recomendação de Costa (1987, p.140) de que «um processo de estudo de caso não se pode socorrer duma única técnica, mas duma pluralidade delas, acionadas alternada ou simultaneamente pelo investigador».

Numa primeira fase optámos pela realização de entrevistas semiestruturadas a elementos-chave envolvidos na Campanha Linha Vermelha. Era nosso intuito conhecer as linhas orientadoras do projeto, a sua missão e estratégias. Com este propósito, contactámos em primeiro lugar o coordenador da Campanha. Como explícito no guião (anexo I), esta primeira entrevista visava desbravar caminho e permitir-nos aceder a outras fontes de informação complementares. Optámos por um modelo semiestruturado por forma a ampliar o campo de informação e aceder a dimensões eventualmente veladas. Permitir que o próprio entrevistado, um interlocutor privilegiado, a partir do seu discurso, nos revelasse indicadores passíveis de se constituírem elementos relevantes para a investigação em curso foi um dos nossos objetivos com esta primeira entrevista. Tínhamos também como propósito, através deste momento, aferir da necessidade de proceder a mais entrevistas e quem entrevistar concretamente, não descurando a possibilidade de recurso a outras técnicas investigativas, caso se revelasse necessário.

A salientar que nos tínhamos confrontado na etapa antecedente à investigação no terreno com a eventualidade de suspensão por tempo indeterminado de

eventos/ações promovidos pela Campanha Linha Vermelha pelo que inicialmente havíamos considerado a hipótese de proceder a uma metodologia mista com recurso a entrevistas e questionários (estes destinados aos participantes). Na medida em que nos foi comunicado pelo primeiro entrevistado – o coordenador da Campanha – que estava projetada uma agenda que incluiria novos eventos, decidimos, então, prosseguir pela via da observação participante, por considerarmos, tal como referido, que a mesma abordagem se coaduna com o objeto em estudo e o contexto em que a investigação ocorre (mestrado em Educação Social). Pareceu também pertinente entrevistar um elemento envolvido na primeira fase da Campanha, associada à coorganização de eventos com parceiros (grupos de tricot), por forma a conhecer esta importante dimensão e perceber o *modus operandis* do projeto constituído estudo de caso. Este intuito fundamenta-se no que refere Costa (1987, p. 141) «a entrevista a um informante privilegiado com um grande conhecimento dum assunto específico pode substituir um censo por questionário ou por contagem directa».

Preparámos, assim, uma segunda entrevista destinada a um organizador parceiro. Conforme se pode verificar no guião (anexo II) era nosso propósito conhecer sobre as perspetivas dos grupos envolvidos na coorganização de eventos com a Campanha Linha Vermelha, bem como perceber o impacto que a ação conjunta tivera sobre os participantes. Realizámos para este fim uma entrevista a um elemento fundador de um dos grupos de tricot com maior impacto no panorama nacional, se tivermos em conta os diferentes grupos que do mesmo se formaram. Trata-se do Gang da malha, fundado nas Caldas da Rainha e que se disseminou por diferentes localidades circundantes, designadamente no Pombal. Sendo a entrevistada uma profissional da área (artesã) e com contactos no meio, o seu testemunho permitiu compreender não apenas o percurso da Campanha Linha Vermelha como também contribuiu para o conhecimento do fenómeno de revivalismo de tricot e crochet em território nacional. Também acentuar que dada a projeção da sua carreira – especificamente nas redes sociais, meios de comunicação e autoria de livros sobre tricot, *Do it yourself* e ativismo - a sua participação na Campanha contribuiu para o potenciar do dinamismo da mesma junto da rede de praticantes destas manualidades. Foram estes os fundamentos para a seleção deste interlocutor aos quais acresce a sua disponibilidade imediata para a entrevista.

As duas entrevistas realizadas antecederam os eventos organizados para o ano 2019, no período em que incidiu a nossa investigação. Portanto, as informações obtidas por

este meio possibilitaram o conhecimento preliminar da Campanha e a chegada ao terreno com indicadores precisos, outros ainda difusos, orientadores do que observar. Ainda na fase que antecedeu a participação em eventos organizados pela Campanha Linha Vermelha, considerámos a hipótese de entrevistar outros ativistas que tendo relação com o projeto (por intermédio dos organizadores), à data, não se envolviam diretamente neste tipo de protesto gentil. Tencionávamos compreender as suas perspetivas relativamente a esta modalidade de protesto não tradicional. A expressa inviabilização por parte dos interlocutores com os quais contactámos - com este propósito participámos em duas reuniões do grupo ativistas e apresentámos a nossa investigação, solicitando de seguida contactos para posterior agendamento de entrevista, contactos estes escassos e dos existentes, que ficaram sem resposta - conduziu-nos a questionamentos que apelavam a informações adicionais. Acresce que à medida que a investigação (por meio da observação participante) prosseguia, também algumas dúvidas suscitadas se amplificaram e para as quais sentimos a necessidade de um maior esclarecimento. Tratava-se particularmente das estratégias conduzidas pela Campanha Linha Vermelha e das relações entre grupos de ativistas. Tendo conhecimento da existência de um elemento coordenador que se havia desvinculado, julgámos que o seu testemunho poderia contribuir para clarificar alguns aspetos da pesquisa. Realizámos, assim, já no decurso da investigação nos moldes participativos, uma entrevista a este elemento dissidente. De acordo com o exposto no guião (anexo III), este interlocutor tornou-se fulcral para ampliar a compreensão sobre o nosso objeto de análise, uma vez que contribuiu com um outro olhar, uma nova perspetiva de quem tivera papel de relevo na implementação e desenvolvimento parcial da Campanha.

Pareceu-nos que estes testemunhos seriam suficientes na medida em que era nosso objetivo cruzar com as informações obtidas por meio da interação com os outros interlocutores. De acordo com o que nos refere Guerra (2006, p. 20) «A questão central que se coloca na análise compreensiva não é a definição de uma imensidão de sujeitos estatisticamente «representativos», mas sim uma pequena dimensão de sujeitos «socialmente significativos»». No contexto em análise, considerámos estes os entrevistados significativos, dada a incidência e o destaque conferidos à observação direta.

A observação de ações concretas, possibilitou-nos um extenso registo em diário de campo (cuja análise consta do anexo IV), não servindo apenas de complemento à informação inicialmente recolhida nas entrevistas como possibilitando uma imersão

nas dinâmicas conduzidas pela Campanha Linha Vermelha e desta, o aprofundamento das diferentes dimensões que constituem os objetivos da presente investigação.

Importa no presente capítulo explicitar os procedimentos conduzidos durante a pesquisa. Na primeira entrevista, realizada ao coordenador da Campanha Linha Vermelha, fomos informados de que o projeto visado na pesquisa estava vinculado a duas associações distintas: a Academia Cidadã e a Climáximo. Quando questionado sobre a possibilidade de entrevistar outros elementos dos grupos associativos, o organizador referiu que o vínculo com a primeira associação se prendia com o facto da mesma funcionar enquanto «embrião de projetos», e que nessa lógica acolhera a Campanha, sendo que pouco poderiam acrescentar ao que nos transmitira. Relativamente ao segundo coletivo, o mesmo tinha relação com a Campanha por intermédio do próprio entrevistado, que participava simultaneamente daquele grupo. Não excluiu, no entanto, a possibilidade de conhecer o coletivo ativista, apesar de referir que dificilmente estariam disponíveis para conceder entrevista. Ficámos, desde logo, interessados em conhecer melhor, e de perto, o grupo na medida em que se desencadeara uma acrescida projeção ao ativismo ambiental, decorrente da Greve Climática Estudantil, e aquele coletivo revelava um crescente dinamismo em palco nacional com propostas de formação em ativismo, apoio ao movimento de estudantes e implementação de ações de desobediência civil, o que contribuiria certamente para ampliar a panorâmica sobre este fenómeno em análise. Pretendíamos, também, conhecer as suas perspetivas sobre o protesto gentil.

Tivemos conhecimento de que se preparava um encontro na Bajouca (concelho de Leiria) - relacionado com os protestos contra a eventual exploração de gás na região, por parte de uma multinacional – e no qual poderíamos participar enquanto investigadores. Aceitámos de imediato o desafio lançado pelo organizador da Campanha, por forma a estabelecer contacto com outros parceiros, conforme a possibilidade que nos tinha sido transmitida. Fomos desde logo informados de que o grande propósito da participação na Feiriarte (designação do evento) seria a promoção do encontro agendado para o fim de semana seguinte: estava em curso a organização do primeiro acampamento nacional destinado a ativistas ambientais, designado Camp in Gas. Este evento contaria inclusivamente com a participação de algumas ONG internacionais bem como ativistas. Foi este o móbil que nos conduziu

a participar da Assembleia Geral no CIDAC⁴ em Lisboa (7 de abril), promovida pelo Climáximo e divulgada nas redes sociais enquanto um evento aberto, logo acessível a todos os interessados. Julgámos que seria uma excelente oportunidade para conhecer os intervenientes e apresentar a investigação – era nosso intuito proceder a entrevistas que nos permitissem conhecer os seus posicionamentos relativos a protestos gentis e outras formas de ativismo relacionadas com o nosso objeto de estudo. A forma como foi acolhida a nossa participação – e tendo sido expresso por nós o propósito que nos tinha dirigido ao encontro – gorou as expectativas de poder obter quaisquer testemunhos. Tratava-se de uma reunião de trabalho, estando os participantes totalmente absorvidos na preparação do evento em questão e, por conseguinte, no desenvolvimento das suas tarefas mostrando-se completamente indisponíveis para colaborar com a investigação. Decidimo-nos, porém, por uma segunda investida. Começámos, portanto, por apresentar desculpas junto do nosso contacto, justificando que a presença na reunião se baseara exclusivamente na forma como a mesma tinha sido divulgada nas redes sociais. Depois, redigimos um email ao coletivo a justificar a nossa presença e solicitar uma nova oportunidade para expor a nossa investigação. Tendo sido concedida, participámos, então, de uma segunda Assembleia Geral (23 de abril) na qual tivemos oportunidade de explicitar os nossos objetivos, bem como fazer circular uma folha pelo grupo para registo de contactos que serviriam para futuro agendamento de entrevista. Note-se, contudo, que apesar de nos terem sido fornecidos alguns endereços eletrónicos, na verdade, não obtivemos resposta aos pedidos por nós enviados. Decidimos, portanto, seguir numa outra direção que fosse passível de responder aos questionamentos que emergiam associados à relação entre distintas formas de protesto e respetivos agentes. Para tal, considerámos que a observação direta possibilitar-nos-ia conhecer as lógicas participativas dos diferentes intervenientes e, inclusivamente, descortinar o porquê das aparentes resistências em se disponibilizarem para entrevista. Este objetivo conduziu-nos a programar a observação participante em ambos os eventos que decorreriam em julho de 2019 na localidade da Bajouca.

A primeira participação ocorreu de 12 a 14 de julho, durante um fim de semana no qual decorria o Feiriarte. O evento contou com a presença de cerca de 15 ativistas de entre os quais se incluíam alguns elementos coorganizadores de eventos da Campanha no ano anterior, bem como outros elementos do Climáximo presentes em

⁴ Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral

alguma das Assembleias Gerais das quais participámos. Foram três dias ricos em interação-observação. Um mergulho no ativismo por esta via, já que estivemos todos os dias envolvidos nas diferentes ações conjuntas, designadamente a preparação da banca da Campanha, a interação com os transeuntes, a prática, aprendizagem e ensino de tricot e, inclusivamente, as refeições que foram tomadas em grupo. Saliente-se, ainda, a importância conferida às deslocações de e para os eventos, pois possibilitaram conversas informais devidamente registadas em diário de campo. As viagens foram, assim, de grande utilidade para a pesquisa uma vez que nesses momentos dispusemos de tempo e condições propícias a diálogos extensos sobre as temáticas em estudo.

Neste fim de semana preparou-se igualmente um vídeo sobre a Campanha Linha Vermelha que pretendia divulgar a mesma e apelar ao evento programado para a semana seguinte: o acampamento ativista. Durante estes dias tivemos oportunidade para dialogar e observar com praticamente todos os intervenientes, tendo sido efetuado o minucioso registo em diário de campo. Este registo exigiu algum tempo, tempo este de que não dispúnhamos dada a ampla participação na Feiriarte. O alojamento feito em habitação de uma família que se dispôs a acolher os ativistas, em quarto duplo, dificultou um pouco mais a possibilidade de um tempo-espço para o registo que tencionávamos realizar diariamente por forma a torná-lo o mais minucioso e rico possível. Foi neste contexto que recorremos a um gravador e, não tendo outra possibilidade, utilizámos o amanhecer para, dentro da nossa viatura, proceder à gravação áudio do ocorrido no dia anterior. Ao regressar do encontro, procedemos à transcrição dos ficheiros e, através da leitura, acrescentámos alguns aspetos que tínhamos olvidado – ou que a serenidade de um outro contexto de trabalho, e a experiência acumulada das vivências ao longo de cada etapa de observação entretanto concluída, nos permitiu introduzir a recomendada reflexividade sobre as experiências, os acontecimentos, o observado.

As resistências de alguns elementos em colaborar com a nossa pesquisa, conforme referido anteriormente, potenciaram o interesse em conhecer mais de perto os ativistas do coletivo Climáximo e mergulhar nas dinâmicas destes intervenientes, cujos papeis e projeção iam sendo ampliados à medida que crescia o movimento internacional desencadeado por Greta Thunberg. Assim, dia 19 de julho viajámos novamente para a Bajouca com o intuito de participar do acampamento ativista. Ainda que não estivesse prevista nenhuma ação direta da Campanha Linha Vermelha, julgámos que teríamos oportunidade de conhecer as diferentes formas de protesto e

compreender as relações entre elas e seus intervenientes. Estivemos, portanto, mais quatro dias naquela localidade, pernoitando na residência da mesma família, que se dispôs a receber os elementos da organização, pelo segundo fim de semana consecutivo (tínhamos dormido na mesma casa aquando do Feiriarte). Optámos pela estadia na habitação por considerarmos que teríamos melhores condições para efetivar as necessárias diligências afetas à investigação, como seja o extenso registo em diário de campo, desta vez facilitado pela estadia em quarto individual.

O acampamento culminou com uma manifestação e simultânea ação de desobediência civil. Esta revelou-se uma situação delicada para o investigador. Fomos previamente alertados para a perigosidade inerente às ações, uma vez que se tratava de invasão de propriedade privada (quem participaria diretamente da desobediência civil) e de apoio à mesma (todos aqueles que participariam da manifestação fariam de escudo, caso surgissem forças policiais). Desconhecíamos como atuar enquanto investigadores perante uma situação que culminasse em eventual detenção pelas autoridades, o que nos deixou inseguros. Se por um lado, a pesquisa exigia a capacidade de participar das ações, por outro a salvaguarda de segurança pessoal bem como o respeito pelos valores éticos e morais do próprio investigador deveriam ainda ser tidos em consideração. Ponderando os diferentes aspetos e pesando os papéis distintos nos quais simultaneamente nos encontrávamos, optámos por participar numa variante que possibilitasse a investigação e minimizasse eventuais danos pessoais.

Importa referir que o acampamento ativista contou com uma formação intensiva em desobediência civil e uma exaustiva preparação para a ação que iria ser posta em curso no dia 21. O sigilo com que a mesma estava a ser preparada e a escassa informação de que dispúnhamos para decidir, em consciência, o grau de participação a que estávamos dispostos a comprometer-nos foram os argumentos que validaram a nossa posição. Reforçamos também que foi o protesto gentil que nos conduziu à presente investigação, não estando por isso de todo mobilizados para ações de outra índole. A formação na qual participámos veio potenciar o nosso prisma sobre as diferentes modalidades ativistas, clarificando a posição pessoal perante as mesmas e amplificando por si a relevância de outras formas de protesto passíveis de incluir outros públicos, mais cidadãos.

Ficámos, assim, no grupo que participaria apenas da marcha pelas ruas da localidade. No entanto, como referido, todos os participantes foram alertados para a eventualidade de surgirem detenções por parte das forças policiais, uma vez que os

elementos que permaneceriam na marcha estariam em colaboração direta com aqueles que efetivariam a ação de desobediência civil (sobre a qual não dispúnhamos de qualquer informação). Imprescindível no processo foi a comunicação com a responsável pela orientação da pesquisa e desta com a Direção da Escola, no sentido de atuarmos de acordo com indicações superiores. As falhas na rede móvel não facilitaram a comunicação e potenciaram as inquietações. Contudo, movidos pelo compromisso de prosseguir a investigação, seguimos para a manifestação no horário programado. A inquietação com a eventual detenção prendia-se igualmente com a possibilidade de nos ser exigida a entrega de toda a informação recolhida para efeitos da pesquisa, na qual constavam naturalmente dados pessoais dos indivíduos com quem interagimos ao longo da observação participante. Por forma a salvaguardar a privacidade de todos, não nos fizemos acompanhar de qualquer livro de registo ou instrumento de gravação. A marcha decorreu sem distúrbios e a presença das autoridades serviu apenas para assegurar o pleno respeito das regras. De notar que a organização do Camp in Gas havia comunicado atempadamente aos órgãos oficiais (autarquia e PSP) a programação da manifestação.

Estes dias de mergulho intenso na investigação traduziram-se num vasto conjunto de informação relevante para a nossa pesquisa, devidamente registada no diário de campo. Foi neste encontro que contou com a presença de cerca de 200 pessoas oriundas de todo o país e ativistas de outras nacionalidades que se deslocaram individualmente ou em grupos ao Camp in Gas, que mais nos consciencializámos da relevância das redes internacionais e de como estes grupos operam conectados entre si.

Aos eventos acima descritos, juntaram-se outras participações nas seguintes ações promovidas integral ou parcialmente pela Campanha Linha Vermelha:

- 1 de setembro de 2019 – Caldas da Rainha – Festival «À procura do novelo»;
- 14 de setembro de 2019 – Sintra - encontro Eco-Ativismo na Quinta dos 7 Nomes;
- 27 de setembro de 2019 – Lisboa - Greve Estudantil Marcha pelo Clima;
- 26 e 27 de outubro de 2019 – Lisboa - Organii Eco Market;
- 3 de novembro de 2019 – Lisboa - Gravação vídeo promocional do livro da Campanha na Horta FCUL (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa);
- 29 de novembro de 2019 – Lisboa 4ª greve Estudantil – Marcha pelo Clima.

Todas estas participações foram realizadas na ótica do investigador, tendo, para tal, procedido ao registo do observado, bem como das conversas informais ocorridas quer nos próprios eventos, quer nas deslocações (sempre que viajámos na companhia de outros ativistas).

Acresce ainda um contributo interessante para a pesquisa que foi obtido na Ilha do Pico em agosto. Ali pudemos dialogar com o parceiro responsável pelo encontro da Campanha em território açoriano. Este diálogo foi igualmente produtivo pelo facto de ter conduzido a um maior conhecimento sobre o *modus operandi* do projeto em estudo, especificamente aquele relativo à primeira etapa da Campanha, ocorrido numa fase anterior à nossa investigação.

No decurso de 2019 estivemos igualmente focados nas redes sociais e a todas as informações divulgadas pelos intervenientes relacionados com o projeto em análise. Fomos assim registando no diário de campo as informações relacionadas com as dimensões em análise, tendo igualmente despertado para a relevância de aspetos não identificados ou reconhecido a importância que os grupos em análise concediam aos mesmos, dos quais enunciamos o destaque das lutas globais emergentes. Desta observação pudemos igualmente acrescentar informações pertinentes para a pesquisa e que contribuem para a compreensão das lógicas e sentidos identitários destes movimentos. Foi também construtiva a análise ao sítio da Campanha Linha Vermelha e o estudo do registo neste de todas as atividades promovidas, dos participantes e parceiros do projeto complementando, desta forma, as informações obtidas por outras vias nomeadamente a observação do acervo fotográfico que muito contribuiu para a análise aos perfis de participantes.

Consideramos que a observação dos distintos eventos, os testemunhos obtidos e a análise dos sítios e páginas web possibilitaram-nos uma imersão no projeto e a aquisição de referências chave para a presente investigação, cujos resultados se apresentam nos capítulos seguintes.

Ao longo destes meses buscámos que as informações obtidas fossem decorrentes de interações genuínas e francas. Colocámos inequivocamente em primeiro lugar o nosso papel de investigador, deixando claro no diálogo com os diferentes agentes o propósito principal da nossa presença. Consideramos, porém, que a riqueza e genuinidade da investigação dependeria inevitavelmente da genuinidade da participação, pelo que estabelecemos conexões sérias com os diferentes agentes e dispusemo-nos verdadeiramente a conhecer, compreender, colaborar e pactuar dos princípios orientadores do projeto em análise. Não obstante as dificuldades

anteriormente relatadas, às quais somamos as exigências inerentes à disponibilidade de tempo para participar e toda a logística afeta às diferentes deslocamentos para efeitos da pesquisa, consideramos que assumimos com total seriedade e sentido de compromisso a investigação a que nos propusemos.

A compilação de toda a informação obtida ao longo do ano de 2019 foi realizada segundo a proposta de análise de conteúdo de Guerra (2006), tendo-nos permitido um amplo panorama da Campanha constituída estudo de caso.

Ao transcrever as entrevistas foi-nos possível destacar os distintos aspetos e dimensões da análise. Importa referir que efetuámos a transcrição integral das gravações áudio. Preservámos unicamente os nomes verdadeiros dos dois primeiros entrevistados por termos obtido a autorização dos mesmos. Em relação aos demais interlocutores, respeitámos o seu anonimato, decidindo pela atribuição de nomes fictícios.

Optámos por reunir numa mesma grelha de análise de conteúdos as informações obtidas por meio das três entrevistas realizadas, bem como da vasta informação constante no diário de campo. Esta contribuiu para reconhecer os temas que mais se destacaram durante a pesquisa, os mesmo que expomos nos capítulos seguintes. Surgiram, igualmente, dimensões que não havíamos equacionado aquando do início da pesquisa como seja a relevância da globalização de ideais e operacionalização de lutas em processos transfronteiriços.

Inicialmente foram os objetivos gerais e específicos que se constituíram as dimensões analisadas. Note-se, contudo, que os diferentes aspetos observados e devidamente registados no conjunto dos elementos de pesquisa - fruto das entrevistas, da observação de campo e da observação dos meios digitais (nomeadamente o site e as redes sociais) – nos possibilitaram ampliar o detalhe na grelha de análise.

Salientamos que o cruzamento de todos os conteúdos nesta grelha de análise (anexo IV) nos permitiu, assim, constatar os aspetos mais relevantes no contexto em estudo. São estes mesmos aspetos que ressaltaram, na ótica da Educação Social e intervenção comunitária, que seguidamente expomos.

Capítulo IV – Uma Linha Vermelha por um futuro verde

O processo investigativo que visava conhecer e compreender a relação entre manifestações culturais e os movimentos sociais contemporâneos conduziu-nos a um projeto ativista em curso, cujo pano de fundo são as alterações climáticas e, neste enquadramento, foca-se especificamente na luta pelo término da exploração dos combustíveis fósseis. O facto de recorrer ao tricot e ao crochet como meio de expressão pareceu-nos assaz relevante e um exemplo importante de como, em território nacional, se vão desenhando novas formas de ativismo impulsionadas pela emergência climática e propondo fórmulas renovadas como sugerido por Marques & Neves (2017), visando aliciar e envolver outros públicos e abranger mais indivíduos, robustecendo assim as suas lutas.

O nosso intuito foi conhecer em profundidade a Campanha Linha Vermelha, objetivando aferir da eficácia de um projeto desta índole, conhecendo para o efeito as estratégias levadas a cabo e as metodologias utilizadas, bem como os públicos mobilizados. Estivemos, deste modo, ao longo de todo o ano 2019 a acompanhar as diferentes ações promovidas pela Campanha, deixando nestas páginas as informações de relevo e as ilações que fomos extraíndo desta imersão no terreno, sob o prisma do nosso campo de estudo, a Educação Social e a relevância da cidadania participativa na conjuntura contemporânea.

A Campanha Linha Vermelha: das motivações às estratégias de ação

A Campanha Linha Vermelha surgiu de uma forma espontânea após a mobilização de um grupo de cidadãos que, estando atento às problemáticas do clima (e, por conseguinte, à transição energética), se reuniu nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian para tecer uma linha vermelha enquanto debatia a questão dos combustíveis fósseis. Esta linha foi posteriormente utilizada no cordão humano realizado em Tavira contra a prospeção de petróleo ao largo do Algarve no ano 2016, contrato já anulado na sequência da ampla mobilização cívica.

O encontro marcado nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian não foi inusitado, antes sim programado enquanto combate simbólico à exploração de combustíveis fósseis, na época fonte de financiamento desta instituição através da sua empresa Partex Oil (note-se que a mesma foi, entretanto, vendida).

Segundo o coordenador da Campanha, a pessoa que lançou o repto dos encontros destas manualidades (ativista, que desde o início da Campanha se manteve no

anonimato) fê-lo de uma forma despretensiosa, tendo sido a reação que observou nos intervenientes que o impeliu a lançar um projeto com estes recursos.

A Campanha Linha Vermelha surgiu, assim, formalmente no final de 2016, apesar de ter desenvolvido encontros marcados pela elaboração de linha em tricot e em crochet desde o verão desse ano. A Academia Cidadã e o Climáximo – dois grupos associativos - decidiram conjuntamente tornar a Campanha nacional «para assim chegarmos a pessoas que de outra maneira não se envolveriam nesta causa», segundo nos reportou o coordenador.

No que respeita à apresentação oficial do projeto, esta ocorreu a 12 de novembro de 2016 na Marcha pelo Clima em Lisboa. Na ação, a Campanha Linha Vermelha distribuiu faixas vermelhas com a seguinte mensagem: «Uma Linha Vermelha por um futuro verde», incluindo o respetivo endereço eletrónico (www.linhavermelha.org).

A Campanha Linha Vermelha ficou, como referido, vinculada à Academia Cidadã. Esta associação foi criada pelos promotores da «Geração à Rasca», o grupo informal que em 2012 mobilizou milhares de pessoas para um protesto cívico contra a conjuntura social e económica que se vivia, mobilização esta impulsionada quase em exclusivo a partir das redes sociais. Desde então, a associação dedica-se a acolher diferentes projetos no âmbito social. No seu sítio pode consultar-se o Manifesto do qual destacamos: «A Academia Cidadã tem por objetivo impulsionar a cidadania activa» (<https://academiacidada.org/manifesto/>).

A associação agregou, assim, a Campanha por se tratar de sensibilizar e apelar à participação cívica para causas afetas à justiça climática. Segundo João Costa, coordenador do projeto em estudo, a Academia Cidadã funciona como «um embrião de projetos» e, pelo que nos foi dado a entender, proporciona o diálogo entre agentes para partilha de saberes e experiências. Depreendemos ter sido este o caso no que respeita à participação de um outro elemento que se juntou ao projeto enquanto cocoordenador, por intermédio da Academia Cidadã, transpondo para o mesmo o seu «*know how*» de «*campaigner* e ativista profissional», conforme nos relatou.

No que concerne ao coletivo Climáximo, a relação com a Campanha Linha Vermelha prendeu-se, em primeiro lugar, com o facto do elemento fundador do projeto pertencer a ambos os grupos associativos, mas também, segundo apurámos, com o *modus operandi* deste coletivo ativista. Ao observar a conjuntura complexa na qual consideram que se torna emergente lutar pela justiça climática, o coletivo tem dado suporte a diferentes causas por reconhecer o quão intrincadas se encontram, sendo

fulcral a aposta quer na sensibilização/educação quanto na participação cívica de um vasto número de cidadãos, conforme testemunho de João Costa:

Existem problemas muito estruturais na nossa sociedade – e isto a um nível global, não nacional, que existem sem dúvida mas... mas nós temos que resolver e aproveitar para resolver vários, portanto, de várias maneiras, não há uma maneira de o fazer, mas a maneira principal é através da educação, numa perspetiva mais a médio prazo, e outra é com a participação cívica, numa perspetiva mais a curto prazo. Portanto o envolvimento da Climáximo é muito isso.

Esta relação de interdependência que coexiste com a autonomia dos projetos foi identificável ao longo da nossa pesquisa, tendo reconhecido a forma como diferentes grupos e causas ativistas se reúnem por lutas comuns e contam com mútuo apoio, situação que aprofundaremos adiante.

A justificação para a cor vermelha, explica o coordenador, prende-se com o imperativo do limite do «qual não podemos passar» de 1,5°C indicados pelos cientistas, sendo igualmente inspirada nas «linhas vermelhas erguidas pelos movimentos sociais de Paris na COP21⁵» que «simbolizavam os dois graus de aquecimento – que na altura se pensava que era o aconselhável».

Desta forma, o projeto que visava dar visibilidade ao problema dos combustíveis fósseis e ampliar a participação cívica, promovendo protestos neste sentido, contou, na sua génese, com a inspiração de indivíduos e grupos que atuaram em prol dos mesmos fins.

A missão inicial da Campanha Linha Vermelha (doravante referida pela sigla CLV ou Campanha), segundo relatado pelo coordenador, era atingir outros públicos, sensibilizando para as questões do clima e ativando indivíduos para o protesto concreto à exploração dos combustíveis fósseis em território nacional, estando por isso focados inicialmente na luta pela anulação do contrato de exploração de petróleo ao largo do Algarve e, depois da anulação deste, no combate à possível exploração de gás prevista para a região centro (nas localidades de Bajouca e de Aljubarrota).

⁵ Conferência das Nações Unidas para as alterações climáticas, no ano 2015, ocorrida em Paris.

A escolha do craftivismo, conforme referido, decorreu da ampla receptividade observada num encontro informal, ainda que tendo como pano de fundo a emergência climática.

Pelas informações recolhidas, não existia, à data, nenhuma ação de protesto baseada no recurso a manualidades tradicionais com expressão a nível nacional, nem os coletivos associativos aos quais a Campanha se encontra afeta tinham, até ao momento, desenvolvido qualquer ação nesse sentido. Foi-nos relatado que no decorrer da Campanha, um dos grupos parceiros (de Aveiro) fez uso do recurso como protesto com finalidades locais para inviabilizar a construção de um parque de estacionamento no jardim do Rossio na cidade. Não foi possível apurar, porém, se este episódio se tratou de um reflexo do que havia sido realizado pelo projeto em estudo.

É de assinalar a prática disseminada por todo o território nacional, espelhando um movimento à escala mundial, que procede ao revestimento de árvores, postes e infraestruturas urbanas com crochet e tricôt, denominado *Yarn Bombing*, e cujo objetivo é despertar para a relevância da natureza em contexto urbano e/ou embelezar as cidades onde impera o betão, considerada esta uma forma de graffiti em tecido, segundo assinalam Angulo & Martinez (2016), sendo por isso um meio de protesto na medida em que alerta para a realidade circundante e para necessidades que são prementes. Consideramos este o fenómeno mais aproximado ao uso do recurso com fins sociopolíticos em termos nacionais, antecedente à Campanha constituída estudo de caso.

No que concerne à escolha das técnicas utilizadas, foi-nos, então, transmitido pela organização que a mesma se baseou em fundamentos concretos tendo em vista os fins a que se destinava como seja a sensibilização de outros públicos para as temáticas da causa e a consequente mobilização para as lutas que lhe estão associadas.

As manualidades tradicionais surtem um duplo efeito de protesto no sentido em que simbolizam, em si, a época pré-industrial na qual os bens têxteis (essencialmente vestuário, mas também outros) eram manufaturados em contraponto à gigantesca indústria têxtil contemporânea, fruto do sistema neoliberal vigente, e cujas repercussões ambientais são bastante nocivas. Esta foi a ideia genericamente transmitida por João Costa, quando questionado acerca do recurso de que dispõem para o protesto quer por intervenientes nas ações, quer quando interpelado pela

comunicação social (designadamente aquando da Marcha pelo Clima em novembro de 2019).

Outros entrevistados apontaram também a relação com a autossuficiência a que se associa a produção do próprio vestuário, relacionando esta prática com a expressão *Do it Yourself* (comummente referida na sigla DiY), cuja praxis expressa o potenciar da autonomia individual, sugerindo Carpenter (2010) a possibilidade de conferir aos praticantes competências e confiança para porem em curso nas situações que considerem necessárias. Também Newmeyer (2008) revela a resistência política a esta prática associada na medida em que chama a atenção para a exploração do trabalho desta indústria que opera a um nível global. Pode ainda ser reflexo da precariedade laboral contemporânea, tal como nos foi referido por Zélia Évora relativamente ao facto de algumas pessoas aproveitarem «os encontros de tricot para vender os seus trabalhos», sendo que a própria entrevistada relatou ter sido o desemprego a conduzi-la, numa atitude proativa, à criação do seu próprio posto de trabalho (é artesã e comercializa as suas peças, sobretudo através das redes sociais). Esta situação tem-se mostrado bastante frequente: muitos indivíduos canalizam as suas competências para antigos hobbies com o intuito de colmatar as dificuldades sentidas no (re)ingresso ao mercado de trabalho ou num esforço de substituição de uma atividade excessivamente absorvente com condições consideradas precárias, tal como referem Robertson & Vinebaum (2016, p.9) afirmando que o crescimento das manualidades é frequentemente associado ao ideal de *«utopian labour that often obscures real, exploitive, and gendered conditions of production.»*

Note-se ainda a consciência ecológica patente naquela premissa, pois a entrevistada referiu o elevado grau de poluição decorrente da indústria da moda, aspetos também apontados por outros intervenientes com os quais participámos em encontros, por exemplo uma ativista pertencente a um projeto que se debruça sobre os níveis de poluição associados a este mercado e os desperdícios do setor têxtil. Há, portanto, uma perspetiva da prática ativista inerente ao facto de se tricotar, não obstante os fins a que se destinam, conforme nos indica Jefferies (2016, p.28): *«Crafter are intent on spreading the message about the power of making objects by hand».*

Importa, também, salientar a relação da técnica manual com as potencialidades criativas, reconhecendo que a criatividade é um conceito multidimensional por requerer processos cognitivos, emocionais e interpessoais tal como nos afirmam Bahia & Trindade (2014), o que traduz a sua relevância para o desenvolvimento do indivíduo, logo da sociedade onde se insere. Este fator reveste-se de enorme

pertinência no caso em estudo, uma vez que o projeto visa informar e sensibilizar cidadãos para causas conexas às suas realidades, propondo assim a reflexão e o diálogo sobre as temáticas que apresentam.

Os coordenadores da CLV mostraram estar, assim, igualmente cientes da capacidade reflexiva que é estimulada pela atividade manual, tal como apontado por Carnac (2014, s/p) que questiona «*What does to you working and thinking process*»?; na perspectiva de Bahia & Trindade (2014) que indicam os processos cognitivos associados ao ato criativo; ou, mais além, no que concerne aos efeitos desses processos, tal como afirmado por Corbett (2017, s/p) «*raising awareness of an issue can encourage people to join a movement for change*». Segundo outra das nossas entrevistadas:

O objetivo da Linha Vermelha foi sempre utilizar uma técnica não agressiva e divertida para criar o espaço seguro para que possamos ter conversas ou mais serias ou mais complicadas porque, por exemplo, a questão científica é complicada, e criar aí uma abertura, quer com temas ambientais ou outros temas é muito utilizada à volta do mundo e resulta perfeitamente.

São variados os autores que salientam o potencial do craftivismo, que extravasa a possibilidade de atingir outros públicos, como bem ilustra Newmeyer (2008, p. 452):

An investigation of the meanings craftivists attach to their actions demonstrates a much broader tactical response to the dominant strategies of consumerist society, including a reevaluation of the domestic sphere, a rejection of the traditional means of protest, a linking of the political and personal, and the use of microtactics for subversion and resistance.

Daqui se depreende que o recurso a estas manualidades cumpria essa finalidade, somando igualmente a já referida intenção de atingir outros públicos, mobilizando os cidadãos. Como abordou a entrevistada, coordenadora do projeto:

(...) nós temos uma mudança e temos diferentes públicos alvo que queremos tocar e que façam essa mudança. Ou seja, se nós temos um formato típico de

ativismo em Portugal (...) também para pensar que há outros públicos que não estão a ser atingidos por esta mensagem e que têm a percepção de que, estes públicos, a mensagem é muito violenta e não tem de ser. (...) Eu acho que a Linha Vermelha aí, atenção não atinge todos os outros públicos que estão a ser excluídos, mas atinge alguns, por exemplo os mais velhos, as mulheres, as crianças que poderão ser uma ponte até para alimentar depois com os outros ativistas tradicionais.

Não se descurava, também, a possibilidade de sensibilizar as populações infantojuvenis com campanhas nas escolas, à data da recolha de informação para o início de 2020. Acresce ainda a referência de João Costa «Tricotar ou fazer crochet na rua, é hoje em dia um ato disruptivo...», considerando, portanto, como nos refere Jefferies (2016) que o trazer para a esfera pública esta atividade tradicional e historicamente afeta ao contexto doméstico gera, no imediato, impacto social.

Sobre a construção da linha - e tendo verificado que estão, à data, tecidos várias centenas de metros, que por si despertam a curiosidade dos intervenientes nas ações relativamente à finalidade última dos mesmos - e uma vez que registámos também a possibilidade de participar na sua elaboração à distância, auscultámos a organização acerca do objetivo concreto da sua produção. Fomos informados de que a Campanha conta atualmente com cerca de dois quilometro tricotados por várias dezenas de participantes e que o intuito será atingir os oito quilómetros, a fim de corresponder, simbolicamente, à profundidade dos dois furos de exploração de gás, previstos para a região de Bajouca e Aljubarrota.

De acordo com a informação dada pelos dois elementos do núcleo organizador da CLV a estratégia inicialmente adotada passou por fazer um levantamento de grupos de tricot a nível nacional, visando a partir da base de dados proceder a contactos para agendamento de eventos em coorganização. Dos cerca de 700 emails enviados, obtiveram resposta de apenas 1%. Este número, contudo, foi considerado razoável para o contexto ativista, pelo que prosseguiram com a organização de eventos. A estratégia de mobilizar um vasto número de cidadãos através destes contactos está também patente nas palavras da coorganizadora entrevistada: «porque a ideia era fazer o evento em parceria ou com um bar ou com a organização e, para eles

chamarem o seu próprio público, se nós fossemos a um evento diferente em cada cidade viria um público diferente».

Era intenção da Campanha envolver e empoderar as diferentes comunidades através da criação de parcerias para a coorganização dos eventos, como nos referiu João Costa:

Não seria tanto nós fazermos tudo e depois irmos lá fazer o evento e dar a informação e as pessoas irem lá só tricotarem, mas as pessoas também (...) as pessoas participarem também na organização do evento como...por exemplo não íamos pedir às pessoas para fazerem os materiais, como os *posts*, nós fazíamos, mas depois apresentávamos às pessoas várias hipóteses «olhem qual é que gostam mais, qual é que acham que faz mais sentido?», pedimos às pessoas depois locais onde nós poderíamos fazer os eventos e depois, dependendo da oportunidade das pessoas, ou eram elas a fazer as marcações, os agendamentos nos locais ou eramos nós, mas pronto, tentávamos sempre envolver as pessoas na organização do evento também, e na divulgação.

Com efeito, percebe-se o objetivo de envolver os vários intervenientes no projeto, promovendo a participação ativa, atribuindo ao recurso e à prática em grupo o potencial de empoderar coletivos o que, de acordo com Carpenter (2010) indica que a prática manual assim utilizada extravasa o lúdico, tornando-se num processo social de empoderamento de grupos, fortalecendo, deste modo, as redes locais e ativando a cidadania.

A divulgação nas redes digitais e todo o trabalho realizado anteriormente possibilitou, por conseguinte, uma ampla presença da Campanha em diferentes pontos do país e em eventos com características bastante distintas, conforme nos relatou o organizador:

Em 2018 foi quando conseguimos ter financiamento e conseguimos ter tempo, devido também ao financiamento que tivemos para nos dedicarmos a isto e portanto tivemos, num ano fizemos cerca de...foram 56 eventos que dá uma

média de 1 evento de 6 em 6 dias...nós fomos ao Porto, fomos ao Algarve, fomos a Coimbra... em Lisboa fizemos «n» eventos, fomos a festivais, fomos a Cascais, fizemos o Eco Cascais, portanto assim, feiras vá mais ligadas com a sustentabilidade, fizemos eventos muito diversos.

Na fase que antecedeu a intensa agenda, a Campanha fez-se valer da rede de contactos pessoais dos organizadores, designadamente nos encontros em Lisboa na RDA⁶ junto de ativistas, episódio relatado por uma das entrevistadas, bem como em «eventos mais pequenos, por exemplo em Leiria para ver como é que as pessoas aderiam». Esta estratégia deveu-se à falta de financiamento. De acordo com os testemunhos de ambos os coordenadores, até 2018 a Campanha não obteve financiamento próprio que possibilitasse a realização de eventos à escala nacional. A questão do financiamento da CLV foi por nós abordada desde a primeira entrevista com o intuito de compreender como se geria o projeto e que tipo de dependências lhe estariam afetas (designadamente eventuais relações com poderes políticos, aspeto que posteriormente desenvolveremos).

A apresentação que nos chegou, por via dos entrevistados, do percurso que o projeto fizera desde a sua génese, indicou de imediato a fragilidade de recursos e a perceção de que são as redes internacionais a tábua de salvação deste tipo de entidades que operam em território nacional, dada a escassez de fundos em Portugal destinados às áreas do ativismo ambiental.

Depois, a exposição da coordenadora acerca do propósito do seu ingresso na Campanha veio fortalecer a perceção de que os organizadores do projeto estão cientes da necessidade de conhecimento especializado e de procedimentos específicos que lhes permitam concorrer a financiamentos numa escala internacional. A mesma referiu-nos ser *campaigner* internacional, revelando alguma experiência no panorama europeu e acentuando a importância da profissionalização destes agentes que prestam um serviço. Acrescentou ainda: «a minha contribuição foi muito no sentido da estratégia a longo prazo, digamos, da estratégia de angariação de investimento.»

Constatámos também que as oscilações entre financiamento e inexistência destes recursos conferiu ao projeto a necessidade de adaptação para prosseguir a sua

⁶ Recreativa dos Anjos, associação que congrega vários grupos. Nos Anjos em Lisboa.

existência, mesmo em situações de privação de apoios, nomeadamente, e de acordo com o que nos foi indicado pelo organizador, em grande parte do ano 2019 por nós acompanhado. Verificámos, contudo, a capacidade financeira para assumir as despesas dos voluntários aquando de eventos que exigiam deslocações e refeições, tendo, para o efeito, o organizador proposto o pagamento das mesmas. Este fator revela a preocupação da organização de retribuir aos participantes, numa manifesta valorização dos seus envolvimento na causa.

Fomos informados de que todos os apoios financeiros de que a CLV dispôs até então provieram de ONG internacionais, nomeadamente de uma entidade norueguesa cujo financiamento possibilitou pôr em marcha o projeto anteriormente desenhado, direcionado ao público escolar. A rede global é assim imprescindível também para a aquisição de fundos e para as ligações entre parceiros e fundações, como seja a *Keep it in the ground* (<http://keepitintheground.org/>) que reúne mais de 400 grupos associativos a nível internacional e que apoia financeiramente projetos locais como o versado no nosso estudo.

O organizador da Campanha informara-nos no início de 2019, aquando da abordagem inicial para a presente investigação, que o ano transato tinha sido muito exaustivo no que concerne a organização e presença em eventos – ocorridos em diversos pontos do país - dados os recursos de que dispunham, sendo que «por questões de recursos e também de política», se preparavam para outras ações, não descurando a possibilidade de procederem a encontros com tricot, ainda que num registo diferente e em situações mais pontuais do que aquelas acontecidas em 2018. Esta foi a situação com a qual nos deparámos aquando do início da investigação no terreno.

Com efeito, pudemos verificar que, ao longo do período em que participámos regularmente das atividades da CLV, as estratégias desenvolvidas foram distintas das reveladas anteriormente. Apesar de participar pontualmente de eventos de tricot ou de feiras e encontros relacionados com a sustentabilidade – por exemplo o Festival «À procura do Novelo» nas Caldas da Rainha ou o «Organii Eco Market» em Lisboa – na sua maioria, no decurso do ano 2019 a Campanha marcou presença em ações de protesto e encontros ativistas. Baseados nos testemunhos da coordenação, foi possível inferir que este percurso se deveu a falta de orçamento que fizesse frente às despesas inerentes à organização e promoção de ações, à visão da organização relativamente ao móbil da manualidade, bem como às estratégias globais de luta pela justiça climática que foram intensificando uma urgência sentida pelos promotores da

CVL e que apelava a movimentos de massa, como sejam as Marchas pelo Clima coorganizadas com a Greve Climática Estudantil nas quais marcaram presença.

No que diz respeito às estratégias desenhadas para a Campanha e posteriormente postas em curso, foi possível identificar algumas disparidades entre os elementos da coordenação auscultados. Segundo nos foi referido por uma das entrevistadas, a evolução da CLV revela um certo afunilamento dos seus propósitos iniciais e das potencialidades que lhe eram inerentes, especificando a questão dos recursos utilizados, o tricot e o crochet. Para este posicionamento apontam igualmente outros aspetos observados, designadamente a mobilização de novos públicos que, segundo constatamos na estratégia de utilização do recurso manual junto de indivíduos previamente «ativados», limita as possibilidades e objetivos primordiais da ação - de sensibilizar e motivar para a causa ambiental pessoas que não se considerem ainda envolvidas ou de dar voz e incluir aquelas que não se identificam com outras formas de protesto e, por conseguinte, potenciar o fator inclusivo (apontado por Corbett, 2017 enquanto uma das mais valias do protesto gentil). Reforça, contudo, outros aspetos que consideramos igualmente relevantes no contexto em estudo como sejam o despertar para a preservação do património cultural, sensibilizar populações mais jovens para a importância das técnicas manuais tradicionais e ensinar a sua prática, propondo espaços de partilha, de cooperação e de reflexão conforme indicado por Greer, 2003 (citada por Corbett, s/d), Carnac (2014), Bahia & Trindade (2014). Recordar também a premissa de Shaw & Martin (2005, p.87) que nos remete para a importância de espaços onde se experiencia o comum: «*the notion of membership of a community suggests being a part of something bigger, society as a whole*».

Robertson & Vinebaum (2016, p.3) destacam: «*Whether bringing people together in physical or digital spaces or boths, artists are mobilizing textiles to spur interpersonal dialog and Exchange, and to educate, build community, and advocate for social change*».

Também Matoso (2017, p.11) afirma:

A cultura (...) deve ser entendida como capacidade ativa de cidadania, ou seja, como conjunto de ferramentas simbólicas e conceptuais que os membros de uma comunidade necessitam para lidar com a realidade difusa do mundo contemporâneo e para elaborar estratégias de vida coletiva.

Esses aspetos foram efetivamente observados junto das populações juvenis com as quais interagimos: há uma curiosidade e uma apetência para a aprendizagem destas manualidades com as quais estes públicos (entre 17 e 22 anos) não cresceram, designadamente alguns jovens envolvidos na Greve Climática Estudantil, bem como os participantes do acampamento ativista Camp in Gas - no qual houve espaço para ateliers espontâneos de tricot. Recorde-se também que de entre os cidadãos ativados para as lutas pelo clima, emerge inevitavelmente a preocupação pela sustentabilidade a que não é alheia, como referido, a redução do consumo, as redes locais de comércio e as práticas de autossuficiência, nas quais se enquadram as técnicas de manualidades com fio, bem como a sua comercialização. Ilustramos esta perspetiva com o seguinte testemunho de um jovem participante: «Eu sempre vi a minha avó tricotar, mas não pude aprender (...) Se calhar vou fazer uma camisola para o inverno. E ainda é mais sustentável do que comprarmos aquelas de fibra no chinês.». Também referimos a preocupação manifestada por Zélia Évora «se é muito barato é muito fácil comprar ou deitar fora», ou por uma jovem ativista com quem interagimos: «a minha avó sempre disse “não tenho dinheiro para comprar coisas baratas”» - no sentido de que se deveria apostar em ter pouco e de qualidade, combatendo assim a tendência consumista.

Salientamos, assim, que dependendo da estratégia em curso, também a metodologia da Campanha se mostrou versátil: se por um lado nas ações de cariz sensibilizador o procedimento observado partia de colocar as pessoas a tricotar para, enquanto o faziam, explicar o porquê da linha vermelha, o que se pretende, quais as causas, propósitos, quem são, donde vêm, ou seja promover a exposição e comunicação das mensagens inerentes ao projeto no momento em que os intervenientes estariam mais disponíveis para receber a informação, refletir e dialogar conforme assinalam Corbett (2017); Bahia & Trindade (2014) e Robertson & Vinebaum (2016) traduzindo-se em potencial transformador das sociedades; por outro, observámos que em ambientes nos quais os intervenientes demonstravam conhecimentos prévios e mobilização para a participação cidadã por conta dos objetivos ambientais afetos à Campanha, a prática do tricot surgia como complemento do próprio ato de cidadania, num reforço de sentidos de pertença apontado por Shaw & Martins (2005) ao relacionarem o potencial da empatia e do sentimento para os processos de cidadania. Igualmente Luvizotto (2016, p. 298) aponta esta dimensão: «A participação é uma ação social coletiva, que possui em sua gênese uma série de características, dentre as quais, pode-se destacar

suas estratégias de ação, sua organização, a historicidade, os laços e as identidades compartilhadas.»

Alguns elementos aproveitavam para aprender, outros para contribuir para a produção de mais alguns centímetros de linha com o intuito de participar na Campanha por Ihe reconhecerem validade. Curioso referir que foi possível observar um crescendo de interesse na técnica manual por parte dos ativistas, notando inclusivamente, em alguns, um investimento na prática tradicional e um interesse em trazer para os eventos o seu próprio material, supondo que haveria oportunidade de tricotar com o grupo da CLV, como foi o caso de uma jovem ativista com 17 anos que esteve presente em vários encontros em que participámos; um seu colega que entretanto começou a acompanhá-la; uma ativista, professora com cerca de 45 anos, que aprendera a tricotar num dos eventos da Campanha; e uma participante que exerce cargo político e nos relatou ter participado inicialmente num dos encontros promovidos por um grupo de tricot. Estes exemplos denotam uma consciência identitária comum tal como assinalada pelos autores supracitados. Neste sentido, reconhece-se assim o duplo papel do recurso criativo/manual, considerando que em ambos os casos o mesmo cumpre o objetivo de democratização/ativismo cultural (Santos & Pappámikail, 2017 e Matoso, 2017).

A cimentar esta ideia, refira-se a posição de Black (2017, p. 707-708):

Holding these two sides together – the critical and the creative – perhaps new strategies for using craft towards substantive, collaborative justice, or, as Livingston (2017) posits, towards a “dimensionless mesh of justices” which the “rights” of all are fought for in creative and considered ways, will become more tangible.

Considerando o que nos foi sendo relatado e, também, o que pudemos observar diretamente, a Campanha em estudo decorre num contexto idêntico ao acima referido. Note-se também a este respeito a visão cooperativa associada particularmente à execução da linha, podendo atribuir ao objeto uma autoria coletiva que reflete, indubitavelmente, participação social. O facto da mesma ser elaborada por diferentes pessoas oriundas de diferentes partes do globo, torna ainda mais relevante a transnacionalidade do projeto bem como fortalece esta consciência coletiva planetária que vai crescendo, igualmente fruto dos meios tecnológicos de que se dispõe, como

concluído no estudo conduzido por Cardoso, Costa, Coelho & Pereira (2015) que aponta o sentido identitário europeu e mundial, revelando ampla participação e mobilização de cidadãos proporcionada pelo meio e geradora de novas modalidades de ação coletiva segundo Estanque, Costa & Soeiro (2013) e traduzindo a emergência do trabalho e uma «forma de unidade, na reunião em torno de um objeto comum» em conjunto como referido por Marques e Neves (2017, p.20).

Este aspeto foi visível ao longo do ano em que acompanhámos a Campanha, estando também patente no seu site, onde o registo das participações possibilita constatar que a constituição da linha é fruto da participação individual e de pequenos coletivos, somando pelo menos várias dezenas de pessoas e operacionalizando a criação artística e cultural numa abordagem cooperativa preconizada por Shaw & Martin (2005).

Parceiros: entidades envolvidas, perspetivas, finalidades e diferentes formas de envolvimento de particulares

A primeira etapa do projeto foi amplamente marcada pela cooperação com parceiros associados ao tricot e ao crochet, parecerias estas decorrentes da extensa base de dados construída pela Campanha bem como de posteriores contactos realizados.

Os perfis destes participantes, assim como os seus graus de envolvimento, diferem tanto quanto o tipo de evento observado e, por conseguinte, estão em estreita relação com o grupo a que se associam.

Nos grupos de tricot e de crochet observa-se uma presença maioritária de indivíduos do género feminino, e idades genéricas compreendidas entre os 40 e os 70 anos, segundo nos foi transmitido tanto pelos coordenadores, como pelos organizadores de eventos com quem dialogámos. De acordo com os seus relatos, estes grupos não têm uma composição fixa (alguns grupos estão, entretanto, extintos), sendo que os elementos vão oscilando, ainda que possa, eventualmente, perdurar um núcleo mais estável. No que concerne ao número, na sua maioria oscila entre uma e duas dezenas, consoante o grupo e variável por encontro. Na generalidade, o intuito primordial da constituição dos mesmos prende-se com o combate ao isolamento das pessoas desta geração e partilha de saberes tradicionais.

Do que nos foi possível auscultar, com os diferentes grupos com os quais pudemos interagir, o que motivou a formação dos mesmos foi essencialmente a promoção da socialização de uma geração tendencialmente isolada (seniores). Este foi o relato da

organizadora do Gang da Malha, por exemplo, que transmitiu ter sido abordada por um amigo a sugerir-lhe que criassem um projeto para «tirar as pessoas de casa à noite para não ficarem a ver a novela (...) e vamos ocupar os cafés (...) o objetivo passou por tricotar, portanto, trocar a novela pelo novelo». Também nos Açores, o organizador do grupo da ilha do Pico manifestou que o propósito da criação do grupo fora reunir pessoas para partilharem saberes relativos às manualidades tradicionais. Os entrevistados também referiram o fenómeno da intergeracionalidade pelo facto de surgirem nos grupos alguns elementos mais jovens que a estes se reuniam com o intuito de aprender e/ou desenvolver as técnicas manuais, como afirma Zélia Évora acerca do Gang da Malha, o grupo de tricot que cooperou com a CLV:

Sim, no início vinham muita gente que não sabia tricotar. O que acontecia é que se tornava difícil para mim estar a ensinar tanta gente. Portanto o que passou a acontecer era as pessoas sentavam-se e...havia partilhas sim, porque nós não eramos uma escola de tricot, não é? De qualquer forma acabámos por ser porque como eramos um grupo e havia trocas.

Ambos os coorganizadores com quem dialogámos relataram terem sido abordados pela Campanha no sentido de participar, realizando um desses encontros subordinado ao tema, com a presença dos organizadores da CLV ou apenas indicando que elaborariam linha vermelha para o efeito, expondo as preocupações ambientais afetas à Campanha.

A participação dos grupos no projeto em estudo é, assim, maioritariamente decorrente dos contactos por este realizado sendo que, em certos casos, a iniciativa teve origem no próprio grupo ao tomar conhecimento da Campanha, sobretudo por intermédio das redes sociais.

Sobre as volições, foi-nos transmitido que estes participantes, na sua maioria, apreciando o tricot/crochet, transferiram apenas a prática da esfera doméstica para a esfera pública, legitimando a sua arte de acordo com Vinebaum (2016, p.7) ou fortalecendo os sentidos de pertença conforme nos indica: «*Shared work also strenghtens groups cohesion and fosters social bounds*». Objetivam potenciar a sociabilização e cooperação e a partir do que é comum, conforme anteriormente assinalado a partir dos autores citados dos quais destacamos Shaw & Martin (2005) e Corbett (s/d). Não estão, na generalidade dos casos, sensibilizados para as

questões afetas à Campanha sendo que, talvez por isso, praticamente nenhum manteve contacto posterior com o projeto.

Refira-se, desde já, que nos foi comunicado a excecionalidade desta temática juntos dos grupos de indivíduos, tendo a Campanha surgido pontualmente ao longo das suas reuniões. A este respeito transmitimos também o relato que nos chegou de uma pessoa que tivera contacto com o grupo nos Açores e confirmara ter participado na elaboração da linha vermelha, sem poder ao certo explicitar o propósito daquela ação, indicando, assim, a inconsistência da mesma, aspeto que desenvolveremos posteriormente.

Foi, deste modo, referido o empenho pontual das intervenientes, embora tenham acentuado o fator momentâneo, o que vem ao encontro do manifestado pela coordenadora do projeto. Relatamos, porém, um episódio em particular que nos foi transmitido pelo organizador da Campanha relativamente ao efeito gerado num grupo de tricot em Aveiro, presentemente extinto:

Foi uma senhora da Universidade Sénior (...) ela ficou super sensibilizada com a questão...lá está, não só com a questão de cá em Portugal mas sobretudo do...porque é que eles querem fazer aqui quando a nível mundial está a haver toda uma nova narrativa, está a haver...pá e tem de haver um compromisso de não fazer novas infraestruturas de combustíveis fósseis, então porque é que nós vamos começar aqui, não é? Pronto, e ela, aquilo tocou-lhe mesmo muito, ela ficou mesmo indignada, tanto que depois as pessoas da Universidade Sénior (...) ela pediu às pessoas da universidade o meu contacto e ela ligou-me e disse: «João temos mesmo de fazer outra coisa aqui pá!» (...) e ela disse que as amigas todas dela lhe ligaram e disseram «então como é que é? Estamos a fazer a linha vermelha e eles agora vão fazer isto, como é que é?» - pronto e foi o que ela disse, elas nunca iriam falar, elas nunca iriam dar atenção aquele assunto se não fosse a linha vermelha.

Nesta fase existiram também encontros coorganizados com outros projetos e associações culturais de índole distinta - por exemplo em Évora com a parceria do Pé

de Xumbo⁷ - e nos quais o público diferia daquele vinculado aos grupos de tricot. Esses grupos revelavam à partida um maior interesse e conhecimento das alterações climáticas e na sua relação com o combate à exploração dos combustíveis fósseis. As idades dos grupos eram, também, particularmente inferiores (rondando os 25 e os 60 anos). Registou-se nestes casos uma maior afluência quer de crianças, quer de homens que se dispuseram a aprender a tricotar. Tratava-se, portanto, de um público distinto no que concerne a idades e género e, eventualmente também por isso, no que concerne a conhecimento e sensibilização prévia - note-se os estudos Schmidt et al. (2011) e Cardoso, Costa, Coelho & Pereira, (2015) acerca de idades e escolaridade na relação com preocupações ambientais e mundividência, respetivamente, assinalando as gerações mais jovens enquanto as mais ativas nestes campos. Nestes situações, segundo nos relataram, a maioria dos elementos do género masculino (entre os 30 e os 40 anos) dispôs-se ainda a aprender, apontando-se a disponibilidade ao facto de estar a acompanhar crianças ou motivado pelo exemplo do coordenador da Campanha que ao tricotar incentivaria os pares sentindo-se, porventura, estes menos expostos a preconceitos e mais propensos a aderir ou a experimentar.

Acresce também a presença em Feiras e Festivais - nomeadamente no Boom Festival⁸, em Idanha-a-Nova e mais recentemente estiveram, pelo segundo ano consecutivo, no Organii Eco Market⁹ -, nas quais a Campanha tem marcado presença através de bancas e/ou de oficinas de tricot. Sendo frequentadas por públicos mais consciencializados das questões ambientais, ainda assim, a sua amplitude conduz a um propósito distinto daquele objetivado para encontros de menor dimensão. Assim nos transmitiu a coordenadora na entrevista:

Fomos testando com diferentes tipos de eventos, por exemplo fomos a estas mega feiras de ecomarket etc que são milhares de pessoas e aí é mais uma campanha de informação que nós estamos a fazer do que propriamente termos a possibilidade de estarmos a desconstruir... ou baixar as defesas das pessoas, com algumas dá, mas é tão massificado.

⁷ Associação promotora de eventos, formações e festivais dos quais se destaca o Andanças

⁸ Organização que se dedica à realização de um festival de música e temáticas ecológicas e reúne milhares de indivíduos das mais diversas nacionalidades

⁹ Mercado anual realizado em Lisboa que reúne bancas, palestras e oficinas associadas à alimentação orgânica e a estilos de vida eco-sustentáveis.

Também nós, através da participação em alguns encontros deste género pudemos identificar este mesmo objetivo, dando como exemplo precisamente o Organii Eco Market de outubro de 2019 no qual a CLV esteve presente com uma banca e uma oficina de tricot facilitada por duas das mais assíduas voluntárias. Tal como referido pela entrevistada, nesta situação limitámo-nos a recolher contactos e divulgar a existência do projeto. Também o coordenador em funções nos manifestara ser esse o principal propósito da presença do projeto neste tipo de encontros: «angariar mais contactos para as redes sociais».

Também de aludir à presença do projeto nas Marchas pelo Clima e nas Manifestações juvenis onde se constatou, por isso, a participação de elementos mais jovens. Esta situação foi igualmente registada no acampamento Camp in Gas no qual os participantes nas ações espontâneas da CVL, conduzidas pela iniciativa da voluntária mais regular, revelaram a presença maioritária de jovens entre os 16 e os 25 anos. Nestes grupos, observou-se um maior equilíbrio de géneros.

O tema dos perfis de grupos de ativismo tem sido amplamente estudado. No entanto, as particularidades da investigação, do objeto em estudo, as distintas estratégias conduzidas pela CLV e a conseqüente diversidade de destinatários das ações traduz-se em perfis de participantes com um elevado grau de dispersão no que concerne a faixas etárias, género, grau de escolaridade e comportamentos sociais. Referimo-nos, portanto, em termos genéricos aos grupos de indivíduos e, quando aludindo a particularismos, estes apenas no que respeita aos intervenientes que marcaram presença mais regular nos eventos por nós participados.

Como referido acima, a presença nas ações da CLV é essencialmente feminina, com idades que variam entre os 25-60 nos grupos de cariz ambientalista e os 40-70 nos grupos de teor cultural.

No que respeita a elementos masculinos, do que nós observámos tende a incidir na faixa etária 20-45 anos, pese embora existam casos particulares em que verificámos a participação de elementos mais velhos, designadamente no Feiriarte e que se envolveram na prática de tricot.

Julgamos que, tanto nos grupos acima descritos quanto no que concerne aos elementos do género masculino com os quais interagimos no decurso de 2019, há uma tendência para participar da prática também num reforço propositado de novas formas de masculinidade, conforme nos sugere Kelly (2013, p. 135): «*for male knitters, knitting can be a site of contestation through challenging traditional definitions of masculinity*» ou simplesmente corroborando a teoria de Newmeyer (2008, p. 440) de

que as técnicas manuais estão paulatinamente a tornar-se uma prática de género indiferenciado: *«I argue that increasingly crafts are becoming albeit slowly, degendered, as recente media coverage of men and boys knitting demonstrates»*.

Importa sobre o género referir que em toda a investigação não observámos qualquer intenção de vincular mais especificamente o projeto ao género feminino ou pendor para relacionar o mesmo a lutas feministas. Muito pelo contrário, verificámos um objetivo claro de desconectar as práticas do domínio da mulher, para o qual a presença do coordenador foi fundamental, de acordo com o que foi acentuado pela sua ex-colega. Também na divulgação dos eventos, houve sempre o cuidado de difundir imagens nas quais constassem elementos masculinos, segundo nos comunicou, conforme se lê:

No entanto, nos eventos nós tentávamos sempre ter homens a tricotar e ensinar homens a tricotar – especialmente velhotes muito curiosos - e nós também aliás na nossa comunicação e também nas fotografias pôr homens nas fotografias... obviamente que na prática na realidade teríamos mais mulheres a tricotar mas nós tentávamos mostrar ou passar esta imagem que era de que havia equilíbrio de géneros, que é visualmente as pessoas são muito visuais.

A este respeito, João Costa transmitiu:

Sim, aliás nós temos essas três causas que é: a causa ambiental, a causa do tricot e do crochet, e a dos preconceitos - que o simples facto de nós estarmos num café ou na rua a fazer crochet é uma revolução brutal na mente das pessoas, eu próprio inclusivamente quando tenho, quando ando com material no comboio ponho-me a fazer eu pareço...eu olho para as pessoas e elas...umas riem-se, outras ficam a olhar para mim como se eu, como se fosse fazer qualquer coisa muito estranha...

Registámos ainda o relato de duas participantes da CLV no Feiriarte, ambas com percurso no ativismo, uma, e na política, outra, que abordaram as questões de género e a luta feminina associada ao tricot, aspeto para o qual ambas se revelaram

perentoriamente contra, considerando essa uma visão redutora do tricot ao vinculá-lo às lutas de mulheres. A ativista demonstrou-se, inclusivamente, desagradada com o facto de estarem a surgir mini-grupos dentro da luta pelo clima – nomeadamente «grupos feministas que se estão a juntar e simultaneamente a destacar como se a luta climática fosse uma luta feminina». Há, portanto, esta necessidade de se distanciarem da visão que consideram distorcida, numa perspetiva inclusiva e que aparenta por isso fugir à questão de género, abraçando o que é comum.

Ainda no que respeita aos elementos femininos, compete-nos notar que além das senhoras cuja prática lhes é quotidiana e, portanto, aderiram ao encontro da Campanha Linha Vermelha - frequentemente sem sequer se envolverem no motivo em questão, como nos foi relatado em relação ao grupo dos Açores, bem como por Zélia Évora no que respeita aos grupos das Caldas da Rainha e Pombal - surgiram igualmente nestes encontros (nomeadamente os desenvolvidos por associações e/ou em cafés) indivíduos do género feminino cujas características pessoais as mobilizaram a participar por sentirem/reconhecerem no tricot um elemento protetor. São, assim, as pessoas introvertidas que, não se identificando com formas de luta/protestos aguerridos e que impelem a uma exposição pessoal que lhes é incómoda, veem na Campanha Linha Vermelha um modo de participar em prol de causas nas quais se reveem e, segundo Corbett, (2017, s/p) «*Activism needs introverts*». Foi por exemplo o caso de uma interveniente com a qual participámos num dos eventos e que verbalizou precisamente isso: «eu fui a um encontro da Campanha Linha Vermelha porque incluía tricot, eu não aprecio multidões e sinto-me bem a fazer malha e sou interessada em ecologia e por isso fui», bem como de Zélia Évora que afirma não gostar de participar em manifestações: «Normalmente não escolho ir a manifestações em que há cartazes, não costumo ir. Não é a minha praia», embora se considere sensibilizada, também afirma «eu não gosto de dizer que sou ativista». Parece-nos, portanto, que este é um fator importante no caso em estudo.

O protesto gentil reveste-se, assim, deste potencial agregador de cidadãos que necessitam de outras formas de ativismo quer por aspetos relativos à sua personalidade (Corbett, 2017), quer por motivos de conciliação com a vida pessoal, conforme nos indica Newmeyer (2008). Consideramos também relevante para este tema o facto da maioria das pessoas que se mobilizou para participar da Campanha no evento da Feiriarte não estar presente no acampamento ativista da semana seguinte. Também de salientar que algumas das intervenientes naquele encontro manifestaram estranheza pela nossa participação neste, por conhecerem o nosso

campo de estudo e denotando o propositado distanciamento a práticas ativistas mais aguerridas.

Destacamos também a questão laboral respeitante ao grupo de participantes que marcou presença mais regular nos encontros por nós participados, por termos identificado alguma transversalidade neste aspeto, sobretudo em relação aos elementos mais mobilizados na CLV. À exceção de alguns intervenientes com profissões diversas (professores, técnicos de planeamento em autarquias, administrativos), o núcleo duro que marca presença nas diferentes atividades promovidas e/ou participa da própria organização da Campanha encontra-se em situação laboral deficitária. É, por exemplo, o caso do organizador que manifestou alternar entre auferir remuneração - se e quando há financiamento - e depender de apoios sociais legítimos (subsídio de desemprego), afirmando ter estado grande parte do período em que decorre o projeto, em regime voluntário. Outro caso de destaque refere-se ao elemento voluntário mais regular nos eventos da Campanha que se encontra em situação de desemprego prolongado.

É, assim, um contexto que se generaliza a cerca de uma dezena de indivíduos com os quais interagimos (ou desempregados ou com bastante precariedade laboral, designadamente em part-time ou sem contratos de trabalho). Consideramos este aspeto de relevo para o presente estudo, dentro do enquadramento referido, acentuando que são as condições genéricas de vida que enformam interesses e mobilizações sociais, podendo as mesmas afunilar numa temática, não obstante a mesma representar a ponta de um iceberg, conforme notado por Matos (2015) no que concerne às noções de debilidade democrática (os cidadãos que não veem os seus direitos garantidos, as suas aspirações ouvidas) ou num desespero pelos «males» gerados, conforme indica Beck (2017).

De entre as pessoas consideradas ativadas pelas questões ambientais, surgem nuances relativas às preocupações específicas e refletidas nos seus comportamentos/escolhas quotidianos. Verificámos, por exemplo, a prevalência de opções alimentares vegetarianas e/ou veganas no núcleo mais ativista, motivados essencialmente pelas questões ambientais, pese embora uma das entrevistadas nos tenha alertado para os distintos focos que uma mesma preocupação possa gerar na seguinte afirmação: «acho horrível os animais estarem nas condições que estão, a morrer... portanto eu consigo considerar ser vegetariana (apesar de não o ser), já não consigo considerar usar um fio que seja de plástico». Importa, assim, atestar que convicções partilhadas por um mesmo grupo se possam expressar de distintas

formas, em preocupações frequentemente associadas, ainda que diferentes, gerando deste modo comportamentos pessoais particulares. Consideramos essa uma diversidade reveladora do potencial inclusivo e geradora de empatia, aliás observado nas dinâmicas nas quais participámos.

Sobre as crianças foi-nos transmitido tanto pelos diferentes entrevistados, bem como pela voluntária com presença mais regular, que estas revelam bastante curiosidade e interesse em aprender, representando por isso um excelente intermediário para despertar as suas famílias e poder comunicar a mensagem da Campanha. Zélia Évora apontou o importante papel que as crianças podem ter neste momento perante a emergência de mudança:

Penso que é mais fácil por exemplo a minha miúda perceber o que estava a fazer, não é? Porque depois nós estamos a falar em casa e dizemos: «sabes, isto é, porque agora vem aí, querem fazer furos em Portugal e olha lá e isto...» não é? Porque as pessoas que fazem tricot, a maior parte delas antes de perceberem que ... a vastidão do que é o petróleo, é difícil de explicar... a minha mãe, se pensarmos em petróleo ela vai pensar que nós precisamos de gasóleo e dessas coisas; se eu lhe dizer que aquilo é a causa de existir plástico não sei quê, ela já vai pensar «tanto plástico de facto, o planeta, o lixo», não é? E nós temos de indicar isso às pessoas e eu estou convencida que só atacando as gerações novas (...) Agora. Estas crianças é que... é que vão ser.

Assim, pode afirmar-se que o perfil dos participantes da Campanha Linha Vermelha tem sido bastante diversificado, uma vez que os contextos diferentes proporcionam o acesso a públicos distintos. Concebemos, ainda, que não foi identificável a exclusividade de um elemento comum à mobilização em geral, sendo que, em alguns casos, o móbil foi a causa ambiental e, em outros, a prática manual tradicional. Consideramos, contudo, que foi verificável uma estreita interdependência entre ambos os fatores: na maioria das situações os praticantes de tricot tiveram assim a oportunidade para se esclarecer das questões relacionadas com as problemáticas do clima; e os previamente informados tiveram a possibilidade de aprender a técnica manual, reconhecendo que a sua prática também reflete conhecimento e

consubstancia o ativismo ambiental (Newmeyer, 2008) e numa perspetiva inclusiva (Corbett, 2017), proporcionando a aquisição de competências que, de acordo com Carpenter (2010) são eventualmente extrapoláveis para outros contextos e dinâmicas sociais.

No que concerne à escolaridade dos intervenientes, esta é também bastante diversa, apontando-se um maior nível académico nos elementos mais jovens, porém, não em todos. Por exemplo o coordenador bem como uma das coorganizadoras de eventos entrevistada referiram precisamente o seu grau de escolarização (culminando no ensino secundário), desvalorizando a perspetiva de que são os mais escolarizados os cidadãos mais ativos.

Porém, independentemente do nível de ensino, observámos uma relação entre o domínio das tecnologias e a capacidade de recolher informação designadamente na pesquisa e candidatura a fundos - seja por parte dos agentes da CLV, seja por outros ativistas com os quais interagimos -, e fundamentar posições revelando as gerações mais jovens (entre os 20 e os 45 anos) estar melhor informadas sobre as alterações climáticas e sua relação com as questões da justiça social, o que vem ao encontro do estudo Sociedade em rede conduzido por Cardoso, Costa, Coelho & Pereira (2015) que indica que estas faixas etárias se encontram mais voltadas para o mundo estando, por isso, melhor preparadas para os imperativos do mundo global.

Embora, na sua maioria, estes ativistas revelem ligação às redes sociais, houve também alguns elementos que acentuaram o seu propositado distanciamento das vias de informação e comunicação virtuais, apesar de reconhecerem a sua utilidade. Por exemplo um ativista experiente afirmou: «Eu não tenho Facebook, nem Instagram. Não tenho. Não ligo e acho um desperdício. Mas sim, é verdade que às vezes são os amigos que me avisam que há cenas a acontecer».

Redes digitais e globalidade

A globalização é um tema inevitável no contexto em estudo. Todo o panorama das alterações climáticas nos remete obrigatoriamente para a realidade global. Também o aspeto específico da exploração dos combustíveis fósseis e da transição energética apela a uma observação de cenários simultaneamente nacional, europeu e mundial. De recordar que a própria empresa à qual o projeto em estudo diretamente combate é uma multinacional com sede na Austrália. Acresce ainda as formas de luta com os olhos postos nos organismos internacionais e, como referido, o recurso expressivo da

Campanha, cuja inspiração da própria linha se associa à linha vermelha ostentada na manifestação em Paris durante a COP21.

Daqui decorre a transnacionalidade inerente aos propósitos do caso em estudo e que surge no seguimento da tomada de consciência de uma emergência à escala global, condicente com a teoria explana por Beck (2017) e sintetizada na sua expressão «catastrofismo emancipatório».

Pudemos observar que a rede digital foi fundamental para o desenvolvimento do projeto, conforme corrobora João Costa:

A Campanha aliás, se de hoje para amanhã acabarem as redes sociais a Campanha fica muito morta porque nós utilizamos muito as redes sociais não só para descobrir novos grupos, para depois participarem na linha vermelha seja em que moldes for, como também para comunicar não só coisas relacionadas com a Campanha, mas coisas relacionadas com a causa.

Para sustentar esta ideia acrescentamos a afirmação de Luvizotto (2016, p.299):

Estas ferramentas estão redesenhando e redefinindo a criação e a disseminação do ativismo social online, criando novas e interessantes oportunidades de transmissão mais personalizadas, sociais e flexíveis, com carácter de compartilhamento de informações. Por meio da internet pode-se ultrapassar a censura ideológica e as políticas editoriais dos meios de comunicação tradicionais como a televisão, o rádio, a mídia impressa.

Importa, perante esta visão dos meios tecnológicos enquanto potenciadores de conhecimento através da disseminação de informação, referir que em diferentes situações enquadradas nos eventos organizados ou coorganizados pela CLV, não obstante se verificar a presença de meios de comunicação tradicionais (jornais e cadeias de televisão), em certos casos, a mensagem difundida ficou aquém do que efetivamente ocorreu, designadamente na marcha contra a empresa que detém o contrato de exploração de gás na localidade da Bajouca a 21 de julho de 2019, relativamente ao número de participantes a informação transmitida foi manifestamente inferior à adesão observada e contabilizada pelos organizadores e por nós. Neste e

noutros casos, as redes sociais possibilitaram à CLV a divulgação de registos fotográficos e outros, num esforço para informar o cidadão. A Campanha faz igualmente uso dos meios digitais para partilhar artigos jornalísticos e científicos (nacionais e de outros pontos do globo) que robustecem as suas causas.

Conhecemos, também, ao longo da investigação, projetos jornalísticos e de informação independentes que visam a transmissão de temas e ações da sociedade civil, fundamentando o seu papel na ideia de que os meios tradicionais nem sempre asseguram a passagem da informação. Referimos a título de exemplo o projeto Fumaça (<https://fumaca.pt/>) por termos verificado a presença deste grupo em vários encontros ativistas, assegurando a comunicação dos mesmos. Acrescente-se o coletivo PTrevolutionTV (<https://ptrevolutiontv.coletivos.org/>) que proporcionou a gravação vídeo de diferentes eventos por nós observados, bem como a sua difusão por via das redes sociais.

Foi verificado este fenómeno não apenas no que respeita à Campanha em estudo, como numa esfera mais alargada em diferentes projetos e coletivos ativistas à mesma interligados, expressando o potencial da Internet para o reinventar de formas de ação coletiva nesta sociedade composta por indivíduos. Estanque, Costa & Soeiro (2013, p.33) referem:

Operating through social network and reaching «dissident» social circles that are far beyond the «core groups» that in each context act as organising pivots, these mobilizations were, in most of cases, quit fluid and volatile, that move and circulate like links in a transmission chain of energy, enablers of social-political dynamism.

Acresce assim o facto dos coletivos, em rede, se disporem a partilhar as ações de parceiros, a fim de potenciar o conhecimento das mesmas junto da sociedade civil.

Ocorreu, também, que à medida que as ações decorriam, ao serem promovidas e divulgadas nas redes sociais, geravam mais convites e apelos à colaboração com a Campanha. Segundo o organizador:

A partir do segundo semestre foi tudo muito mais orgânico porque nós começámos a ter de recusar convites porque tínhamos muitos convites para ir

a muitos lados e tivemos que começar a priorizar e pronto, e mesmo assim fizemos muitos eventos, foi muito cansativo, o ano passado foi muito cansativo.

A relevância da internet para a comunicação e divulgação de eventos desta índole fica, assim, também confirmada pela experiência que nos relata o organizador da Campanha, vindo desta forma ao encontro do que foi por nós observado. Está, então, patente o impacto das redes sociais na promoção e divulgação das ações, tal como nos refere Luvizotto (2016), Cardoso, Costa, Coelho & Pereira, (2015) e Estanque, Costa & Soeiro (2013), passando as tecnologias a desempenhar «um papel primordial no desenvolvimento social e de cidadania.» (Peruzzo, 2007, p.52). A referir que no contexto ativista esta matéria está devidamente estudada e, atendendo às suas potencialidades, há inclusivamente formação para as ferramentas digitais conforme nos refere a coordenadora: «por exemplo em 2014 estive num campo em Berlim, organizado pela Green Peace e pela Amnistia para exatamente técnicas digitais para *campaigner* profissional e esse tipo de coisas».

A internet revela-se, assim, um importante fator congregador de interesses, bem como de partilha e divulgação. Este aspeto é-nos igualmente reportado pelo grupo de parceiros que pudemos auscultar. No que concerne ao Gang da Malha, por exemplo, todos os encontros eram divulgados nas redes sociais. Também a organizadora aponta o fator identitário associado ao mundo digital, referindo «formam-se uma espécie de nichos».

Patente no calendário de eventos (de possível consulta no sítio da Campanha <https://linhavermelha.org/info/noticias/>) está a preocupação de revelar a transversalidade ao território português (mapa: <https://linhavermelha.org/mapa-linha-vermelha/>), demonstrar também que há uma preocupação internacional e que há uma união em prol desta causa, quer ao nível nacional quanto em parcerias com grupos de outras nações, o que é verificável nas relações com outros coletivos. Destacamos - por ter sido o evento com maior expressão de entre os que acompanhámos - o acampamento ativista que contou com a presença de vários ativistas nacionais, mas também estrangeiros, com proveniências várias como sejam Suíça, Reino Unido, Espanha e EUA. Igualmente visível a intenção de revelar a dimensão da problemática na estratégia da Campanha que se constata na divulgação da proveniência dos diferentes intervenientes do projeto, designadamente na ação que teve lugar na Bajouca e no vídeo ali gravado (<https://www.facebook.com/305580556479564/videos/522633754943433/>) ou nos

registros do site. Tal facto aponta a construção de uma cidadania transnacional referida por Bastiani e Pellenz (2015, p.265), enquanto «uma necessidade e um desafio dos novos tempos» acrescentando também: «Observa-se como a Cidadania agrega novas possibilidades e figura como modelo transnacional mais coerente, capaz de responder aos novos desafios do século XXI» (2015, p. 262).

Para efeitos de financiamento, o meio digital e a perspetiva da transnacionalidade também das problemáticas/causas é, portanto, essencial. Pudemos constatar que as gerações mais ativamente envolvidas nos movimentos (entre os vinte e os quarenta anos) se fazem valer dos recursos digitais na pesquisa de fundos e concurso a financiamentos numa escala além-fronteiras. «Há muito dinheiro, é preciso é procurar» afirmou João Costa e outra ativista com quem interagimos. Estes factos são condicentes com a análise de Cardoso, Costa, Coelho & Pereira (2015) relativamente às gerações mais conectadas em rede e com sentidos de pertença à Europa e ao Mundo prevalecendo sobre a nacionalidade, o que lhes possibilita uma mundividência mais vasta e o acesso a condições inexistentes no panorama nacional.

Recolhemos também, de uma palestra assistida no Camp in Gas, a perspetiva de uma oradora suíça - do coletivo Gastivists, no seu sítio podem consultar-se as lutas ambientais que travam em vários pontos do planeta, constando ligações a grupos nacionais (<https://www.gastivists.org/>) - que, a propósito da transversalidade, relatou uma experiência recente do coletivo. Pouco tempo após terem celebrado o cancelamento de um contrato de exploração de gás numa região do planeta, tomaram conhecimento que a mesma empresa deslocalizara o investimento para uma região de Moçambique, país já amplamente afetado pela crise climática, fazendo assim valer a relevância de uma união de esforços em prol dos fins a que se propõem, e que creem dizer respeito a toda a humanidade, em última instância ao planeta. Sustentamos este fenómeno com a seguinte referência de Beck (2017, p.162-163):

No tempo da comunicação digital, a sociedade de risco mundial corresponde a uma dinâmica estrutural importante através da qual os riscos criam novas formas de «comunidades» (...) Os desastres em grande escala ocorrem em toda a parte, mas só mostram o seu potencial emancipatório com o poder das imagens públicas, que criam uma esfera pública global, um tipo de público categoricamente diferente daquele que está preso na perspetiva nacional.

Podemos observar uma interação: os riscos globais criam públicos globais, e os públicos globalizados tornam visíveis e políticos os riscos globais.

Notamos a importância concedida à transnacionalidade também ao observar a informação disponibilizada em diferentes línguas na página oficial do Camp in Gas, evento que, como referido, contou com a participação de cidadãos de diferentes países. Para atestar o contributo do meio tecnológico e da cidadania digital, transcrevemos Gonzalez (2014, p. 259): «De esta manera la acción colaborativa en red se convierte en fórmula habitual de empoderamiento, participación, toma de decisión y compromiso con las formas de vida comunitaria tanto de individuos como de los colectivos y los movimientos sociales inteligentes.»

Relações entre pares e conexões ideológicas

Em relação às interações entre coletivos e grupos associativos de cariz ativista ambiental, a nossa participação em observação, bem como as respostas dos entrevistados sugerem algumas dissonâncias, podendo as mesmas ser respeitantes a momentos distintos e abrindo a possibilidade de se verificar uma evolução, que tenderíamos a qualificar de positiva. Como referido anteriormente, na sua génese, a CLV não pareceu receber o aval direto do grupo de ativistas, que alguns dos nossos interlocutores denominam de «mais ferrenhos». Apesar das relações institucionais, o facto da Campanha se destinar a um público muito distinto e objetivar a sensibilização, o esclarecimento mais do que a ativação para protestos tradicionais, por via de manifestações ou ações de desobediência civil, pode ter gerado uma aparente desvalorização deste projeto por parte de atores tradicionais, por considerá-lo excessivamente gentil ou ineficaz. A corroborar esta ideia está a afirmação de um ativista ambiental envolvido em ações de desobediência tanto em território nacional quanto noutros locais da Europa: «Sim, a situação é grave e exige ação, desobediência civil e protestos mas a ideia de que é só através dessas ações que se luta é errada», apontando a visão de alguns dos seus colegas. Também uma entrevistada refere:

E a mensagem que estes públicos que estão excluídos estão a receber... é que só podemos...você têm que mudar agora e se não for à nossa forma não vai

ser nunca e não vai ser a correta (...) Pronto. E então exclui muita gente. E eu acho que a LV aí, atenção não atinge todos os outros públicos que estão a ser excluídos, mas atinge alguns.

Percebemos, em algumas situações, um distanciamento, propositado ou não, entre alguns ativistas tradicionais e o grupo que se dedicava ao tricot por via da Campanha Linha Vermelha, causando em certa medida desconforto neste, designadamente no acampamento ativista no qual alguns participantes manifestaram sentir-se «deslocados».

Por outro lado, outro ativista, em conversa numa das Assembleias Gerais referiu-nos: «todas as formas de luta são válidas e complementam-se. Eu por exemplo, estou aqui, mas também sou sindicalista». Esta posição é consonante com Martins e Mendonça (2010) ao apontarem a necessária articulação entre os movimentos sociais clássicos (sindicatos, partidos) e outros cuja identificação de classe não seja perentória. Accornero & Pinto (2015, p.397) sugerem:

Nesta ecologia emergente de reivindicações, as fronteiras entre os protestos materiais e os protestos económicos estão cada vez mais indistintas e os objetivos dos diferentes atores, tais como os movimentos «novos novos» e os sindicatos, são cada vez mais coincidentes.

A coordenadora também referiu:

E aí eu acho que o que nós temos todos que fazer é sentar e refletir que o que nós estamos a fazer, nós não estamos a competir uns com os outros e que não é porque estamos a fazer tricot que estamos a desvalorizar outra ideia, mas que são ideias complementares e com comunicação podemos circular os diferentes públicos e garantir que os ativistas tradicionais, não é tradicionais mas mais aguerridos, também conseguem (...) também conseguem transmitir a sua mensagem. Eu acho que as coisas estão a mudar ligeiramente.

Julgamos pertinente esta perspetiva conciliadora e agregadora de visões e públicos, por se constatar que representa a melhor forma de inclusão de diferentes modos de

estar e de ser e possibilita a ampla mobilização visada por Estanque (2006), Marques e Neves (2017) e Beck (2017) aludindo ao «catastrofismo emancipatório», e conforme temos vindo a fundamentar.

As eventuais fricções entre grupos e entidades dedicadas a temáticas comuns foi sobretudo observada no contexto acima descrito e respeitante a uma certa gradação de impactos relativos às diferentes práticas, designadamente por parte do ativismo mais tradicional no qual se expressa a tendência a considerar que as urgências do momento apelam a ações, em certa medida, mais agressivas como sejam as relacionadas com a desobediência civil (operacionalizadas pelos coletivos Climáximo, Extinction Rebellion, entre outros). Esta perspetiva foi igualmente verbalizada pelo próprio coordenador da CLV quando questionado sobre a relevância do projeto no contexto das ações conduzidas na Bajouca. Também mais recentemente, o organizador do projeto em estudo manifestou num discurso público que a Linha Vermelha é um bom «lubrificante», aludindo ao caráter iniciático/preparatório que visa angariar pessoas para outras mobilizações mais impactantes. Podemos considerar esta visão relativamente dissonante dalgumas outras que recolhemos por parte de intervenientes com quem interagimos. A par das transcrições anteriores, os diálogos com outros participantes apontaram a relevância da Campanha precisamente para com aqueles que, mesmo estando sensibilizados e com profundo conhecimento e consciência ambiental, não se revêm em atuações «menos gentis». Também depreendemos que existem intervenientes, não diretamente auscultados, que possam incluir-se nesta perspetiva e por esse mesmo motivo não marcaram presença nos eventos tradicionais por nós observados.

Contudo, o percurso da Campanha Linha Vermelha conta com inúmeros momentos de cooperação entre projetos/coletivos. De referir, por exemplo que a presença no Feiriarte não constitui a primeira participação da CLV na Bajouca. Esse convite foi precisamente decorrente de assembleias ali organizadas em que o projeto em estudo se disponibilizou, juntamente com outros coletivos (como o Movimento do Centro contra a Exploração de Gás e o Climáximo) e alguns elementos da comunidade, a esclarecer as pessoas sobre a problemática do fracking e o impacto que o mesmo pode causar no território. Houve, portanto, um trabalho de sensibilização e de esclarecimento fruto de um exercício de cidadania por parte das diferentes organizações. Também de referir que nas páginas oficiais do projeto constam as parcerias, revelando a proximidade entre grupos ativistas. É certo também que no decorrer dos eventos, fomos registando a aproximação de alguns ativistas ao recurso

manual proposto pela CLV, tendo alguns elementos – femininos e masculinos – outrora resistentes, iniciado a prática de tricot e participado assim ativamente em ações desenvolvidas parcial ou integralmente pela Campanha. Por outro lado, pode associar-se o afastamento de uma parcela de cidadãos a determinadas formas de protesto ao que nos foi referido por uma das entrevistadas: «Depois no geral também, eu não sei se as pessoas estão com um bocadinho de preconceito em relação ao 25 de Abril, a sociedade está cada vez mais polarizada, sentem que se forem protestar já são de esquerda, o que não é verdade.»

Importante ainda a anotação da mesma entrevistada relativamente ao caminho desbravado em Portugal por outros ativistas, caminho que antecedeu a mobilização contemporânea cuja expressão se deve, também, aos fatores próprios da contemporaneidade como seja a comunicação em rede global possibilitada pelas tecnologias da informação e comunicação e o fenómeno «Greta»:

É normal que nós estamos todos excitados e essas coisas mas nós temos que reconhecer que há um trabalho de ativista, de ambiente, feito há dezenas de anos em Portugal e que é importante reconhecer – que as pessoas são facilmente excluídas – é mesmo muito importante reconhecê-lo, que este é mais um passo que está a ser tomado, que é importante mas não é «o passo».

No que concerne às ideologias por detrás das práticas ativistas analisadas e sua relação com determinados partidos políticos, fomos, ao longo da investigação, recolhendo informação que indicia uma ligação ideológica à esquerda, confirmando aquilo que é a análise genérica dos Novos Movimentos Sociais, nomeadamente na visão de Pichardo (1997, p.415): «*the unique ideological orientation and self-reflexive character largely dictate the kind of tactics, structures, and participants evidenced in NSMs*».

Questionado o promotor da Campanha especificamente sobre o teor político-ideológico do projeto, o mesmo afirmou:

O único título que eu gosto de me por a mim (...) que é anticapitalista (...) As pessoas, pronto, para mim a minha ideologia tem muito de inspiração esquerda, não é, o pensamento de esquerda... eu não gosto de me designar assim porque... porque a democracia está muito condicionada e mesmo que nós

tenhamos um governo de esquerda ou não o trabalho que ele vai fazer nunca vai ser um trabalho de esquerda porque existem os mercados financeiros, porque existe toda a lógica dos tratados europeus que condicionam as políticas. Eu para mim, nós não vivemos numa democracia, nós vivemos no capitalismo que condiciona a democracia, logo aí nunca vai ...pode haver um governo de esquerda...

Esta visão vem ao encontro de Martins & Mendonça (2010, p.26) que aponta o fator disruptivo associado aos Novos Movimentos Sociais pelo facto de «promoverem uma crítica radical do sistema de vida social (...) pode colocar em xeque o sistema de apropriação e mercantilização da natureza necessário ao desenvolvimento de modo de produção capitalista». Acresce a posição de Matos (2012) que observa nos diferentes protestos uma genérica contestação às debilidades do sistema democrático.

No que respeita aos intervenientes com quem mais participámos ao longo da investigação, foi notória esta perceção de sentidos de injustiça, democracia débil e tendência para se associar ao pensamento de esquerda, mesmo quando se consideram apertados, o que se justificaria tendo em conta a teoria de Beck (2017) que aponta o impulso emancipatório dos cidadãos gerado pela disseminação dos efeitos secundários do progresso ou a perspectiva de Matos (2012) reveladora de que os cidadãos afunilam numa causa a luta pela democracia que observam débil e insuficiente para assegurar os seus direitos.

Marcaram, no entanto, presença alguns elementos relacionados com um partido político, relação esta que não procuraram escamotear. Foi o caso de uma interveniente com quem interagimos na Bajouca e que nos informou pertencer a uma Assembleia Municipal, eleita pelo Bloco de Esquerda. Segundo nos transmitiu, participou na Campanha Linha Vermelha por intermédio de uma das coorganizadoras do evento na sua região. Não praticava tricot desde a infância e retomou por intermédio da amiga e por considerar que o tema era merecedor da sua participação/contributo. Foi com o mesmo intuito que esteve presente no encontro Feiriarte, bem como na manifestação agendada para a semana seguinte com a marcha ao terreno da empresa Australis Oil & Gas, tendo tricotado com o pequeno grupo que o fez ao longo do percurso. Esta participante acentuou no seu discurso as

preocupações pela corrupção em Portugal e pela forma como os contratos são celebrados pelos governantes, mostrando-se indignada com o modo como o Estado contratualizou a exploração de gás com a referida empresa.

Nas relações com os diferentes agentes e instituições das regiões onde incide atualmente a luta (dada a existência de contratos de exploração), o organizador da Campanha referiu-nos situações em que elementos políticos de órgãos locais lhe transmitiram inquietações pelo tema, bem como receio dos impactos que o mesmo teria/terá para as suas comunidades, distanciando-se, por isso, da posição assumida pelo partido a que pertencem, colocando aquilo que consideram as necessidades das populações em primeiro lugar. Posteriormente, pudemos ainda registar mudanças de posicionamento em outras juntas de freguesia e inclusivamente por parte do poder autárquico de um dos concelhos abrangidos, assumindo que as mesmas decorreram da forte mobilização cívica levada a cabo pelos diferentes grupos nos quais se inclui o projeto em estudo.

Por outro lado, segundo os entrevistados, os participantes, fundamentalmente da primeira etapa da Campanha, expressam maioritariamente o desprendimento às questões ideológico-partidárias, assumindo-se vinculados em concreto às preocupações ambientais, conforme afirmou João:

Havia uma ou outra pessoa lá que sim, sem problemas alguns, com conotações com ideologias de esquerda mas havia outras pessoas que estavam muito porque parece, porque lhes parecia bem, porque elas ficavam bem com a sua consciência , elas achavam bem fazer aquilo, mas sem qualquer visão associada à política, no fundo, um pouco muito naquela narrativa que aquele senhor disse: «não interessa de onde é que eu sou, isto é um problema que temos que resolver» (...) que têm essa mentalidade «eu não me interessa se é de esquerda ou não» (...) porque as pessoas não pensam muito na política, portanto, dizer ou não que são de esquerda se calhar é uma coisa mais superficial...

De notar também, de uma forma mais generalizada - e não tão exclusiva à Campanha em estudo, mas aos coletivos que a acolhem, - que a perspetiva de Justiça Climática

pelos mesmos abraçada visa na prática o diálogo com os múltiplos partidos com assento na Assembleia da República, por forma a propor mudanças que consideram apropriadas de acordo com as suas conceções de crise climática e injustiça social. Exemplifique-se com o que foi proferido por um elemento do Climáximo numa palestra realizada num evento em que a CLV esteve presente, de que contactaram os diferentes partidos no período anterior às eleições legislativas para com os mesmos debater medidas de combate ao aquecimento global. Pelo que foi relatado, apenas alguns dos partidos de esquerda se mostraram recetivos. Também João Costa nos referiu: «na Academia Cidadã nós somos apartidários, mas nós não somos alérgicos aos partidos, nós achamos que os partidos funcionam mal, portanto nós temos que trabalhar com eles.».

Interessa fundamentar esta perspetiva transmitida e parcialmente observada na seguinte referência de Carvalho (2014, p.660): «(...) os apartidários – politicamente independentes, possuem competências para se orientarem sem indicação partidária, sem excluir um envolvimento desse tipo, ainda que a sua ação extrapole essa esfera».

João Costa transmitiu-nos:

Não têm muito a noção dos problemas...as pessoas sabem que existem problemas, as pessoas sabem que existe alguma coisa que está mal, mas não sabem bem o que é que está mal. Depois existe também muita falta de tempo para as pessoas poderem dedicar a essas coisas...também falta de prática nisso, o cérebro é um músculo, nós precisamos de exercita-lo para conseguir pô-lo a trabalhar várias vezes ao dia e, as pessoas não têm essa prática, nós somos muito mecanizados, trabalhar naquele horário, naquela hora, pronto....e depois é dificuldades que as pessoas têm porque as pessoas trabalham muitas horas por dia...perdem não sei quantas mais horas para ir para o trabalho e voltar para casa...e tudo o resto, não é, comer, dormir, família... e as pessoas gostam também de ter o seu tempo para descansar, pronto mas não existe muita prática de cidadania.

Parece-nos confirmar a noção de que são necessárias condições para que os cidadãos possam exercer os seus direitos nos quais se inclui o direito a participar da

sociedade civil. Consideramos ser este um aspeto fulcral no presente estudo por refletir as ambiguidades com as quais os projetos de índole comunitário se debatem: se por um lado onde residem as injustiças sociais, as desigualdades e a precariedade é precisamente onde mais urge intervir; por outro, nestas comunidades com inúmeras vulnerabilidades espelhadas na ausência de condições dos cidadãos a consubstanciar os seus próprios direitos, o empoderamento das populações é dificultado por essas mesmas razões.

Revivalismo do património cultural, sua relação com a Campanha Linha Vermelha e impactos

O revivalismo das manualidades tradicionais – nas quais se inclui o tricot e o crochet – tem-se dado por duas vias distintas e complementares. Se, por um lado, é notório o esforço no reconhecimento de práticas e saberes tradicionais, alusivo à designada cultura popular e, por conseguinte, associado às gerações anciãs, visando o reavivar do património, bem como a validação de saberes identitários com impacto profundo nas populações envelhecidas que são, deste modo, publicamente valorizadas nas suas experiências e convidadas à partilha dos seus conhecimentos, o que enriquece todo o tecido social, segundo aponta Ferreira (2017). Por outro, as aspirações de uma geração nova que vem, por via das tendências contemporâneas que se disseminam, assumindo condutas e comportamentos associados ao minimalismo e a vivências alternativas às impostas pelo consumo de massas, optando por isso pelo comércio tradicional e local, apostando na educação não formal em oficinas promotoras do *Do it Yourself*, e, neste sentido, adotando práticas e técnicas outrora esquecidas. Ainda que nestes casos, os impulsos possam surgir de um crescendo de consciencialização por fatores ambientais e conexos à conjuntura económica adversa - designadamente nos movimentos contra a *fastfashion*, como o grupo por nós auscultado através de uma participante em eventos da Campanha, o *Fashion Revolution* -, impera, também, a moda que induz a estas formas de estar e de construir identidades. Segundo Newmeyer (2008, p.454) o movimento originou-se no contexto que apresenta:

Coming out of the larger anti-globalization movement of the 1990's and 2000's, craftivism is often concerned with the power of the global corporations: exploitive labour practices, materialism/consumerism, and disregard for the environment

and for local communities. Craftivism also continues the tradition of the production and sale or donation of crafts for charitable reason.

À semelhança do que observámos, ambos os casos conduziram à construção de grupos de encontro informais, nos quais as pessoas se reúnem para se dedicarem às suas práticas, sociabilizarem e consubstanciarem sentidos de pertença ao se reunirem em prol de objetivos comuns. Em alguns casos verifica-se também a possibilidade de intercâmbio de saberes entre gerações o que confere dinamismo e organicidade ao património cultural em destaque.

Neste contexto, importa salientar a participação de uma voluntária, septuagenária, que ao longo destes cerca de dois anos, tem vindo a contribuir para a junção dos diferentes pedaços tricotados, compondo assim os rolos de linha vermelha realizada e cuja riqueza patrimonial se eleva ao constatar a multiplicidade de pontos utilizados até então. Pudemos verificar que os próprios encontros possibilitam a partilha de saberes relacionados com as técnicas manuais em uso – fundamentalmente tricot, mas também crochet e macramé – e que para este a intergeracionalidade se revelou muito construtiva: enquanto as senhoras mais idosas transmitiam os saberes tradicionais, as mais jovens não só aprendiam como, em algumas situações, partilhavam com as demais novas formas e metodologias inovadoras, designadamente as relacionadas com materiais e estilos atualmente acessíveis. Esta situação foi particularmente verificada no evento Feiriarte por parte de senhoras da localidade, que não só participaram como se dispuseram a ensinar novos pontos ao grupo de ativistas, tendo igualmente recebido, por parte de vários elementos da Campanha, algumas sugestões e técnicas de tradições além fronteiras que as mesmas aprenderam em contextos diversos (designadamente o tricot sem agulhas e o ponto *viking*).

Também no Festival ocorrido nas Caldas da Rainha, os diferentes grupos de tricot interagiram e partilharam saberes relacionados com as técnicas. Foi ainda curioso observar neste encontro de tricot a presença de alguns elementos pertencentes a grupos de regiões diferentes do país que tinham previamente contactos com a CLV através de eventos coorganizados, como seja o grupo de Tricotadeiras de Aveiro. Considera-se, então, que o recurso da manualidade proporcionou ambientes capazes de potenciar laços sociais e desenvolver sentidos de cooperação e de aprendizagem mútua, consubstanciando também a relevância de dinâmicas que envolvam diferentes gerações, promovendo, portanto, a intergeracionalidade e seus benefícios sociais referidos por Ferreira (2017, p.21) na seguinte afirmação:

(...) dado que é do encontro, da educação e da comunicação com as pessoas de diferentes gerações que a humanidade assegura a transmissão de saberes e valores, e a adaptação e evolução do seu reportório de experiências históricas, sociais e culturais.

Tem-se revelado igualmente interessante o paralelo que estes grupos constroem no meio digital com a proliferação de páginas nas redes sociais, frequente (se não integralmente) em contactos extranacionais, transferindo para uma plataforma além-fronteiras e propondo a espontânea partilha de experiências, saberes, conhecimentos e, inclusivamente de matérias primas e peças artesanais através do comércio online (como no caso da artesã por nós entrevistada).

Toda esta participação cultural – seja física ou virtual – confere às experiências o motor de cidadania, numa imiscuidade entre direitos culturais e políticos, conforme nos indica Matoso (2017), assinalando que ambos são dependentes da ação coletiva. Ambas as tipologias de grupos formaram parte do projeto em estudo com participação diversa como vimos, e frequentemente entrecruzada, sendo a sua abordagem imprescindível para o conhecimento e compreensão da génese do projeto constituído estudo de caso. Também útil na compreensão dos impactos que a Campanha conseguiu obter, uma vez que os mesmos estão intimamente dependentes dos grupos, seus ideais, motivações e interesses.

No respeitante à transferência do conhecimento para a ação em termos de consciência e ativismo ambiental, segundo manifestado pela coordenadora este grau de engajamento necessitaria de mais do que uma experiência e, pelo que nos foi indicado, a Campanha Linha Vermelha esteve apenas uma vez com cada um dos coletivos de tricot, não favorecendo assim eventuais impactos mais consistentes. A entrevistada afirma:

Não temos a certeza, e sensibilização existia, mas normalmente estes eventos eram muito rápidos a acontecer (...) eu acredito que alguma informação tenha seguido, mas como qualquer círculo de informação não é um contacto de informação que vai mudar alguém, tem de ser repetidos contactos de informação, não é? Neste caso se formos agora olhar para a Greta e para as alterações climáticas isto está a acontecer porque há agora muita cobertura dos

media e a mensagem está lá constantemente, não é? (...) não era assim, uma mudança que a pessoa vinha tricotar connosco e de repente a pessoa tornava-se uma ativista ambiental, não, não de todo. Nem era esse o objetivo.

Na segunda etapa da Campanha – marcada, como referido, maioritariamente por participações em eventos associados ao ativismo – pudemos observar-interagir com grupos distintos, ainda que com pendor para indivíduos previamente mobilizados para as questões ambientais. Nestes, foi visível um crescendo na sensibilização para o protesto gentil à medida que os impactos do mesmo se iam tornando visíveis (nomeadamente a projeção na comunicação social ocorrida pela participação da Campanha na Greve Climática Estudantil de novembro de 2019).

Importa salientar que percecionámos, enquanto investigadores, um desinteresse inicial pela prática do tricot enquanto recurso válido e eficaz para a mobilização de novos agentes/atores no cenário do ativismo. Esta perceção surgida das interações com os grupos ativistas relacionados com o projeto em estudo, foi também relatada por alguns dos entrevistados, bem como por parte de indivíduos com quem interagimos. Um exemplo concreto refere-se à primeira vez que promoveram um evento da CLV nos encontros na RDA, conduzindo a comentários depreciativos por parte dos ativistas ambientais «mais ferrenhos», segundo referiram.

Na Bajouca, aquando do Feiriarte, verificou-se, igualmente, esta postura por parte de alguns elementos do coletivo em relação à prática do tricot, situação esta intensificada no acampamento da semana seguinte. A este propósito consideramos fulcral relatar o papel desempenhado pelos agentes e o quanto as suas formas de atuar contribuem para alterar as perceções (e os preconceitos) nos grupos e nas comunidades. Se, como referido, o facto do coordenador ser do género masculino contribuiu para o dissolver de preconceitos, aproximando outros indivíduos do mesmo género para a causa (situação corroborada por ambos os coordenadores e por nós observada), também a participação e dedicação da voluntária mais regular e toda a metodologia que colocava no convite à aprendizagem por parte dos intervenientes dos diferentes encontros, contribuiu, seguramente, para a adesão de novas pessoas à prática do tricot potenciando, por conseguinte, a mobilização para a causa inerente à Campanha Linha Vermelha.

Julgamos significativo referir, assim, a atuação particular deste elemento voluntário no Camp in Gas pelo facto de ter, em diferentes momentos, por sua iniciativa, preparado

um espaço propício – e para tal o impacto visual da linha tricotada foi fundamental tanto neste contexto quanto nos demais – e se disposto a ensinar quem estivesse interessado em aprender a tricotar. Nesta situação em concreto, observámos inúmeros jovens cuja curiosidade pela técnica manual os conduziu para junto da CLV, revelando entusiasmo pela aprendizagem e vontade em partilhar com os seus pares. Note-se o espírito colaborativo assinalado por Shaw & Martin (2005) que se gera nos encontros, também instigado pela própria voluntária que conduzia as sessões de forma espontânea, convidando quem aprendia a, no imediato, ensinar o colega que se sentara mais próximo, corroborando a relevância do papel do facilitador/animador/educador no sucesso das dinâmicas e na promoção da intergeracionalidade. Esta experiência foi observada em praticamente todos os encontros nos quais a interveniente em questão marcou presença, sendo coincidente com uma pedagogia expectável na contemporaneidade, conforme nos indica Candeias (2015, p.130):

Um dos retos é o de educar «na» e «para» a comunidade, de modo a alcançar uma educação e convivência intergeracional, intercultural e comunicacional. Este desafio intercepta aprendizagens formais, não formais e informais. (...) Para além da pedagogia escolar e familiar, há outras pedagogias que incidem no ser humano gerando o encontro, a convivência e o diálogo intergeracional.

O papel do dinamizador torna-se, com efeito, fulcral para o sucesso dos projetos sendo este um exemplo que apela a importância do Educador Social e da necessidade de este desenvolver certas competências essenciais às funções que desempenha, designadamente de educador, mediador e facilitador, conforme explanado por Carreras (1993). Destacamos a empatia, a capacidade de comunicação, a reflexividade e a criatividade.

Em relação aos encontros em feiras e eventos cujas presença se justificava pelo intuito de atingir outros públicos, o impacto visual e estético da linha vermelha constituiu-se, certamente, como o fator de atração de indivíduos. Verificámos, portanto, a relevância que a componente criativa tem para o despertar de interesse por parte de públicos não mobilizados. Shaw & Martin (2005, p. 95) referem ainda: «*Perhaps one of the most distinctive properties of arts is this capacity to help,*

sometimes force, us to see things differently by activating the imagination – by creating «what if» worlds».

Em diferentes ocasiões – como por exemplo o Organii Eco Market em Lisboa – as pessoas que frequentaram o evento motivaram-se a ir ao encontro da CLV pela decoração apelativa do espaço destinado ao projeto ativista. Estando rodeados de bancas de venda de produtos – ainda que numa lógica de proximidade entre produtor e consumidor e, portanto, menos vinculada à dimensão do comércio global – várias dezenas de pessoas dispuseram-se a esclarecer-se acerca da Campanha e participar ativamente, contribuindo um pouco para a já extensa linha tricotada ou aprendendo a tricotar. Do que nos foi transmitido pela coordenação, o impacto da presença neste tipo de eventos é essencialmente visível nas redes sociais pelo incremento de seguidores, o que contribui para disseminar a mensagem. De acordo Luvizotto (2016, p. 298) «a partir dessa ferramenta foi possível propor e organizar ações e ampliar os canais de participação», acrescentando também a relevância da informalidade desta participação que permite ao usuário gerir o seu envolvimento. O seguidor permite-se, assim, ser comodamente participativo a partir de casa.

Não obstante o propósito fundamental da Campanha ser a mobilização para o combate aos combustíveis fósseis e, em particular, a luta pelo término dos contratos de prospecção e exploração primeiro de petróleo e presentemente de gás, considera-se satisfeita também a finalidade de sensibilizar e mobilizar novos agentes para as práticas manuais que, como indicado, são observáveis enquanto atos sociopolíticos e formas de luta contra o imperativo consumista (Newmeyer, 2008).

Capítulo V - Conclusões empíricas, relação com a Educação Social e a emergência de uma intervenção comunitária inovadora

O estudo da Campanha Linha Vermelha desencadeou uma profunda reflexão acerca das modalidades participativas dos cidadãos, bem como das dimensões e potencialidades que lhes estão afetas no enquadramento das sociedades em que residem. Se os aspetos políticos saltaram para cima da mesa com esta reflexão, deve-se fundamentalmente à relação inevitável entre conjuntura e possibilidades de vida inerentes às comunidades e competências de cidadania. Toda esta panóplia de fatores diz respeito à Educação Social e à Intervenção Comunitária - a moldura da investigação aqui exposta - e fez-nos refletir sobre a ténue linha que separa as dimensões socioculturais e sociopolíticas.

O tricot e o crochet, conforme abordado, têm representado um válido recurso de diferentes projetos que visam, numa primeira instância, o combate ao isolamento, a partilha de saberes e, num nível mais profundo, o efetivar do exercício da cidadania. O facto da Campanha em estudo ter contactado cerca de 700 entidades envolvidas na prática destas manualidades permite-nos supor que estas são técnicas amplamente utilizadas na dinamização social, no contexto português. Também pelos testemunhos que fomos obtendo ao longo da nossa pesquisa, pudemos concluir que a tradição cultural vive hoje um dinamismo proporcionado pelas estratégias conduzidas pelos diferentes agentes sociais, destacando o potencial socializador, a intergeracionalidade e a validação de identidades e sentidos de pertença. Para o efeito, pudemos igualmente verificar a relevância da criatividade que, possibilitando o reinventar de técnicas e o transformar de contextos, torna mais ricas e profícuas as vivências entre gerações, gerando, propositada ou inadvertidamente, mudanças na aceção e na produção de cultura. As alterações são inevitáveis, dada a organicidade sistémica das comunidades. Aqui tratámos de observar esse dinamismo efervescente, fruto das perceções das alterações climáticas, confluindo assim numa união de esforços para a construção de um mundo melhor.

No que respeita ao projeto em estudo, a génese da Campanha Linha Vermelha prende-se precisamente com a efervescência de uma sociedade que impele alguns dos seus atores a desenhar novos e diferentes rumos, tal como indicado por Beck (2017), Estanque (2006), Marques & Neves (2017) e Matos (2016). Coincidiu, portanto, com o «catastrofismo emancipatório» (Beck, 2017) e desenhou-se no seio

de uma comunidade previamente desperta para a realidade além-fronteiras, por se tratar de uma geração mais voltada para o mundo, de acordo com o indicado no estudo Sociedade em Rede (Cardoso, Costa, Coelho & Pereira, 2015) e, por conseguinte, eventualmente detentora de uma consciência mais ampliada da conjuntura socioeconómica em termos globais.

Foi igualmente importante identificar a relevância que o mundo digital, a par das noções de globalidade, tem para o projeto em estudo, e numa aceção mais lata para o meio ativista contemporâneo. Esta realidade (virtual) torna-se fulcral não apenas para a circulação de informação pertinente e que robustece as suas lutas, como para o acesso a financiamentos que concretizam os projetos. A rede digital mostrou-se também eficaz, se não essencial, para a divulgação da Campanha e a mobilização de indivíduos para as causas à mesma relacionadas. A internet representa, assim, o meio efetivo de perceber e atuar num mundo sem fronteiras. Curioso constatar que as lutas que decorrem dos processos de globalização – nomeadamente os efeitos nefastos que o regime neoliberal e o mercado pautado pelas multinacionais tem sobre as diferentes comunidades espalhadas por todo o globo – apelam e dependem precisamente das redes globais para se concretizarem. As redes internacionais conferem, assim, uma importância aos projetos locais e inspiram, também, as propostas que vão sendo formadas localmente por influência dos diferentes interlocutores, numa escala global. Recorde-se a este propósito a origem da linha vermelha, segundo o organizador da Campanha, tendo sido fruto da linha utilizada na manifestação durante o COP21.

São, portanto, essenciais as redes de contactos internacionais, conforme foi identificado – no robustecer de lutas e na intervenção propriamente dita – e para o efeito o mundo digital reveste-se de um papel fundamental. Neste sentido, consideramos imprescindível que a Educação Social tenha em linha de conta as realidades digitais, na medida em que nas mesmas se constroem identidades, frequentemente em torno de necessidades sentidas, extrapolando fronteiras físicas e identidades circunscritas num espaço nacional.

O percurso da Campanha foi revelador das diferentes e intrincadas fragilidades sociais contemporâneas que enformaram estratégias e processos adaptativos visando a prossecução dos fins a que se destinam. Percebemos que as motivações iniciais do projeto se vinculavam à informação, sensibilização e eventual mobilização para a luta concreta especialmente de públicos não ativados para a causa ambiental, pese embora a urgência sentida pelos organizadores e a escassez de recursos financeiros,

no decurso do ano 2019, tenha conduzido a Campanha, ainda que parcialmente, a um trilha distinto, mais consonante com o tradicional ativismo.

Efetivamente, verificámos alguma transformação no percurso e/ou no sentido da Campanha, revelando mais versatilidade e capacidade de se reinventar um projeto que é fruto – também ele – de dificuldades financeiras fraturantes, num molde adaptativo que confere à intervenção social a competência necessária neste constante confronto com a realidade líquida (Bauman, 2001) na qual que vivemos.

Identificámos, assim, diferentes públicos e a implementação de diversas abordagens para fazer face às características dos participantes em cada evento. Da informação, à sensibilização e à tentativa de mobilização para ações particularmente veiculadas pelo ativismo tradicional, a CLV interagiu, desta forma, com grupos de indivíduos de idades, géneros, conjunto de interesses variados, bem como diferentes níveis de compromisso. A fase do projeto por nós observado incidiu particularmente em ações conjuntas com outros coletivos ativistas (designadamente o Camp in Gas e as Marchas pelo Clima), ou ações junto de grupos vinculados a comportamentos ecossustentáveis.

Através da imersão nas ações propostas, foi-nos possível reconhecer a importância do apelativo recurso criativo, na medida em que o tricot e o crochet possibilitaram a preparação de espaços cativantes. Também verificámos as complementares perspetivas que lhe conferem os diferentes grupos de indivíduos e que vão desde a singela prática doméstica transposta para a esfera pública (e assim partilhada com grupos de pares), à consciência do ato político associado à mera prática de tricotar ou enquanto via para o desinvestimento no consumo de massas, passando ainda por uma resposta às necessidades de empoderamento pessoal (relacionadas com a premissa *do it yourself*), até ao protesto gentil patente no projeto constituído estudo de caso.

Ainda que, como referido, a criatividade seja transversal a todos os indivíduos, estudos revelam que afeto positivo e otimismo se associam positivamente à criatividade estimulando as pessoas a ser mais flexíveis e criativas nos seus quotidianos (Gomes, Rodrigues & Veloso, 2016), facilitando por isso a superação de obstáculos. Daqui se infere que promovendo a criatividade se estimula abertura e se ampliam as competências para uma conceção mais favorável da vida, logo, facilitando a inclusão e a capacitação, aspetos inerentes ao trabalho da Educação Social. Justapondo estes fatores à realidade estudada, acentuamos o importante papel desempenhado pelos organizadores do projeto no desenvolvimento do processo,

designadamente o coordenador da Campanha e a voluntária (educadora de infância, em situação de desemprego) que maior presença marcou com as suas estratégias socioeducativas e, em certo modo, afetivas, capazes de cativar os indivíduos.

Consideramos, deste modo, que o património cultural, no contexto observado, proporcionou o encorajamento sociopolítico de diversos intervenientes no sentido em que era explícito que quer a produção da linha vermelha, quer a participação nos diferentes eventos propostos pela Campanha se destinavam a um combate concreto a formas de explorar recursos naturais e o equacionar das possibilidades da vida socioeconómica das comunidades em que vivem os indivíduos. Este impacto, conforme relatado, não foi transversal ao extenso público que interagiu com o projeto. Faltou, porventura, a segurança financeira que possibilitasse uma maior consistência da ação com um mesmo público – recorde-se que a necessidade de reproduzir a experiência num mesmo local, conferindo alguma regularidade à mesma que fosse passível de consubstanciar o conhecimento e potenciar a mobilização, foi-nos relatada pela coordenação.

Importa também salientar que os diferentes discursos escutados no decorrer da investigação apontam inúmeras fragilidades no que respeita à cidadania ativa da população nacional, condicente com os aspetos referidos por Alves, Araújo & Azeiteiro (2012) e Matoso (2017). Quando questionado especificamente sobre o tema da participação cidadã em território nacional, o organizador do projeto respondeu:

Bom, é assim, nós estamos num contexto nacional muito pouco participativo a nível de cidadania... por razões históricas também não é...depois, talvez com um chapéu maior por razões do nosso sistema de educação, não é? (...) Acho que existe ainda uma grande falta...não só de conhecimento, porque é preciso conhecimento para nós conseguirmos perceber como é que podemos atacar...ou...sim, atacar um problema convém conhecê-lo bem não é, as pessoas.

Tem ainda «caráter incipiente a sociedade civil» (Duarte, 2004, p. 18) portuguesa. No entanto, segundo Vilaça (1993, p. 62) «as grandes mudanças operadas no mundo moderno (principalmente nos últimos dois séculos) estão relacionadas com a ação dos movimentos sociais». Este fator favorece o foco nestes fenómenos, à luz da

intervenção comunitária, na medida em que esta visa o empoderamento dos cidadãos e das suas comunidades. Também porque estamos cientes de que os tempos emergentes impulsionam ações renovadas. Accornero & Pinto (2015) sugerem uma conjuntura que se aproxima do caso por nós analisado: «Os ciclos de protesto caracterizam-se por elementos tais como a emergência de novos grupos, a mobilização de novos atores, inovação nos reportórios de ação e a elaboração de novas estruturas cognitivas, culturais e ideológicas».

Relativamente aos distintos grupos que fazem uso destas manualidades, mesmo que para fins diversos, pudemos perceber o caráter voluntário no qual assentam as suas práticas, refletindo este a liberdade, a vontade e a capacidade para participar e desenvolver laços sociais e sentidos de pertença. Mesmo que em muitos casos marcados pela efemeridade, testemunhámos episódios de reencontros - entre participantes de eventos ocorridos no passado e organizadores da Campanha - que denotavam um cariz afetivo associado à experiência que tiveram, consonante com a teoria de Shaw & Martin (2005). A este respeito importa, transcrever a posição de Oliveras (s/d, p. 153)

Por lo tanto, el trabajo de construir una ciudadanía participativa, crítica y democrática passa por la construcción de afectos para con el bien común, la capacidad de aceptar y/o recepcionar la crítica y el fortalecimiento del sentido de pertinencia a la comunidad y a la familia. En este trabajo la cultura y el arte son herramientas irrenunciables en tanto que el arte y la cultura son el depositario de la vivencia, la memoria y el conocimiento colectivo, porque son la representación del ser humano en relaciones sociales y en el proceso de construcción nos dar el placer de vivir en unión con los demás por valores con que se tiene que trabajar.

São, no entanto, as condições de vida que consubstanciam a cidadania ativa conforme observado (Frazão, 2015; Fernandes, 2014), sendo também as mesmas precursoras de impulsos emancipatórios, tal como asseveram Estanque (2006) e Beck (2017). E se, tal como abordado anteriormente, é nos contextos de maior fragilidade estrutural que as comunidades se sentem incapazes de elevar as suas vozes e pôr em curso a mobilização participativa que enforma a mudança necessária, parece-nos

ser precisamente nesses contextos que mais importa atuar, intervir. Os tempos que se avizinham impelem-nos a julgar que será forçoso intervir, uma vez que se aponta o crescimento de desigualdades e exclusões de ordens diversificadas.

Não são apenas os ecossistemas que parecem dos «males», sejam eles impostos pela mão humana ou fruto de naturais processos evolutivos (conforme se considerem as causas para as alterações climáticas). São inequívoca e objetivamente também as sociedades humanas e, em particular, as que se encontram já – dadas as explorações sucessivas das matérias primas dos seus territórios e a exploração desumana das suas forças de trabalho – numa conjuntura ambiental, social, sanitária e cultural frágil. Como referido, o mundo global não tem operacionalizado a diminuição das desigualdades e a disseminação dos «males» (Beck, 2017) canaliza-se a ritmos distintos.

Contudo, também se verificou, numa ótica positiva, a partir de relatos registados durante a investigação, a emergência de uma globalização das ações - preconizada por Beck, 2017; Marques e Neves, 2017; Estanque, 2006 - que, dado o caráter extraterritorial das elites detentoras do capital (Bauman, 2000) e as sua mobilidade planetária capaz de, num ápice, transpor toda uma indústria ou qualquer exploração (como no caso dos combustíveis fósseis representados na luta da CLV) de um continente a outro distante, transferindo as suas nefastas consequências para comunidades sem capacidades de travar batalhas, desperta vozes e impõe mobilizações. Julgamos que, embora imberbe, já se observa um movimento global, tendencialmente mais unido e que ganha volume numa escala arrojada. Note-se, por exemplo, o fenómeno da Greve Climática Estudantil, espalhado por todo o planeta.

Revela, portanto, que é no contexto da globalidade que se torna imprescindível uma ação concertada de intervenientes e organizações da sociedade civil em prol das causas que se tornam - por via da globalização, mas também da paulatina decadência da visão antropocêntrica que vem elevando a justa relevância à natureza como um todo - universais sendo, por isso, a nosso ver, totalmente imprescindível uma intervenção comunitária com os olhos postos na globalidade de males e apontando futuros sustentáveis para todos.

Importa recordar que a Educação não formal se presta a complementar competências inerentes às aprendizagens formais e oferece ainda resposta a grupos cujo acesso a esta pode estar condicionado, sendo por isso considerada uma educação voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo (Gohn, s/d). No caso em estudo, a Campanha procurou através do lúdico e da prática de uma manualidade que lhes era

próxima, introduzir informação e esclarecimentos sobre a temática das alterações climáticas, fornecendo conhecimento científico relativo aos combustíveis fósseis e energias limpas, que, de outro modo, seriam inacessíveis a uma ampla parte desta população. Referimo-nos sobretudo à primeira etapa da Campanha, pese embora o tenhamos igualmente verificado na fase em que acompanhámos diretamente as ações, nomeadamente no Feiriarte através de conversas informais, espontâneas e sucintas entre os intervenientes da CLV e os transeuntes que se aproximavam.

Debruçar-nos, assim, sobre ações pautadas por recursos culturais e criativos no âmbito da Educação Social significa, em primeiro lugar, reconhecer que o objetivo de qualquer intervenção que faça uso dos mesmos é o de abrir novas possibilidades e despertar outros mundos, gerando alternativas e/ou consubstanciando a existência. A relevância desta afirmação prende-se com a constatação de que as intervenções socioeducativas incidem frequentemente sobre grupos aspirantes de uma renovação das suas trajetórias de vida, de novas vias para o mundo, situação condicente com o enquadramento estudado, se tivermos em conta a precariedade laboral diretamente verificada nos interlocutores principais do projeto e as distintas, embora complementares, lutas com que o projeto em análise se cruza.

Devem, por isso, as intervenções partir de necessidade(s) sentida(s) e de objetivo(s) preciso(s). Urge, contudo, também instigar a reflexão. Dada a complexidade das causas, como as associadas ao caso em análise, consideramos relevante abordagens que possibilitem o desconstruir de paradigmas, por vezes véus que ofuscam a realidade, designadamente na conceção de responsabilidades sentidas, cujas origens extrapolam a individualidade. Este aspeto permite desenhar pontes entre vulnerabilidades particulares e sistémicas. Note-se, para o efeito, a pertinência do foco no público infanto-juvenil assinalado por alguns dos intervenientes como forma de sensibilizar comunidades, disseminar informação e apontar novas/outras possibilidades para o mundo.

Podemos, em termos latos, sistematizar os objetivos observáveis em: acesso, participação e cidadania; reforço do sentido de pertença e validação social; reflexividade e ampliação de competências pessoais. Em inúmeras situações identificámo-los na íntegra ou em parte. Dificilmente, se bem conduzida, uma intervenção desta índole atingiria apenas um destes fins, dadas as especificidades dos projetos que requerem a participação de sujeitos em grupo, possibilitando sempre, por isso, o treino/aquisição de competências pessoais e sociais. Apontamos a lacuna associada à repetição da mesma proposta com o mesmo grupo, o que, certamente,

reforçaria o impacto. Contudo, é um facto que a CLV liderou inúmeras intervenções na localidade da Bajouca, colocando-se, assim, na linha da frente, do combate à implementação da exploração fóssil naquele território. Também colaborou com entidades locais e grupos informais neste sentido, interagindo de forma consistente com um grupo de cidadãos e, portanto, contribuindo para o reforço das suas competências participativas.

Os condicionamentos da presente investigação não nos permitiram a continuação da pesquisa por forma a analisar o rumo que seguirá a Campanha Linha Vermelha. Sabemos, contudo, que estão em marcha os passos conducentes a dirigir a causa à mesma afeta às populações infantojuvenis. Os relatos colhidos apontavam nesse sentido. Foram inúmeras as vozes que manifestaram a relevância dos mais jovens na assunção deste importante papel de consciencializar toda uma sociedade (global) dos perigos que tombam sobre as nossas casas. Deu voz ao apelo Greta Thunberg e foi, seguramente, a inspiração de várias centenas de milhares de jovens que, a nível internacional, visam imiscuir-se nas responsabilidades dos decisores. Desconhecendo com rigor a veracidade dos factos (graves) que em todo o globo o Movimento vai apontando, sob o ponto de vista da intervenção e educação social, consideramos este um caminho sem retorno. Torna-se concomitantemente emergente o foco e a construção de projetos consistentes que se constituam enquanto alicerces para esta geração dar azo ao seu impulso criativo e criador de mundo(s).

Reconhecemos que todo o caminho metodológico nos desperta para atentar ao papel dos agentes mediadores no processo de Educação não formal, na medida em que são referências para a aprendizagem, comportam perspetivas, ideais e conhecimento que conferem estrutura e projeção aos projetos, em última instância influenciando escolhas e vidas pessoais. É, portanto, neste sentido, que consideramos fundamental o papel do Educador Social nestas dinâmicas que presentemente ganham expressão. Recordar que este agente é pontual ou simultaneamente facilitador, coordenador, supervisor, colaborador, mediador, executor e educador (Carreras, 93). Espera-se, portanto, do Educador que co-construa um espaço pedagógico tendo em conta a liberdade de cada um na edificação de espaços de convivência (Carvalho & Batista, 2004). Neste sentido, a sua função é premente em épocas de viragem como a que vivemos.

Afirmava Beck (2017) que o caminho se mostrava ainda imberbe e em processo de construção. Compete aos Educadores Sociais, cientes da conjuntura em que operam, preparar, acompanhar, monitorizar para aprender com cada projeto e co-construir

melhores comunidades para os públicos com os quais trabalham. Somente deste modo produzem saber, adaptam-se e reinventam-se para melhor servir os seus propósitos, os propósitos da sociedade que terá de incluir cada um dos cidadãos. Encontramo-nos numa época de viragem. Desconhecemos o destino. Porém, podemos aliar esforços e projetar vias que conduzam a um espaço tendencialmente seguro, justo, inclusivo e livre. Dar sentido aos direitos é vivenciá-los plenamente. Atuar em prol do desenvolvimento reveste-se, portanto, dessa grande responsabilidade. A intervenção comunitária mais não é do que co-construir mudanças, algumas impercetíveis, outras assombrosas. Deve estar, assim, na mira do Educador Social a seguinte premissa:

O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhoria de vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna a nossa vida mais rica e desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo.

Amartya Sen (2010, p.29)

Bibliografia

- Accornero, G. & Pinto, P. R. (2015). Brandos costumes? Protesto e mobilização em Portugal sob a austeridade, 2010-2013. *Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre*, vol. 41 nº2 pp. 393-421. Jul-Dez 2015
- Alves, F., Araújo, M. J. & Azeiteiro, U. (2012) Cidadania ambiental e participação: o diálogo e articulação entre distintos saberes-poderes. *Saúde em debate. Revista do Centro Brasileiro de Estudos em Saúde*. Rio de Janeiro. Vol.36 n. especial. Junho 2012. Acedido em https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3160/3/RevistaSaudeDebate_pdf.pdf
- Angulo, A. & Martinez, M. M. (2016). *El mensaje esta en el tejido*. Futura Textos S.A.
- Bahia, S. & Trindade, P. (2014). Criatividade, cooperação e pensamento crítico: um exemplo em contexto de educação não formal. *Revista Amazônica, Ano 7 vol XIV nº 2*
- Bastiani, A. & Pellenz, M. (2015). Cidadania transnacional: a integração jurídica na sociedade globalizada. *Cadernos do programa de Pós-Graduação Direito/UFRGS*. Vol. 10 nº 2, pp 242-268
- Bauman, Z. (2000). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Beck, U. (2015). *Sociedade de risco mundial em busca da segurança perdida*. Edições 70
- Beck, Ulrich (2017). *A metamorfose do mundo*. Edições 70
- Black, S. (2017). Knit + Resist. Placing the Pussyhat Project in the contexto of craft activism. *Gender, Place & Culture*, 24:5, 696-710. Acedido em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0966369X.2017.1335292>
- Candeias, E. (2015). Pedagogia social em contexto comunitário: nos meandros das aprendizagens não formais. *Instituto politécnico de Castelo Branco. Educación i Cultura (2014-2015)* 25 pp. 127-146
- Cardoso, G., Costa, A. F., Coelho, A.R., Pereira, A. (2015), *A Sociedade em Rede em Portugal: Uma Década de Transição*. Instituto Universitário de Lisboa, CIES-IUL. Junho 2014 Acedido em https://www.academia.edu/12269101/Cardoso_G_Costa_AF_Coelho_AR_Pereira_A_2015_A_Sociedade_em_Rede_em_Portugal_Uma_D%C3%A9cada_de_Transi%C3%A7%C3%A3o?email_work_card=view-paper
- Carnac, H. (2014). *Craft and social change*. Lecture by Helen Carnac, a talk for the Norwegian Craft Council. Acedido em <https://makingaslowrevolution.wordpress.com/2014/03/17/craft-and-social-change/>
- Carpenter, E. (2010). *Activism Tendencies in Craft*. *Arnolfini Journal*. Concept Store. Eds Geoff Cox, Nav Haq, Tom Trevor. Arnolfini: Bristol. April 2010. Acedido em https://research.gold.ac.uk/3109/1/Activist_Tendencies_in_Craft_EC.pdf
- Carreras, Juan Saez (coord.) (1993). *El Educador Social*. Universidad de Murcia
- Carvalho, A. D. & Baptista, I. (2004). *Educação Social, fundamentos e estratégias*. Porto Editora
- Carvalho, T. (2014). Modernidade, classes sociais e cidadania política: Portugal sobre um olhar internacional. *Análise Social*. 212, XLIX, 2014, pp. 650-674.
- Castells, M. (2005). *A sociedade em rede: do conhecimento à política*. In Castells, M. & Cardoso, G.(coord.) (2005). *A Sociedade em Rede do Conhecimento à Acção política*. Imprensa Nacional Casa da moeda. Acedido em <http://eco.imooc.uab.pt/elgg/file/download/51670>
- Castles, S. (2002). *Estudar as transformações sociais, Sociologia, problemas e práticas nº 40*. Acedido em <http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/40/449.pdf>
- Chilenski, A. (s/d). *The Arts and Crafts Movement and The Historical Misrepresentation of Women*. The Ohio State University. Acedido em https://www.academia.edu/4051189/The_Arts_and_Crafts_Movement_and_The_Historical_Misrepresentation_of_Women
- Corbett, S. (2017). *Activism needs introverts*. TedTalk Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=coHWLItlm-U>
- Corbett, S. (s/d). *How to be a Craftivist. The art of gente protest*. Unbound. (E-book)
- Correia, M. C. B. (2009). *A observação participante enquanto técnica de investigação*. *Pensar Enfermagem*. Vol. 13 nº 2 2º semestre.

- Costa, A. F. (1987) A pesquisa no terreno em Sociologia. In Silva, A. S. & Pinto, M. J. (1987) Metodologia das Ciências Sociais. Edições Afrontamento
- Costa, A. F. (2012). Desigualdades Globais. SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS, n.º 68, 2012, pp. 9-32. Acedido em <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3672/1/Sociologia68Cap1.pdf>
- Costa, G. (2018). O envolvimento cívico em Portugal é dos mais baixos da Europa. Entrevista a Luis M. Pires. VER. 3 Maio de 2018 Acedido em <https://www.ver.pt/o-envolvimento-civico-em-portugal-e-dos-mais-baixos-da-europa/>
- Duarte, M. (2004). Novas e velhas formas de protesto: o potencial emancipatório da lei nas lutas dos movimentos sociais. Centro de Estudos Sociais. Acedido em <https://ces.uc.pt/pt/publicacoes/outras-publicacoes-e-colecoes/oficina-do-ces/numeros/oficina-210>
- Duffy, B (2008). The importance of creativity and imagination. Berkshire, MacGraw-Hill
- EAPN (2019). Pobreza e exclusão social em Portugal. Disponibilizado a 15 de outubro de 2019 em <https://www.eapn.pt/documento/646/pobreza-e-exclusao-social-em-portugal>
- Estanque, E. (2006). A questão social e a democracia no início do século XXI, participação cívica, desigualdades sociais e sindicalismo. Revista Finisterra, vol. 55-56-57. Lisboa, 2006 (pp. 77-99). Acedido em <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/264/264.pdf>
- Estanque, E., Costa, H. & Soeiro, J. (2013). The new global cycle of protest and the portuguese case. Journal of Social Science Education, vol. 12, nº 1
- Fernandes, T. (2014). A Sociedade Civil. FFMS
- Ferreira, I. (2017) Educação Intergeracional como estratégia de promoção do envelhecimento ativo. (Tese doutoramento). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade de Coimbra. Acedido em <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/43108/6/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Intergeracional%20como%20Estrat%C3%A9gia%20de%20Promo%C3%A7%C3%A3o%20do%20Envelhecimento%20Ativo.pdf>
- FFMS (s/d). A evolução recente dos indicadores de pobreza, desigualdade e exclusão social. Acedido em <https://portugal desigual.ffms.pt/evolucaodasdesigualdades>
- Fontes, J. (2015). Os direitos humanos e o quotidiano estável. In CONLAB. Congresso Luso-Afro-brasileiro, 12, Lisboa, 2015 - "Imaginar e repensar o social: desafios às ciências sociais em língua portuguesa, 25 anos: livro de atas". Lisboa: AILPcsh, 2015. ISBN 978-989-99357-0-9. p. 1-19
- Frazão, N. (coord.) (2015). Social Innovation in Cidadania Ativa Programme projects, Calouste Gulbenkian Foundation acedido em https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2017/08/29195741/Social_Innovation_in_Cidadania_Ativa_Projects.pdf
- Gohn, M. (s/d). Educação não formal no campo das artes, Cortez editora. Acedido em
- Gomes, J. F., Rodrigues, A. F. & Veloso, A. (2016). Regresso às origens: a importância do indivíduo na criatividade nas organizações. Revista Administração Contemporânea. Curitiba, vol. 20 nº 5 set/out 2016
- González, M. V. (2014). Ciberanimación y movimientos sociales. In Da participação na Cultura à cultura da Participação. Fontes, A., Sousa, J. G. & Lopes, M. S.P. (org.). RIA – Associação Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural – Nodo Português
- Guerra, I. (2006). Pesquisa qualitativa e análise de conteúdos – sentidos e formas de uso. Estoril. Príncipia Editora.
- INE-PORDATA (2018). Índice de qualidade de vida.
- Jefferies, J. (2016). Crocheted strategies: women crafting their own communities. TEXTILE, 14:1, 14-35. Acedido em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14759756.2016.1142788>
- Kelly, M. (2013). Knitting as a feminist project? Elsevier Ltd. Online. Women's Studies International Forum 44, 21 November, 133-144. Acedido em <https://www.deepdyve.com/lp/elsevier/knitting-as-a-feminist-project-iSRVEQBrBQ>
- Latouche, S. (2007). Pequeno tratado do decrescimento sereno. Edições 70
- Lima, M. L.P. (2018). Nós e os outros – o poder dos laços sociais. Fundação Francisco Manuel dos Santos

Lopes, J. M. T. (2009). Da democratização da Cultura a um conceito e prática alternativos de Democracia Cultural. Esc. Sup. de Educação Fressineti, P. Cadernos de Estudo 14. Novembro 2009. Acedido em <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/download/121/90>

Lúcio-Villegas, E. (2012). A construção da cidadania participativa através da educação. Revista Lusófona de Educação 20, 13-29. Acedido em https://www.researchgate.net/publication/268422496_A_construcao_da_cidadania_participativa_atraves_da_educacao

Luvizotto, C. K. (2016). Cidadania, ativismo e participação na internet: experiências brasileiras. Comunicação e Sociedade, vol. 30 2016 pp 297-312. Acedido em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-35752016000200010

Marques, V. S. & Neves, M.C. (coord.) (2017). Ética aplicada ao ambiente. Edições 70

Martins, M. F. & Mendonça, V. M. (2010). Formação e atuação dos militantes dos movimentos sociais. Impulso, Piracicaba – RO (49) Jan-Jun

Matos, A.R. (2016). “Eu participo, tu participas... nós protestamos”: ações de protesto, democracia e participação em processos de decisão. O público e o privado - Nº 27 - Janeiro/Junho – 2016

Matoso, R. (2017). Ativismo cultural e transformação social – caso e estratégias de práticas e políticas urbanas. Esc. Sup. de Teatro e Cinema, IPL. Novembro 2017 in Actas do Congresso Intervenção Teatral em Portugal no século XXI, 2017, Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. Acedido em https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/8244/1/COMUNICA%C3%87%C3%83O_ACTIVISMO%20CULTURAL_L%20E%20TRANSFORMA%C3%87%C3%83O%20SOCIAL_RUI%20MATOSO.pdf

Newmeyer, T. (2008). Knit one, stich two, protest three! Examining the historical and contemporary politics of crafting. Leisure/Loisir, 32:2, 437-460. Acedido em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14927713.2008.9651417>

Oliveras, F. R. (s/d). Las emociones y la participacion.

ONU (2015) ODS Acedido em <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

Peruzzo, C. M.K. (2007). Cidadania, Comunicação e desenvolvimento social. In Relações Públicas Comunitárias: a comunicação numa perspetiva dialógica e transformadora. Summus Editorial

Pichardo, N. A. (1997). New Social Movements: a critical review. Annu Revista Social. Acedido em <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.soc.23.1.411>
PORDATA. Taxa de crescimento real do PIB. Acedido em <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+crescimento+real+do+PIB-2298>

Ramonet, I. (2004). O novo rosto do Mundo. Campo da Comunicação

Robertson, K. & Vinebaum, L. (2016). Crafting Community. TEXTILE, 14:1, 2-13. Acedido em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14759756.2016.1084794#aHR0cHM6Ly93d3cudGFuZGZvbmxpbmUuY29tL2RvaS9wZGYvMTAuMTA4MC8xNDc1OTc1Ni4yMDE2LjEwODQ3OTQ/bmVIZEFjY2Vzcz10cnVlQEBAMA==>

Rodrigues, C. F. (2017). Indicadores de desigualdade e de pobreza em Portugal: um pequeno passo na direcção certa. Jornal Público 4 de Dezembro 2017

Rodrigues, C. F. (coord.) (2016). Desigualdades do Rendimento e Pobreza em Portugal. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Acedido em <https://www.ffms.pt/FileDownload/a98e63bd-0e40-436f-926c-68e800225fd2/desigualdade-do-rendimento-e-pobreza-em-portugal>

Santos, B. S. (14/11/12). Entrevista TV SUPREN. acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=IvERfaN4sl&feature=youtu.be>

Santos, B. S. (24/08/14). Boaventura Sousa Santos falando sobre Direitos Humanos. Gramado/RS acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=L3OFA-15Udk&feature=youtu.be>

Santos, B.S. (2018). O fim do império cognitivo. Edições Almedina

Santos, S. & Pappámikail, L. (2017). Arte e Inclusão Social: uma análise sobre a importância de projetos artísticos-culturais numa escola brasileira de ensino profissional e tecnológico. Revista da UIIPS, Vol. 5 nº 3, 2017 Acedido em <https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/view/14526/10911>

Schmidt, L., Delicado, A., Ferreira, J. G., Fonseca, S., Seixas, J., Sousa, D., Truninger, M. & Valente, S. (2011). 25 anos de Eurobarómetro. Observa. Estudo/24. ICS. Acedido em https://www.academia.edu/16889101/O_Ambiente_em_25_Anos_de_Eurobar%C3%B3metro?email_work_card=view-paper

Sen, A. (2010). Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras.

Serrano, G. P. (1993). Técnicas de investigación en educación social. Perspectiva Etnográfica. In Carreras, J. S. (coord.). (1993). El Educador Social. Universidad de Murcia. Secretariado de Publicaciones.

Shaw, M. & Martin, I. (2005). Translating the art of citizenship. Convergence, vol. XXXVIII, nº 4. Acedido em www.b-on.pt pelo IPS a 2/01/2019

Simonar, P. & Santos, A. (2017). Identidades, pertencimento e engajamento político nas mídias sociais.. Revista Internacional Interdisciplinar. INTERthesis. Florianópolis, v.14, n.3, p.16-31 Set.-Dez. 2017 Acedido em https://www.researchgate.net/publication/321890581_Identidade_pertencimento_e_engajamento_politico_nas_mídias_sociais

Special Eurobarometer 490 (2019) Acedido em https://ec.europa.eu/clima/sites/clima/files/support/docs/report_2019_en.pdf

Stiglitz, J. E. (2002). Globalização a grande desilusão. Terramar

Valladares, L. (2007). Os dez Mandamentos da observação participante. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 22 nº 63. São Paulo. Feb. 2007

Varandas, M. J. (2017). Para uma ética ambiental: percursos fundamentais. In Marques, V.S. & Neves, M. C. P. (coord.) (2017). Ética aplicada ao Ambiente. Edições 70

Vilaça, H. (1993). Territórios e Identidades na problemática dos movimentos sociais. Encontro da Associação Portuguesa de Sociologia: «dinâmicas culturais, cidadania e desenvolvimento local». Vila do Conde. 1 a 3 de Abril de 1993. Acedido em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1309.pdf>
www.eraizes.ipsantarem.pt/moodle/

Yin, R. K. (2001). Estudo de Caso Planejamento e Métodos 2ª Edição. Porto Alegre. Acedido em https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf

ANEXOS

Anexo I - Guião de Entrevista

Problema de estudo:

Perceber de que forma o ressurgimento do tricot e do crochet se constitui enquanto recurso/motor de intervenção de movimentos socioculturais e sociopolíticos

Objetivos da entrevista:

- Recolher informação para caracterizar a Academia Cidadã
- Recolher informação para caracterizar a Campanha Linha Vermelha
- Identificar os procedimentos que estiveram na base do uso do Craftivismo por aquela entidade
- Compreender ou conhecer o motivo pelo qual se recorreram especificamente do tricot
- Recolher informação para compreender como as diferentes entidades se mobilizaram a participar e se tornaram parceiros
- Recolher informação para caracterizar os participantes, seus perfis e graus de envolvimento
- Compreender, assim, quais as perspetivas individuais dos participantes e eventuais mudanças de mentalidades

Entrevistado:

João Costa (responsável da Campanha Linha Vermelha)

Tipo de entrevista:

Nesta primeira etapa da investigação empírica, optou-se pela realização de uma entrevista semiestruturada ao responsável pela Campanha Linha Vermelha (o estudo de caso), objetivando reunir de forma exaustiva e aprofundada informações relevantes sobre as ações desenvolvidas no caso em estudo, nas suas inúmeras dimensões, por forma a desenvolver um conhecimento minucioso acerca do projeto em questão.

Considerando que o entrevistado é elemento fulcral para a obtenção de informação nas suas diferentes dimensões, e cujo envolvimento permitiu contacto com os demais intervenientes no processo, contamos na presente entrevista inquirir acerca das diversificadas variáveis que possibilitem uma ampla visão do caso e a resposta aos questionamentos da nossa investigação.

É nosso intuito complementar as informações obtidas por esta via com outras que permitam quer a validação das mesmas, quer o cruzamento com as perspetivas dos demais interlocutores para a construção de respostas fidedignas ao presente problema de pesquisa.

Condições logísticas:

A entrevista decorrerá na sede da Academia Cidadã, em data a confirmar pelo entrevistado. Para o efeito o entrevistador far-se-á acompanhar do presente guião impresso, de um documento para validação da entrevista (autorização da gravação e possível compromisso de confidencialidade de toda a informação obtida na eventualidade de ser essa a vontade do entrevistado) e de um gravador.

Duração da entrevista:

Entre 60 a 90 minutos.

Designação dos blocos	Objetivos	Questões	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Apresentação do estudo; Relevância do entrevistado para o estudo; Agradecimento.	Olá boa tarde! Desde já agradeço a sua disponibilidade para participar neste meu projeto de investigação. Começo por pedir se autoriza a gravação da entrevista garantindo-lhe que utilizarei as informações obtidas exclusivamente para os fins académicos a que se destinam e nos âmbitos previamente apresentados.	Criar um ambiente descontraído e propício ao diálogo fluído, manter o profissionalismo e o rigor no discurso, com linguagem clara.
Bloco B Caraterizar a Academia Cidadã	Enquadramento geral da associação para uma compreensão contextualizada do estudo de caso	Gostaria de começar por conhecer um pouco melhor a Academia Cidadã. Pode falar-me sobre o surgimento deste projeto? Perguntas de reforço: 1.1. Quando foi constituída a Academia Cidadã? 1.2. Qual a missão? Que objetivos têm?	Ter em consideração que algumas questões suscitarão respostas que incluem informação relativa a perguntas seguintes. Não repetir e manter a fluidez no diálogo, evitando interromper caso o entrevistado esteja

		<p>1.3. Quais as principais áreas de intervenção? E os projetos mais significativos a que se têm dedicado?</p> <p>1.4. E quais mobilizam a vossa dedicação no momento?</p> <p>1.5. De acordo com o que transmite, percebo que a vossa ação é mais de âmbito local/nacional. É assim?</p> <p>1.6. E quanto às formas de financiamento, como têm conseguido operacionalizar a vossa missão?</p> <p>1.7. E no que respeita ao voluntariado? É parte importante no desenvolvimento das vossas atividades?</p> <p>1.8. A Academia Cidadã tem um número de elementos permanente?</p> <p>1.9. (caso não tenha sido referido ainda) Não ainda sobre a Campanha Linha Vermelha, mas em termos genéricos, é prática comum desenvolver parcerias com outras entidades? Se sim, como é que estas se desenvolvem?</p> <p>- E quem são os vossos parceiros?</p> <p>(caso não tenha sido, todavia, respondido) Pode ler-se no vosso Manifesto: «A Academia Cidadã tem por objectivo impulsionar a cidadania activa». Como</p>	<p>a transmitir informações pertinentes para o presente bloco ou para outro ou ainda informação nova não equacionada previamente.</p>
--	--	--	---

		observam a prática da cidadania em território nacional?	
Bloco C Relação com o Craftivismo	Conhecer as manifestações culturais associadas ao contexto do Craftivismo (Objetivo Específico 1)	<p>Ainda antes de nos debruçarmos especificamente sobre a Campanha Linha Vermelha, pode dizer-me se desenvolveram outros projetos com recurso a outras manifestações culturais?</p> <p>Se sim, quais manifestações culturais?</p> <p>Perguntas de reforço: 2.1. Como associa as mesmas ao ativismo? Porquê desse(s) recurso(s) em concreto? Em que se fundamentam (experiências anteriores; replicação; documentação)? 2.2. Pode partilhar que resultados observaram em concreto?</p>	Procurar que o entrevistado refira apenas e tão só outros exemplos na medida em que o bloco seguinte se subordinará especificamente à Campanha.
Bloco D Caraterizar a Campanha Linha Vermelha		<p>Agora mais concretamente em relação à Linha Vermelha, pode dizer-me como surgiu essa Campanha?</p> <p>E pode falar-me um pouco como se desenvolveu todo o processo?</p> <p>Perguntas de reforço: 3.1. Como surgiu a ideia do Craftivismo?</p>	Ter em consideração que algumas das questões deste bloco podem ter sido já total ou parcialmente respondidas no bloco anterior. Se assim o for, elaborar apenas aquelas que

	<p>Conhecer em profundidade o projeto que originou o caso em estudo</p>	<p>E a escolha do recurso tricot? Qual o intuito?</p> <p>3.2. Que relação estabelece entre o recurso ao tricot e a motivação para a participação?</p> <p>3.3. No que respeita à divulgação, de que forma fazem a divulgação e a mobilização para as iniciativas?</p> <p>3.4. E os encontros, como se processaram? Pode referir-me quais os eventos que tiveram maior expressão de participantes? Sabe indicar-me o motivo?</p> <p>3.5. Como se deu esse envolvimento?</p>	<p>continuam pertinentes.</p> <p>Conceder espaço para que o entrevistado possa desenvolver alguns aspetos não abordados, mas que tragam mais valias à investigação.</p>
<p>Bloco E</p> <p>Relação com os Parceiros</p> <p>CLIMÁXIMO e OUTRAS</p>	<p>Entender sobre as entidades envolvidas a sua perspetiva na utilização destes recursos e as finalidades a que se propõem (Objetivos Específico 2)</p>	<p>Qual a importância das parcerias para a consubstanciação do projeto? E do Climáximo em particular?</p> <p>Perguntas de reforço:</p> <p>4.1. E com os demais parceiros, têm missão e objetivos comuns? Entre si e com a Academia? Que relação estabeleceram com a Academia Cidadã?</p> <p>4.3. Pode dizer-me em que se fundamentam para o recurso ao tricot essas entidades? Do seu ponto de vista, há alguma em particular que se destaque nos objetivos para este recurso?</p> <p>4.4. Tem conhecimento se existe relação anterior com o tema do Ambiente nessas entidades?</p>	<p>Referir que este bloco aborda os parceiros numa visão indireta sobre a participação dos mesmos, manifestando a compreensão sobre uma eventual dificuldade em responder de forma efetiva.</p> <p>Expressar a relevância em obter igualmente respostas diretas por parte destas entidades, reconhecendo que ambas as perspetivas contribuirão para clarificar as problemáticas do estudo.</p>

		<p>4.5. Sabe o que essas entidades pretendiam atingir com a parceria? Considera que atingiram?</p> <p>4.6. Sabe dizer-me quem os vossos parceiros procuram mobilizar e se consideram terem-no conseguido?</p> <p>4.7. Que conclusões retiram em termos de sensibilização para o tema do Ambiente com as entidades envolvidas neste processo?</p>	<p>Atentar para possíveis manifestações de cansaço ou desconforto que possam condicionar a fluidez das respostas ou comprometer a continuidade da entrevista.</p> <p>Reforçar a importância de registar o parecer dos responsáveis pela Campanha, dada a sua posição/visão privilegiada e panorâmica de todo o processo.</p>
<p>Bloco F</p> <p>Participação individual</p> <p>Caraterização possível dos ativistas</p>	<p>Conhecer as diferentes formas de envolvimento de particulares e de grupos de cidadãos por forma a compreender as suas lógicas participativas neste tipo de movimentos</p> <p>(Objetivo Específico 3)</p>	<p>Gostaria agora que nos centrássemos nos particulares. Quem são estas pessoas? Não sei se a Academia Cidadã tem essa informação sistematizada, mas se for possível gostaria de conhecer uma descrição genérica (de quem são e porquê se mobilizaram)?</p> <p>Perguntas de reforço:</p> <p>5.1. em relação às idades dos participantes, fiquei inicialmente com a ideia da existência de uma grande amplitude na faixa etária. Tem noção da predominância de idades?</p> <p>5.2. No que concerne às habilitações literárias e profissão / estado profissional, possui alguns</p>	<p>Recordar da importância de se conhecer quem são os ativistas para uma compreensão da problemática da investigação ressaltando ainda o carácter pedagógico que daí resultará no sentido de delinear novas estratégias para a mobilização crescente de ativismo para as causas que são de todos.</p> <p>Referir a conversa inaugural que ocorreu entre o entrevistado e a entrevistadora e como foram nomeados exemplos interessantes que contribuem para</p>

		<p>dados que nos ajudem a conhecer este elemento?</p> <p>5.3. E do seu envolvimento, pode discernir qual a motivação inicial dos participantes? O que levou na sua maioria as pessoas a envolver-se na Campanha?</p> <p>5.4. Da sua perspetiva, que impacto teve a participação nestes sujeitos? A título pessoal, cidadania... Como viu os resultados genéricos nos cidadãos envolvidos?</p> <p>5.5. Que feedbacks receberam? Pode falar-me sobre o grau de sensibilização para o tema Ambiente enquanto resultado final?</p> <p>5.6. Perante esses resultados, o que se propõem para o futuro?</p>	<p>desenhar os perfis dos participantes no caso em estudo.</p>
--	--	--	--

Anexo II - Guião da Entrevista

Problema de estudo:

Perceber de que forma o ressurgimento do tricot e do crochet se constitui enquanto recurso/motor de intervenção de movimentos socioculturais e sociopolíticos

Objetivos da entrevista:

- Conhecer a entrevistada enquanto «maker» e perceber quanto possível o ativismo pessoal (craftivismo?) e sua inerência na atividade profissional que realiza e quanto a mesma influencia outros
- Conhecer da importância do uso das tecnologias na prossecução dos seus fins
- Recolher informação para caracterizar o Gang da Malha e a relação com a Campanha Linha Vermelha
- Recolher informação para conhecer tanto quanto possível os seus intervenientes e grau de envolvimento pessoal na CLV

Entrevistado:

Zélia Évora. Artesã, blogger e escritora. Fundou o Gang da Malha. Residente nas Caldas da Rainha onde desenvolve a sua atividade. Participou na CLV

Tipo de entrevista:

Pretende-se com esta entrevista conhecer um interveniente privilegiado na medida em que a entrevistada é simultaneamente dinamizadora e participante de movimentos sociais que recorrem ao tricot. Compreender as dinâmicas subjacentes às suas ações e igualmente as suas perspetivas acerca dos movimentos nos quais esteve presente e em graus distintos, o que pode conferir panorâmicas mais amplas e traduzir-se em contributos importantes para a compreensão do fenómeno em estudo.

Condições logísticas:

A entrevista decorrerá no atelier da entrevistada no dia 10 de maio pelas 15.00h. Para o efeito o entrevistador far-se-á acompanhar do presente guião impresso e de um gravador e iniciará a mesma com a necessária validação (autorização da gravação e possível compromisso de confidencialidade de toda a informação obtida na eventualidade de ser essa a vontade do entrevistado)

Duração da entrevista:

Entre 60 a 90 minutos.

Designação dos blocos	Objetivos	Questões	Observações
<p>Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado</p>	<p>Apresentação do estudo; Relevância do entrevistado para o estudo; Agradecimento.</p>	<p>Olá boa tarde! Desde já agradeço a sua disponibilidade para participar neste meu projeto de investigação. Começo por pedir se autoriza a gravação da entrevista garantindo-lhe que utilizarei as informações obtidas exclusivamente para os fins académicos a que se destinam e nos âmbitos previamente apresentados, assegurando a confidencialidade a anonimato.</p>	<p>Criar um ambiente descontraído e propício ao diálogo fluído, manter o profissionalismo e o rigor no discurso, com linguagem clara.</p>
<p>Bloco B</p> <p>Caracterizar a entrevistada enquanto fazedora («maker»)</p>	<p>Enquadramento geral Compreensão do móbil pessoal e fundamentos para as práticas das manualidades e seus fins</p>	<p>Gostaria de começar por conhecer um pouco melhor o seu percurso. Pode falar-me sobre o surgimento deste projeto?</p> <p>Perguntas de reforço: 1.2. Como observa o denominado «fast-fashion»? Há relação-reação a este no seu trabalho?</p>	<p>Ter em consideração que algumas questões suscitarão respostas que incluem informação relativa a perguntas seguintes. Não repetir e manter a fluidez no diálogo, evitando interromper caso o entrevistado esteja a</p>

		<p>1.3. E como se posiciona em relação à indústria da Moda e sua relação com o ambiente?</p> <p>1.2. E os seus clientes? Revê nos mesmos preocupações de índole ambiental e sustentável?</p> <p>1.3. Li numa entrevista que deu que a maior parte do seu trabalho é vendido através de «selfies» que tira logo após a confeção da peça. Presume-se que há uma relação muito estreita com as redes sociais. Pode falar-me um pouco sobre isso?</p> <p>1.4. É autora de dois livros, «A terapia do Tricot» e «Re-use». Ambos são manuais que procuram ensinar os leitores a construir o seu próprio vestuário e inclusivamente a reutilizar materiais. Também no seu blog partilha muitas técnicas. Qual o intuito desta partilha de informação? Qual o alcance?</p> <p>1.5. Li igualmente numa entrevista que nos dois anos em que se dedicou a elaborar o livro, o tricot não foi de todo terapêutico para si, contudo considera-lo</p>	<p>transmitir informações pertinentes para o presente bloco ou para outro ou ainda informação nova não equacionada previamente.</p>
--	--	---	---

		<p>com esse potencial, em que medida?</p> <p>1.6. Como caracteriza os seus clientes e seguidores? Há um perfil?</p>	
<p>Bloco C</p> <p>Caracterizar o Gang da Malha e a relação com a Campanha Linha Vermelha</p>	<p>Conhecer os propósitos do projeto</p>	<p>Fundou, juntamente com Filipe Almeida Santos, o Gang da Malha. Qual foi o objetivo?</p> <p>Perguntas de reforço:</p> <p>2.1. Que tipo pessoas se envolveram? Consegue caracterizá-las?</p> <p>2.2. Estavam inerentes também preocupações ambientais?</p> <p>2.3. Considera que o projeto foi bem-sucedido?</p> <p>2.4. Li numa entrevista que foram as redes sociais que deram expressão ao Gang da Malha, pode explicar?</p>	<p>Importa aqui compreender as lógicas pessoais para este tipo de ativismo.</p>
<p>Bloco D</p> <p>Relação do Gang da Malha com a CLV</p>	<p>Compreender o envolvimento na CLV e percepção dos demais na relação com o recurso</p>	<p>Como sabe, o seu contacto foi-me fornecido pelo responsável pela Campanha Linha Vermelha, identificando o seu projeto enquanto parceiro. Pode falar-me um pouco sobre como surgiu essa parceria e em que moldes se desenvolveu?</p>	<p>Recetividade e flexibilidade para possibilitar relato de experiência direta e/ou indireta, já que a o impacto da CLV também pode ser analisado através de elementos não participantes</p>

		<p>3.1. Qual foi a sua percepção sobre o uso do tricot e crochet na Campanha?</p> <p>2.2. Na sua opinião, se existem, qual/quais as mais valias desse recurso?</p> <p>2.3. Que relação estabelece entre o recurso ao tricot e a motivação para a participação? Quem são estas pessoas que se envolveram? O que reteve da mobilização destes ativistas em particular?</p> <p>2.4. Consegue destringer entre os que se mobilizaram para a CLV e os que já estavam mobilizados para encontros de tricot promovidos anteriormente?</p>	
<p>Bloco D</p> <p>Compreender a relação com o craftivismo/artivismo</p>	<p>O porquê do recurso a manifestações culturais e artísticas com objetivos ativistas na contemporaneidade</p>	<p>Em termos genéricos, já tinha participado ações de protesto?</p> <p>O que para si o craftivismo difere de outras formas mais convencionais de protesto?</p> <p>Que motivos e qual a importância que identifica – se identifica - neste tipo de ativismo para a atualidade?</p> <p>Perguntas de reforço:</p>	<p>Ter em consideração que as questões deste bloco podem ter sido já total ou parcialmente respondidas no bloco anterior. Se assim o for, elaborar apenas aquela que continua pertinente.</p> <p>Conceder espaço para que o entrevistado possa desenvolver alguns aspetos não abordados,</p>

		<p>3.1. Reconhece a existência de perfis de ativistas que se mobilizam pela manifestação cultural/artística?</p> <p>3.2. Uma dinamizadora de craftivismo afirma que este tipo de ativismo se associa a um tipo de personalidade, a seu ver é apenas uma questão de linguagem/comunicação ou extravasa sim para a personalidade? São formas de expressão que se coadunam com formas de estar específicas?</p>	<p>mas que tragam mais valias à investigação.</p> <p>Atentar ao facto destas respostas poderem ter sido dadas no bloco anterior!</p>
--	--	--	--

Anexo III - Guião da Entrevista

Problema de estudo:

Perceber de que forma o ressurgimento do tricot e do crochet se constitui enquanto recurso/motor de intervenção de movimentos socioculturais e sociopolíticos

Objetivos da entrevista:

- Recolher informação para caracterizar a Campanha Linha Vermelha
- Compreender a relação entre o protesto gentil e outras formas de ativismo
- Conhecer as relações entre a CLV e outros grupos ativistas
- Identificar os procedimentos que estiveram na base do uso do Craftivismo por aquela entidade
- Compreender ou conhecer o motivo pelo qual se recorreram especificamente do tricot
- Recolher informação para compreender como as diferentes entidades se mobilizaram a participar e se tornaram parceiros
- Recolher informação para caracterizar os participantes, seus perfis e graus de envolvimento
- Compreender, assim, quais as perspetivas individuais dos participantes e eventuais mudanças de mentalidades

Entrevistado:

Catarina Gomes (responsável da Campanha Linha Vermelha)

Tipo de entrevista:

Numa segunda etapa da investigação, tornou-se pertinente auscultar o elemento da coordenação que se havia afastado da Campanha com o intuito de conhecer a sua perspetiva acerca do desenvolvimento do projeto, bem como aprofundar o entendimento sobre as relações entre o protesto gentil patente na Campanha em análise e outras formas de protesto tradicionais e, em específico a relação entre entidades envolvidas. Dado o avançar da pesquisa e o propósito de conhecer uma outra perspetiva do projeto, por parte de um interlocutor dissidente, procuraremos que a entrevista se desenvolva a partir de uma conversa informal, conduzida apenas por questões genéricas que nos permitam clarificar ilações previamente construídas através dos testemunhos recolhidos até à data.

Condições logísticas:

A entrevista decorrerá nos Jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, em data a confirmar pela entrevistada. Para o efeito o entrevistador far-se-á acompanhar do presente guião impresso, de um documento para validação da entrevista (autorização da gravação e possível

compromisso de confidencialidade de toda a informação obtida na eventualidade de ser essa a vontade do entrevistado) e de um gravador.

Duração da entrevista:

Entre 60 a 90 minutos.

Designação dos blocos	Objetivos	Questões	Observações
<p>Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado</p>	<p>Apresentação do estudo; Relevância do entrevistado para o estudo; Agradecimento.</p>	<p>Olá boa tarde! Desde já agradeço a sua disponibilidade para participar neste meu projeto de investigação.</p> <p>Começo por pedir se autoriza a gravação da entrevista garantindo-lhe que utilizarei as informações obtidas exclusivamente para os fins académicos a que se destinam e nos âmbitos previamente apresentados.</p>	<p>Criar um ambiente descontraído e propício ao diálogo fluído, manter o profissionalismo e o rigor no discurso, com linguagem clara.</p>
<p>Bloco B</p> <p>Conhecer o grau de envolvimento da entrevistada na Campanha em análise</p>	<p>Enquadramento geral e contextualizada do estudo de caso</p>	<p>Gostaria de começar por perguntar como é que se iniciou ao teu envolvimento na Campanha Linha Vermelha?</p> <p>Perguntas de reforço:</p> <p>1.1. Qual o objetivo do teu envolvimento?</p> <p>1.2. Que contributos tencionavas dar ao projeto?</p> <p>1.3. Em que regime participaste? Voluntariado?</p> <p>1.4. Tem experiência prévia em ativismo ambiental?</p>	<p>Ter em consideração que algumas questões suscitarão respostas que incluem informação relativa a perguntas seguintes. Não repetir e manter a fluidez no diálogo, evitando interromper caso o entrevistado esteja a transmitir</p>

			informações pertinentes para o presente bloco ou para outro ou ainda informação nova não equacionada previamente.
<p>Bloco C</p> <p>Aprofundar o conhecimento sobre a Campanha</p>	<p>Conhecer o público-alvo e sobre os participantes efetivos a sua caracterização e o seu grau de envolvimento</p>	<p>Que tipo de pessoas participavam dos eventos por vós organizados?</p> <p>Perguntas de reforço:</p> <p>2.1. E o seu grau de envolvimento?</p> <p>2.2. Considera que passavam a mensagem?</p> <p>2.3. Que impactos observou?</p> <p>Cumriu-se o propósito?</p>	<p>Obter informação passível de cruzar com os dados previamente recolhidos</p>
<p>Bloco D</p> <p>Relação com outras formas de protesto e grupos de ativistas</p>	<p>Esclarecer acerca das relações entre projetos</p>	<p>Como observa a relação entre o protesto tradicional e o gentil concretizado na CLV?</p> <p>Perguntas de reforço:</p> <p>3.1. Sente alguma resistência por parte do ativismo tradicional a reconhecer e validar o protesto gentil?</p> <p>3.3. No que respeita à divulgação, de que forma fazem a divulgação e a mobilização para as iniciativas?</p>	<p>Ter em consideração que algumas das questões deste bloco podem ter sido já total ou parcialmente respondidas no bloco anterior. Se assim o fôr, elaborar apenas aquelas que continuam pertinentes.</p> <p>Conceder espaço para que o entrevistado possa desenvolver alguns aspetos não abordados, mas que trazem</p>

			mais valias à investigação.
<p>Bloco E</p> <p>CLV sob o ponto de vista da inovação na relação com os públicos, estereótipos e preconceitos</p>	<p>Entender sobre as pessoas envolvidas as suas perspectivas sobre o recurso e as modalidades de protesto associadas à CLV</p>	<p>Considera que a CLV conseguiu desconstruir preconceitos na sociedade portuguesa, designadamente em relação a outras formas de protestar e envolvimento de outro tipo de pessoas nas lutas ativistas?</p>	<p>Referir que este bloco aborda os aspetos relacionados com os anteriores. Atentar se as questões foram previamente respondidas.</p> <p>Atentar para possíveis manifestações de cansaço ou desconforto que possam condicionar a fluidez das respostas ou comprometer a continuidade da entrevista.</p> <p>Reforçar a importância de registar o parecer dos diferentes responsáveis pela Campanha, dada a sua posição/visão privilegiada e panorâmica de todo o processo.</p>
<p>Bloco F</p> <p>Conhecer o olhar por parte de um dissidente</p>	<p>Perceber como um elemento envolvido em parte do processo</p>	<p>Gostaria que me transmitisse qual a sua perceção sobre a evolução da Campanha desde o seu afastamento? Como vê a CLV atualmente e as estratégias implementadas?</p>	<p>Recordar da importância de se conhecer uma visão exterior que é privilegiada pelo facto de ter estado envolvida na preparação e construção das</p>

acerca do desenvolvimento do projeto	observa a CLV agora desde o exterior	<p>Perguntas de reforço:</p> <p>5.1. Considera que continuam focados nos objetivos inicialmente propostos?</p> <p>5.5. Parece-lhe que se destinam ao público previamente escolhido?</p>	linhas orientadoras do projeto.
<p>Bloco G</p> <p>Acerca da cidadania participativa em território nacional</p>	Conhecer a perspetiva da entrevistada sobre a participação cidadã em Portugal	<p>Pode transmitir-me, do seu ponto de vista, qual o grau de cidadania que observa nos portugueses?</p> <p>6.1 E em comparação com o resto do mundo?</p> <p>6.2 Que relação observas entre este tipo de exercício de cidadania e ideologia?</p>	

Anexo IV - Análise de conteúdo

Entrevistas:

Entrevista a João Costa - E1

Entrevista a Zélia Évora – E2

Entrevista a Catarina Gomes – E3

Diário de Campo:

21 de janeiro Conversa telefónica João Costa

26 de março conversa telefónica João Costa

7 abril Assembleia Cidac – reunião preparatória Camp in Gás

9 e 11 de abril conversas telefonicas João Costa

23 de abril Assembleia Cidac – 2ª reunião preparatória

15 maio conversa telefónica João Costa

12 de julho – Bajouca Feiriarte

13 de julho – Bajouca Feiriarte

14 de julho – Bajouca gravação do vídeo

19 de julho – Bajouca Camp in Gas

20 de julho – Bajouca Camp in Gas

21 de julho – Bajouca Manifestação e Ação ativista

17 de agosto – Pico MiratecArts – conversa com Hugo

1 de setembro – Caldas da Rainha – Festival «À procura do novelo»

3 a 7 de setembro – conversa online com Zélia Évora (participação no livro)

9 de setembro – conversa online João costa – novo convite

14 de setembro – Sintra encontro Eco-Ativismo quinta 7 Nomes

27 de setembro – Lisboa Greve Estudantil Marcha pelo Clima

22 de outubro conversa telefónica com João Costa

26 e 27 de outubro – Lisboa Organii Eco Market

3 de novembro – Lisboa Gravação vídeo Horta FCUL

29 de novembro – Lisboa 4ª greve Estudantil – Marcha pelo Clima

Dimensões	Categorias	Testemunhos
Academia Cidadã	Descritivo	<p>«A Academia Cidadã nasceu em 2012 depois da Geração à rasca. Eu não sou um dos fundadores, mas juntei-me logo, em 2013/14 se não estou em erro, à Academia cidadã...pronto e foi basicamente as pessoas que fundaram a AC foram as que lançaram a ideia, vá, da Geração à Rasca, da manifestação e elas perceberam que não bastava isso – porque isso levou de facto a uma mudança de governo, até podia ter sido pior mas, pronto, levou a essa consequência e eles achavam que fazia sentido haver uma continuidade e a continuidade que eles achavam que fazia sentido era isso, de uma maneira muito assim muito utópica a ideia era que a AC fosse entre outras coisas, que fosse uma escola de ativismo e de cidadania. E a ideia foi essa mesma que a AC conseguisse servir não só como catalisador mas também como um embrião de novos projetos, porque por exemplo fazer uma associação ou criar uma associação em termos legais não é difícil, mas é um processo muito moroso e com muita burocracia e então nós achámos que poderia fazer algum sentido, ou eles acharam que poderia fazer algum sentido, também sermos um embrião de outros projetos e na realidade isso é uma das coisas que está a acontecer melhor, tendo em conta o que se projetou no início.(E1 p.1)</p> <p>temos a CLV, temos o projeto Morar em Lisboa que tem duas pessoas em regime de voluntariado da AC – Morar em Lisboa foca o problema da gentrificação, relacionado com o turismo e com a habitação...mm.. que é no fundo uma plataforma agregadora de várias associações e vários movimentos cívicos; depois temos um projeto que, na verdade e no papel é a associação nacional de Futebol de rua que o está a gerir mas nós temos uma pessoa da AC que está lá nesse projeto que se chama «Bola Colorida», portanto chamava-se «Outros Campeonatos», teve um financiamento da CML a partir do (bip/zip) durante um ano e aí sim era a AC que estava como embrião do projeto, depois acabou o financiamento, a Câmara não renovou e a ANFR, como era já parceira começou a concorrer a financiamentos e conseguiu financiamento para mais um ano, pronto, essa pessoa também está...pronto trabalha e recebe como part-time, ou melhor trabalha como full-time e recebe como part-time, mm pronto; depois temos como embrião dois projetos que é «os empregos pelo clima» através do Climáximo e a Alinhavo e... eu acho que há mais um que agora não me estou a lembrar...e pronto o</p>

		<p>resto é tudo campanhas...eu acho que me está a faltar aqui... um projeto...pronto mas o resto é à base de campanhas mais pontuais. Temos um, houve um projeto que já acabou, que depois deu origem a um documentário etc., que era «How to squat a river» (ver melhor) que era a documentar basicamente todas as pessoas que ocupam as margens do rio tejo para fazer agricultura, para cultivar, agricultura de pequena escala, como é lógico, isto são pessoas de faixas etárias muito mais altas do que as nossas e, nós, nomeadamente as duas pessoas que estavam a trabalhar nesse projeto perceberam, que aquelas pessoas estavam na verdade a fazer um ato de cidadania e no fundo de desobediência, sem saberem o que estavam a fazer, porque efetivamente aqueles terrenos não eram delas e elas literalmente ocuparam aqueles terrenos, com tudo o que aquilo tem de positivo, o facto de trabalharem a terra e ao mesmo tempo estão a regenera-la também não é, e portanto, a criar ali também uma outra vida... e desculpa se não me estou a lembrar de mais nenhum...(E1 p.2)</p> <p>Sim, sim, muito. Porque o «core» da AC nós somos 7 /8 pessoas mais presentes e depois temos mais algumas pessoas por dificuldades tanto a nível geográfico quanto ao nível de tempo, não conseguem estar mais tempo presentes, mas no fundo a AC é no fundo um instrumento para as pessoas porem em prática a sua cidadania. Temos um Manifesto, temos como tu disseste há pouco os polos, e os polos é muito como sejam umas «guide lines», portanto umas linhas orientadoras, sim , para os projetos que se podem desenvolver e, portanto, as pessoas consoante as ideias que têm, consoante as parcerias, as motivações e o tempo que têm vão iniciando projetos.</p> <p>Não, não. Para a AC não. Ou seja, trabalham indiretamente, pronto. Eu neste momento não tenho contrato mas quando eu tive contrato no ano passado estava a receber pela AC, o meu contrato de trabalho era pela AC mas no fundo eu estava a trabalhar para a Linha Vermelha, não é...e pronto, todos os projetos têm sido assim, a AC não é em si um projeto, enfim, é se calhar um agregador de projetos, é mais por aí. (E1 p.3)</p> <p>«Sim, sim, totalmente. Não especificamente o cinema, mas muito o teatro. Uma das coisas que nós queremos fazer, e lá está, depois de o querer ao fazer vai uma distância, mas nós queremos muito fazer o Teatro do Oprimido, porque achamos que isso são metodologias muito inclusivas e muito participativas e, lá está, que não</p>
--	--	--

		<p>incentivam a pessoa a ser um mero espectador mas sobretudo a fazer parte da peça e a fazer parte da interação da peça com o problema que quer focar não é, e... depois também das soluções entre aspas mas não existe ainda nada assim, não conseguimos ainda concretizar digamos assim. (E1 p.5)</p>
	<p>Relação com CLV</p>	<p>Sim, isso, mm, essa parceria é muito de nome porque no fundo eu faço voluntariado com as duas associações e, ou seja, eu entrei para a AC com uma logica de conhecer mais profundamente não só os problemas mas sobretudo as alternativas que existem e pronto, existe...eu não quero fugir à pergunta mas acho que isto é muito importante...existe um – e eu noto muito isso, eu como te disse eu não andei na faculdade, eu tenho conhecimentos muito básicos a todos os níveis – e existe um grande gap, uma separação entre o ativismo e ...eu ia dizer a vida real mas não é a vida real, entre as pessoas e os seus problemas reais, os seus interesses e motivações reais mm... reais que não são tão reais (Eu- quotidianos?) quotidianos, é isso tal e qual. E uma das coisas que eu percebi quando eu entrei para a AC foi isso mesmo: há muita coisa que eu não faço a mínima ideia, eles começaram a falar de pessoas que eu não conhecia, por exemplo a Rosa Parks – que hoje em dia é uma das minhas inspirações e eu não conhecia a Rosa Parks não fazia a mínima ideia de quem era – e eu começava a ouvir estes nomes nas reuniões da AC e eu apontava e depois ia ver quem era, bom, e eu sobretudo comecei a descobrir um mundo novo. Entretanto, por várias razões que agora também não vale a pena estar a aprofundar, comecei a trabalhar e a começar a fazer algumas coisas com a Climáximo – porque eu achei que a linha de atuação deles (Eu – antes da linha vermelha?) Sim, sim, muito antes – mm, e comecei a perceber também outros problemas e outras questões digamos assim, muito focadas na área especificamente ambiental, mas de uma maneira mais vasta que é o conceito de justiça climática – que isso para mim foi muito bom – que é aproveitar um problema e uma crise que temos e aproveitar que temos de a resolver de uma maneira estrutural e vamos também aproveitar para resolver também outros problemas sociais que nós temos. mm...isso para mim foi muito bom que é apagar no fundo essa distância que é o ativismo que tem muito de académico e é muito baseado em conhecimento académico e com termos académicos e pô-lo mais com uma perspetiva mais terrena e mais real...</p>

		<p>Eu – e essa é uma perspectiva e um posicionamento da Climáximo?</p> <p>É um posicionamento da Climáximo e também é um posicionamento da AC apesar de não estar escrito em lado nenhum o conceito de justiça climática – porque é também um conceito muito recente – mas o nosso Manifesto tem tudo a ver com isso que é, pronto existem problemas muito estruturais na nossa sociedade – e isto a um nível global, não nacional, que existem sem dúvida mas... mas nós temos que resolver e aproveitar para resolver vários, portanto, de várias maneiras, não há uma maneira de o fazer, mas a maneira principal é através da educação, numa perspectiva mais a médio prazo, e outra é com a participação cívica, numa perspectiva mais a curto prazo. Portanto o envolvimento da Climáximo é muito isso, é no fundo o que a Climáximo e a AC me deram a mim e que levou a que depois eu criasse a Linha Vermelha, e quando digo eu é porque de facto a ideia surgiu porque outra pessoa teve uma ideia fantástica e lindíssima e eu agarrei na ideia dela e comecei a por mais peças e fiz o puzzle da linha vermelha mm, mas eu não teria conseguido isto sem o conhecimento sem as pessoas que me foram ajudando em coisas pontuais tanto da AC como do Climáximo e essa pessoa que teve esta ideia de vir para o jardim com a ideia do cordão vermelho é uma pessoa que eu conheci por causa do Climáximo e pronto, aí essa relação. (E 1p.10,11)</p> <p>Sim, isso, mm, essa parceria é muito de nome porque no fundo eu faço voluntariado com as duas associações e, ou seja, eu entrei para a AC com uma logica de conhecer mais profundamente não só os problemas, mas sobretudo as alternativas que existem e pronto, existe... (...)</p> <p>Entretanto, por várias razões que agora também não vale a pena estar a aprofundar, comecei a trabalhar e a começar a fazer algumas coisas com a Climáximo – porque eu achei que a linha de atuação deles (Eu – antes da linha vermelha?) Sim, sim, muito antes – mm, e comecei a perceber também outros problemas e outras questões digamos assim, muito focadas na área especificamente ambiental, mas de uma maneira mais vasta que é o conceito de justiça climática – que isso para mim foi muito bom – que é aproveitar um problema e uma crise que temos e aproveitar que temos de a resolver de uma maneira estrutural e vamos também aproveitar para resolver também outros problemas sociais que nós temos. mm...isso para mim foi muito bom que é apagar no fundo essa distância que é o</p>
--	--	---

		<p>ativismo que tem muito de académico e é muito baseado em conhecimento académico e com termos académicos e pô-lo mais com uma perspetiva mais terrena e mais real...</p> <p><u>Eu – e essa é uma perspetiva e um posicionamento da Climáximo?</u></p> <p>É um posicionamento da Climáximo e também é um posicionamento da AC apesar de não estar escrito em lado nenhum o conceito de justiça climática – porque é também um conceito muito recente – mas o nosso Manifesto tem tudo a ver com isso que é, pronto existem problemas muito estruturais na nossa sociedade – e isto a um nível global, não nacional, que existem sem dúvida mas... mas nós temos que resolver e aproveitar para resolver vários, portanto, de várias maneiras, não há uma maneira de o fazer, mas a maneira principal é através da educação, numa perspetiva mais a médio prazo, e outra é com a participação cívica, numa perspetiva mais a curto prazo. Portanto o envolvimento da Climáximo é muito isso, é no fundo o que a Climáximo e a AC me deram a mim e que levou a que depois eu criasse a Linha Vermelha, e quando digo eu é porque de facto a ideia surgiu porque outra pessoa teve uma ideia fantástica e lindíssima e eu agarrei na ideia dela e comecei a por mais peças e fiz o puzzle da linha vermelha mm, mas eu não teria conseguido isto sem o conhecimento sem as pessoas que me foram ajudando em coisas pontuais tanto da AC como do Climáximo e essa pessoa que teve esta ideia de vir para o jardim com a ideia do cordão vermelho é uma pessoa que eu conheci por causa do Climáximo e pronto, aí essa relação. (E1 p. 10,11)</p>
CLV	Como surgiu	<p>«e a LV tinha começado também há cerca de 3 meses, muito informalmente, até por uma pessoa numa praia em Tavira, foi feito um cordão vermelho, não sei se viste fotografias, assim uma coisa muito espontânea que o João na altura topou aquilo e disse «ai eu vou pegar nisto também porque parece que as pessoas estão a aderir»; a primeira reunião com o João em Setembro...» (E3 p.1)</p> <p>«2016 ou 17, eu regresssei em 2016,... foi setembro ou outubro de 2016, exato, aquilo começou no verão de 2016 em que a única atividade tinha sido feita até então tinha sido o tricot nos jardins da Gulbenkian, com a Climáximo, que na altura era mais uma experimentação pronto. Mmm, (E3 p.1)</p> <p>«Bom, então a LV surgiu oficialmente no final de 2016 mas desde o verão de 2016 que a Campanha, que a ideia já existe...no fundo foi precisamente aqui onde nós</p>

	<p>estamos na Gulbenkian que a ideia apareceu porque nós fomos ali para aquele jardim, portanto isto ia haver um cordão humano por causa da questão de Aljezur, havia uma grande mobilização popular lá e havia também um grande contacto entre pessoas daqui de Lisboa e pessoas de lá e houve um cordão humano em Tavira no verão de 2016 e houve uma rapariga que teve a ideia de nós irmos para aqui, isto é um local simbólico porque na altura a petrolífera da Gulbenkian, a Partex, tinha conceções no algarve, então ela de uma maneira assim muito concreta e específica decidiu, isto foi uma coisa que não foi nada trabalhado: ela simplesmente convidou amigos, pessoas que ela conhecia, ela é uma pessoa que está ligada ao ativismo mas também está ligada à área da conservação de sementes e da parte da recostura, trabalhos manuais, etc.</p> <p>(Como é que se chama? Ela chama-se Leonor)</p> <p>E ela teve a ideia de vir para aqui e durante cinco dias – que eram os cinco dias que antecediam o cordão humano que haveria em Tavira – vínhamos para aqui ao final da tarde em horário pós-laboral fazer um cordão vermelho para levar para o cordão humano, pronto, numa lógica de ligar as pessoas. E eu vim dois desses dias e achei a ideia brutal porque eu já conhecia algumas das pessoas, mas depois tive contacto com pessoas que eu depois não iria falar normalmente porque são pessoas ligadas à área do tricot e do crochet e que ela conhece, pessoas de várias faixas etárias...e pronto, aquilo para mim foi um momento mágico, para além de eu aprender a fazer... aquilo foi macramé que fizemos, além de aprender a fazer aquilo, podíamos estar num sítio bonito como é este e... ao mesmo tempo a falar sobre assuntos que importam...e não só, mas, ou seja eu achei aquilo muito mágico, é a palavra certa, e na altura eu falei com ela:</p> <p>- oh Leonor porque é que não fazemos isto de uma maneira mais a sério e porque é que não pomos todo o país a tricotar contra. Isto tem um símbolo muito forte porque tinha havido também em 2015 a COPA – a Conferência das partes em Paris – que na altura tinha havido depois os ataques e a cidade estava em estado de emergência e uma das ações de desobediência que se fez foi levar muitas pessoas para a rua com linhas vermelhas, e na altura as linhas vermelhas simbolizavam os dois graus de aquecimento – que na altura se pensava que era o aconselhável – e então juntámos estas ideias todas e fizemos aqui um puzzle e arrancou a campanha. Nós estivemos 6 meses a fazer</p>
--	--

		<p>pesquisa de grupos de tricot, de pessoas que já estavam envolvidas no tricot e no crochet e fizemos uma base de dados com cerca de 700 grupos diferentes em todo o país, uns mais formais e outros menos formais e pronto quero só acrescentar isto porque foi ...eu enviei sem termos site, sem termos nada, eu enviei cerca de 700 emails e tivemos 7 ou 8 respostas, uma positivas, outras com um «nim» e...bom, tendo em conta o número de respostas que nós temos habitualmente no ativismo ...foi uma percentagem boa, portanto, nós pensamos assim, é bom vamos avançar. E pronto depois foi andar à procura de pessoas para me ajudar que me ajudassem a fazer o site que eu não percebo nada disso mm...e pronto, criar a ideia, fazer também, escrever umas «guide lines» para a Campanha e...cronograma etc. e depois arrancar com a Campanha.» (E1 p. 6, 7)</p> <p>«Epá nós fizemos as contas por exemplo desde pessoas que simplesmente nos receberam, disponibilizaram espaço, mm...foram, não sei, foram, eu não te quero mentir, mas foram à volta de 80. Foram, portanto, houve participações em vários níveis: houve pessoas que tricotaram linha vermelha; houve pessoas que nos receberam, que disponibilizaram o espaço para nos receber; houve pessoas que simplesmente fizeram a linha vermelha e nos enviaram; mm...e» (E1 p. 17)</p>
	<p>Quem pertence</p>	<p>«o que eu fiz, sei lá, eu e o João eramos na altura coordenadores mm...» (E3 p.1)</p> <p>«Não, não. Para a AC não. Ou seja, trabalham indiretamente, pronto. Eu neste momento não tenho contrato mas quando eu tive contrato no ano passado estava a receber pela AC, o meu contrato de trabalho era pela AC mas no fundo eu estava a trabalhar para a Linha Vermelha, não é...e pronto, todos os projetos têm sido assim, a AC não é em si um projeto, enfim, é se calhar um agregador de projetos, é mais por aí. (E1p.3)</p>
	<p>Financiamento</p>	<p>«Foi-me assim referido pelo João que o ano 2018 tinha sido muito exaustivo no que concerne a organização e presença em eventos – ocorridos em diversos pontos do país - e que por questões de recursos e também de política, preparavam-se para outras ações, não descurando a possibilidade de procederem a encontros com tricot, ainda que num registo diferente e em situações mais pontuais do que aquelas que tinham acontecido em 2018.» (DC p.1)</p> <p>Retive igualmente que a organização conta já com financiamento (cerca de 14.000€) e que apesar do mesmo contribuir para colmatar as despesas previstas, tencionam colocar um valor simbólico aos participantes</p>

		<p>que corresponda à alimentação fornecida durante o evento. (reunião preparatória Dc p.5)</p> <p>Foi ainda referida a questão do financiamento extra às entidades que estão já a suportar os custos, a tentativa de receber apoios logísticos de parte de ativistas (designadamente lonas emprestadas para a eventualidade de chover) e referida a conta bancária para onde deverão ser enviados todos os valores obtidos. (reunião prep. DC p. 7)</p> <p>Destaco da abordagem do organizador o facto da CLV ser detentora de fundos próprios uma vez que o João manifestou logo de início que todas as despesas de deslocação e alojamento seriam custeadas pela organização, ficando os participantes isentos de qualquer tipo de encargo. Não quis colocar questões sobre origens de financiamentos evitando interpretações que pudessem pôr em causa a minha presença. (DC p. 13)</p> <p>Foi referido na Assembleia em que estive presente que havia já financiamento para custear grande parte das despesas, que o acampamento (Camp in Gás) não teria qualquer custo para os participantes, apenas as refeições seriam pagas (40€ no total para 4 dias de alimentação vegana, o que parece um valor muito simbólico). Assim sendo fui registando os eventos divulgados nas redes sociais por forma a compreender melhor o fenómeno e quem são «estas pessoas» que se envolvem nestas causas.:</p> <p>25 maio Jantar Benefit RDA 69, Regueirão dos Anjos, nº 69</p> <p>1 junho Oficina de sacos reutilizáveis e Mercado de Trocas na loja comércio justo do CIDAC</p> <p>1 junho Aula de yoga – Yoga for Action! No Bus Paragem cultural</p> <p>9 junho Benefit Party – Dance for Action! Gate 67</p> <p>10 junho Benefit Party – Music for Action – Anjos 70 (DC p. 14)</p> <p>Apercebo-me de que esta geração perto dos 30as domina as tecnologias e a capacidade de pesquisa e redes de apoio para poder obter financiamentos e pôr em curso os seus projetos (a certo momento disse que é fácil encontrar financiamento, «há muito dinheiro, é preciso é procurar»; já o João Costa tinha referido o mesmo). (DC p. 16)</p> <p>Curioso e também para investigar quem fornece a linha vermelha porque trouxeram várias meadas (sacos cheios de lã específica para arraiolos). Era interessante perceber quem fornece o material tal como seria interessante saber quem financia – ainda estou na</p>
--	--	--

	<p>esperança de perceber quem financia estes projetos porque ofereceram-se para nos pagar as deslocações e a alimentação ainda ontem o jantar no restaurante da festa foi custeada pelo organizador.(DC p. 21)</p> <p>A questão do financiamento da CLV é algo que ainda me ultrapassa. Não consegui ainda descortinar onde e através de quem conseguem apoio para os projetos, mas é certo que o têm. Inclusivamente no passado dia 1, o João Costa fez questão de ir comprar almoço para todos, assumindo as despesas na íntegra e transmitindo que as mesmas estão contempladas na CLV. Contudo, não é revelada a origem do dinheiro (e também não sei se deveria ser). (DC p. 47)</p> <p>Em conversa com o João acerca do próximo encontro (Organic Eco Market) este pôs-me a par dos próximos passos da (Out ao telefone com o João) Contou-me que tem 30.000€ para este projeto.</p> <p>Aproveitei para questioná-lo sobre os financiamentos e disse-me que este provem de uma ong norueguesa e que sim, são todos financiamentos internacionais os que têm possibilitado a existência da CLV (a mesma ONG já financiou 24€ e foi a que possibilitou que ele tenha estado durante um ano contratado). (DC p.53)</p> <p>«e em 2018 foi quando conseguimos ter financiamento e conseguimos ter tempo, devido também ao financiamento que tivemos para nos dedicarmos a isto e portanto tivemos, num ano fizemos cerca de...foram 56 eventos que dá uma média de 1 evento de 6 em 6 dias mm...nos fomos ao Porto, fomos ao Algarve, fomos a Coimbra mmm, em Lisboa fizemos «n» eventos, fomos a festivais, fomos a cascais, fizemos o <i>Eco Cascais</i>, portanto assim, feiras vá mais ligadas com a sustentabilidade, fizemos eventos muito diversos» (E1 p. 8)</p>
Objetivos	<p>Foi-me transmitido que tinham como primeiro objetivo mobilizar os cidadãos, mas que era igualmente seu intuito proceder à sensibilização, designadamente das populações infantojuvenis com campanhas nas escolas. Esta seria uma via pela qual estavam a encaminhar-se.(DC p.1)</p> <p>Existe já tricotada/crochetada cerca de 3 km de linha e apesar da campanha ter como objetivo inicial fazer 56km neste momento o objetivo é elaborar 8 km que representam simbolicamente a profundidade total dos dois furos que ainda estão previstos acontecer na Bajouca e em Aljubarrota. (DC p. 27)</p> <p>«O objetivo da LV foi sempre utilizar uma técnica não agressiva e divertida para criar o espaço seguro para que possamos ter conversas ou mais serias ou mais</p>

	<p>complicadas porque por exemplo a questão científica é complicada, e criar aí uma abertura, quer com temas ambientais ou outros temas é muito utilizada à volta do mundo e resulta perfeitamente» (E3 p.3)</p>
	<p>Estratégias</p> <p>Foi-me referido pelo João que a reformulação da Campanha devia-se também ao facto da questão de Aljezur ter tido um resultado positivo, mas que agora se mobilizavam para ações associadas à luta contra as explorações de fracking previstas e aprovadas para a região centro, revelando que ambos os casos mereciam a atenção das associações cívica e ambiental e que era urgente que se atuasse em movimentos que reunissem diferentes atores quer pela sensibilização para as consequências da exploração e impacto direto nas vidas das pessoas, quer pela urgência em algo fazer pelas alterações climáticas.(DC p.1)</p> <p>«começamos também a experimentar muito os eventos mais pequenos para ver como é que as pessoas aderiam, fizemos também em 2017 alguns eventos em Leiria – não tínhamos financiamento a maior parte dos eventos que fazíamos era em Lisboa, mas eventos muito pequenos de, sei lá, entre 3 a 15 pessoas mais ou menos, muito divertidos, assim, muito íntimos...» (E3 p.3)</p> <p>«E – sendo que nós sabemos que as crianças são, na verdade, grandes disseminadoras de... C – e há todo este movimento Greta, uma pessoa tem que surfar essa onda, não é? É a melhor forma. Sim » (E3 p.13)</p> <p>«porque a ideia era fazer o evento em parceria ou com o bar ou com a organização e, para eles chamarem o seu próprio público, se nós fossemos a um evento diferente em cada cidade viria um público diferente» (E3 p. 14)</p> <p>«eu acho que isso não é muito estratégico porque a Bajouca já está ganha e eu acho que se tem que arriscar para outros públicos, mas sendo que... é o João que está maioritariamente a fazer isto, é complicado para uma pessoa só, não é? Mas pode ser com a Inês ou com outras pessoas que entrem, mm mas acho que a CLV – e era esse o objetivo com o programa nas escolas – era mais do que ser apenas para o petróleo e para o gás, neste caso só o gás, é uma campanha que é no geral, é para ambiente e que pode ser utilizada – a estratégia, ou seja a metodologia do tricot e das artes – a metodologia pode ser utilizada para qualquer problema ambiental regional ou nacional. Por exemplo vamos dizer que iríamos às aldeias todas que agora estão a ser afetadas pelas questões do lítio, poderia haver um grupo</p>

	<p>de pessoas, por exemplo os centros de dia, ou as escolas que queriam começar este projeto para começar a falar do lítio, então, ou seja, criar também uma campanha que pode ser aberta, que as pessoas a possam ir buscar e reutilizar para os seus próprios benefícios, ambientais! Então eu acho que... agora eu não sei se...porque também o João agora está muito concentrado no Climáximo, nestas ações, e por uma questão de ok, vamos só fazer Aljubarrota e Bajouca por agora como um mensagem principal... mas não sei... mas nós somos pessoas diferentes e fazemos as coisas de forma diferente.» (E3 p. 15)</p> <p>Estivemos (1º dia Feiriarte) basicamente a tricotar, houve pouca interação com as pessoas da localidade, eram muito poucos os visitantes e não mostraram muita receptividade á nossa presença. Havia observação do que estávamos a fazer, a tricotar, percebi que é essa a «política» da campanha digamos assim: onde chegam tricotam para despertar a curiosidade. Isso pareceu-me interessante porque a sua metodologia é efetivamente sentar-se para tricotar independentemente do número de pessoas que estão. A forma de interação com o público é tricotar para despertar a curiosidade no outro. Isso foi interessante de observar. (DC p. 17)</p> <p>A metodologia da CLV pelo que percebemos é: primeiro colocam as pessoas a tricotar e depois enquanto as pessoas o fazem vão explicando o porquê da linha vermelha, o que estamos a fazer, quais as nossas causas, propósitos, quem somos, donde vimos. Há muito essa estratégia de mostrar que há uma preocupação que é transversal ao território nacional, há uma preocupação internacional e que estamos todos juntos nesta causa e por isso a preocupação de revelar que vimos de vários pontos do país aqui para a Bajouca para nos juntarmos a eles para uma luta que consideramos emergente, consideramos digo eu enquanto estou envolvida enquanto participante. (DC p.18)</p> <p>Fomos então para a feira. (2º dia Feiriarte) Nesse dia não tínhamos o palco – pela minha perceção e depois em diálogo com os colegas foi bastante positivo porque acabámos por nos colocar no chão e decorar árvores em redor do bar bem no centro do espaço e estivemos muito próximos das pessoas. Houve muito mais interação durante esta tarde. Foi muito visitada a festa por pessoas da Bajouca e de localidades circundantes. Pessoas de várias gerações, mas maioritariamente de 50 para cima. O facto de estar a decorrer um festival de bandas de acordeão e concertinas provenientes de todo</p>
--	---

	<p>o país possibilitou uma grande presença na festa. A metodologia foi a mesma: decorar, sentar e tricotar. (DC p. 24)</p> <p>(2º dia Feiriarte) Apercebemo-nos que o facto de estarem presentes para assistir aos concertos é interessante porque gerou um público – maioritariamente senhoras – que aproveitou a espera para tricotar connosco, também algumas crianças que também se juntam com os seus familiares. Há então depois a vontade de esclarecer perante os adultos o porquê de estarmos a tricotar a linha e enquanto interagimos e dinamizamos alguma atividade de certa forma lúdica com os pequenos, essencialmente as pequenas, não tanto com os rapazes nesta feira em particular. (DC p. 25)</p> <p>Uma das melhores partes da nossa ida ao Organii Eco Market, foi o entusiasmo das crianças em experimentar o tricot, o crochet e também em experimentar o nosso tear Etelbert pois a Inês dinamizou um atelier (DC p.54)</p> <p>.« E eu acho que há aqui muito terreno para nós trabalharmos, agora não sei bem em que moldes, mas sim, nós queremos continuar até porque grande parte dos nossos planos, ou seja, uma das coisas que eu também quero é aprofundar as parcerias com a economia circular e com o pessoal da recostura, na lógica de que nós vamos acabar esta, estamos muito confiantes de que nós vamos ganhar isto, estamos ...o que eu projeto agora é que nós vamos ganhar esta causa, vamos cancelar os contratos e depois vamos fazer uma ação com as linhas vermelhas para celebrar – em forma de celebração mas depois vamos ter muito material que não podemos deitar fora simplesmente, não é? O que é que vamos fazer com aquilo? – portanto isso para mim num cenário ideal será a segunda fase da Campanha aproveitar essa lógica de reutilização de materiais, de economia circular para começar a falar de educação... para começar a falar das causas mais globais inseridas sempre na lógica da produção do Porto de Sines, na lógica do gasoduto mm... numa perspetiva mais global das alterações climáticas. E agora com toda esta questão da Greve dos estudantes, nós achamos também que o «momentum» também está a aparecer, portanto, dificilmente a campanha vai acabar, a não ser que acontecesse algo de muito estranho, agora não, não...é sempre uma incerteza grande. (E 1 p. 20)</p> <p>«Como é que se processa, isso normalmente, ou seja, isto no início do ano foi muito nós andarmos a seduzir grupos de tricot não só para participarem mas para depois nos receberem mm, porque a nossa lógica não</p>
--	---

		<p>é...não seria tanto, não seria tanto nós fazermos tudo e depois irmos lá fazer o evento e dar a informação e as pessoas irem lá só tricotarem, mas as pessoas também (Eu – envolver e empoderar) sim, sim, as pessoas participarem também na organização do evento como...por exemplo não íamos pedir às pessoas para fazerem os materiais, como os «posts», nós fazíamos, mas depois apresentávamos às pessoas várias hipóteses «olhem qual é que gostam mais, qual é que acham que faz mais sentido?», pedimos às pessoas depois locais onde nós poderíamos fazer os eventos e depois, dependendo da oportunidade das pessoas, ou eram elas a fazer as marcações, os agendamentos nos locais ou eramos nós, mas pronto, tentávamos sempre envolver as pessoas na organização do evento também, e na divulgação mm, pronto e é assim muito à base disso, dessas mini parcerias, pronto e a partir do segundo semestre foi tudo muito mais orgânico porque nós começamos a ter que recusar convites porque tínhamos muitos convites para ir a muitos lados e tivemos que começar a priorizar e pronto, e mesmo assim fizemos muitos eventos, foi muito cansativo, o ano passado foi muito cansativo.» (E1 p. 10)</p>
	<p>Relações internas e entre organizações</p>	<p>«porque as organizações são org mas também são pessoas...mmm eu cada vez mais acho que – eu sou muito dos consensos, apesar de eu ser uma pessoas muito direta e as pessoas acharem que eu sou uma pessoa agressiva, mas para mim só faz sentido se houver um consenso – e ultimamente ando a mudar um bocadinho de ideias no sentido em que nós nunca vamos construir um terreno ou uma «landscape» que é perfeita. Ou seja nós nunca vamos ter uma organização que aceite totalmente outras, etc, eu acho que o que é importante é...acordarmos numa visão comum que temos para uma mudança, informação conjunta constante do que cada um está a fazer para haver uma divulgação, um apoio e trabalhar dessa forma. E também assumir sempre o melhor de cada pessoa e de cada organização. O que eu também notei muito é que – e também por isso é que me afastei muito – é que... porque as organizações são org mas também são pessoas...mmm eu cada vez mais acho que – eu sou muito dos consensos, apesar de eu ser uma pessoas muito direta e as pessoas acharem que eu sou uma pessoa agressiva, mas para mim só faz sentido se houver um consenso – e ultimamente ando a mudar um bocadinho de ideias no sentido em que nós nunca vamos construir um terreno ou uma «landscape» que é perfeita. Ou seja nós nunca vamos ter uma organização</p>

	<p>que aceite totalmente outras, etc, eu acho que o que é importante é...acordarmos numa visão comum que temos para uma mudança, informação conjunta constante do que cada um está a fazer para haver uma divulgação, um apoio e trabalhar dessa forma. E também assumir sempre o melhor de cada pessoa e de cada organização. O que eu também notei muito é que – e também por isso é que me afastei muito – é que...» (E3 p.8)</p> <p>«O que eu vi aqui é que há muita falta de visão a longo prazo, ou seja este é, daqui a dois anos é esta a alteração que nós queremos portanto é isto que nós vamos fazer, muito pânico e, depois no geral, a cultura portuguesa da qual eu faço parte obviamente é que levamos tudo muito a peito, tudo, tudo muito a peito, um email que falta uma palavra prrr...para mim foi um trauma esta questão do petróleo no Algarve, eu não... nem eu nem o João, aliás aquilo é tipo ter coragem para ler aqueles emails e alguns deles até passaram para a imprensa, as guerras que haviam entre grupos no algarve, coisas estúpidas por egos, mesmo muito. No gás – isto um bocadinho off the record – eu afastei-me um pouco porque dentro do próprio movimento mm, eu senti que não, que havia uma miúda que por alguma razão não gostava de mim quye andava, sei lá, já não estou para isso, as coisas também entre mim e o João sei lá, acabámos bem mas não acabámos bem ao mesmo tempo e mm, eu também senti que... e agora há muito esta questão agora que até na Holanda designaram psicólogos até para a questão, não é psicólogos pq há pessoas a sofrer muito em função das alterações climáticas, certo?» (E 3 p.9)</p> <p>«Não sei. Mmm... eu acho que continua, com menos coisas, não é? Eu não sei como é que o João está a trabalhar, novamente eu podia dar um telefonema ao João, não havia problema nenhum, mas a forma como nós terminámos foi assim um bocadinho estranha... por isso é que... aliás eu desenhei a estratégia para este ano todo e mm... vou sabendo aos pedacinhos se está a ser cumprido ou não, assim qualquer coisa, eu fazia a parte do financiamento também... Agora o que eu vi e fiquei surpreendida é que a Campanha, na «tagline» mudou só para Aljubarrota e para a Bajouca e está a fazer muita coisa na Bajouca agregada ao Climáximo, pronto porque o João pertence aos dois, não é?» (E3 p.14)</p> <p>«sim, sim, sim. Mas o João, atenção, o João é uma força da natureza! Também é responsabilidade minha o que aconteceu. Eu agora estava a falar-te que estou com</p>
--	---

		<p>muitos projetos, certo? E o meu objetivo para 2019 era não ter nada,(...) entretanto começou as coisas todas da Bajouca, houve uma mobilização muito grande das pessoas da Bajouca mm, e eu sentia que no Movimento havia este conflito que eu tinha com esta miúda, não era bem um conflito era uma coisa passivo-agressiva do lado dela para cima de mim e eu sentia: «olha Catarina, às vezes, há situações em que tu podes simplesmente não fazer tudo e sais» e olha mandei-lhes um email «olhem muita gente, muito motivada, se precisarem de mim eu estou aqui, mas agora», aliás o Luis Fazendeiro, o tal que eu sugeri, ele é do Climáximo e falo com eles muitas vezes e com o Tiago mas escolhi mm, então e isto foi tudo coincidente, foi tudo na mesma altura, e também foi na altura em que houve um movimento do algarve que tentou ir para a zona centro e aliás a mulher é completamente doida e começou a ser agressiva e começou a utilizar-me a mim como fonte de frustração de toda a frustração dela do Algarve, foi muito estranho – não é mesmo ela é doida, é Laurinda da ASMA não sei se conheces, até temos, dizemos muito: «não sejas como a Laurinda» que ela é ...bom, bem, enfim. E eu sentia também que estava a falhar com a LV porque não tinha tempo suficiente apesar do movimento do gás estar inserido nós dissemos sempre que era a LV que tinha cofundado o movimento e então, e o João estava...estávamos em zonas mentais completamente diferentes. Ele estava super motivado com o Climáximo, eu estava à beira de um «burnout» então aí não deu... e pronto, e eu este ano decidi novamente... em breve vou ter menos para fazer, espero bem, mas tenho algumas ideias para projetos ambientais mas é uma coisa que eu desenho o projeto, garanto a base, faço as ligações e os diálogos mas depois meto-me de lado porque eu sinto mesmo que mm, as pessoas são muito agressivas, é um tipo mm...» (E3 p.16)</p> <p>Foi referido que esta última localidade não estão muito envolvida apesar de haver um movimento – o Movimento do Centro contra a exploração de Gás – e alguns elementos da comunidade local estão a agir em paralelo e simultaneamente com este movimento. Apercebi-me que esta Campanha é inclusiva e participativa e que procura juntar e envolver outros grupos de luta. Esta é perspetiva que tenho vindo a identificar na CLV mas também no discurso da Climáximo (que não são assim tão distintos pelo que me tenho vindo a aperceber na medida em que é o João Costa que está na Climáximo e responde pela CLV, contudo o primeiro revela alguma soberania e até</p>
--	--	--

		<p>prepotência, como observado) que todas as formas de luta – desde que sejam não violentas – são bem-vindas e que todos juntos podemos. Há este espírito de que todos juntos conseguimos, que é importante mobilizarmos pelo respeito uns pelos outros e pelo espírito colaborativo, é esta a mensagem que é passada. (DC p. 27)</p>
	Redes internacionais e virtuais	<p>Ao chegar ao local, junto ao Edifício Picoas, apercebo-me de que o evento não seria tão público quanto tinha imaginado pela divulgação nas redes sociais (Reunião preparatória do acampamento DC p.3)</p> <p>«Sim, sim, em várias, em pelo menos duas ou três que existem em que nós estamos. (E1 p. 18,19,20)</p>
	Divulgação e Comunicação	<p>«E a CLV sempre fomos poucos mas eu acho que nós poderíamos ter feito um melhor trabalho e também digo eu. Houve muitas ideias e não chegaram a ser concretizadas de fazer melhores campanhas mediáticas porque por exemplo, vou dar um exemplo do protesto em que estivemos, em que estiveste em que eram 3 pessoas a tricotar e era uma linha, eu vi a linha podiam ter sido 3 pessoas a tricotar mas podíamos ter feito um manto gigante em que cobria as pessoas ou cobria a estátua, uma imagem mediática e controversa – não é controversa no sentido de ser agressiva mas disruptiva e aí sim os media já estariam mais interessados.» (E3 p.18)</p> <p>«Sim e é importante que os outros, o nosso público, o público que nós queremos atingir com a LV é um público que vê tv, que segue as modas, que agora vai comprar a granel (e ainda bem) e então é aproveitar os canais de comunicação que sabemos que eles utilizam. Por exemplo, eu sei que não é possível mas, custa muito dinheiro, mas ter a LV numa novela... isso, esse tipo de coisas era...não vai acontecer eu sei, mas esse tipo de coisas era...mas pronto.» (E3 p.18)</p> <p>(4ª Marcha pelo clima) A referir ainda que foi o evento público no qual tivemos maior contacto com a comunicação social tendo sido abordados por diferentes canais de televisão, jornais e rádios. E as notícias desta vez foram efetivamente difundidas. (DC p. 56)</p> <p>«Sim, sim, sim, a Campanha aliás, se de hoje para amanhã acabarem as redes sociais a Campanha fica muito morta porque nós utilizamos muito as redes sociais não só para descobrir novos grupos, para depois participarem na linha vermelha seja em que moldes for, como também para comunicar não só coisas relacionadas com a Campanha mas coisas relacionadas com a causa, no fundo é isso... o que nos preocupam muito agora neste momento...se as redes sociais</p>

		<p>acabassem, se calhar a campanha não acabaria mas ficaria muito limitada, sim. (E 1 p. 6,7)</p> <p>«Não, isso foi tudo...aliás como te disse há pouco, foram cerca de...acho que 800 contactos que nós fizemos, tivemos 7 ou 8 respostas, para nós aquilo foi...para mim aquilo foi uma decepção enorme porque nunca tinha feito este tipo de contactos mais aprofundadamente pronto, fazia mais contactos sempre foi de outra maneira não pela via digital digamos assim – e para mim uma percentagem de 10% era horrível, era muito frustrante se calhar tu mandares numa semana 300 sei lá não vou dizer 300 mas se calhar 300 e...apesar de ser «copy paste», é trabalho administrativo que cansa e que satura e se calhar tens uma resposta por semana é muito frustrante...mas o feedback que depois tive das pessoas foi outro, foi «não isso é muito bom! Avança» (E1 p. 11)</p>
	<p>Causa ambiental / justiça climática</p>	<p>«as pessoas seguem-se, guiam-se muito pelas últimas notícias que apareceram, portanto se a última notícia dizia «ah os furos foram suspensos» elas interpretavam como tendo sido cancelados, mas entretanto, em geral, eu não diria, que a receção foi assim muito boa, os ativistas ditos ativistas mmm» (E3 p. 3)</p> <p>Há muito essa estratégia de mostrar que há uma preocupação que é transversal ao território nacional, há uma preocupação internacional e que estamos todos juntos nesta causa e por isso a preocupação de revelar que vimos de vários pontos do país aqui para a Bajouca (na Feiriarte) para nos juntarmos a eles para uma luta que consideramos emergente, consideramos digo eu enquanto estou envolvida enquanto participante. (DC p. 18)</p> <p>«Pronto, eu juntei-me a eles porque «eu acordei», eu fui uma das pessoas que acordei com o «Geração à rasca» e com toda a lógica do FMI etc... e pronto, eu já tinha muita noção de vários problemas sociais mas não sabia bem...não os conhecia todos e não sabia bem que nós podíamos de facto ter muita influência em tentar mudar um pouco esses problemas e influenciar um pouco a sociedade. Pronto e então juntei-me à AC e pronto, a AC neste momento está um pouco diferente daquilo que foi idealizado no início, mas funciona, mas está a funcionar, pelo menos isso, sim.» (E1 p.2)</p> <p>Bom, então, nós... uma das grandes dificuldades que nós temos, e foi uma das razões que levou à Geração à rasca e tudo o resto foi a precariedade, não é, e ... é uma das grandes dificuldades que nós temos hoje em dia.... /E1 p. 2)</p> <p>Sim, é super pertinente e tem a ver com os últimos meses da Campanha, especialmente este ano 2019,</p>

		<p>porque: primeiro o que nós percebemos é que a Campanha ainda não atingiu se calhar 20% do seu potencial mm...depois começámos a perceber isso, que havia...ou seja isso era algo que era obvio mas que se calhar ainda não tínhamos encarado de frente e lidado de frente com isso que é essa tal transversalidade que estás a dizer e...isso fez-nos de facto pensar, até porque mesmo que nós consigamos parar estes contratos e cancelar estes contratos há também, está também projetado a construção de um novo gasoduto em Portugal... eles vão ter agora que mudar o trajeto porque foi chumbado pela Agencia Portuguesa do Ambiente, que atravessa o rio Douro, são cerca de 163 km de um novo, de uma nova infraestrutura de combustíveis fósseis paga maioritariamente pelo Banco Europeu de Investimento, portanto com dinheiros públicos que vai ser utilizada por empresas privadas, isso é outra causa; existe a causa do porto de Sines que estão a querer aumentar a capacidade do porto para poder receber gás de fracking dos EUA para o poder bombear para a Europa através dos nossos gasodutos, portanto, nós queremos, não sabemos bem como é que o vamos conseguir fazer e se o vamos fazer, isto, para nós conseguirmos nos dedicar a 100% a isto temos de estar a trabalhar nisto, e para trabalhar precisamos de receber, portanto, precisamos de ter algum financiamento...não quer dizer que se não tivermos financiamento não iremos continuar mas iremos continuar num ritmo muito mais baixo. (E1 p. 18, 19)</p>
	<p>Craftivismo</p>	<p>«a CLV era ótima porque é fofinha é querida e com um público-alvo diferente» (E3 p.17) «Mm... eu acho que eu recorde não tivemos (Academia Cidadã) nada que abrangesse essa área, portanto, como eu digo há vários projetos que nós temos escrito, porque há um dos polos que é o GAC – que é o grupo de ação cultural – e pronto, havia duas, sim, uma delas está ainda muito presente, que trabalha na área do cinema e do teatro elas têm muitas capacidades, sim, competências para isso...existe projetos escritos mas não existe, pronto, na prática ainda não, sim, ainda não aconteceu nada, digamos assim.(E1 p. 5)</p>
	<p>Educação</p>	<p>«dizem que são as mulheres mas eu acredito que com programas especiais, foi uma coisa que estávamos a falar quando eu saí da LV que era – e aí também tem a ver com o público especial da LV – que eram fazer um programa especial para as escolas, ou seja a criar um movimento da LV...» (E3 p.11)</p>

		<p>«Eu escrevi uma proposta – aliás e acho que nós ganhámos esse financiamento – que era com o livro, mas o livro era uma coisa à parte, e era mesmo o movimento LV escolas em que era tipo um programa como há estas, não sei vbem como é que se chamam, não são as AECs mas são as áreas escola em que eles podem escolher um tema e trabalhar esse tema ao longo do ano, e pronto, esse tema seria a LV para criar uma rede de escolas que todas em conjunto a trabalhar a LV ao longo do ano mm, mas na altura também senti que o João queria lá está, que o ativismo mais tradicional e não, que era um foco mais direcionado para as escolas, que era aqui mudar o» (E3 p13)</p> <p>Em conversa telefónica o João referiu os próximos passos da Campanha: estão focados no livro que deverá sair no princípio de dezembro. Irão preparar apresentações contando com a presença da imprensa. Depois, o objetivo é criar um projeto piloto numa escola para que seja uma ou duas turmas envolvida e desenhem eles mesmos o projeto que posteriormente se replicará em outros estabelecimentos educativos. Contou-me que têm uma pessoa experiente em educação não formal que irá ficar a part-time no projeto e que depois gostaria de contratar a Inês para durante um ano prosseguir com o trabalho. Sendo ela educadora e estando desempregada faria todo o sentido. Mais sentido faz pelo facto de estar verdadeiramente comprometida com a causa, acrescentei eu. (DC p. 53)</p>
	<p>Política e partidarismo</p>	<p>«Depois no geral também, eu não sei se as pessoas estão com um bocadinho de preconceito em relação ao 25 de Abril, a sociedade está cada vez mais polarizada, sentem que se forem protestar já são de esquerda o que não é verdade.(E3 p. 19-20)</p> <p>(2º dia Feiriarte) Fomos almoçar juntos. Deu para falar muito com a Jacinta e com a Leonor que é de Odemira e perceber que são pessoas muito envolvidas nas questões sociais, não apenas nas questões do clima, mas na luta social, pessoas que estão voltadas para a esquerda, mas aparentemente não têm filiação política ou pelo menos não demonstraram. Só mais tarde se juntou a nós a Tânia de Pombal e a Denise – eu já as tinha visto nas fotografias do grupo do Gang da Malha de Pombal, portanto elas são as dinamizadoras, aliás a Tânia, e a Denise pelos vistos tem lugar na Assembleia Municipal pelo Bloco de esquerda (soube depois ao conversar com ela). Essa sim é um elemento político que se juntou a nós mas pelo que percebi foi através dos</p>

		<p>encontros do Gang que ela a «nós» se juntou, pelo que me foi dado a entender. (DC p. 25)</p> <p>«Sem dúvida. Isto para mim é uma reflexão muito profunda eu quando...eu considero-me hoje em dia, porque... não é porque eu goste de me intitular assim, eu nunca... o único título que eu gosto de me por a mim, é um título muito... que as pessoas chamam de extremista, que é anticapitalista, o único que eu abraço porque é de facto o único que eu acho que faz sentido abraçar, para mim. As pessoas, pronto, para mim a minha ideologia tem muito de inspiração esquerda, não é, o pensamento de esquerda... eu não gosto de me designar assim porque... porque a democracia está muito condicionada e mesmo que nós tenhamos um governo de esquerda ou não o trabalho que ele vai fazer nunca vai ser um trabalho de esquerda porque existem os mercados financeiros, porque existe toda a lógica dos tratados europeus que condicionam as políticas. Eu para mim, nós não vivemos numa democracia, nós vivemos no capitalismo que condiciona a democracia, logo aí nunca vai ...pode haver um governo de esquerda...</p> <p><u>Eu – E da tua experiência, as pessoas que se mobilizam são apatidárias maioritariamente ou há realmente uma ligação à esquerda e, não estou a dizer institucional, em termos ideológicos?</u></p> <p>Existe, maioritariamente. Agora o que eu tenho reparado, agora nos últimos meses com a lógica da Greve dos estudantes – e não me focando agora tanto na CLV mas numa maneira mais geral – sim, que as pessoas têm já aquela lógica: «não eu não sou de esquerda ou de direita, ou mesmo que seja isso não interessa para aqui». Na Linha Vermelha, além daquele exemplo que eu te dei há bocado do senhor que ele facto me disse explicitamente que tinha ideologias de direita, mas que esta questão não tinha nada a ver com isto, que nós tínhamos de encarar este problema independentemente de ser de esquerda ou de direita teríamos que trabalhar em conjunto para o resolver, e eu acho que é mesmo isso. Aliás, não é só a questão do ambiente, é todas as questões, não temos tanto nos preocupar qual é a nossa ideologia, temos de nos preocupar quais são as soluções que nós temos, que é muito isso: eu vejo hoje em dia se eu liderasse um partido de esquerda, vá, que tivesse políticas ou ideologias de esquerda e que fosse para o governo eu não iria ter políticas de esquerda porque se não o país iria entrar numa banca rota brutal porque o sistema não está...o sistema está montado para dar lucro seja onde</p>
--	--	--

	<p>for, inclusivamente o estado portanto isso não tem nada a ver com ideologias de esquerda. (E1 p. 20-22)</p> <p><u>Eu – e a ação local está muito comprometida com as questões locais, não é?</u></p> <p>Sim. Por exemplo as tricotadeiras de Aveiro, eu reparei que havia muitas pessoas que não tinham necessariamente...havia uma ou outra pessoa lá que sim, sem problemas alguns, com conotações com ideologias de esquerda mas havia outras pessoas que estavam muito porque parece, porque lhes parecia bem, porque elas ficavam bem com a sua consciência, elas achavam bem fazer aquilo, mas sem qualquer visão associada à política, no fundo, um pouco muito naquela narrativa que aquele senhor disse: «não interessa de onde é que eu sou, isto é um problema que temos que resolver». Eu diria que se calhar cerca de 20% das pessoas têm essa realidade, cerca de 20% das pessoas que participaram na Campanha se calhar, estou a atirar assim um número para o ar – que têm essa mentalidade «eu não me interessa se é de esquerda ou não», nem eu se calhar penso muito nisso, porque as pessoas não pensam muito na política, portanto, dizer ou não que são de esquerda se calhar é uma coisa mais superficial...maioritariamente sim mas eu acho que está a mudar essa tendência.(E1 p.22)</p> <p><u>Eu- E relativamente agora as questões do centro do país, o fracking, as pessoas que se mobilizam e que são locais, não as que vão porque já estão envolvidas mas localmente quem vê que o problema está à sua porta, sentes que há diversidade e realmente uma preocupação no fundo, independentemente de ser esquerda ou direita?</u></p> <p>Ah sim, na zona centro é precisamente o contrário! É uma zona historicamente, desde que nós podemos votar, PSD e CDS tem ganho sempre, portanto é uma zona que historicamente conservadora. E isso é das coisas mais mágicas que nos têm acontecido nos últimos tempos porque nós vamos, não sei se tens visto mas o «Camp in Gas» que vamos fazer vai ser na Bajouca, vai ser num sítio lindíssimo se puderes ir vai, é lindo e isso tem sido um grande desafio para nós haver essa interação, ou seja, nós queremos que o acampamento seja mm...que tenha uma mensagem política forte, acima de tudo, global, quando pensamos em geopolítica e alterações climáticas é um problema global, portanto, visto de uma maneira global... <u>Eu – Mas partidária...</u></p> <p>Sim porque a nossa, a nossa, toda a nossa lógica é e...na AC é nos somos partidários mas nós não somos</p>
--	--

alérgicos aos partidos, nós achamos que os partidos funcionam mal, portanto nós temos que trabalhar com eles para que eles também...portanto eu vejo as coisas assim, vejo uma pirâmide, vejo os interesses financeiros no topo e vejo nós, as pessoas, o povo é uma palavra que eu não gosto (Eu- os cidadãos?), os cidadãos...há pessoas que nasceram cá e não têm cidadania (Eu – também é verdade.), portanto há as pessoas que estamos cá em baixo e entre quem realmente manda – que é o poder financeiro – está o poder legislativo, não é, e o poder legislativo está na corda bamba e eles estão mais próximos de quem os puxa, e quem os puxa para ao pé deles é o poder financeiro...mm...nós os cidadãos fazemos o contrário, nós expulsamos de ao pé de nós, portanto, por culpa deles lá está, sem dúvida, mas se houver um maior envolvimento das pessoas, sem dúvida, no fundo eu acho que, está no Manifesto da AC, nós acreditamos que a democracia faz parte da solução mas não esta não é, temos que aprofundar a democracia, muito como o Rosseau disse a partir do momento em que a democracia está perfeita nós temos que voltar a reinventar para aprofundar ainda mais, tem de ser um processo de construção pelas pessoas. Portanto, pelo facto de nós sermos apartidários não quer dizer que nós não trabalhemos com partidos, mas que acima de tudo queremos é fazer as coisas por nós e eles se quiserem se juntar a nós tudo bem. Por exemplo agora na questão da zona centro, um dos grandes parceiros que nós enquanto movimento temos tido é o PSD local, e o PSD fez parte do governo que na altura assinou alguns contratos, mm...lá em baixo no Algarve as Câmaras eram maioritariamente PS e o governo era PS e as Câmaras posicionaram-se contra o governo central, portanto há aqui também uma questão de interesses partidários que não são mais do que interesses...que para nós também é muito bom porque conseguimos jogar com esta, vá, incoerência que há dentro dos partidos.

Eu – e há uma preocupação de alguma forma visível de corresponderem também, localmente para aquilo que foram eleitos?

Claro.

Eu – isso é interessante de verificar. De aceitarem esse desafio e de se mobilizarem...

Contra o partido deles! Claro. Há um exemplo, por exemplo a Câmara Municipal de Porto de Mós, o presidente que é Jorge Vala, ele é do PSD, ele é uma pessoa conservadora no sentido ideológico...mas é

		<p>uma pessoa que tem muita preocupação social, ele toca-lhe muito as questões mais superficiais a nível social, superficiais no fundo não tanto num sentido humano mas social, digamos assim, e ele está, ele já nos disse várias vezes é, ele está perto, Porto de Mós é perto de Aljubarrota que é um dos locais onde se vai fazer um furo e a junta de freguesia de Aljubarrota, as pessoas estão completamente...eles querem, não sabem admitir mas estão alienados, completamente. E a Câmara de Alcobça e as outras Câmaras à volta estão, o discurso é «vamos esperar pelo estudo de impacto ambiental», o estudo de impacto ambiental não é literalmente nada, é um proforma que tem de se fazer e...e todos eles estão à espera do estudo de impacto ambiental. O Jorge Vala não, ele diz independentemente do estudo que apareça eu não quero, porquê, porque 90% das pessoas de Porto de Mós têm água em casa por furos de água e esses furos de água são alimentados pelos lençóis freáticos dos aquíferos que são perto das zonas dos furos, portanto ele diz, eu não vou arriscar que as pessoas fiquem sem água potável em casa, portanto eu nunca vou deixar...e ele é uma pessoa do PSD e ele é uma das pessoas que nós temos acérrimas, que está contra isto. (E 1 p. 20, 21, 22, 23, 24)</p>
	Sensibilização	<p>«sensibilização existia, mas normalmente estes eventos eram muito rápidos a acontecer» E3 p. 3</p> <p>De referir que não é a primeira vez que a CLV vem à Bajouca. Este convite é decorrente de assembleias que foram organizadas em que a Campanha se disponibilizou juntamente com outros coletivos e alguns elementos da comunidade para esclarecer as pessoas sobre a problemática do fracking e o impacto que o mesmo pode causar na comunidade. Houve um trabalho de sensibilização e de esclarecimento na comunidade e, portanto, esta presença na Feiriarte é decorrente deste trabalho prévio. (DC p.19)</p> <p>(No mercado) Tentei abordar algumas pessoas na feira, mas não estava suficientemente segura (confesso) e apercebi-me do desconforto que causava quer a mim quer às pessoas (foi a minha percepção!)</p> <p>As raparigas locais manifestaram que as pessoas recebiam bem os folhetos (da manifestação que ocorrerá a 21 de julho, foi o que fomos distribuir), embora «revelassem muito descontentamento». Escutei uma conversa com um senhor (cerca de 60 anos) que dizia que a localidade também iria beneficiar e quando elas explicaram que não tinham sido negociadas quaisquer «royalties» ou contrapartidas e nem sequer</p>

		<p>havia um estudo do impacto ambiental, o senhor «desconversou» afirmando que «quem vendeu o terreno já beneficiou bastante!». Elas ripostaram afirmando que o proprietário já se tinha demonstrado arrependido.</p> <p>Outro episódio, este mais conflituoso foi um senhor da localidade (cerca de 60 anos) ter-se propositadamente sentado perto de nós (grupo de ativistas), precisamente no banco onde puséramos os cartazes de divulgação das ações e ter começado a falar alto com os amigos acerca da nossa presença na Bajouca, manifestando que o gás e o petróleo são essenciais à vida. Foi muito rude. O João tentou dialogar com ele, mas acabou por desistir. (DC p. 22)</p> <p>(no contexto da Feiriarte) Começa sempre por despertar as pessoas para o porquê de sermos contra o furo e contra o petróleo. há alguma resistência e até crítica das pessoas mais conservadoras ou mais desinformadas sobre o facto de estarmos a lutar contra algo que precisamos no nosso dia a dia para nos deslocar, para aquecer as nossas casas, cozinhar e há por parte dos responsáveis da campanha, nomeadamente o João costa e das pessoas que estão envolvidas com mais afinco no projeto, já tenho também participei nesse nível de esclarecimento. Expor que a questão não é essa, a aposta é na transição, portanto uma transição gradual que pressupõe o não investimento em novas infraestruturas de exploração de gás e petróleo e o investimento partir de agora em energias renováveis. É portanto um compromisso pela defesa do planeta, digamos. Mas há sempre pessoas que são contra e olham com desdém porque não têm noção do que é «a nossa batalha». Maioritariamente homens, mas também algumas mulheres, que são um pouco mais diplomatas e por isso juntam-se à nossa causa. (DC p. 25)</p> <p>(MiratecArts Açores, segundo Hugo) No que concerne à sensibilização para as questões ambientais, o organizador relatou que apenas poucas pessoas estavam minimamente esclarecidas sobre a matéria (combustíveis fósseis e crise ambiental), sendo que os encontros proporcionaram algum esclarecimento, não muito consubstanciado. Deu a entender que na sua maioria as pessoas demonstraram vontade de participar na linha sem se comprometer com a causa da mesma. (DC p.41-42)</p>
	Impactos	<p>« eu acredito que alguma informação tenha seguido mas como qualquer círculo de informação não é um contacto de informação que vai mudar alguém, tem de ser repetidos contactos de informação, não é?» (E3 p.3)</p>

	<p>«mas não era assim um, uma mudança que a pessoa vinha tricotar connosco e de repente a pessoa tornava-se uma ativista ambiental, não, não de todo.» (E3 p.3)</p> <p>«Agora há, fomos testando com diferentes tipos de eventos, por exemplo fomos a estas mega feiras de ecomarket etc que são milhares de pessoas, aí é mais uma campanha de informação que nós estamos a fazer do que propriamente termos a possibilidade de estarmos a desconstruir... ou baixar a defesa da pessoas, com algumas dá mas é tão massificado, agora em eventos mais pequenos, em que há um grupo de pessoas e também vai rodando...» (E3 p.3)</p> <p>O que me foi dito inicialmente era que o evento (Feirirarte) se desenvolveria no mesmo local onde na semana seguinte decorreria o acampamento pelo clima e que o facto da CLV poder estar presente com uma banca (stand) ajudaria a divulgar o evento seguinte. (DC p. 13)</p> <p>Afirma que os «mais ferranhos ativistas» foram os 1os a opor-se, considerando que o tricot não seria qualquer forma de luta e que posteriormente deram «a mão à palmatória» ao aperceber-se do impacto que a CLV estava a ter. (DC p. 15)</p> <p>(Na Feiriarte) Cerca de 3 ou 4 pessoas que me apercebi estão muito motivadas e portanto que nos acolheram nas suas casas porque estão muito preocupadas com a hipótese do furo, o resto da população pareceu-me praticamente desconhecer a CLV e desinteressar-se pelo facto de haverem pessoas mobilizadas, provenientes de todo o país, para combater o furo que está previsto fazer-se localmente. (DC p. 20)</p> <p>(Aquando do Feiriarte) Dirigi-me ao mercado e, ao ser a primeira optei por tomar o pequeno almoço no grupo cultural e desportivo junto ao mesmo. Apercebi-me, ou pareceu-me, que as pessoas olhavam com alguma desconfiança para «os de fora». Esta sensação cresceu após a chegada da organização, pois acordámos distribuir cartazes e panfletos pelas pessoas que circulavam no mercado. (DC p. 22)</p> <p>(Marcha pelo Clima 27 set) Sem sombra de dúvidas que o impacto visual desta campanha é enorme! Apesar de sermos apenas duas naquele momento, fomos de imediato identificadas no meio de centenas de pessoas que ostentavam cartazes e faixas de pano pintadas. Do meu ponto de vista, a sobriedade da CLV é também um elemento favorável e que a faz destacar no meio de multidões. (DC p. 52)</p> <p>(Marcha pelo clima 27 set) Ao chegarmos ao Rossio, sentámo-nos junto da Estátua de D. Pedro, dispusemos</p>
--	--

	<p>a faixa e começámos a tricotar. Foi incrível! Rodeadas de multidão – estivemos seguramente sentadas a tricotar mais de meia hora e a marcha continuava (ou seja as pessoas que seguiam depois de nós) e ali permanecemos durante perto de duas horas. Todo o tempo em que estivemos a tricotar fomos fotografadas por dezenas de pessoas que por ali passavam. É importante referir que toda a praça estava apinhada de grupos de pessoas (associações, coletivos, etc) e, desconhecendo o quanto os outros foram fotografados, apercebemo-nos apenas do impacto que tivemos. Jornalistas foram 4 os que nos pediram para gravar algumas respostas (Antena 1, Renascença, Jornal da Universidade Católica e outro que não consegui captar), para além de independentes que por ali captavam imagens (pelos aparelhos era perceptível que se tratavam de profissionais). Todas as abordagens feitas por profissionais direcionei para a Inês por considerar que seria ela a pessoa mais indicada para substituir o organizador na informação oficial. Também muitos transeuntes nos abordaram no sentido de perceber do que se tratavam e pediam para nos fotografar, tanto nacionais como inclusivamente estrangeiros (alguns turistas perguntaram-nos o que fazíamos por ali a tricotar). (DC p. 53)</p> <p>(4ª Marcha pelo Clima) A presença junto à escadaria possibilitou a interação com o público e da minha experiência foi a situação em que num menor espaço de tempo tivemos a participação de um maior número de pessoas que sentiram a vontade quer de aprender a tricotar, quer de contribuir para o projeto e partilhar desta manualidade. Há que registar a paridade de género que se verificou no grupo que se formou. Também o facto de alguns elementos ativistas habitualmente mais distantes se terem disposto a aprender a tricotar neste evento. (DC p.56)</p> <p>«Eu diria que, se formos por percentagens eu diria que não, porque a percentagem mais alta seria um não, por várias condicionantes já...as pessoas ainda...hoje em dia as pessoas ainda nos dizem «então quando é que voltam cá?» as pessoas estão sempre muito à espera que sejamos nós a ir lá fazer...pronto, grande parte do trabalho, mas o trabalho de sensibilização é isso...mas há exemplos e também é nisso que nós nos gostamos de agarrar que temos de nos agarrar a isso, que isso é fundamental para nós, mm, há exemplos que mostram o contrário e esses são também muito inspiradores. Como por exemplo um grupo, o grupo de s. Braz de Alportel, a Câmara juntou-se porque houve um grupo de</p>
--	--

		<p>senhoras que trabalhava na Câmara que fazia encontros de leitura e crochet que se juntaram, que participaram na Campanha e conseguiram envolver a Câmara, pronto, a partir daí elas começaram a participar nas marchas que havia no Algarve elas iam e levavam a linha vermelha sem nós dizermos nada...pronto, depois houve um, esse para mim é o melhor exemplo mas lá está já não tanto a nível de grupo porque até essa universidade acabou, que era uma universidade no Porto, uma universidade sénior privada, que portanto depois acabou, mas eles envolviam-se, eles faziam eventos de linha vermelha entre eles e com a comunidade local sem nós lá estarmos mas, lá está foi uma pessoa...(E1 p. 12,13)</p>
<p>Parceiros e participações Motivações e graus de envolvimento</p>	<p>Climáximo</p>	<p>(no seguimento da reunião preparatória justificando que eles têm recebido muitas solicitações de projetos de investigação e que inclusivamente chegaram mesmo a votar se acederiam ou não aos mesmos, numa lógica de «todos ou nenhum», e que ninguém quis ficar responsável por essa área, dadas as prioridades, a falta de tempo e a condição de voluntário em que todos se encontram. (DC p.8)</p> <p>O J. foi muitíssimo prestável e disse-me que não obstante a Climáximo poder estar indisponível para colaborar que ele continuará a fazê-lo dispondo-se a intermediar os contactos com os diferentes agentes mobilizados na CLV (DC p.9)</p> <p>Tal como combinado, apresentei-me na reunião aberta da Climáximo. Ao chegar encontrei o meu contacto na entrada e outro senhor que me foi de imediato apresentado, Nuno. Quando nos dirigíamos ao elevador uma senhora aguardava. Subimos ao terceiro andar (eu, a sra que se chama Andreia, um rapaz que não retive o nome) e ao chegar estavam já alguns senhores a preparar o encontro. Dirigiu-se a mim João C. um especialista em alterações climáticas, estava o João Reis, um rapaz aparentemente novo que já tinha visto na reunião anterior. (DC p.10)</p> <p>As pessoas foram chegando e ocupando os seus lugares. Foi curioso aperceber-me da paridade de género que se juntou. Também interessante a presença de dois jovens de secundário de Sintra que estando a organizar um evento escolar subordinado aos Direitos Humanos e ambiente quiseram conhecer a associação. (DC p.10)</p> <p>A reunião deu início com uma apresentação por parte do João Reis sobre os princípios orientadores da associação: Justiça climática</p>

		<p>Coletivo Anticapitalismo Desobediência civil (não violenta) Construir um movimento de base (botton up) Horizontal (2ª reunião prep DC p. 11) «sim, e acho que é importante, acho que é importante – e agora um bocadinho à parte da pergunta, tenho andado a refletir nisto, pode estar a gravar não tem problema – esta questão agora que eu acho ótima de estar a ficar mais «mainstream», a última marcha teve 40.000 pessoas em Lisboa, mm, mas eu acho que é muito importante na forma como estes grupos, que são os mesm... também é o Climáximo, agora o XR Rebellion, que é o Climáximo, mas comunicarem, é fazerem uma comunicação que inclua toda a gente e que não meta a «capa dos heróis» somente nas pessoas que vão bloquear a rua...» (E3 p.5) «é normal que nós estamos todos excitados e essas coisas mas nós temos que reconhecer que há um trabalho de ativista, de ambiente, feito há dezenas de anos em Portugal e que é importante reconhecer – que as pessoas são facilmente excluídas – é mesmo muito importante reconhecê-lo, que este é mais um passo que está a ser tomado, que é importante mas não é «o passo» e são estas as nuances na comunicação e ainda para mais com as eleições eu sinto que o país está muito polarizado, e que é importante incluir cada vez mais e mmm, mas eu não sei ainda muito bem como é chegar ao pé deles e dizer isto de uma forma construtiva (risos). E que não seja, porque eu não estou a organizar nada, portanto eu acho de incrível valor o que está a ser feito, mas acho que a comunicação tem de ser mais, mm... E – inclusiva? C – inclusiva, definitivamente. Não sei se sentes...» (E3 p.6) «Eu acho que no caso do Climáximo, isso não é muito científico, mas há uma forte pressão muito masculina, não é? Mm e ainda bem, eles metem na cabeça que querem fazer uma coisa e fazem e isso também é bom poruqe é um motor mm, não são propriamente o grupo que vai entrar em diálogo com os outros, não são como a RDA de todo mm, mas não vão ser a força conciliadora, mas também ok, também são uma força que começa muita coisa, mais do que começam eles pegam em causas pequenas e depois ampliam-nos a nível nacional, foi o caso do petróleo e agora estamos a tentar, eu estive um bocadinho envolvida este verão na questão do lítio, também é isso que estamos a tentar</p>
--	--	---

		<p>fazer na questão do lítio com o Climáximo, o Climáximo trouxe as Greves Climáticas para Portugal e começou não é? E a... eles são um motor, eles são a ignição e isso é muito bom. Agora de resto, mm, eu acho que a partir do momento, sei lá, em que conseguimos obter, por exemplo há os encontros anuais em Fevereiro que é a Justiça Climática, que também são organizadas pela Climáximo que são um bom momento para ter todos os grupos e para conversar sobre o impacto a longo prazo e como e que cada grupo pode contribuir mm, eu acho que vai sempre haver uma «coisinha» contra a LV por ser a «fofinha» mas quando nós, quando eles começam a ver que nós conseguimos – eu notei muito isso quando eu estava envolvida – vamos a um mercado que tem 10.000 pessoas e que as pessoas falam mm, não aparecemos muito na televisão também porque eu também senti que não era o momento para aparecermos na televisão mm, mas aos poucos e poucos as pessoas começam a ver os benefícios, especialmente de entrar num sítio novo por exemplo a LV já tinha sido feito algumas coisas em Leiria, na Marinha Grande e naquela zona toda e depois daí é que os outros movimentos foram...por isso, yep, nós vamos continuar...»(E3 p.10)</p> <p>Juntaram-se depois um rapaz que eu ainda desconheço o nome, mas que já me cruzei com ele numa assembleia da Climáximo e vem com a Bruna que eu julgo que será filha. Vieram ainda mais tarde outros 3 rapazes (20 e tais ou trintas) que são da Climáximo e vêm, juntam-se à CLV não participando na mesma. São ativistas «ferrenhos» e que colaboram na elaboração dos filmes, sessões de esclarecimento mas não participam no tricot. Pelo que percebi deste grupo de ativistas apenas o João Costa se mobilizou para o tricot e aprendeu a tricotar para a campanha (DC p. 24)</p> <p>(quando fomos às Caldas da Rainha) Este (João) contara-lhe (Inês) por telefone que se encontravam todos (da Climáximo) num retiro de fechado, só para eles. (DC p. 43)</p> <p>«Portanto, respondendo diretamente à tua pergunta sim vamos querer continuar, até porque eu como te disse, eu estou muito envolvido não só na campanha mas também no Climáximo, o Climáximo tem este objetivo, que é a lógica de lutar pela justiça climática e nós estamos em muitas redes internacionais, portanto temos um trabalho já muito grande feito» (E1 p. 19)</p>
	(outros) Ativistas Organizados	<p>Também da mobilização dos jovens na Greve Estudantil e no apoio que estavam a prestar ao grupo de adolescentes que se mostravam muito bem preparados para enfrentar o poder político e exigir medidas</p>

		<p>concretas de combate às alterações climáticas. Esse entusiasmo marcou grande parte da conversa. O responsável da Campanha revelava muita esperança no impacto que os jovens e a manifestação poderiam ter no seguimento e em simultâneos com inúmeras greves estudantis em diferentes regiões do globo.(...) Voltou aos jovens para transmitir que considera que estes estão muito bem informados e conscientes do que pretendem junto do poder político e o agrado que lhe dá observar como esta população está a tomar as rédeas de uma problemática que sendo de todos foi criada pelas gerações dos seus pais e avós (DC p.3)</p> <p>(Camp in Gás) O almoço foi produtivo pois fiquei com o grupo da Carla. Embora a sua irmã tenha sugerido que durante a refeição provavelmente iriam falar sobre a ação dentro do GA (o que supostamente queria dizer que eu não poderia escutar, há um sigilo que seria compreensível no ativismo mas que neste contexto me pareceu excessivo...o terreno está vazio, não se vai interromper nenhuma laboração fabril ou sequer destruir património alheio, inclusivamente o terreno não se encontra totalmente vedado</p> <p>Contudo a Carla minimizou o receio da irmã e afirmou que poderia almoçar com eles, não iria comprometer nada. Durante o almoço juntou-se o Mário (Oeiras) que tinha estado na CLV do Feiriarte e o que veio manifestar corroborou a minha perceção. Inclusivamente afirmou que considerava a ação do dia seguinte apenas um ato simbólico e à semelhança do que tinha sido feito na semana anterior (pela CLV), apesar dos colegas estarem a «observar o evento como se fosse o da Alemanha onde pararam uma exploração de carvão» ... (DC p. 34)</p> <p>«A mensagem é «todos queremos um mundo melhor, estamos a ter comportamentos que não são sustentáveis». E a mensagem que estes públicos que estão excluídos estão a receber porque são apenas estes ativistas que estão – e atenção estou só a fazer uma análise racional – é que só podemos...vocês têm que mudar agora e se não for à nossa forma não vai ser nunca e não vai ser a correta e têm todos de se tornar «vegan» de hoje para amanhã, sei lá. Pronto. E então exclui muita gente» (E3 p.4)</p>
	<p>Grupos de Tricot</p>	<p>O João manifestou que talvez, se conseguisse reunir esforços, desenvolvesse num dos dias (do Feiriarte) uma ação da linha vermelha com alguns parceiros de vários pontos do país que estivessem dispostos a</p>

		<p>participar, mas que para isso necessitaria de ajuda (DC p. 13)</p> <p>(Feiriarte) A Francisca está envolvida na CLV enquanto parceira porque desenvolveu, ou melhor, tem um projeto que se chama «Presas por uma linha» que era inicialmente um projeto de índole social – envolver pessoas desempregadas de Cascais – acabou por não resultar dessa forma pelo que contou mas tem, penso que uma loja ou um espaço – e fazem trabalhos por medida. E foi através deste - ela também dirige uma companhia de teatro e é tradutora – mas foi através deste projeto que tem com outras sócias que dinamizaram eventos da Linha vermelha porque ela está muito ligada ao tricot, ao crochet e à costura, inclusivamente pela sua ligação ao teatro se envolve na criação do guarda roupa. (DC p. 22)</p> <p>Só mais tarde se juntou a nós a Tânia de Pombal e a Denise – eu já as tinha visto nas fotografias do grupo do Gang da Malha de Pombal, portanto elas são as dinamizadoras. (Dc p. 25)</p> <p>(Feiriarte) No sábado durante a tarde apareceram mais pessoas para a campanha. De Pombal vieram a Tânia (40as), dinamizadora do grupo Gang da Malha em Pombal e dos encontros da CLV nessa localidade. Contou-me que retomou o tricot há 12 anos quando teve uma gravidez de risco, uma amiga, Rita Quintela (a dinamizadora dos encontros CLV no Porto) lhe enviou por correio um novelo e agulhas. Diz que desde então nunca mais parou. Participa dos grupos Gang da Malha desde a sua origem (recorda que este projeto foi criado por Zélia, inicialmente nas Caldas da Rainha) e orgulha-se de afirmar que é de momento o único grupo que após 2 anos continua ativo. Veio de Pombal para a ação da CLV (a gravação no terreno) (DC p. 27)</p> <p>(Evento nas Caldas da Rainha) Fomos as primeiras a chegar. A Inês trazia consigo os materiais que utilizáramos no Camp in gás (linha, novelos e agulhas). Contou-me que entrega os pedaços tricotados a uma senhora anciã em Cascais e que a mesma os junta por forma a construir grandes tiras (disse-me que um deles tinha 17 metros e outro cerca de 3). Aguardámos a chegada do João. Este contara-lhe por telefone que se encontravam todos (da Climáximo) num retiro de fechado, só para eles.</p> <p>Entretanto chegou a Francisca (cerca de 60 anos) com quem também estivemos na Bajouca (primeiro fim de semana). Esta revelou ter vindo ao encontro por duas vias (na medida em que está muito envolvida no tricot e no crochet e pertence a diferentes grupos), mas que</p>
--	--	---

	<p>fazia questão de estar igualmente connosco a tricotar. A percepção que tenho em relação a esta senhora (e julgo ser idêntica a outras intervenientes que se encontram envolvidas no revivalismo deste tipo de manualidades) é que o seu empenho na CLP não se dissocia da sua vontade/necessidade pessoal de exposição por forma a divulgar o seu trabalho. Um dos motivos que me levam a retirar esta conclusão é o facto de se fazer munir de uma câmara fotográfica e (de o ter verbalizado) insistir em publicar a totalidade das fotografias no perfil do seu projeto, sugerindo ao João Costa que depois partilhe na página da CLV.</p> <p>Depois apareceu a Zélia Évora, ativista que entrevistei há alguns meses, residente nas Caldas da Rainha. Foi bastante simpática comigo, como se me conhecesse para além da entrevista que me deu. Aliás, esta é uma noção que tenho vindo a consolidar relativamente à sociabilidade de muitas das pessoas participantes da campanha (e que aparenta contrária àquelas envolvidas nos coletivos ativistas que assentam na desobediência civil). Após alguma conversa de circunstância, acabou por partilhar comigo o projeto que está a desenvolver com a CLV subordinado a um livro/manual de tricot alusivo a questões ambientais associadas à Campanha e que preparam com o intuito de dinamizar ações de sensibilização em escolas (para crianças entre os 8 e os 12 anos). O mais curioso é que me convidou a participar ajudando a elaborar algumas das peças que constarão do manual («coisas simples», disse, «cachecóis, gorros e coisas simples que consegues facilmente fazer»). Acolhi a proposta com agrado pelo facto de considerar o projeto muitíssimo interessante e igualmente por denotar consideração por mim e acolhimento apesar do meu papel de investigadora (o que em relação aos demais grupos parece constituir um impedimento).</p> <p>Entretanto chegaram também algumas pessoas da Bajouca. Foi muito interessante observar o envolvimento das pessoas na causa que a elas lhes toca mais diretamente, na medida em que o furo está prestes a ser efetivado (a data prevista seria setembro). Do grupo reconheci a Leonor (da direção da ABAD), a Manuela (a sra que partilhou connosco muito da sua vida durante a manifestação, tendo-nos acompanhado todo o percurso a tricotar); a Mariana (uma jovem que está muito mobilizada e que tenho acompanhado via FB); a Elisabete (que esteve no café durante a Feiriarte e a nós se juntou para tricotar nas pausas) acompanhada da sua filha; outra jovem que não consegui captar o nome, mas que reconheci igualmente</p>
--	---

	<p>dos eventos na Bajouca; uma outra senhora de meia idade que desconhecia e um rapaz jovem. O grupo veio munido de linha vermelha (a Elisabete mostrou-nos um grande rolo que já tinha tricotado, desde o Feiriarte), bem como de fanel que fizeram questão de partilhar com todos (trouxeram inclusivamente garrafas de vinho, um repasto tipicamente português que me reportou aos tempos da infância).</p> <p>Finalmente chegou o João costa. Vinha acompanhado de dois elementos da Climáximo que tinham já demonstrado interesse e empenho igualmente na CLV: o Mário Bianchi (com quem me cruzei a primeira vez numa da Assembleias em Lisboa, proveniente do grupo de desobediência civil Extinction Rebellion) e a Bruna (uma jovem de 17 anos cujo pai também é ativista). Foi desde logo surpreendente perceber que vinham de um retiro no qual se encontravam inúmeros ativistas e apenas eles se tinham mobilizado para participar do presente encontro. (DC p. 44)</p> <p>«Sim pá, nós fizemos um evento em Aveiro que... com as tricotateiras de Aveiro, que é um grupo super ativo, elas além de se encontrarem semanalmente para tricotar, seja em centros comerciais, seja em cafés ou na rua, elas são muito ativas, têm uma agenda para todos os meses, elas são mesmo superativas e têm depois também esta vertente que elas participam e juntam-se a causas: como se juntaram á nossa juntaram-se também à luta pelo jardim do Rossio lá em Aveiro – que eles queriam construir lá um parque subterrâneo e elas também foram lá tricotar nos dias das manifestações – pronto, e foi bom porque apareceu um grupo da Tábua, apareceu uma loja também para entregar material, foi muito muito giro, essa acho que foi se calhar o evento, o maior assim que me estou a lembrar em termos de mobilização. Mas depois tivemos eventos mais pequeninos, por exemplo eu lembro-me de nós termos ido, por exemplo a Linda-a-velha com um grupo que é o «linda-a-velha malhação» e foi assim uma coisa de 15 pessoas talvez mas foi super bonito, aquela, foi mesmo um ambiente muito familiar o que é também muito bom, até porque depois Eu não sou técnico nesta área não é, eu estou a apresentar um problema do qual eu tenho conhecimentos muito básicos, sim, de uma certa maneira básicos e eu tento também transmitir essa informação de uma maneira básica porque este problema de facto, apesar de ser um problema complexo é um problema que é fácil de entender e...e isso também facilita o facto dos eventos ser, com uma afinidade grande, mais pequeninhos e com um</p>
--	---

	<p>ambiente mais (Eu – informais) exatamente, informais , obrigado. E pronto acho que me estou a esquecer assim de alguns...mas...por exemplo nós fomos ao Algarve e tivemos por exemplo quatro dias, sim, ainda bem que me lembrei disso, estivemos quatro dias e fizemos 5 eventos desde um evento onde só apareceu uma pessoa a, por exemplo um onde estivemos em conjunto com a Câmara de S. Braz de Alportel num mercado mm, que ia haver, um mercado local e foi mágico porque se juntaram lá pessoas de todas as idades, e ...com uma curiosidade enorme, pronto lá está essa também é a magia da Campanha: as pessoas aproximam-se por causa do tricot e do crochet e depois mm, recebem a informação que nós queremos passar e pronto, esse evento foi mesmo muito bom e acho que não vai morrer essa parceria com a Câmara mm...sei lá fomos a Évora também com a «Pé de Chumbo» onde desenvolveram um Chá Dançante e foi também bom, a interação entre as pessoas e, certamente me estou a esquecer de alguns mas.... (E 1p.7, 8, 9, 10)</p> <p>«por exemplo as tricotadeiras de Aveiro, porque talvez elas são o grupo de tricot mais empoderado que eu conheço, ou que eu tive a oportunidade de conhecer, mas de resto...não...porque...por exemplo são «bloggers», são lojas pequeninas, são...digamos assim...houve um parceiro logo ao início que foi se calhar o que... se esse parceiro não tivesse surgido ao início a campanha tinha tido muito mais dificuldades em arrancar por questões de motivação da minha parte mm, porque lá está essa falta de feedback ao início mm... para mim foi um pouco um travão...mas depois houve uma loja, que por acaso já não existe apesar da pessoa ainda ter trabalho nas redes sociais etc. que é um projeto de uma só pessoa, que é o «Guerrilha Crochet» em que ela me contactou, ela era uma das pessoas que eu mais queria contactar mas não era das que eu iria contactar logo ao início, não por nenhuma razão em específico, mas não estava na minha lista de prioridades logo ao início, e ela contactou-me a perguntar se podia fazer parte da Campanha e, para mim, epá, aquilo foi um «boost» de energia brutal mm, portanto, ela sim tinha alguma consciência, lá está, mas sem conhecer verdadeiramente o problema e era muito também por entre aspas interesse pessoal, muito por envolver o projeto dela em outros projetos para expandir a marca dela e... sem qualquer tipo de problemas nisso, nós também fazemos um pouco isso mm...pronto, ou seja não havia, apesar de todos os grupos que participaram, apesar de todos aqueles que participam só por</p>
--	---

	<p>participarem já estão a dizer, ou seja, já está inerente uma certa consciência – ambiental ou cívica, seja o que for – mas não existe verdadeira consciência do problema mm...e...portanto, não, as pessoas fazem muito numa de solidariedade, muito numa de mostrar o trabalho que elas já têm passado, e divulgar também a arte do crochet e do tricot porque é algo que as pessoas se preocupam muito também, as pessoas que estão nesses grupos e que estão nesse mundo do tricot e do crochet é para elas muito motivador perceber que há miúdos, adolescentes, mais novos que elas e, por coincidência homens também a interessarem-se por este tipo de iniciativas que têm a ver com o tricot e o crochet – para elas é super motivador isso também, respondendo diretamente à tua questão não, não há muita consciência. (E1 p. 11, 12)</p> <p>«Mas pronto, temos por exemplo também a «Pé de chumbo», que não é um grupo de tricot, é já uma associação, já fazem algum trabalho cívico, mais artístico digamos assim, é a associação responsável pelo «Andanças» pronto, e nós temos alguma parceria – por acaso agora tenho de os contactar este mês para ver se conseguimos fazer uma parceria...o que nós queremos fazer é quase como um tear humano e utilizar a dança como, pronto, instrumento – isso ficou também...as tricoteiras de Aveiro são também super engajadas, existe outro grupo também, esqueci-me deles que é o «Gang da malha» que apesar de também já não existir da maneira que ele...ou já não ter a dinâmica que tinha quando surgiu, há pessoas que ainda estão ligadas à marca digamos assim e que estão bem perto de nós digamos assim e que politicamente são pessoas ativas, uma delas é jornalista e tem alguma consciência política e cívica mm... sim. (E1 p.14)</p> <p><u>«Eu – mas replicaram individualmente para dar continuidade ao trabalho que vocês tinham iniciado?»</u></p> <p>Sim, sim, sempre numa lógica muito familiar, de bairro, aquilo é em Salgueiros...salgueiro...Salgueiros sim, salgueiro é em Aveiro, portanto a universidade já acabou, portanto as pessoas já se desmobilizaram um pouco, mas há um exemplo, pá eu gosto de dar este, não é a nível de grupo é a nível particular mas é um exemplo muito bom...foi uma senhora da US, daquelas senhoras castiças, como se costuma dizer, quando nós lá fomos ela, pá, deu-nos um feedback brutal, ela ficou super sensibilizada com a questão, mm...lá está, não só com a questão de cá em Portugal mas sobretudo do...porque é que eles querem fazer aqui quando a nível mundial está a haver toda uma nova narrativa, está a</p>
--	---

	<p>haver...pá e tem de haver um compromisso de não fazer novas infraestruturas de combustíveis fósseis , então porque é que nós vamos começar aqui, não é? Pronto, e ela, aquilo tocou-lhe mesmo muito, ela ficou mesmo indignada, tanto que depois as pessoas da Universidade Sénior me ligaram passado alguns tempos a perguntar se nós não poderíamos ir lá outra vez porque ela estava a começar a mobilizar mais pessoas e...há uma altura em que ela, depois, ela pediu às pessoas da universidade o meu contacto e ela ligou-me e disse:« João temos mesmo que fazer outra coisa aqui pá! As minhas amigas – foi, portanto, na altura em que depois foi dada a licença a para fazer o furo em Aljezur sem o estudo de impacto ambiental – e ela disse que as amigas todas dela lhe ligaram e disseram «então como é que é? Estamos a fazer a linha vermelha e eles agora vão fazer isto, como é que é?» - pronto e foi o que ela disse, elas nunca iriam falar, elas nunca iriam dar atenção aquele assunto se não fosse a linha vermelha.</p> <p><u>Eu – ou seja, pessoas que não participaram? Pessoas que tinham conhecimento por intermédio dela?</u></p> <p>Elas não participaram nos nossos eventos, mas exatamente, depois por intermédio dela começaram a participar porque acharam piada e ficaram também sensibilizadas, mediante a informação que ela lhes deu e depois ficaram com essa preocupação...e isso para nós é muito bom. (E 1p. 13,14)</p> <p>«De alguns grupos sim, mas eu não consigo ter uma noção a 100% porque o acompanhamento dos grupos é algo que eu não consegui fazer no ano passado. Este ano quero ver se consigo fazer isso mais no segundo semestre porque as pessoas sabem que a causa ainda não morreu porque há a possibilidade de fazer dois furos na zona centro, porque nós no final do ano fizemos esse balanço para as pessoas, para os grupos individualmente, mas nós o ano passado não conseguimos fazer esse resumo, portanto, que...situação de Aljezur morreu mas que a causa em si não desapareceu, portanto para as pessoas se manterem sintonizadas digamos assim, eu consigo saber, mas pela proatividade das pessoas: quando elas...ou pelos comentários que fazem, ou pelos emails que nos mandam, ou pelo seguimento, ou pelo facto delas nos continuarem a seguir nas redes sociais, por aí eu consigo perceber, agora mais aprofundadamente pouco e com outros grupos porque se calhar contactamos mais com eles, há um grupo aqui que é os «LXyarns» que elas estão prontas sempre para tudo, brutal...há uma senhora que é de Cascais, que essa</p>
--	--

		<p>senhora participou porque foi a um evento que fizemos «random» (Eu - aleatoriamente), aleatoriamente, obrigado, e ela a partir de aí ela começou, nós tivemos logo uma grande ligação, ela é já uma senhora com os seus cinquenta anos mas é uma senhora toda fresca, incrível, tivemos uma grande ligação e ela basicamente ela começou a oferecer-se para ir connosco para todo o lado e... criou ali uma grande consciência, nós entretanto arrancámos com o Climáximo a organizar os encontros Ecosocialistas e ela disponibilizou-se logo para o espaço criança e ...(E1 p. 17-18)</p>
	<p>Individuais</p>	<p>Entretanto chegaram duas senhoras que ao serem abordadas transmitiram que vinham de Leiria e Caldas da Rainha, que conheciam a Climáximo a propósito dos furos na Bajouca e que conheciam alguns grupos que estavam lá organizados para combater a exploração de gás e por isso decidiram participar da reunião. (2ª reunião prep. DC p. 10)</p> <p>Poucas semanas após a minha intervenção na Assembleia Geral da Climáximo, o João Costa contactou-me a propor que colaborasse com ele na preparação de um encontro em que gostaria de estar presente com a Campanha Linha Vermelha. Foi para mim uma oportunidade de ouro. Poderia não apenas observar diretamente um evento (recordo que os eventos da CLV estavam interrompidos desde final de 2018, o que aparentava comprometer a minha investigação) bem como ao participar diretamente poderia mais facilmente entrosar-me e a partir das conversas recolher mais informação.</p> <p>Após aprovação por parte da orientadora, dispus-me assim a colaborar. (DC p. 13)</p> <p>Dei boleia (para a Feiriarte) à Ana (28 anos), ativista da Fashion Revolution e do programa documental «É prá amanhã» e à Ester, que é professora num projeto-escola alternativo no Marvão. Muito interessadas na questão climática. A Ester (31 anos) na Educação e a Ana na divulgação do que de boas práticas existe em Portugal (prepara documentário sobre sustentabilidade em território nacional). Referiu vários projetos interessantes quer no campo da educação, ecologia, economia e mobilidade. (DC p. 15)</p> <p>Por volta da 1 e tal da manhã acabámos por decidir ir embora. Eu, a Ana e a Ester que íamos pernoitar na casa da Ilda que, entretanto, aproximou-se de nós e revelou cansaço efetivo e necessidade de se recolher à sua casa, ainda que com muita delicadeza. Fomos então acolhidas. Eu não era suposto ficar, mas havia espaço</p>

	<p>para mim a senhora disponibilizou-se. As pessoas abrem as portas da sua casa. Estas pessoas que estão envolvidas. Abrem as portas das suas casas para nos acolher ainda com algum agradecimento inclusivamente pelo facto de nos deslocarmos e mobilizarmos para esta causa.</p> <p>Fomos então até à casa da Ilda. A casa diria é uma habitação típica destas pequenas localidades de interior. É visível que foi sendo construída de acordo com as possibilidades. Foram sendo feitos acrescentos à casa original. (DC p. 19)</p> <p>Das pessoas locais mobilizadas referir Ilda (por volta dos 50 anos), acolheu-nos na sua casa. É uma pessoa que está muito preocupada, aliás assim que chegámos à sua casa referiu-nos que o furo está previsto ser feito a cerca de 300mts da mesma (DC p. 20)</p> <p>(Feiriarte) ativistas que vieram, uma das senhoras de 50 e tal anos, Leonor, vem de Odemira e foi uma das responsáveis que esteve a lutar contra a prospeção de petróleo em Aljezur pelo que eu percebi na zona marítima. (DC p. 21)</p> <p>Sobre o grupo tenho a referir, aparentemente este grupo está muito mobilizado. Aliás há uma das senhoras – Sílvia, que eu irei entrevistar porque é uma das parceiras do Porto chegou ontem e irá permanecer até ao acampamento da próxima semana. (DC p. 21)</p> <p>(No mercado) Catarina (30as vem de Sintra) Sílvia (30as, vem do Porto) e chegaram duas irmãs, Cátia e outra, que são locais apesar de já não residirem na Bajouca e a casa da família fica ali (parece-me que os pais são os proprietários da clínica dentária da localidade). (DC p. 22)</p> <p>A Inês (cerca de 60) veio com o filho Rui (19 anos). Ela contou que organizou encontros em Cascais. Que participa de projetos sociais como um num bairro social onde dá aulas de alfabetização de adultos, com muita população cigana. Foi muito interessante escutar a sua perspetiva, vê-se que é uma pessoa bem formada e esclarecida. Também participa de um GIP da IPSS onde é voluntária (um centro paroquial, julgo). (DC p. 23)</p> <p>A Jacinta pertence à ALA – Associação Alentejo Litoral – que luta contra vários problemas que estão a assolar a costa alentejana. Apercebi-me que é uma pessoa muito dinâmica e muito mobilizada para as questões sociais. Ela está muito próxima (vem de Sines, apesar de residir em Lisboa), está muito próxima das problemáticas associadas à indústria petrolífera e de transformação dos combustíveis fósseis em Sines. Está muito próxima dos trabalhadores porque refere que</p>
--	--

	<p>recebe contactos e queixas de alguns pescadores, portanto há uma grande proximidade com quem labuta na região. Também me referiu que esteve envolvida em muito outros projetos em Sines, inclusivamente artísticos e associativos com o objetivo de desenvolvimento local. Agora vive em Lisboa e está próxima destas causas embora não se tenha desvinculado da sua comunidade de origem e das lutas da sua comunidade de origem. (DC p. 23)</p> <p>E, entretanto, apareceram mais três senhoras: a Francisca, uma senhora muito comunicativa e também a Carla e a Sílvia que são duas irmãs de Sintra. A Francisca é que as trouxe, mas vem de Cascais. Estas duas irmãs ainda não tive muita oportunidade de falar com elas e não percebi ainda qual a sua ligação aqui à Campanha. A M João sim, aliás é muito expansiva no diálogo com os colegas. É uma senhora com 60 anos, muito dinâmica a nível cultural. Está envolvida na CLV enquanto parceira porque desenvolveu, ou melhor, tem um projeto que se chama «Presas por uma linha» que era inicialmente um projeto de índole social – envolver pessoas desempregadas de Cascais – acabou por não resultar dessa forma pelo que contou mas tem, penso que uma loja ou um espaço – e fazem trabalhos por medida. E foi através deste - ela também dirige uma companhia de teatro e é tradutora – mas foi através deste projeto que tem com outras sócias que dinamizaram eventos da Linha vermelha porque ela está muito ligada ao tricot, ao crochet e à costura, inclusivamente pela sua ligação ao teatro se envolve na criação do guarda roupa. É contadora de histórias – começou por se apresentar assim e viaja pelo país a contar histórias a crianças. (DC p.24)</p> <p>Para a ação (durante a Feiriarte) surgiram vários elementos masculinos com os quais não tive oportunidade de interagir. Vieram para a gravação. Conteí 3: um filmou, outro gravou a preparação do vídeo e outro participou. (DC p. 28)</p> <p>(Camp in gas) Fui à Estação Oriente buscar a Carla (ativista, professora de ciências em Sintra, que tinha conhecido no encontro da semana anterior) (DC p. 30)</p> <p>(Camp in Gás – dia da ação) Ao chegar à ABAD mais uma vez dei-me conta do grau de companheirismo que aparenta viver-se naquele lugarejo ou então do grau de reconhecimento sentido pela população a todos os que de fora se juntaram aos que dentro são contra o fracking. Isto porque a Leonor (Presidente da ABAD) ao ter conhecimento da minha situação de imediato telefonou ao mecânico da freguesia e ele em 5 minutos foi buscar-</p>
--	---

	<p>me e substituir o pneu do meu carro. Quando manifestei vontade de lhe pagar pelo serviço respondeu-me que «é o mínimo que posso fazer em agradecimento por vocês estarem cá». (DC p. 35)</p> <p>Inês (por presumir que também iria) e convidá-la a fazermos a viagem juntas. Logo anuiu e assim fomos ambas. Durante a viagem pude trocar algumas impressões com ela. Tem acompanhado muito a CLV, praticamente desde o seu início, e a sua maturidade também lhe permite analisar os factos com algum discernimento (segundo minha percepção). (DC p.42)</p> <p>Contou-me(Bruna) um pouco da sua história pessoal, o que justifica a sua presença nestes grupos sendo ela tão jovem e apresentando tanta autonomia (nasceu em casa, frequentou a Verdes Anos, desenvolveu com um grupo de amigos um projeto que os permitiu fazer o 9º ano em regime de ensino doméstico auto-organizado, frequenta a Antónia Arroio, filha de pai geólogo, professor e ativista). Mais tarde consegui chegar à palavra com Mário Bianchi. Despertara-me anteriormente o interesse o facto de se ter disposto a participar do Feiriarte e ter aprendido ali a tricotar. Agora estava novamente entre nós, tendo para isso saído mais cedo de um encontro dos «ativistas à séria». Já o tinha escutado em diferentes momentos e tinha revelado alguma ponderação no discurso e o reconhecimento de que as diferentes formas de protesto são válidas (algo que escutei da boca de poucos ativistas durante estes meses!). Contara antes que participara da maior ação ativista da Europa, numa mina de carvão na Alemanha) e revela sempre a necessidade de esclarecer as pessoas que estão muito «desinformadas». Diz que urge uma compreensão total de todo o processo que se vive e que não basta o ativismo individual, que o sistema só muda com ações coletivas e diretas às grandes empresas responsáveis pela situação que se vive. Contudo, manifesta que é contra a banalização das ações performativas (como sejam aquelas levadas a cabo pela Extinction Rebellion nos meses anteriores) e considera que encontros de debate e de esclarecimento são essenciais para que as pessoas possam entender do que se trata a crise climática, como um todo.</p> <p>Quando confrontado com a questão específica da relevância da Linha para a sensibilização e enquanto forma de protesto, demonstrou-se muito favorável à mesma enquanto uma parte do ativismo (complementaridade de ações) e ao questionar se os seus colegas do Climáximo e outros coletivos pensarão da mesma forma, procurou ser diplomata, justificando</p>
--	---

inclusivamente o facto de ninguém me ter dado resposta com as agendas e ocupações pessoais, prontificando-se para junto dos mesmos reforçar o apelo para colaborarem com a minha pesquisa (honestamente considero que já não surtiria um resultado válido e que a não resposta é por si só passível de se retirar conclusões para a pesquisa em causa). (DC p. 44)

(Caldas da Rainha) Conheci ainda Ana Raposeira (seus 30s, doula e fazedoura de vestuário). Também reside nas Caldas da Rainha e demonstrou-se muito fiel à causa climática. Trouxe duas amigas – que ali aprenderam a tricotar – e durante o tempo em que conversámos ou a escutei, demonstrou conhecimento acerca dos combustíveis fósseis e da urgência numa transição energética. Apercebemo-nos que temos alguns pontos em comum no estilo de vida: ambas vivemos em terrenos com pequenas casas, buscando uma maior simplicidade dos nossos quotidianos e respeito pelo ecossistema. (DC p. 46)

Síntese de perfis s colaboradores da CLV com os quais interagimos diretamente no trabalho de campo)

Nome	Idade	Estado civil	filhos	Hábitos alimentares	Profissão / Atividade
A n a	2 8	Solteira	N ã o	Vegan	Num projeto («É prá amanhã»)
Ester	3 1	Solteira	N ã o	Vegetariana	Professora em projeto educativo
Sílvia	30 e muitos	Sol. (acho)	N ã o	Vegetariana	Não percebi
Catarina	30 e muitos	Sol (acho)	N ã o	Comeu carne	Produtora (cremes artesanais)
João	3 2	Solteiro	N ã o	Tenta ser vegetariano	No desemprego
Leonor	50 as	Solteira	N ã o	Vegan em Tamera	PP de Tamera e candidata BE em Odmita
I n ê s	60as	Viúva	2 crescidos	Vegetariana	Desempregada longa duração
R u i	1 9	S o l	N ã o	Omnívoro	estudante
Francisca	6 0	Casada	2 filhas e neta	Omnívora	Tradutora
Carla	5 1	Divorciada	2 filhas jovens	Vegetariana (?) come peixe	Professora de ciências
Sílvia (irmã)	50as	Não percebi, mas parece ser divorciada	2 filhos	Não percebi	administrativa
Mário Biachi	40as	Solteiro	N ã o	Vegetariano	Trabalha CMOeiras não sei em quê
Bruna	1 7	Solteira	N ã o	Vegan	estudante
Outro rapaz	20s	Não percebi	Não percebi	Não percebi	Não percebi
Tânia (Pombal)	40as	Casada	Dois pequenos	Não comeu, não percebi	Ligada ou à educação ou ao jornalismo
Denise (Pombal)	40as	Casada	D o i s	Não percebi	Neste momento cargo político, eng. de formação
Jacinta	3 8	Solteira	N ã o	Omnívora	Planeamento CM lx

Precriedade

A precariedade laboral é um aspeto quase transversal aos elementos mobilizados na CLV. À excepção de alguns (Carla professora, Mário CMO, Sílvia Administrativa, Jacinta CML), o núcleo duro que marca

		<p>presença nas diferentes atividades promovidas e/ou participa na própria organização encontra-se em situação laboral deficitária. É o caso do organizador – João Costa que manifestou ter estado inicialmente a auferir subsídio de desemprego, depois conseguiram financiamento foi remunerado, depois prosseguiu o trabalho em regime voluntário enquanto auferia novamente de subsídio e de momento aguardava novo financiamento para voltar a receber ordenado para trabalhar (como tem procurado fazer a tempo inteiro) no projeto.</p> <p>A Inês está também em situação de desemprego prolongado. Foi Educadora infantil e aparentemente aguarda idade de reforma por não conseguir ingressar no meio laboral.</p> <p>Eu própria tenho uma profissão precária e vivo com instabilidade de rendimentos enquanto trabalhadora independente.</p> <p>A Bruna é estudante pelo que não se aplica a situação.</p> <p>A Catarina (Sintra) é artesão. A Zélia é artesã.</p> <p>A Catarina que participou da organização é campaigner e freelancer (quando há financiamento, pelo que entendi)</p> <p>A Ana estava de momento a auferir ordenado pelo projeto É pramanhã, situação igualmente provisória.</p> <p>A Francisca (Cascais) apesar de não referir é trabalhadora independente e parece-me que também vive oscilações financeiras.</p> <p>O Rui (filho da Inês) está num curso profissional mas vive com uma mãe viúva e desempregada.</p> <p>A Ester (participou na Feiriarte) é precária auferindo um ordenado apenas durante o período letivo num projeto educativo no Alentejo. Aliás referiu isso mesmo, a desconsideração pelo seu trabalho e necessidades dos pais que lhe pagam o ordenado.</p>
Eventos	De Tricot	<p>(MIRATECARTS Açores) Hugo contou que foi contactado pela CLV por desenvolver previamente encontros de tricot na ilha e que se dispôs de imediato a dinamizar a ação. Esta ideia é contraditória àquela que me tinha sido transmitida pelo organizador João costa, que assegurara que o projeto dos Açores tinha sido iniciado precisamente pela vontade de participar na construção da linha vermelha, situação que voltei a confirmar com este no encontro de 1 de Setembro, tendo o mesmo recebido com surpresa a minha informação acerca da iniciativa relatada por Hugo.</p> <p>Hugo contou que os encontros eram quinzenais e duraram uma temporada em 2018, tendo o grupo realizado cerca de 30 metros de linha.</p>

	<p>Sobre a dimensão do grupo conta que variou entre 15 e 3 pessoas por sessão, muito embora tenha envolvido mais que 15 na medida em que iam aparecendo pessoas diferentes. Eram quase sempre mulheres, entre os 18 e os 80 anos.</p> <p>No que concerne à sensibilização para as questões ambientais, o organizador relatou que apenas poucas pessoas estavam minimamente esclarecidas sobre a matéria (combustíveis fósseis e crise ambiental), sendo que os encontros proporcionaram algum esclarecimento, não muito consubstanciado. Deu a entender que na sua maioria as pessoas demonstraram vontade de participar na linha sem se comprometer com a causa da mesma.</p> <p>Relatou também que havia sempre pessoas que se juntavam ao grupo para aprender e aí a intergeracionalidade funcionou muito bem (as mais velhas ensinavam as mais novas).</p> <p>Contou ainda que quando finalizaram a Linha este propôs que se fizesse algo criativo com a mesma e a primeira sugestão foi que usassem como decoração de Natal, dada a cor. Contou com algum desânimo por considerar que a mesma revelava «pouca criatividade». Também percepcionei que esse fim seria bastante contrário às causas da Campanha, na medida em que o Natal é espelho (diria, ícone) do sistema económico responsável pela crise climática que se vive. Conseguiu por fim que se envolvessem na preparação de uma instalação artística colocada no porto da Madalena e que de algum modo aludia para as questões da exploração dos oceanos. Disse que a exposição foi alvo de bastante interesse (e curiosidade) por parte da comunidade local.</p> <p>Em síntese, e transversal ao discurso de toda a visita, ficou a noção de que a comunidade em que se insere a MiratecArts é ainda muito conservadora e fechada e que busca a partir desta e de outras iniciativas despertar o potencial dos cidadãos quer para questões artísticas, quer para a preservação de património (pude posteriormente observar que se encontra a mobilizar as pessoas locais a partilhar fotografias antigas que ostentem tocadores de instrumentos de cordas, no sentido de reunir esse espólio e preservar memórias).</p> <p>(DC p.41-42)</p> <p>(Caldas da Rainha) No evento de ontem, Inês revelou (algo que também eu sentira, embora tenha aproveitado para rentabilizar o dia com conversas informais bastante ricas para a investigação) que o encontro foi demasiado passivo, que nos limitámos a tricotar e passámos pouco</p>
--	---

		<p>a mensagem. «o João deve estar cansado», disse. Contudo, tal como na Feiriarte, houve sempre pelo menos um elemento do grupo que se dispôs a passar a informação relativa ao porquê da linha vermelha a todos os que a nós se aproximavam ou dirigiam. Importa, ainda assim, referir que do meu olhar parece-me que a maioria das pessoas que nos abordaram e desconheciam a CLV não revelaram qualquer interesse no tema. Apesar disso é também de notar o facto de algumas pessoas se terem dirigido a nós revelando que conheciam ou já tinham participado de alguma ação. (Dc p. 46)</p> <p><u>« um Festival Internacional de Tricot. A Linha vermelha vai envolver-se?</u></p> <p>Não sei...sim...nós tentámos correr atrás...quem nos falou disso foi a Zélia Évora que é uma que ela também participou da campanha (Eu- sei, é da Reuse) Sim, nós estamos muito em contacto, aliás temos um projeto, que eu não quero falar agora sobre isso, não é que seja segredo mas eu não quero que dê azar (risos), que é algo que eu acho que pode ter muitas pernas para andar, e nós estamos muito em contacto com ela e ela é que nos disse que ia haver este evento, «mas ninguém nos convidou» nós dissemos para ela, e ela «então eu vou falar com a minha amiga» e portanto, ela já falou com a amiga dela, nós já mandámos um email a fazer-nos convidados mas ainda não recebemos nenhum convite, portanto, eu não sei se vamos conseguir estar porque não sei se vamos ser convidados, mas mesmo que sejamos convidados eu não sei se vamos conseguir estar porque...bom...primeiro, porque nessa semana vai haver uma ação na Alemanha, que eu vou querer ir, eu João Costa e pronto, tenho ainda condicionantes porque estou desempregado e não sei se vou conseguir ir...portanto acho que está 50-50, ainda não fomos convidados mas eu acho que vamos ser, mas eu não sei se vamos conseguir ir.(E1 p.25)</p>
	De Ativismo	<p>«lembro-me que a Ana foi ao primeiro evento no RDA em que nós fomos para um canto...em geral – bem eu não sei se isto vai ficar na tua tese – mas o pessoal do RDA não é muito simpático, não é? (risos) Não é muito simpático e então nós fomos lá para um canto e o João, eu acho que até foi o João que os contactou, não fui eu que os contactei porque eu era nova em Lisboa, e então nós estávamos lá num canto e depois as pessoas iam-se juntando, e nós íamos convidando as pessoas – a Ana foi ao primeiro evento porque eu lembro-me que ela trouxe aquelas agulhas gigantes – mas no geral nunca houve nenhum pedido do RDA para explicarmos melhor</p>

		<p>o que estávamos a fazer ou para fazer uma sessão pública, também... muito poucas pessoas sabiam o que é que se estava a passar na altura...» (E3 p.2)</p> <p>No próximo sábado, dia 14 de setembro, vai realizar-se um encontro de Eco-ativismo na Cooperativa Quinta dos 7 nomes em Sintra. O Mário Bianci falou-nos do evento quando estivemos nas Caldas da Rainha, dizendo que o coletivo da Climáximo estaria presente para palestrar acerca das questões do clima. Eu fiquei de imediato interessada em ir por forma a observar as pessoas, as dinâmicas. Falei com a Inês sobre isso e ambas ficámos de mais perto da data combinar. Foi, no entanto, curioso receber ontem mais um contacto do João Costa a apresentar o evento, dizendo que a Inês, o Mário e a Bruna iriam representar a CLV, apesar dele não poder, e a convidar-me para me juntar ao grupo para tricotar. Sinto, assim, que o organizador da Campanha já me trata como um elemento da mesma. Esta integração é reveladora do crédito que me dão relativamente às convicções pela causa, o que por outro lado agudiza a sensação de que de alguma forma estou a trair a confiança destas pessoas pelo facto de continuar a participar enquanto investigadora...(DC p. 48)</p> <p>Ao chegar estava a Fernanda Botelho a palestrar num círculo de pessoas que se reuniam à sombra e fui imediatamente despertada para o cartaz da CLV que se encontrava estrategicamente posicionado voltado para a entrada, bem como uma mesa onde um cesto com as lãs e parte da linha era ostentada. De novo refiro o impacto visual da CLV que desperta sempre a atenção dos transeuntes.</p> <p>Estava a Inês e a Bruna a tricotar enquanto escutavam a oradora que falava sobre as plantas medicinais comuns nas nossas florestas e nos nossos quintais. Também um rapazito que depois soube ser irmão da Bruna se encontrava a tricotar. Juntei-me a eles com a lã que trazia de casa.</p> <p>Depois fomos convidados todos a acompanhar a Fernanda pela quinta e aprender a reconhecer as plantas. Para isso deixámos a nossa «bsnca» porque na verdade a maioria das pessoas iria seguir na visita.</p> <p>Mais tarde regressámos ao local e novamente pude observar o quanto a linha desperta a curiosidade das crianças: havia duas meninas já a tricotar e outra que se encontrava com a sua avó a pedir à Inês para ensinar-lhe determinadas técnicas.</p> <p>Depois fui à sala onde decorria a palestra sobre as alterações climáticas e apesar de repleta pude ver algumas pessoas sentadas no exterior à escuta. Entre</p>
--	--	--

	<p>elas encontrava-se uma das jovens que tinha pegado numa parte da linha e para lá levado a mesma e tricotava enquanto escutava a exposição da oradora. Não querendo deixar a Inês «presa» ao espaço da CLV dirigi-me para o local e ao chegar encontrei a Carla a tricotar a linha! – uma professora de ciências que reside em colares e com quem estive na Bajouca, local onde ela voltou a «pegar nas agulhas». Estava a tricotar enquanto dialogava com o Sinan (um dos responsáveis da Climáximo). Cumprimentei ambos – ciente de que o Sinan dificilmente me cumprimentaria caso não fosse por «obrigação». Esta sensação é comum a mim e à Inês e julgamos estar associada à sua posição relativa à Campanha – consideramos que desvaloriza a mesma e que por isso se incomoda com a nossa presença.</p> <p>A Carla pertence aos Extinction Rebellion e sendo uma das que considero «ativistas à sério» e estando a conversar com um «ativista à sério», foi interessante de observar. É de recordar que a Carla nunca participou num encontro promovido exclusivamente pela CLV, à excepção da Feiriarte na qual foram vários ativistas porque se estava a preparar o acampamento.</p> <p>A Inês tinha também saído do local e eu sentei-me a tricotar sem interferir na conversa de ambos. Pude aperceber-me que falavam sobre a semana da rebelião (de 22 a 27 de Setembro).</p> <p>Entretanto chegou a Inês e a menina que viera com a avó que a seguia por todo o lado. Sentaram-se perto de mim, bem como as outras duas jovens que, entretanto, regressaram da sala onde decorriam as palestras.</p> <p>Dirigiu-se a nós um rapaz com os seus 20-30 anos cujo diálogo é de assinalar:</p> <p>«Podem ensinar-me?»</p> <p>De imediato a Inês fez o movimento na sua direcção.</p> <p>«Eu sempre vi a minha avó tricotar, mas não pude aprender»</p> <p>A colega ensinou-o com uma rapidez impressionante. E eu ao vê-lo disse-lhe: aprendeste depressa. A Inês diz que os homens aprendem mais rápido.</p> <p>«Acabou de me dizer isso. Isto é giro! Se calhar vou fazer uma camisola para o inverno. E ainda é mais sustentável do que comprarmos aquelas de fibra no chinês.»</p> <p>Continuámos. Decorrido algum tempo, veio uma amiga do jovem e este pergunta à Inês:</p> <p>«Pode ensinar à minha amiga?». Ela era alemão, também 20-30 anos.</p>
--	--

	<p>Ao que a colega responde: «Agora és tu que lhe ensinas a ela!» e assim foi, a amiga sentou-se e ele ensinou-a a tricotar num ápice.</p> <p>Uma outra senhora aproximou-se de nós e perguntou o porquê da Linha Vermelha. Eu comecei a responder (já me encontro tão embrenhada na causa e a representá-la que espontaneamente me predisponho a esclarecer as pessoas, assim como qualquer um de nós que vai habitualmente a encontros. Somente quando o João está presente todos fazem questão de encaminhar as pessoas para que seja ele a esclarecer. Caso contrário flui de forma harmoniosa e horizontal esta iniciativa/disponibilidade.</p> <p>A Inês sugeriu que a senhora pegasse num panfleto e levasse para poder calmamente consultar a informação (quer a impressa, quer a constante dos endereços eletrónicos). Ela manifestou-se muito interessada e assim o fez.</p> <p>Aproximou-se a hora da sessão com o Sinan. Eu estava muito interessada em escutá-lo e na esperança de ter uma oportunidade para ver esclarecidas as minhas dúvidas relativamente ao posicionamento da climáximo quanto à CLV.</p> <p>Uma vez que o Sinan se encontrava ali sentado, perguntei-lhe se iria fazer a sua palestra na sala ou ali, dado que o espaço da sala estava a ser pequeno para a quantidade de pessoas presentes (seríamos uns 40). Ele respondeu que como não iria utilizar projeção, achava que haveria espaço para todos. Também disse (à Carla e à Bruna que, entretanto, se mantinham por ali) que não ia apresentar assunto, iria começar pelas perguntas e estruturar o discurso a partir daí. (DC p. 48-51)</p> <p>(Marcha pelo Clima 27 set) Sendo assim eu e a Inês dispusemo-nos a ir. Convidei igualmente uma amiga a juntar-se a nós por sabê-la interessada na Campanha (já participara antes mesmo de eu ter iniciado a investigação). Mantive alguma distância da organização motivada pela duplicidade de papeis que ainda considero assumir. A Inês combinou então cmo o João como adquirir novelas para que pudéssemos ter material para tricotar.</p> <p>Quando chegámos ao ponto de encontro (Cais do Sodré) foi a Inês que procurou junto do João Camargo saber onde nos deveríamos posicionar na marcha, uma vez que o João Costa lhe dissera que iríamos logo depois das pessoas da Bajouca. Este indicou-nos as pessoas responsáveis pelo alinhamento e assim que nos dirigimos à multidão e colocámos as faixas</p>
--	---

tricotadas em redor do pescoço veio de imediato um jovem (que reconheci do acampamento) chamar-nos e indicar a nossa posição. Sem sombra de dúvidas que o impacto visual desta campanha é enorme! Apesar de sermos apenas duas naquele momento, fomos de imediato identificadas no meio de centenas de pessoas que ostentavam cartazes e faixas de pano pintadas. Do meu ponto de vista, a sobriedade da CLV é também um elemento favorável e que a faz destacar no meio de multidões.

Ao iniciar a marcha percebemos que seríamos apenas as três porque as pessoas da Bajouca estavam atrasadas. Perguntámos então a alguns jovens se estavam dispostos a segurar a linha vermelha connosco por forma a que a mesma ficasse esticada e legível (tem escrito Campanha Linha vermelha e foi elaborada pela Inês). Assim foi. Prosseguimos todo o caminho com a ajuda de alguns jovens que, apesar de serem grupos de 3 ou 4 que se sucediam uns aos outros, nos iam ajudando.

A marcha foi mais uma oportunidade para constatar a diferença (salutar) de formas de expressão e o quanto as pessoas que geralmente se identificam com a CLV não se revêm nas manifestações desta índole, muito menos em desobediência civil, talvez esse o motivo de estarmos apenas nós... (DC p. 52)

Tricotar na 4ª Greve Climática Estudantil

No dia 29-11-2019 estivemos em Lisboa, na 4ª Greve Climática Estudantil, nas vésperas da COP25 em Madrid.

Estivemos presentes para lembrar que para cumprir o objectivo de conter o aquecimento da temperatura do planeta em 1.5°C não podemos começar novos projectos de combustíveis fósseis, tal como os furos para prospecção de gás fóssil na Bajouca e em Aljubarrota.

A CLV coordenou juntamente com os diferentes coletivos organizadores da marcha, a distribuição das linhas durante a manifestação. Fomos, assim 6 voluntários (Eu, ângel, Vera, Rita, Diogo, Ana) que ficámos de transportar em sacos de compras as linhas tricotadas e a meio do caminho distribuir pelos manifestantes fazendo assim linhas longitudinais. Da minha experiência, a maioria das pessoas esteve disposta a segurar, apesar de um ou outro manifestante me ter questionado sobre quem era a entidade responsável pela linha – o que me parece sensato e transmiti posteriormente ao João a necessidade de uma próxima vez esta colaboração ser previamente

	<p>anunciada pelos organizadores antes ainda de se iniciar a marcha – contudo, talvez por se tratarem maioritariamente de jovens, alguns elementos acabaram por largar a linha, outros contudo tiveram o cuidado de se arresvar ao longo do caminho. No final junto da Ass. Rep. Reunimos os grandes novos – houve aqui também muita disponibilidade para ajudar por parte dos manifestantes.</p> <p>A presença junto à escadaria possibilitou a interação com o público e da minha experiência foi a situação em que num menor espaço de tempo tivemos a participação de um maior número de pessoas que sentiram a vontade quer de aprender a tricotar, quer de contribuir para o projeto e partilhar desta manualidade. Há que registar a paridade de género que se verificou no grupo que se formou. Também o facto de alguns elementos ativistas habitualmente mais distantes se terem disposto a aprender a tricotar neste evento.</p> <p>A referir ainda que foi o evento público no qual tivemos maior contacto com a comunicação social tendo sido abordados por diferentes canais de televisão, jornais e rádios. E as notícias desta vez foram efetivamente difundidas. (DC p. 55-56)</p>
Zen	<p>Nos dias 26 e 27 de Outubro estivemos no Organii Eco Market, a sensibilizar, a tricotar e a mobilizar pessoas para a causa da prospecção de gás na Bajouca e em Aljubarrota.</p> <p>Foram várias pessoas que não sabiam destes contratos e assim já ficaram a saber que além de existir uma aldeia linda que se chama Bajouca, também existe uma empresa que se chama “Australis Oil & Gas” que pretende realizar um furo na Bajouca e outro em Aljubarrota.</p> <p>Uma das melhores partes da nossa ida ao Organii Eco Market, foi o entusiasmo das crianças em experimentar o tricô, o crochê e também em experimentar o nosso tear Etelbert pois a Inês dinamizou um atelier. Em relação ao impacto, de referir que a maioria dos visitantes se deteve essencialmente nas bancas de vendas. Vieram sobretudo crianças, mas também alguns (pouco) casais entre os 25 e os 45 anos sensivelmente.</p> <p>Destaco o facto de me ter sido apresentada a Alexandra que está a realizar um doutoramento na área do ativismo e ficou muito interessada no tema da minha dissertação. Em simultâneo esta artista está a preparar uma instalação (vídeo com imagens e vozes de participantes) que incide sobre a Campanha e convidou-</p>

		me a participar concedendo uma entrevista. Ficámos de agendar. (DC p. 54)
Eventos Bajouca (motivações e envolvimento)	Feiriarte	<p>«Sim, no mesmo local onde vai ser o acampamento, ou seja no parque natural, é mesmo muito bonito, e...a sra de lá, a Leonor convidou, não só a termos um acampamento, portanto, pelas razões obvias porque vai ser na semana a seguir, mas também para termos uma banca da Linha Vermelha – porque ela achou piada, uma piada enorme à Campanha, ela não a conhecia e...pronto, expliquei-lhe que tenho esta limitação e ela disse-me «pronto então eu vou tentar envolver aqui as pessoas do centro de dia, que há uma pessoa ou duas que eu conheço que gostam muito deste tipo de coisas, vou tentar envolver, para ver se conseguimos ter então ter uma dinâmica aqui», e eu aproveitei essa dinâmica e depois eu disse «então eu depois posso tentar juntar algumas pessoas; seja as tricoteiras do grupo de Aveiro, sejam as do Gang da Malha, seja as da Tábua», portanto há mais pessoas que eu depois gostaria de convidar, a minha intenção, o meu projeto numa lógica de ideal, num cenário ideal, seria mobilizar 50% das pessoas que já participaram na Campanha para ir ao encontro. Mas acima de tudo seria para fazer uma coisa, que era no local onde nós vamos acampar – que é o mesmo onde vai acontecer a «Feiriarte» – é cerca de 40 minutos a pé do local onde vai ser feito o furo porque a empresa já comprou o terreno, e então a lógica seria irmos fazer uma ação de tricot da guerrilha, chamemos assim, ao local do furo uma coisa simbólica simplesmente nos puséssemos a tricotar e colocássemos linhas vermelhas em todo o lado...portanto, eu quero que isso aconteça, estou à espera de uma luz verde, sim. No acampamento não, mas sim. (E1 p.25)</p> <p>As pessoas que nos receberam na Feiriarte são as responsáveis pela ABAD da Associação para o Desenvolvimento da Bajouca e são a Leonor, dos seus 60 anos, o Manuel igualmente entre 60-70. São as pessoas que representam a ABAD e que nos acolhem de braços abertos e aparentemente, pelo que fui percebendo mais tarde são duas pessoas que estão muito envolvidas na luta contra o furo e que de alguma forma são importantes na comunidade, são pessoas que têm um papel de decisores na comunidade pelo que a associação é realmente um projeto muito relevante aqui para a comunidade. A ABAD é um espaço muito amplo com um edifício enorme dos seus, diria, 200 ou 300 metros de salão equipado com uma cozinha. A Feiriarte é totalmente baseada em voluntariado, todos os</p>

		<p>trabalhadores da festa são voluntários locais. Oferecem uma sardinhada na inauguração da festa e depois a comida no restaurante é que é paga, mas com preços muito acessíveis. Apenas as bancas dos artesãos é que são pagas pelos mesmos e estão a vender produtos.</p> <p>O que eu me apercebi é que há um envolvimento muito grande da comunidade nesta festa e um entusiasmo pela mesma. Não tanto pela questão do furo e pela presença de pessoas estranhas (ativistas). No entanto houve ainda uma ou outra pessoa que se aproximou. O facto de estarmos no palco a mim pareceu-me que não foi muito positivo porque apesar de ser um palco baixo, havia um distanciamento entre nós e as pessoas que iam passando. (DC p.18)</p> <p>Estivemos no stand 11 pessoas, das 11, dois homens um deles o organizador da Campanha, o João costa, e outro homem é filho de uma das senhoras que veio. Duas das senhoras – essa e outra – dos seus 60as e os restantes são pessoas por volta dos 30 anos. (DC p.20)</p> <p>Agora vou deslocar-me ao mercado. Acompanhá-los ao mercado porque tencionam neste distribuir folhetos para alertar as pessoas que está em curso um movimento e uma manifestação agendada para dia 20 de julho, na altura do Camp in gás.(DC p. 21)</p> <p>Parece-me ela e o grupo (de ativistas participante do Feiriarte) em geral, estão muito envolvidos nas questões das alterações climáticas em termos nacionais e alguns internacionais (alguns elementos estão envolvidos em ações internacionais) e portanto não se trata aqui de pessoas que se envolvem apenas e exclusivamente pela sua localidade. (DC p. 23)</p>
	Camp in gás	<p><u>«Eu – Em relação, portanto, falaste do acampamento que estão a projetar, dentro desse projeto com o Climáximo, estão a pensar em utilizar também o recurso do tricot? Portanto, desta manualidades como forma de, já diria de reflexão porque os que vão já não vão, aqui já seria o sentido inverso...pergunto eu...</u></p> <p>Durante o acampamento à partida não, porque eu estou muito envolvido na organização do acampamento, mais na parte logística e em parceria com a comunidade local e eu como neste momento estou sozinho na Campanha não sei bem o que é que eu posso esperar e sei que no acampamento vou estar cheio de coisas para fazer, portanto, não posso por mais tarefas em cima de mim. (E1 p.24)</p> <p>Relativamente ao acampamento, foi-me referido que esse tomaria a centralidade das ações nos próximos tempos por depositarem nesse encontro muita esperança para a solução das questões da Bajouca e</p>

	<p>Alcobaça. Contou-me que se têm vindo a organizar com diferentes grupos da região – desde associações de moradores a autarcas e outros poderes locais – no intuito de não só sensibilizar e esclarecer sobre o impacto da problemática do fracking, como também mobilizá-los a participar na luta contra a prossecução da exploração de gás nestas regiões. (DC p.3)</p> <p>Consegui igualmente registar que tencionam reunir com quatro juntas de freguesia visando mobilizá-las para o encontro. Foi também referido que não estão ainda muito empenhadas na luta contra a exploração.</p> <p>O representante do Monte Redondo referiu que o museu local tenciona envolver-se no acampamento e está bastante empenhado na luta pelo fim do contrato de exploração, baseando-se no facto desta entidade ter sido constituída enquanto eco-museu e estar por isso muito dedicada à defesa e proteção do património. (DC p.6)</p> <p>Ao chegarmos estava a começar o plenário (recordo que o acampamento teve início na quarta feira e eu só consegui estar presente a partir desta data motivada pelas obras e mudanças de casa).</p> <p>Estava presente cerca de uma centena de «ativistas», maioritariamente jovens. O orador era o Sinan da Climáximo e estava a discursar sobre o que são os grupos de afinidade e para que servem. Aliás, ia perguntando e debatendo com o público o que pensavam ser os GA e seus objetivos. Depois da exposição teórica foi sugerindo que quem tivesse grupo se posicionasse junto de um dos lados e quem não tivesse do outro. A Carla sugeriu que eu me juntasse a elas, mas eu fiquei renitente por desconhecer qual seria a ação e dei a desculpa de me ter voluntariado para a recepção e por isso julgar não poder estar presente na formação, logo impossibilitada de participar (pelo que me tinha sido dito pelo João). A ação era de desobediência civil e não estava interessada em participar «às escuras».</p> <p>Lá consegui encontrar a Rita Varela (coordenadora da recepção) e ela disse-me que me tinha retirado da recepção pelo que poderia participar, que fosse perguntar ao Sinan onde me poderia/deveria posicionar. Fui ao seu encontro e questionei (julgo que me reconheceu de imediato) e perguntou-me em qual dedo estava (assim denominadas as tipologias de participação, que eram 3 sendo que o verde seria apenas para manifestar-se e os outros dois desobedecer). Ao manifestar que tinha acabado de chegar sugeriu o grupo que iria participar exclusivamente da manifestação. Ao chegar ao mesmo</p>
--	--

	<p>apercebi-me que estava uma ativista que vira tb na AG Climáximo (Andreia). Tivemos de apresentar-nos e referir os nossos objetivos bem como os nossos receios. Optei por mais uma vez ser transparente e manifestar o que me trouxera ali. Aí a Andreia disse que se recordava de mim (porque referi reconhecê-la do CIDAC). Um outro elemento do meu GA era espanhol, um ativista que se encontrava igualmente resistente aos procedimentos ilegais da ação pelo facto de se encontrar de momento a receber o subsídio de desemprego e oficialmente impedido de sair do seu país sem autorização (e não a tinha). (DC p. 31)</p> <p>A tarde foi bastante mais intensa pois estivemos a treinar em grupos, consoante os dedos.</p> <p>Verde – manifestação Amarelo – ilegal (desobediência civil) Rosa – o mais ilícito de todos (desconheço ainda o que irão fazer....)</p> <p>Foi para mim muito exigente porque tínhamos de simular várias possibilidades de confronto com a polícia. Senti-me uma verdadeira estranha a todo aquele ambiente e todo aquele espírito.</p> <p>Havia um entusiasmo e adrenalina no ar – principalmente por parte dos mais jovens – e de grande seriedade por parte dos organizadores e participantes ativistas detentores já de «curriculum»-</p> <p>É interessante observar que há um discurso permanente que aparenta manifestar o espírito inclusivo e disponibilidade para esclarecer qualquer dúvida ou anseio que surja, mas por outro lado quem está sozinho (tal como eu me encontrava) fica «posto de lado». Há a ideia de que este é «um ativismo para valentes»!</p> <p>Apesar do discurso se dissociar disto. Os organizadores que me conheceram na AG Climáximo continuam a olhar-me com muitas reservas. Apenas o João tem o cuidado de interagir comigo (fá-lo inclusivamente na hora do plenário quando me encontrou sozinha sentada a observar enquanto aguardávamos o início da sessão). Depois dele vir, outros se juntaram. Também o João Camargo é capaz de interagir com alguma simpatia. Os demais literalmente ignoram que me reconhecem. Digo isto porque partilhei com a Carla a minha receção na Climáximo e ela demonstrou que essa era a atitude expectável (disse-me: «foi o Sinan, não foi? Claro!»).</p> <p>Senti-me muito desconfortável com o contacto físico e a agressividade inerente ao treino. Tive vontade de partir. Não me revejo nesta forma de luta, embora compreenda o porquê de o fazerem.</p>
--	---

		<p>Mais tarde apareceram a Inês e o filho Rui, o que representou «a minha salvação».</p> <p>Fui com eles à vila e à casa onde iramos pernoitar (Ilda) e quando regressámos já tinha dado início a sessão de apoio legal. Foi interessante observar como se dispõem a esclarecer qualquer medo e anseio manifestado relacionado com alguma ilegalidade inerente à ação, preparando as pessoas para o que pudesse surgir.</p> <p>Assustou-me mais. Não estou disposta a ser detida. Não porque não acredite na causa mas por não me sentir verdadeiramente comprometida com a forma....</p> <p>Respirava-se no ambiente o sentimento de hierarquia relativamente aos dedos e a quem pertencia a qual. Um elitismo latente e uma visão partida do grupo. Esta sensação acentuou-se À noite no plenário pela necessidade do Sinan referir ao microfone que «cada participante era essencial para a concretização dos propósitos, independentemente do lugar que ocupa».</p> <p>É curioso notar que todos os elementos da organização utilizam telemóveis de teclas.</p> <p>Ao jantar fiquei com a Inês e o filho. Assim que terminámos a refeição dirigimo-nos ao plenário. Ai sim deu para perceber a dimensão do grupo pois estavam praticamente todos. O sinan sintetizou o dia e o que era necessário. Referiu que a organização se encontrava muito cansada e pediu paciência, falando que «este não é um momento de sociabilização mas um momento político-social».</p> <p>Pareceu-me que há muitos jovens À aventura e não necessariamente comprometidos com seriedade, o que ficou explícito pelo facto do grupo se reduzir para menos de metade assim que acabou o plenário e ia começar a conferência. Também pelo facto da cozinha vir avisar que iria fechar a comercializaç~</p> <p>Ao de bebidas alcoólicas logo após o jantar para que «todos possam descansar e se preparar para o grande dia da ação de amanhã».</p> <p>Há quase sempre um cheiro a erva no ar. Sinto que há muita gente (essencialmente os jovens) que vêm à aventura, como uma forma de diversão e lazer</p> <p>Na conferência participaram: joao Camargo; João Lourenço e Tiago (Bajouca, Movimento do Centro contra a exploração de Gás); um ativista do grupo GASTIVISTS (Suíça) e um outro de uma ONG que não cheguei a perceber. A Carla dirigiu-se a mim e demonstrar verdadeira vontade de me integrar (ao contrário da irmã). Nesta conferência ficámos muito perto uma da outra e percebi que ela conhece muitos ativistas.</p>
--	--	---

	<p>A seguir à conferência a Angela teve a brilhante ideia de irmos tricotar, o que salvou o meu dia!</p> <p>Fomos então com dois cestos e novelos para junto do grupo musical que ensaiava e começámos a tricotar. Foi imediatamente contagioso!</p> <p>Surgiu primeiro um rapaz (não mais de 20 anos) a pedir para aprender. Depois a ativista internacional que viajou pelo mundo em cadeira de rodas começou a olhar com muito interesse e eu perguntei-lhe se queria aprender ao que disse que sim. Inês é fenomenal! Uma excelente comunicadora e pedagoga (disse-me que é educadora, desempregada há 3 anos). Em menos de 20 minutos tínhamos cerca de 10 jovens a tricotar pela 1ª vez!!</p> <p>O João Costa demonstrou muita alegria e agradecimento pelo nosso empenho. Perguntámos-lhe se poderíamos levar a linha vermelha para a manifestação e respondeu: «A linha é vossa. É de todos!» Ficou então combinado que levaríamos o tricote e ajudaríamos quem nos quisesse acompanhar nestes moldes.</p> <p>É maravilhoso observar o poder impactante da linha vermelha.</p> <p>A ativista suíça veio logo também tricotar. As pessoas no geral revelam muita curiosidade e sorriem e os jovens querem participar. Desta vez contei 4 rapazes e 5 raparigas. (DC p.34)</p> <p>Prossigui para a ABAD e lá deparei-me com a incansável Inês que mais uma vez se dispôs a tricotar enquanto aguardávamos. Entre nós surgiu-nos a ideia de nos fazermos acompanhar do tricote durante a manifestação e após termos questionado o João, este ficou perplexamente agradecido pela nossa dedicação à campanha, e anuiu ao nosso pedido.</p> <p>Foi para mim muito importante este recurso, não apenas por motivos académicos – mais uma oportunidade para observar – mas por questões pessoais sentia-me cada vez mais «segura» por detrás da linha vermelha e menos confortável com as possibilidades que poderiam surgir por parte das ações ativistas. Julgo que um dos aspetos frustrantes se prende com o desconhecido: não sabermos de antemão qual a ação que está a ser preparada, gera, a meu ver e pelo que observei, algum (ou muito) desconforto. (DC p. 35)</p> <p>Prossiguimos na manifestação com muito ânimo. Havia um grupo musical (<i>Sambação</i>) a liderar os manifestantes e pouco atrás estávamos nós a tricotar (Eu, Inês, filho, sra. da Bajouca). A nós juntou-se a Denise do Pombal (bloquista com lugar na Assembleia Municipal) e que tem vindo a acompanhar-participar ativamente na CLV, como referido anteriormente.</p>
--	--

		<p>Foi empolgante o caminho, as pessoas estavam animadas, o grupo de jovens da greve estudantil que tinham participado no acampamento detinham a maior parte dos megafones e cantavam palavras contra o furo e a favor da mobilização das pessoas pelo futuro.</p> <p>Alguns dos habitantes assomavam às janelas, outros ao passeio, sentia-se algum receio em participar, sentia-se que muitas das pessoas estavam desconfortáveis com a agitação que agora se fazia sentir na localidade visivelmente pacata. Talvez essa pacatez fizesse com que as pessoas receassem tomadas de posição, ou porventura, tal como eu própria, se sentiam desconfortáveis com o que pudesse advir. É ainda assim verdade que algumas pessoas se foram juntando ao grupo de manifestantes, muitos – se não a maioria – porque pertenciam previamente ao grupo de «indignados» com a possibilidade do furo. Vinham «pelas mãos» dos participantes-ativista do Movimento do Centro Contra a Exploração de Gás, residentes ou filhos de residentes da Bajouca e de freguesias limítrofes.</p> <p>Durante o percurso não dei conta de que o grupo se tinha dividido – conforme combinado, os dedos amarelo e rosa saíam da manifestação para encetarem a sua ação – e ao chegarmos ao terreno fomos encaminhados para a vedação, convidados a segurar faixas e voltar para a estrada (ou seja de costas para o terreno da Australis Oil & Gas). O grupo musical continuava a «animar» as pessoas e os que traziam aspersores iam refrescando os manifestantes. Esta espera pareceu um pouco longa dado o calor que se fazia sentir.</p> <p>Até ao momento tínhamo-nos cruzado apenas com uma viatura da PSP – consegui ver que elementos da organização foram falar com os polícias e que eles estavam ali apenas por questões de formalismo... Sempre que uma manifestação ocorre, as forças policiais devem assegurar que os manifestantes circulem pelas vias públicas sem perigo, isto não se passou inclusivamente porque aquando na estrada junto ao terreno, vários carros circularam e houve inclusivamente necessidade da própria organização colocar alguns elementos em cada uma das extremidades do caminho por forma a advertir os automobilistas de que decorria uma manifestação na estrada e sugerir acessos alternativos. Segundo soube, esta deveria ter sido uma função das forças policiais.</p> <p>Contou o João que a Autarquia (Leiria), ao ter conhecimento oficial de que iria ocorrer a manifestação (situação que se verificou), deveria obrigatoriamente</p>
--	--	---

	<p>encaminhar psp para dar proteção aos manifestantes. Segundo o organizador esta foi uma clara demonstração de que não davam importância ao evento no sentido de desvalorizar o número de descontentes com o eventual furo.</p> <p>A relatar igualmente que uma viatura da RTP nos acompanhou durante todo o percurso (foram cerca de 5km realizados em mais de duas horas, porque propositadamente fomos parando em pontos-chave por forma a dar mais projeção à manifestação). Contudo, pude posteriormente observar a peça do noticiário referir que estavam «dezenas de manifestantes» quando facilmente os jornalistas puderam contabilizar mais de duas centenas (aliás só no acampamento estiveram quase 200 pessoas e todas elas participaram na manifestação e/ou na ação - inclusivamente a equipa da cozinha esteve no local a disponibilizar água fresca e sopa).(DC p.37)</p> <p>A sra. que nos acompanhou a tricotar a linha vermelha, profundamente envolvida no movimento contra a exploração de gás, disponibilizou-se para chamar o marido com uma pick-up carregada de água para que as plantas fossem imediatamente regadas. Também logo ali se levantou a questão de como as mesmas iriam sobreviver e um grupo de locais prontificou-se a assegurar a rega durante o período seguinte (dias ou par de semanas necessário à adaptação das plantas ao terreno). Daqui decorre o empenho na população que se mobilizou para participar na manifestação, o que não se consegue extrapolar para a totalidade (nem sequer maioria) da população da Bajouca e localidades circundantes. Sentiu-se algum desagrado por parte dos automobilistas que insistiram em fazer aquele troço, após advertidos do que ali decorria. Exceção a este foi uma sra. De cerca de 70 anos que veio propositadamente na sua viatura, estacionou junto da autocaravana da Caldeira Negra (o grupo da cozinha) e ao sair manifestou que «venho comer uma sopa convosco». Ali esteve um par de horas a confraternizar com os ativistas, contando um pouco da sua história de vida e revelando bastante comprometimento com a causa. Disse que tinha emigrado para o Luxemburgo em nova e que agora somente regressava a Portugal de férias. Que se identificava com o sistema do país de acolhimento e que o facto de lá se encontrar toda a sua família (filhos e netos) fazia com que nem pensasse em regressar. Estava, contudo, contra qualquer perfuração em busca de gás.</p>
--	---

		<p>Consegui aperceber-me de mais um par de jornalistas para além da RTP encontrava-se uma repórter do Fumaça e outra que pelo que me apercebi eram do jornal da região (de Leiria?, não estou segura). (DC p.38)</p> <p>Ao final da tarde voltei então à ABAD para participar do Plenário. Escutámos então o que os organizadores tinham para partilhar relativamente ao sucesso ou não da ação: alguma ambivalência se por um lado consideravam que tinha sido bem sucedida pelo facto de terem conseguido efetivar o que estava planeado; por outro sentia/identificaram a ausência de forças policiais e a parca projeção imediata nos meios de comunicação social como uma estratégia clara de minimizar o ativismo que tinham levado a cabo.</p> <p>Do plenário retirei também a clara vontade de escutar todas as opiniões e proceder a uma análise minuciosa da experiência de cada um por forma a melhorar as suas ações e preparar efetivamente novos/mais ativistas (recordo que o acampamento incluía formação teórico-prática na área do ativismo). Foi também dado espaço à comunicação dos participantes de outros grupos ativistas estrangeiros que acompanharam as ações, no sentido de fortalecer a necessidade de se «operar em rede» internacional contra os problemas que são globais. Retive em particular o facto da ativista suíça manifestar que o seu grupo deparou-se com o facto de terem conseguido evitar uma nova exploração de fracking num local e que a mesma empresa dirigiu-se (se não estou em erro) para Moçambique e lá conseguiu autorização para concretizar o furo, com efeitos devastadores para as populações locais. A falta de precisão nestes conteúdos do diário prende-se com a necessidade de passar despercebida (perante a já tamanha desconfiança que a minha presença aparentava provocar em alguns ou na maioria dos organizadores que me sabiam ali no papel de estudante/investigadora).</p> <p>Houve, quase no final, uma necessidade de expressar perante todos a relevância que cada participante teve para a prossecução dos fins de todo o acampamento e para a ação ativista assim, numa clara valorização por cada tarefa e papel assumidos. Aqui fizeram igualmente referência à CLV e à importância que esta teve ao estar presente uma semana antes e sensibilizar a população local durante a <i>Feiriarte</i>. Foi reconfortante, pelo menos para mim, após toda a intensidade. (DC p. 40)</p>
Ativismo	O que é considerado	«eu acho que isso é também uma «food for thought» também para pensar que há outros públicos que não

	<p>estão a ser atingidos por esta mensagem e que têm a percepção de que, estes públicos, a mensagem é muito violenta e não tem de ser.» (E3 p.4)</p> <p>«E aí eu acho que o que nós temos todos que fazer é sentar e refletir que o que nós estamos a fazer, nós não estamos a competir uns com os outros e que não é porque estamos a fazer tricot que estamos a desvalorizar outra ideia, mas que são ideias complementares e com comunicação podemos circular os diferentes públicos e garantir que os ativistas tradicionais, não é tradicionais mas mais aguerridos, também conseguem mmm também conseguem transmitir a sua mensagem. Eu acho que as coisas estão a mudar ligeiramente, eu acho que no geral, eu não sei se é uma questão cultural ou não mas...há muita competição também no ativismo, muitos egos...pode ser essa parte mas em geral eu acho que as pessoas estão agora mais recetivas à LV porque também vêm que de repente têm 50 velhotes a tricotar e isso mostra alguma coisa... e se calhar não ver ser esses velhotes que vão bloquear a rua na Almirante Reis, mas são eles que vão levar os netos a outros protestos, que vão fazer pressão junto do Presidente da Junta de freguesia, que vão fazer outro tipo de ações que levam ao objetivo final que é a mudança de comportamento, neste caso a mudança do Governo português em relação aos contratos ou qualquer outro tipo de coisa...» (E3 p.5)</p> <p>« eu acho que aí está. Eu acho que há lugar para toda a gente.» (E3 p.7)</p> <p>(viagem para as Caldas Rainha com Inês) De forma espontânea a conversa dirigiu-se para a comparação entre ativistas que participam na construção da Linha e aqueles se envolvem em ações de desobediência civil. Segundo ela, estes revelam uma atitude muito fechada e pouco acessível ou até capaz de cativar as pessoas (relatou inclusivamente o «rosto fechado» de João Camargo, aquando das entrevistas que dá). Confirmou que com ela também sucedeu o facto das pessoas lhe solicitarem amizade nas redes sociais mas não se prestarem a responder às suas mensagens, o que por um lado pode minimizar a noção que tinha acerca da pouca acessibilidade para prestarem depoimento e colaborar com a minha pesquisa, por outro ganha mais força a percepção de que desvalorizam os «ativistas gentis». Ao contrário destes, manifestou com agrado e alguma surpresa o facto da ativista alemã portadora de deficiência que ela ensinou a tricotar, lhe ter pedido amizade no FB e inclusivamente ter colocado como fotografia de perfil uma imagem de si a tricotar linha</p>
--	--

		<p>vermelha, já na sua terra natal, considerando que a esta situação revelava uma postura diferente em relação ao acolhimento de diferentes (e complementares) formas de protesto/ativismo. (DC p. 42)</p> <p>Agora estava novamente entre nós (Mário B.), tendo para isso saído mais cedo de um encontro dos «ativistas à séria». Já o tinha escutado em diferentes momentos e tinha revelado alguma ponderação no discurso e o reconhecimento de que as diferentes formas de protesto são válidas (algo que escutei da boca de poucos ativistas durante estes meses!). Contara antes que participara da maior ação ativista da Europa, numa mina de carvão na Alemanha) e revela sempre a necessidade de esclarecer as pessoas que estão muito «desinformadas». Diz que urge uma compreensão total de todo o processo que se vive e que não basta o ativismo individual, que o sistema só muda com ações coletivas e diretas às grandes empresas responsáveis pela situação que se vive. Contudo, manifesta que é contra a banalização das ações performativas (como sejam aquelas levadas a cabo pela Extinction Rebellion nos meses anteriores) e considera que encontros de debate e de esclarecimento são essenciais para que as pessoas possam entender do que se trata a crise climática, como um todo.</p> <p>Quando confrontado com a questão específica da relevância da Linha para a sensibilização e enquanto forma de protesto, demonstrou-se muito favorável à mesma enquanto uma parte do ativismo (complementaridade de ações) (DC p.44)</p> <p>Mais tarde pude conversar um pouco melhor com o João Costa e o que diz (bem como o que não verbaliza!) confirmam o que tenho vindo a perceber sobre as diferentes organização e motivações dos grupos de ativistas. Ele próprio demonstra algum desconforto – apesar de procurar se manter fiel aos dois focos - distintos e que considera tão imprescindíveis quanto complementares -, apesar de pela sua experiência reconhecer que a CLV adota essencialmente a postura de «desbravador» no sentido de despertar consciências, fazer a pessoas pensarem sobre o ambiente, os combustíveis e a crise climática, enquanto as outras ações envolverem maioritariamente pessoas que já se encontram muito esclarecidas sobre estas problemáticas. No entanto, não se sente totalmente confortável com a forma como os demais olham para «este lado do ativismo». (DC p.45)</p>
--	--	--

	Tipos de	<p>«Eu acho que...vamos por dois lados: vamos primeiro pegar na (sorriso) na parte que a Sara (Corbett) precisamente dizia no seu manifesto de que há diferentes públicos alvo, mas isto é tanto para o ativismo, como para a comunicação quanto para o setor empresarial, não é? ?nós temos uma mudança (pode ser uma mudança de comportamento, pode ser uma compra) e temos diferentes públicos alvo que queremos tocar e que façam esta mudança. Ou seja se nós temos um formato típico de ativismo em Portugal – que pode ser o tal mais aguerrido de que estavas a falar – e que continuamente e atenção eu não tenho dados que comprovam isto, é também a minha observação – continuamente ficam na sua bolha, vão talvez reciclando a bolha a cada geração » (E3 p.4)</p> <p>«Não, eu acho que é necessário. Atenção! Eu acho que é necessário bloquear uma rua. Não concordo necessariamente com a almirante Reis porque é já uma zona muito pobre da cidade e que já sofrem tanto. Mas há, acho que é necessário, acho que isto também aconteceu desta forma porque há todo um movimento internacional que começou com a Greta e que devem aproveitar. Se começarem a furar na Bajouca ou Aljubarrota eu também vou para lá até pararem aquilo.(...) Não, eu acho que é necessário. Atenção! Eu acho que é necessário bloquear uma rua. Não concordo necessariamente com a almirante Reis porque é já uma zona muito pobre da cidade e que já sofrem tanto. Mas há, acho que é necessário, acho que isto também aconteceu desta forma porque há todo um movimento internacional que começou com a Greta e que devem aproveitar. Se começarem a furar na Bajouca ou Aljubarrota eu também vou para lá até pararem aquilo.» (E3 p.17)</p>
	Protesto gentil	<p>Aquilo que mais me fui apercebendo ao participar em dois eventos tão distintos é que há uma clara hierarquização das ações e que o próprio responsável da CLV verbalizou que a mesma não poderia «estragar» o impacto que se esperava da «verdadeira ação». Esta percepção é, contudo, distinta quando escuto alguns dos elementos envolvidos na CLV (no qual me incluo) que revelam precisamente que as particularidades do protesto gentil e com recurso a esta manualidade as deixa mais confortáveis. Não será por acaso que do grupo de ativistas que participaram na <i>Feiriarte</i>, apenas estivessem no <i>Camp in gas</i> eu e a Inês (com o seu filho, Rui) e as irmã de Sintra (Sílvia e Carla que foram ao fds anterior apenas porque se tinham disposto a colaborar com o acampamento, ou seja para preparar o evento do</p>

	<p>fds seguinte). Todas as outras participantes transmitiram-me que não iriam por motivos diversos, nenhuma referiu concretamente a desidentificação (muito embora posteriormente me tenham duas perguntado como foi, num discurso que a meu ver deixou transparecer que a sua ausência se tinha relacionado com a não identificação com os moldes do ativismo). (DC p. 39)</p> <p>(Marcha pelo Clima 27 set)Fui conversando durante a marcha com a minha amiga que, tal como eu, dava sinais de desconforto com o ruído e a movimentação do imenso grupo no qual seguíamos. Ambas comentámos que se sentia demasiada adrenalina que, facilmente, poderia descambar (note-se a maioria do grupo de milhares ser constituída por jovens). Houve um episódio em que na rua da Prata passámos por uns taipais e os jovens começaram a bater com intensidade produzindo ruído. Eu partilhei com ela que achava que teria um maior impacto – e provavelmente atrairia mais pessoas – se conseguíssemos circular em multidão silenciosa... A meu ver os próprios cartazes dos manifestantes com as inúmeras mensagens representam excesso de informação, poluição. Partilhei com ambas as colegas que me revejo cada vez mais no protesto gentil pelo facto de ser em muito contrário àquilo que observamos nos nossos quotidianos, nos comportamentos sociais e que por oposição despertaríamos mais interesse. (DC p. 52)</p> <p>A realização do pequeno vídeo promocional na Bajouca (durante o Feiriarte) dentro dos terrenos da Australis Oil & Gas constituiu por si uma desobediência civil pelo facto de estarmos a invadir propriedade privada. O facto da cerca estar previamente destruída acabou por atenuar a sensação dessa infração. Importa referir que o objetivo manifestado pelo João foi o de preparar um vídeo que alertasse para a questão da prospeção de gás na localidade, mas sobretudo servisse como preparação/chamariz para o acampamento que se iria realizar na semana seguinte. Foi, portanto, muito na lógica da divulgação (apesar de nada se referir a esse respeito). Talvez por esse motivo o vídeo contou com a participação imprescindível de dois ativistas (Climáximo) detentores de conhecimentos e materiais necessários à realização do pequeno filme. Havia assim uma câmara de boa qualidade bem como um sistema de captação de som capaz de proporcionar qualidade ao filme.</p> <p>Foi solicitado a presença de diferentes participantes (prévios, com ligação à CLV) que pudessem revelar a preocupação transversal ao território português.</p>
--	---

		<p>Invadimos assim a propriedade privada e cada elemento foi convidado a tricotar e proferir para a câmara a sua localidade de origem. Estavam igualmente presentes algumas senhoras da Bajouca. Houve a tentativa de incluir pessoas de ambos os géneros, ainda que não se tenha conseguido paridade.</p> <p>Esta iniciativa da CLV revelou o quanto – naquele momento – o projeto se encontrava quase refém das lógicas do coletivo ativista Climáximo. Esta ilação é retirada das próprias palavras do organizador – «Correu tão bem, está muito lindo! Só espero que não retire protagonismo à ação da próxima semana – A Ação» - disse João ao jantar. Ao confrontá-lo com isso ele próprio assumiu e se apercebeu de que realmente minimizava o este protesto considerado gentil em benefício das ações de desobediência que considera impactantes e capazes de produzir impacto efetivo.</p> <p>Outro fator que me leva a crer que a própria colaboração do coletivo neste vídeo seguia a mesma lógica prendese com o facto de nas redes sociais raramente serem partilhadas imagens da CLV à excepção de quando as mesmas servem de preparação para os fins próprios como foi este caso. A corroborar isto estão também as palavras proferidas pelo João Camargo no plenário de fecho do acampamento, tendo feito referência à participação da CLV no Feiriarte em agradecimento por «terem preparado o terreno para o Camp in Gás», numa lógica de hierarquia de relevâncias.</p> <p>Também em conversa com alguns elementos foi sentido isso. Há em alguns participantes assíduos da CLV esse sentimento de não identificação com outras formas mais aguerridas de ativismo, daí a presença neste projeto em detrimento de outros. Foi interessante verificar que deste grupo, à excepção dos elementos da Climáximo, apenas eu e a Inês marcámos presença no Camp in Gás. (DC p. 56)</p>
	Desobediência civil	<p>A questão do aconselhamento jurídico foi afluada. (reunião prep. DC p.7)</p> <p>Transmitiu assim, que pelo facto de desenvolverem ações que vão contra os poderes instalados e algumas de desobediência civil, para as quais contam inclusivamente com apoio jurídico (finalmente entendi...) e que, embora pareça teoria da conspiração, a verdade é que estão sobre investigação e escuta por parte das forças policiais. Contou ainda que já tinham tido experiências desagradável com infiltrados que demonstrando interesse nas suas ações, serviram-se da proximidade para boicotar o trabalho que realizam, exemplificando com uma situação em que ao dirigirem-</p>

	<p>se ao ponto combinado para a ação tinham a polícia à sua espera. (DC p. 9)</p> <p>Havia um ambiente de grande entusiasmo e vontade de partilhar pois a reunião marcava o culminar de uma semana de ativismos com diferentes ações e de diferentes grupos que se tinham manifestado em diferentes espaços icónicos e considerados responsáveis pelas alterações climáticas. Promovida pela Extinction Rebellion, esta semana da «rebelião» foi agendada internacionalmente e em Portugal teve a mão de Climáximo na organização de ações com ou sem outros grupos (apanhei o «sambação» como outro grupo ambientalista). (2ª reunião prep. DC p.11)</p> <p>Estiveram a recapitular as ações da semana e a retirar ilações sobre o que correu melhor e pior. Reconheceram como ponto alto a ação que envolveu um ativista a interpelar o Primeiro Ministro numa apresentação pública, bem como a ação de rua junto a uma loja de «fast fashion» e que, apesar de ter saído do planificado resultou muito bem. Referiram também a ação na CMTV como a mais simples de concretizar, pese embora tenham considerado com pouco impacto dados os perfis dos espectadores do programa televisivo. Como ponto fraco referiram a ação planificada para a EDP, considerando a empresa pública muito bem preparada para lidar com invasões do seu território. Pelo discurso dá para perceber que investem bastante na organização das ações e no respeito pelo protocolo, embora se apresentem recetivos à improvisação por forma a adaptar o planificado às circunstâncias. (2ª reunião prep. DC p.12)</p> <p>(Camp in Gás) Depois da exposição teórica foi sugerindo que quem tivesse grupo se posicionasse junto de um dos lados e quem não tivesse do outro. A Carla sugeriu que eu me juntasse a elas, mas eu fiquei renitente por desconhecer qual seria a ação e dei a desculpa de me ter voluntariado para a recepção e por isso julgar não poder estar presente na formação, logo impossibilitada de participar (pelo que me tinha sido dito pelo João). A ação era de desobediência civil e não estava interessada em participar «às escuras». (DC p. 31)</p> <p>A ação surgiu a partir de um grupo de ativistas todos vestidos de branco (macacos tipicamente usados para a pintura) entraram no terreno da empresa provenientes do pinhal, embandeirados e fizeram um círculo no centro do terreno. Aí pudemos observar um outro grupo que se lhes juntou carregando pequenas árvores. Após algum tempo (diria que demorou mais tempo por questões de</p>
--	--

		<p>performance), iniciaram a plantação das pequenas árvores. Foram, entretanto, intercalando as ações com pequenas reuniões de representantes dos diferentes grupos por forma a pôr em marcha a ação com o consentimento/acordo de todos.</p> <p>Os manifestantes representavam o dedo verde e encontravam-se ao calor, junto da estrada salvaguardando que se surgissem as forças policiais, os ativistas conseguiriam terminar o seu intento (plantar as árvores). Estavam igualmente incumbidos de ir fornecendo água àqueles que plantavam dentro do território privado. (DC p. 38)</p>
	<p>Profissional vs Voluntário</p>	<p>«Em regime de voluntariado, até em início de 2018...em que eu... a minha contribuição foi muito no sentido da estratégia a longo prazo, da, digamos da estratégia mais de angariação de investimento e também como é que tu estruturas uma organização em termos de impacto» (E3 p. 2)</p> <p>«Eu fazia, eu trabalhava numa campanha internacional tínhamos um projeto global de direitos sexuais e eu aí fazia todo o trabalho que é ser «campaigner», que é uma ativista profissional,» (E3 p.4)</p> <p>«efetivamente isto é muito absorvente e a maior parte das pessoas estão em regime, aliás todas na Climáximo são todas voluntárias.</p> <p>C- Não.</p> <p>E- Não?</p> <p>C . não, quer dizer não sei se continua o financiamento ou não. Mas não estou a dizer de forma desprestigante porque eu acho que as pessoas devem ser pagas, não é? Porque isto é trabalho. » (E3 p.7)</p> <p>«mas também deveriam haver psicólogos, há muitos «burnouts» entre os ativistas, há muitas pessoas que... mas bom, enfim» (E3 p.10)</p>
	<p>Na relação com a CLV (a partir das parcerias)</p>	<p>o envolvimento direto das pessoas na criação/organização dos encontros marcava também as características das pessoas que ali se reuniam. Deu exemplo de eventos organizados por grupos de tricoteiras (maioritariamente feminino) e outros por associações com outros fins (exemplificou com o Chá dançante em Évora). (DC p. 2)</p> <p>No dia 03-11-2019 estivemos na horta da FCUL (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa) para gravar um vídeo relacionado com o livro que irá ser editado sobre tricot e alterações climáticas. Foi um dia de convívio com muita partilha e tricot. Estiveram reunidas cerca de 20 pessoas das quais se destacam algumas famílias (designadamente a do João, e eu levei os meus filhos) porque a ideia seria filmar as</p>

		<p>crianças com mensagens apelativas já que o livro se destina ao público infantil-juvenil.</p> <p>Fomos muito bem acolhidos pelos voluntários da Horta – a Catarina, uma das responsáveis é também ativista (metreologista) – e tivemos oportunidade de socializar todos.</p> <p>A intergeracionalidade e a partilha de saberes relativos quer às manualidades (tricot e crochet) é de salientar, mas também sobre agricultura. Foi-nos dada a oportunidade de conhecer este projeto voluntário de alunos da faculdade e após nos terem mostrado as diferentes espécies de plantas ainda se dispuseram a oferecer pequenos vasos a quem quisesse.</p> <p>Serviram-nos o almoço vegan (o João e o Mário trouxeram, pago pela CLV) e cada um levou alguns snaks para partilhar.</p> <p>O vídeo ainda não foi publicado. Aguarda a finalização do livro (a cargo da Zélia a parte do tricot e do João a sobre as alterações climáticas). (DC p. 55)</p>
Perfis	Públicos e Géneros	<p>O representante da campanha referiu que em todos os encontros – maioritariamente eram as mulheres que se expunham, mobilizavam e produziam a linha – a presença de crianças acabava por envolver os homens (quase sempre pais) que com elas participavam no evento. Ficou assim manifestado que as crianças tiveram esse papel de mobilizadores para o envolvimento com o tricot, ávidas por aprender, cativavam os pais (maioritariamente). Sobre a participação dos homens na elaboração do tricot, o João referiu ainda que os mais jovens aderiam com maior facilidade do que os mais velhos.</p> <p>No que concerne aos grupos, questionei o João sobre quem eram essas pessoas e este transmitiu-me que existia uma grande heterogeneidade na participação e que essa heterogeneidade estava igualmente dependente do tipo de encontro/evento promovido (DC p.2)</p> <p>«resultava muito bem com mulheres mais velhas, muitos centros de dia, crianças, com as famílias resultavam muito bem, as crianças adoravam aprender a tricotar» (E3 p. 3)</p> <p>«É obvio que as pessoas diziam, falavam logo das senhoras e as pessoas que nos contactavam, contactavam-nos porque tinham uma tia que estava em casa sem fazer nada e queria fazer tricot mm, sim, nós víamos isso e muito diretamente. No entanto, nos eventos nós tentávamos sempre ter homens a tricotar e ensinar homens a tricotar – especialmente velhotes muito curiosos - e nós também aliás na nossa</p>

	<p>comunicação e também nas fotografias pôr homens nas fotografias... obviamente que na prática na realidade teríamos mais mulheres a tricotar mas nós tentávamos mostrar ou passar esta imagem que era de que havia equilíbrio de géneros, que é visualmente as pessoas são muito visuais;» (E3 p.11)</p> <p>«Sim, mas, definitivamente, e não é um mas, a maior parte dos eventos que nós organizámos e foi num ano foram cerca de 60 eventos e tirando as grandes feiras ou o Boom, no geral era para uma população que talvez que a média de idades seria à volta dos 45 ou os 50 e aí eram mais mulheres mas quando engajávamos os homens eles também vinham sim.» (E3 p.13)</p> <p>«em Lisboa sim, por acabámos por fazer vários no RDA e foram sempre as mesmas pessoas, mas depois os outros...mm...estou a tentar lembrar-me... nós nunca fizemos o mesmo evento em sítios repetidos, talvez sim com um ano de diferença, mas podíamos ir a uma cidade grande e fazer dois ou três eventos por exemplo estou a lembrar-me em Coímbra, Porto, Aveiro, Leiria mas aí iam públicos diferentes porque a ideia era fazer o evento em parceria ou com o bar ou com a organização e, para eles chamarem o seu próprio público, se nós fôssemos a um evento diferente em cada cidade viria um público diferente» (E3 p.13)</p> <p>Apesar de se depreender que há já alguma experiência no que concerne à preparação de eventos desta índole, pude perceber que o ambiente ativista é marcadamente um contexto de jovens e jovens adultos e que no questionário destinado a pessoas com mais idade – recorde-se que os parceiros da CLV são segundo o organizador elementos entre os 50-60, por serem grupos que previamente usam o tricot enquanto forma de socialização, tendo a participação ativista surgido a partir do contacto da cLV – não se via refletida preocupações inerentes a esta faixa etária como sejam local específico e condições para alojamento (onde ficar, quartos partilhados, etc), situação genericamente menos «melindrosa» para os jovens. As condições específicas para alojamento clarificadas foi uma das minhas sugestões, assim como fiz algumas correções no português. (DC p. 13)</p> <p>«pronto, basicamente foi isto (1ª fase CLV). Eu não te consigo dizer...eu tenho uma ideia na minha mente que a maior parte das pessoas são mulheres e a partir dos seus 40 mas pronto não consigo mais do que isto.(E 1 p.17)</p> <p>«maioritariamente são mulheres, apesar depois de nós conseguirmos ter homens nos nossos eventos eles</p>
--	---

	<p>aparecem como...mais pela causa do que propriamente pelo facto de fazerem tricot e crochet que eles até ficam muito retraídos...enfim...depois vêm um homem a fazer e depois até se soltam...(E1 p. 14, 15)</p> <p>«Mm – e... pronto e ou seja, depois essa questão de género: de estarem homens a fazer também, não é, nós estivemos num evento que era, foi uma feira, era o «OrganiEcoMarket» e foi lindo porque nós estivemos dois dias e abrangemos, conseguimos contactar diretamente com talvez umas duzentas pessoas e...muitos homens que se juntaram a tricotar por uma razão simples, que para nós percebemos isso, para nós foi das experiências melhores que nós tivemos foi as crianças que passavam, paravam e obrigavam os pais a parar, muitos dos pais depois ficavam ali porque «pronto, ok, eu tenho de ficar aqui» porque os miúdos exigiam mesmo ficar ali a aprender a fazer aquilo, depois embrenhavam-se naquilo e...já perguntavam como é que começavam, como é que acabavam, e portanto, foi maravilhoso perceber isso, e... portanto aí nós conseguimos perceber que realmente não é só isso: que a nossa missão não é só aquela e que conseguimos abranger outro tipo de causas, neste caso essas duas – a do tricot e do crochet e a parte da questão de género também e vá desmistificar essas questões – mm...eu diria que homens...nós fizemos contas no ano passado, e nós conseguimos alcançar cerca de 20.000 pessoas e, mm e...eu diria que homens há de ter sido se calhar 4 ou 5% não há de ter sido mais do que isso...lá está... <u>Eu – A tricotar, mas nos encontros não surgiram também homens que foram, que não tricotam, mas estão mobilizados?</u> Ah, por causa do problema, sim, sim. Sim, aliás, eu... <u>Eu – Não se envolvem com o tricot...</u> Sim, eu diria...mas é uma barreira, é no início...depois de eles verem...nomeadamente eu que depois estou lá, isto porque a pessoa que me esteve a ajudar no ano passado é uma rapariga e portanto ela daí também não conseguia mostrar grande coisa ... e um homem a ensinar, e depois também a ser ensinado por outras pessoas que têm muito mais experiência no tricot e no crochet do que eu, mm e os homens viam aquilo e ficavam....no «OrganiEcoMarket» eu tive uma experiência muito...para mim foi...foi muito profunda aquela experiência, foi com um homem que, ele estava muito reticente...mm...a filha foi aprender e quis aprender, eu estive lá com a miúda e quis ensinar-lhe e depois a miúda era super esperta – ela era uma miudinha de cinco anos mas eu estava a falar com ela</p>
--	---

como se fosse adulta aquilo foi lindo – e eu percebi que o pai estava ali com uma postura muito retraída mm e de seca...e eu...bom, a miúda está tão contente e tão empenhada que eu, não, vou ter de falar com o pai e disse: «venha aprender, venha aprender, o que é que lhe custa, não tem mal nenhum!» E ele «ah, ok pronto então vá ensina-me lá isso». E depois soltou-se e começou a tricotar e quando eu comecei a ensinar – nós aqui apagamos qualquer tipo de preconceito que exista... e descemos á terra e temos uma pessoa a aprender e outra a ensinar e, a partir do momento em que começámos eu disse: «Oh amigo eu aprendi a fazer isto há um ano, isto não tem nada de difícil» E ele começou a soltar-se e literalmente ele abriu-se comigo e disse: «à partida quando vos vi aqui ...e eu pá...eu vou-te dizer, eu sou uma pessoa de direita pá...e eu agora estou a começar a perceber pá...que isto são questões que não têm nada a ver com direita e com esquerda» Epá tivemos ali uma conversa muito profunda, foi muito bom, perceber que nós temos muito que nos separa – não por me intitular uma pessoa de esquerda, não tem nada a ver com isso, mas porque se calhar temos visões muito diferentes mm e...não falámos disso, estivemos ali muito tempo a falar daquilo que nos une, foi brutal, foi uma grande experiência.

Eu – e as crianças fazem essa ponte? Sentiste isso nesses projetos, nesses encontros?

Sim, Há uma grande abertura por parte das crianças para...para aprender a fazer, porque as crianças, se calhar na escola já não é tanto assim...eu acredito que ainda seja...também deve depender...mas eu na minha escola os trabalhos manuais que eu fazia era educação visual e...bem e educação física, não fazia mais nada tirando a primária que fazíamos umas coisinhas básicas, portanto, as crianças, eu creio que elas estão muito sedentas de...

(E1 p. 15,16,17)

Eu – Então, relativamente a essa questão, acabei por perceber que há aqui dois comportamentos que estão vinculados aos géneros...o homem participou mais na campanha pela questão, pela causa em si e na mulher acusou mais esse motor que é o tricot...é curioso de perceber.

Sim, sim. (E1 p. 15, 16, 17)

	Idade	<p>«normalmente os pais deixavam as crianças connosco para nós as entretermos, normalmente nós falávamos com elas – e estamos a falar de idades entre os 6 e os 17 anos, portanto um nível de... com... eu acredito que alguma informação tenha seguido mas» (E3 p.3)</p> <p>«porque também há uma idade a que as pessoas estão mais predispostas a... entre os 15 e os 25 anos, eu diria, também se vê agora nos protestos...» (E3 p.4)</p> <p>«nas crianças são mais os miúdos que querem tricotar do que as crianças, as meninas e mm, mas os pais vinham com o preconceito e isso é que era muito engraçado. Ah, o preconceito em geral que era em geral que as miúdas é que vinham tricotar e também o preconceito, não é bem um preconceito mas há muita esta ideia de que as crianças se aborrecem muito facilmente e então chegavam lá e diziam «ah eles já estão a tricotar há muito tempo já estão aborrecidos» e os miúdos super engajados não sei «não, não eu fico aqui!» isso também era muito interessante, mas sim, na sociedade em geral... dizem que são as mulheres mas eu acredito que com programas especiais, foi uma coisa que estávamos a falar quando eu saí da LV que era – e aí também tem a ver com o público especial da LV – que eram fazer um programa especial para as escolas, ou seja a criar um movimento da LV...» (E3 p.11)</p> <p>(Na Feiriarte) O senhor Manuel também de vez em quando vinha ter connosco para perguntar se estávamos bem e mostrar algum apoio e agradecer-nos. Acabou também por tentar tricotar o que nesta comunidade é visto com particular preconceito. Sabemos e acabei por escutar também alguns dos participantes na CLV – pessoas que desenvolveram já e participaram em outros eventos – que realmente em Portugal há ainda muito preconceito em homens tricotarem e ainda não é bem visto, especialmente em regiões menos urbanas. Também o facto de vários ativistas no grupo que são homens, mas os ativistas que se juntam são essencialmente da Climáximo e pontualmente se juntam à CLV mas que não tricotam. Apercebi-me disso pelas conversas e no sábado quando se juntaram outros elementos masculinos à Campanha. Portanto passavam casais por nós – essencialmente pessoas mais velhas – mas não interagem. Quando muito perguntavam o que se passava e levavam um folheto, mas recusavam-se a tricotar . Houve uma rapariga, alias duas raparigas que estão enquanto voluntárias no bar, que sim quiseram vir tricotar. (DC p. 18)</p>
--	-------	--

		Estivemos no stand 11 pessoas, das 11, dois homens um deles o organizador da Campanha, o João costa, e outro homem é filho de uma das senhoras que veio. Duas das senhoras – essa e outra – dos seus 60as e os restantes são pessoas por volta dos 30 anos. (DC p.20) «Sim. E...pronto, as crianças têm muita energia dentro delas, as crianças têm um grande interesse porque elas não veem e porque quando veem é as avós e assim e elas têm muita curiosidade de poder aprender e esse é um grande motor para levar aos pais, sim, sim. (E1 p.16)
	Escolaridade Habilitações	Destaco novamente aquilo que vou depreendendo deste grupo de ativistas com habilitações tão díspares: um (aparente) total respeito pela condição do outro bem como bastante humildade no escutar propostas e retificações alheias (que pelo que tenho observado são sempre feitas com bastante cordialidade). (DC p. 14) Também diz (Ana) que nas formações superiores sobre clima e ambiente são mais as mulheres do que os homens.(DC p. 15)
	Ativista vs não ativista	«Bom, normalmente tínhamos os ativi... isso é interessante porque... eu acho que... e ainda bem que em Portugal estamos a viver uma época de ativismo ambiental que se está a tornar mainstream de alguma forma, o que é bom, quer dizer que temos mais pessoas, mais, muito focados nas questões das alterações climáticas, e na altura era muito complicado. Na altura... e sempre foi, eu acho que...tipo mesmo os próprios ativistas ambientais muitos deles olhavam tipo com suspeita para o tricot, não é? Porque era tipo «pop», tipo «o que é isto?» (E3 p.3) (Feiriarte) ativistas que vieram, uma das senhoras de 50 e tal anos, Leonor, vem de Odemira e foi uma das responsáveis que esteve a lutar contra a prospeção de petróleo em Aljezur pelo que eu percebi na zona marítima. (DC p. 21)
	Tricotadeiras	(Tânia, Pombal) Contou-me que retomou o tricot há 12 anos quando teve uma gravidez de risco, uma amiga, Rita Quintela (a dinamizadora dos encontros CLV no Porto) lhe enviou por correio um novelo e agulhas. Diz que desde então nunca mais parou. Participa dos grupos Gang da Malha desde a sua origem (recorda que este projeto foi criado por Zélia, inicialmente nas Caldas da Rainha) e orgulha-se de afirmar que é de momento o único grupo que após 2 anos continua ativo. Veio de Pombal para a ação da CLV (a gravação no terreno) (DC p. 27)
	Estilo de vida Preocupações sociais e	«eu acho que nós temos que ter uma grande mudança de consumo, obviamente, da forma como consumismo, é uma mudança do paradigma do crescimento mas tem

	<p>económicas (alimentação, preocupações pessoais, etc)</p>	<p>de continuar a existir crescimento... ou não pode existir crescimento negativo, para continuarmos a ter, não estou a dizer uma vida de luxo mas uma vida digna, não sei se era com o Luis ou com a Ana que é a palavra decrescimento, que eu acho que é uma palavra muito mal utilizada – que as pessoas ouvem a palavra decrescimento e acham que vamos logo para a dieta das cavernas ou vamos ...e não é isso não é? (...)Não é ir para as cavernas, mas é fazer uma grande reflexão nomeadamente sobre o turismo, na forma como se faz turismo e há toda uma visão diferente que supostamente poderíamos ter e que não temos (...)</p> <p>Não pode haver crescimento para eles mas pode haver continuidade da nossa vida agradável. Eu não te conheço mas eu tenho uma vida muito básica, não tenho carro, evito voar, esse tipo de coisas, não estamos a falar de uma vida de consumo extremo. Mas é muito interessante esta questão do turismo mm (E3 p.22)</p> <p>(...)A mesma referiu ainda que terão um voluntário para lecionar sessões de yoga pela manhã bem como algum evento com taças tibetanas. Vestia uma camisola manifestamente vinculada à prática do veganismo (respeito integral pelos animais) e toda a sua participação vinha no sentido de possibilitar durante o evento a sensibilização para o tema, sugerindo ainda que se pudesse programar um workshop de cozinha vegana. Deram ênfase à preparação de oficina diversificadas.</p> <p>Um dos elementos que, entretanto, chegara refere que estão a organizar um passeio de ciclistas, em forma de manifestação que virá desde Aveiro até à Bajouca. Serão ativistas amantes do ciclismo que pretende sensibilizar os transeuntes durante o percurso. (reunião preparatória DC. 6)</p> <p>A Ana diz também que foi ela que apresentou o livro da Zélia na Fnac do Chiado, intitulado «Re-use». Está muito envolvida na questão do vestuário. É formada em Design de moda e faz inclusivamente consultoria a projetos de moda que querem ver a luz do dia com o selo «green». Relata as incongruências no setor da moda sustentável pelo facto do modelo de negócio ir quase sempre contra os princípios ecológicos. Apercebo-me do quão interligados estão os mundos da ecologia, comportamentos alternativos e sustentabilidade e do quão crescente é a adesão a estes princípios no panorama nacional. (DC p. 16)</p> <p>Parece-me ela e o grupo (de ativistas participante do Feiriarte) em geral, estão muito envolvidos nas questões das alterações climáticas em termos nacionais e alguns</p>
--	---	--

		<p>internacionais (alguns elementos estão envolvidos em ações internacionais) e portanto não se trata aqui de pessoas que se envolvem apenas e exclusivamente pela sua localidade. (DC p. 23)</p> <p>(Feiriarte) A Leonor em Odemira está muitíssimo preocupada com a forma como os emigrantes provenientes da Ásia atraídos para trabalhar nas estufas estão a ser tratados pela comunidade. Há muita preocupação pelas questões sociais. Só mais tarde percebi que a Leonor pertence à ecocomunidade Tamera – viveu dentro da mesma 10 anos e trabalha ainda na comunidade apesar de residir em Odemira numa casa por ela alugada, segundo conta saiu de Tamera porque viveu numa caravana todo o tempo que lá esteve e sentiu necessidade do conforto de uma casa. Apresentou-se enquanto RP de Tamera quando lhe perguntei, portanto foi interessante também falar com ela sobre o projeto embora não diretamente relacionado com a pesquisa, foi interessante escutar a sua experiência em Tamera que está conectada em rede internacional com inúmeras ecocomunidades e dos seus projetos destacam-se os associados às questões do clima (fizeram uma manif em frente ao Web Summit em 2018). Pelo que percebi o seu envolvimento com a Linha Vermelha deveu-se à luta em aljezur – conseguiram travar a exploração de petróleo que estava prevista. Aliás ela usa este argumento às pessoas que dialogo conosco dizendo que não vale a pena, que o tricotar não vai mudar em nada, que «eles não nos ouvem» e usa como argumento Aljezur e o movimento de diferentes grupos – entre eles a CLV – e as performances que foram feitas. Ficou de me enviar os vídeos. (DC p. 26)</p> <p>Tive a oportunidade de conversar com ela uns momentos durante a preparação do vídeo no terreno da australis Oil & Gas. Disse-me que tem lugar na Ass. Municipal de Pombal pelo Bloco de Esquerda. Que se tem mobilizado para todas as ações (que tem conhecimento) de luta pelo clima e, embora esta não seja a sua região faz questão de participar. Soube da CLV pela Tânia (pelo que percebi) e retomou o tricot após 20 anos nos encontros do Gang da Malha.</p> <p>(Na ação na Feiriarte – 2º dia) A Denise disse-me que tem lutado contra a corrupção (referiu o escândalo dos contratos de associação para colégios na sua região) e demonstrou não se preocupar com os votos mas com os princípios que a fizeram concorrer ao cargo. Falou da «podridão do sistema político», essencialmente do bloco central e de que seria importante que a esq se unisse</p>
--	--	---

		<p>(CDU E BE) para combater grnuinamente. Disse que temia o lado do BE se chegasse ao poder pois as pressões para se corromper são enormes. Os lobbys são muito fortes e internacionais, disse.</p> <p>A sua mãe revelou muito empenho nas lutas da filha. Denise afirmou ser Enga Civil e por isso com conhecimento técnico sobre a problemática do gás. Diz que teve por diversas vezes que contrapor o senso comum dos argumentos defensores das explorações. Afirma-se muito interventiva e que envia inúmeras vezes comunicados para a imprensa (alguns não chegam a ver a luz do dia, afirma que o jornal local está corrompido pelo poder político e não opera com a transparência desejável). Deu uma entrevista recentemente para o jornal de notícias sobre o escândalo do ouro encontrado no jacuzzi de um responsável pelo grupo GPS (contratos de associação de colégios na zona). (DC p. 28)</p> <p>(Filme durante a Feiriarte) Veio ainda outro rapaz, Vicente (30as), de Cascais. Participou da conversa que tive com a Denise (BE) e afirmou pertencer a um partido político, o Movimento Liberal. A Denise questionou quais os princípios orientadores/linha política, se «eram de esquerda ou de direita» e ele mostrou pouca segurança na sua resposta, dizendo que nem um nem outro, eram «liberais». A Denise ripostou que o problema do capitalismo era precisamente a questão liberam e a falta de regulação dos órgãos sobre as empresas e grupos económicos. Percebi que ficou comprometido. Não quis participar das gravações embora não o tenha afirmado perentoriamente perante o grupo, esquivou-se. (DC p. 28)</p> <p>Em conversa com a Jacinta (40as, trabalhou em Planeamento na CM Sines e agora em Lisboa). É ativista experiente. Contou que pertence ao ALA (associação Alentejo litoral) e que tem nesta fase aconselhado os jovens de Sines que a procuram porque querem participar da greve estudantil e querem «fazer mais e melhor pelo clima». Referiu a inspiração de Greta para os jovens do mundo e particularmente de Portugal e que o entusiasmo dos mesmos deve ser refreado para que não sejam manipuláveis, que está curiosa sobre o destino/curso deste movimento juvenil. (Dc p.28)</p>
Feminismo/ Masculinidade	Motivação com a manualidade?	Pelo que percebi deste grupo de ativistas apenas o João Costa se mobilizou para o tricot e aprendeu a tricotar para a campanha. Os demais pontualmente participam, mas habitualmente não tricotam, apenas este rapaz que tem cerca dos 40 (Mário B.) se sentou connosco a

		<p>tricotar, pareceu-me que estava a aprender no momento ali com uma das tricoteiras. (DC p. 24)</p> <p>Foi igualmente curioso porque tanto a Jacinta como a Leonor falaram das questões de género e a luta feminina associada ao tricot e elas são perentoriamente contra essa visão redutora do tricot associada às lutas de mulheres. Inclusivamente a Jacinta demonstrou-se desagradada com o facto de estarem a surgir mini grupos nesta luta pelo clima – nomeadamente grupos feministas que se estão a juntar e simultaneamente a destacar como se a luta climática fosse uma luta feminina. Há portanto esta necessidade de se distanciarem dessa visão, numa perspetiva inclusiva e que aparenta fugir à questão de género. Visão com a qual eu pessoalmente me identifico enquanto pessoa e enquanto estudante, não era de todo aquela a perspetiva que queria observar, apesar de reconhecer que são maioritariamente as mulheres que aqui se encontram a tricotar porque há preconceito social que impele os homens a distanciarem-se da nossa atividade/ nosso ativismo. Mas há da parte da CLV uma grande vontade de quebrar este registo e de envolver muitos homens. Isso é nítido na participação do João, é nítido na tentativa de despertar outros ativistas para esta forma de ativismo. Portanto estes rapazes que vieram e pertencem ao coletivo acabaram por também ali estar presentes e tricotar demonstrando que a causa é importante, o tricot não é exclusivo das mulheres e que pode ser uma forma de luta porque estamos a elaborar a maior linha vermelha de combate à exploração de combustíveis fósseis.</p> <p>(DC p. 26 e 27)</p> <p>A Jacinta também se manifesta contra os movimentos exclusivamente femininos, diz que não se revê e acha que «a luta não é por aí» (DC p.29)</p> <p><u>«Acabam por incidir também nessa questão também de dissolver preconceitos?»</u></p> <p>Sim, aliás nós temos esses três causas que é: a causa ambiental; a causa do tricot e do crochet - que o simples facto de nós estarmos num café ou na rua a fazer crochet é uma revolução brutal na mente das pessoas, eu próprio inclusivamente quando tenho, quando ando com material no comboio ponho-me a fazer eu pareço...eu olho para as pessoas e elas...umas riem-se, outras ficam a olhar para mim como se eu, como se fosse fazer qualquer coisa muito estranha...(E1 p.15)</p>
(modos de) Atuação		<p>Para meu espanto (e constrangimento!) o sr. Pergunta ao João porque é que não tinha conhecimento disso, com desagrado no tom de voz. Este responde porque</p>

	<p>Cooperação e horizontalidad e</p>	<p>ele apenas no dia tinha tido conhecimento (reunião preparatória DC p.3)</p> <p>Quando a reunião teve início eram 14 participantes, mais uma ativista do Porto que estabeleceu, entretanto contacto via teleconferência.</p> <p>A ordem de trabalhos iniciou-se com uma agilidade que me impressionou à partida. Estavam muito bem organizados. Foram individualmente transmitindo os progressos que fizeram desde a reunião anterior, de acordo com as tarefas que tinham em mãos (DC p.3)</p> <p>O grupo revelou-se ser extremamente ágil e organizado. Após apresentado o ponto da situação por parte de cada elemento, procederam à subdivisão em pequenos grupos de trabalho, por áreas previamente estabelecidas, para que cada um deles desenvolvesse a sua parte do projeto.</p> <p>Falou-se igualmente na preparação de um site da campanha – e foi notório o nível de organização e interajuda, realço o carácter voluntário do grupo, dependem exclusivamente da colaboração dos ativistas para determinadas áreas, fazendo recurso de amigos e conhecidos que se disponham a ajudar com o seu tempo e competências, motivo pelo qual também revelaram desagradados com a minha intromissão uma vez que estão sempre aspirando a novos ingressos de pessoas capazes de ajudar neste espírito voluntarista. (reunião prep. Dc p.6)</p> <p>Ainda referir que foram apresentadas diferentes hipóteses de cartazes e panfletos e decidido conjuntamente quais as opções mais impactantes, económicas e por isso viáveis. (reunião prep. DC p.7)</p> <p>Relativamente à organização, acrescentar ao cronograma que discutiram no início da reunião e que inclui igualmente uma lista das pessoas que estão responsáveis por cada ação. É interessante constatar a metodologia utilizada na reunião, fazendo recurso a comunicação gestual para indicar ordem de palavra, não havendo qualquer atropelo ao que faz uso da mesma. Em termos genéricos, pode afirmar-se que a assembleia aparenta funcionar de um modo muito democrático, horizontal e saudável. (reunião prep. DC p.7)</p> <p>Após a explicitação dos diferentes pontos basilares, o grupo introduziu os recém-chegados na sinalética gestual que utilizam para respeitar o diálogo e fazer cumprir o prazo estipulado para cada um dos temas. Sente-se um grande respeito pela opinião alheia, um esforço de todos por respeitarem os diferentes pontos de vista e decidirem efetivamente baseados em princípios democráticos. (2ª reunião prep. DC p. 11)</p>
--	--------------------------------------	---

		<p>preciso.</p> <p>Decorridas algumas semanas o João voltou a contactar-me apresentando um esboço de um formulário para enviar aos contactos, solicitando a minha opinião e sugestões. Tive, assim, a oportunidade de refletir sobre o que ele pretendia com o encontro e propor as alterações que me surgiram. (DC p. 13)</p> <p>Outra colaboração que foi solicitada juntamente com a correção do formulário foi ideias para a ação propriamente dita. (DC p. 13)</p> <p>que devo destacar: a atitude (aparentemente) acrítica com que acolhem as propostas/opiniões uns dos outros (DC p. 13)</p> <p>No princípio de Junho fui novamente contactada pelo João agora para contribuir para a correção do Comunicado de Imprensa. Fiz as sugestões essencialmente «no português».(DC p. 14)</p> <p>Estivemos a montar o espaço (Feiriarte). É interessante observar como não há tomadas de decisão de nenhum líder, há muita liberdade para participar nas decisões conjuntas embora as questões mais importantes realmente sejam questionadas ao João Costa, mas por exemplo sobre a decoração houve muita liberdade em como fazer. (DC p. 17)</p> <p>(Plenário Camp in Gás) Transpareceu novamente a «política de horizontalidade» na relação/interação com os demais. (Dc p. 31)</p> <p>No restante plenário – que contou com um exercício de como funciona a interação entre diferentes grupos e organização – apercebi-me que por razões práticas, chega um momento em que no terreno eles chegam a decisões antidemocráticas pelo facto de serem tomadas pelos delegados de cada GA no imediato e sem estes consultarem os restantes elementos. Isso causou algum constrangimento entre as pessoas que, tal como eu, se sentiram desconfortáveis com o facto de não conseguirem «conhecer e dominar» tudo o que poderia acontecer. (Dc p. 32)</p> <p>Do plenário retirei também a clara vontade de escutar todas as opiniões e proceder a uma análise minuciosa da experiência de cada um por forma a melhorar as suas ações e preparar efetivamente novos/mais ativistas (recordo que o acampamento incluía formação teórico-prática na área do ativismo). (DC p. 40)</p> <p>Refira-se ainda que em todos os encontros em que a Inês participou, pude observar as sugestões e propostas que faz ao João, sempre preservando a sua liderança, mas apoiando, ou melhor, procurando potenciar a mensagem que a CLV transmite. (DC p.46)</p>
--	--	---

		<p>(sobre Marcha pelo clima 27 set) Ao aproximar-se a Greve Climática e o dia da Marcha pelo clima, fui conversando com a Inês no sentido de saber se a CLV estaria presente. A Inês estava muito motivada para ir em representação da Campanha e eu acabei por telefonar ao João questionando-o se faria sentido deslocar-me a Lisboa ou se iria para Setúbal já que a minha decisão dependeria da participação oficial ou na da CLV. O organizador manifestou que não poderia responsabilizar-se pela participação da Campanha, mas que «você estão à vontade». Questionei inclusivamente se as pessoas da Bajouca não se queriam juntar a nós, uma vez que sabia que algumas delas se encontravam muito ligadas à construção da linha vermelha (tenho acompanhado no fb e através das suas presenças em outros encontros). Disse que sabia que viria um autocarro com vários habitantes da localidade e que seguramente alguém iria querer juntar-se, que falara com a Leonor (da ABAD) e que esta lhe manifestou que sim. (DC p. 51)</p>
	<p>Rede de «amigos»</p>	<p>«Eu vivia fora de Portugal e regresssei há cerca de 3 anos e tinha dois amigos que tinham construído ou criado ou participado na criação de uma associação chamada Academia Cidadã e a ideia sempre foi quando eu chegasse cá ajudasse de alguma forma e ver o que é que... como estava fora de Portugal não dava muito jeito. E então quando eu cheguei disseram-me para ir falar com o João porque ele tinha criado, ou começado uma coisa que era a Campanha Linha Vermelha e precisava urgentemente de ajuda – porque eu também tenho um background, eu sou jornalista mas trabalhei sempre com campanhas em direitos sexuais neste caso e tenho algumas ligações ao movimento ambiental internacional e então utilizar a minha «expertise» mais de «campaigner» e de ativista profissional na Linha Vermelha»(E3p.1)</p> <p>«e depois, eu tinha sempre tive e tenho muitos amigos que trabalham na GreenPeace internacional nas locais, ou na AVAZZ que é das petições também ou na 350.org porque mais ou menos na altura em que a 350.org foi criada foi na altura em que eu terminei o meu mestrado e muitos dos meus colegas foram para lá trabalhar, ou seja, é tudo uma grande coincidência e quando eu cheguei cá utilizei essa rede também, e toda a parte...porque há muitas, porque por exemplo em 2014 tive num campo em Berlim,» (E3 p.4)</p> <p>Há também uma aparente perspetiva de partilha de informação (revelada nas conversas informais) que se mostra contraditória à visão que tinha sobre a</p>

		competitividade. Será um nicho? Este nicho é reduzido, também referiu isso...porque chegámos à conclusão que conhecíamos muitas pessoas em comum. (DC p. 16)
Globalização	Rede de parceiros E relações em rede	<p>Aquele que me pareceu o responsável pelo grupo comentou que de Espanha estão previstos virem dois autocarros com ativistas interessados em participar, bem como há já diálogo com dois ativistas de Barcelona que tencionam partilhar no acampamento o seu ativismo expondo peças e possibilitando a criação por parte dos participantes do acampamento. Ficou assim explícito que estão em contacto estreito com outros grupos ativistas da Europa e especialmente de Espanha. (reunião prep. DC p. 6)</p> <p>O site está programado para disponibilizar a informação em diferentes línguas, o que nos remete novamente para a consciência da importância que o grupo concede à rede internacional. (reunião prep. Dc p. 7)</p> <p>«A minha experiência internacional também é um bocadinho diferente porque eu trabalhava numa grande organização. Depois trabalhávamos pessoalmente com as nossas «grassroots» que somos nós aqui, não é? Ou seja, mas sempre num sentido em que eu estava protegida pela organização o que é muito diferente. Mas por exemplo eu estava recentemente a trabalhar com um...eu chamo um cliente porque neste caso era um cliente, uma organização também «grassroots» porque era uma «network» internacional com sede em Londres para a Defesa da mulher no que toca ao aborto, e há muitas guerras de egos e de pessoas, mesmo muitas por isso eu acho que é geral.» (E3 p. 9)</p> <p>Há muitos estrangeiros, sobretudo espanhóis que estiveram com este grupo (organizadores) na Alemanha. (DC p. 32)</p>
	TIC	<p>«por exemplo em 2014 tive num campo em Berlim, organizado pela GreenPeace e pela Amnistia para exatamente técnicas digitais para campaigner profissional e esse tipo de coisas» (E3 p.4)</p> <p>Relata (Ana) como as gerações mais jovens se estão a mobilizar e a relevância das tecnologias para o acesso e disseminação de comportamentos alternativos. Deu o exemplo de um episódio de uma miúda de 12 anos que conferenciou algures em Lisboa sobre «zerowaste» e como acedeu a vídeos no youtube e começou a implementar medidas em casa e a dinamizar no grupo da escola. (DC p. 15)</p> <p>Apercebo-me de que esta geração perto dos 30as domina as tecnologias e a capacidade de pesquisa e redes de apoio para poder obter financiamentos e pôr</p>

		em curso os seus projetos (a certo momento disse que é fácil encontrar financiamento, «há muito dinheiro, é preciso é procurar»; já o João Costa tinha referido o mesmo). (DC p. 16)
	Redes sociais	<p>«Ou seja, connosco eu acho que nós fomos apercebendo que à medida que nós fomos fazendo mais eventos, mais pessoas vinham ter connosco porque sabiam, a comunidade aumentava no Facebook,» (E3 p.3)</p> <p>«Por exemplo a minha família: o lado da minha mãe e o lado do meu pai são sempre as minhas bolhas de teste. A minha mãe é de Amor, uma localidade ainda muito rural mas, muitos têm ligação à marinha Grande com o operariado e etc; e eu vejo que tenho duas primas uma tem 19 e outra tem 16 e há uma ano e meio, isso, fizemos uma sessão maior em Leiria por causa do gás e eu convidei-a ela pertence à Amnistia, ela é Marta, que agora está em Lisboa a estudar, «Marta queres ir? Vamos falar sobre o furo de gás, a contaminação da água» e ela «Ah, isso a mim não me preocupa» (com entoação jocosa) nada, e agora de repente é uma zerowaster no instagram» (E3 p.21)</p> <p>Falei-lhe da divulgação nas redes sociais me ter induzido que aquela seria uma assembleia de esclarecimento e por isso realmente aberta a todos o que, como eu (a título pessoal ou por questões de estudo) quisessem inteirar-se das ações da associação ecologista. (reunião prep. DC p.7)</p> <p>Também refere (Ana) que são maioritariamente as mulheres que se envolvem quer no FB, quer no Instagram, alerta que estas estão mais sensibilizadas para as questões ambientais e para a urgência em alterar comportamentos (DC p. 15)</p> <p>«Sim, sim, sim, a Campanha aliás, se de hoje para amanhã acabarem as redes sociais a Campanha fica muito morta porque nós utilizamos muito as redes sociais não só para descobrir novos grupos, para depois participarem na linha vermelha seja em que moldes for, como também para comunicar não só coisas relacionadas com a Campanha mas coisas relacionadas com a causa, no fundo é isso... o que nos preocupam muito agora neste momento...se as redes sociais acabassem, se calhar a campanha não acabaria mas ficaria muito limitada, sim. (E1 p. 6,7)</p>
	Media	«Neste caso se formos agora olhar para a Greta e para as alterações climáticas isto está a acontecer porque há aghora muita cobertura dos media e a mensagem está lá constantemente, não é?» (E3 p.3)

		(plenário do Camp in gás) por outro sentia/identificaram a ausência de forças policiais e a parca projeção imediata nos meios de comunicação social como uma estratégia clara de minimizar o ativismo que tinham levado a cabo. (DC p. 40)
	Participações estrangeiras e no estrangeiro	. «O Manicómio é uma foma criativa de fazer as coisas, só a própria palavra ganha logo visibilidade não é? Por exemplo nós agora estamos a fazer, estamos a trabalhar vamos levar um dos nossos artistas para o ano ao «Burning Man» só isso vai logo...» (E3 p.18) Há muitos estrangeiros, sobretudo espanhóis que estiveram com este grupo (organizadores) na Alemanha. (DC p. 32)
	Sentidos identitários e de pertença global	Para além dos princípios apresentados e das causas ambientais, o grupo (Climáximo) manifesta vontade/disponibilidade para se associar a causas que consideram relacionadas com os seus objetivos/preocupações como sejam o veganismo, feminismo e a luta antirracista. Referiram igualmente o tema dos Empregos pelo clima como uma preocupação que conjuga as questões ambientais com os direitos dos trabalhadores (2ª reunião prep. DC 11) Foi também dado espaço (plenário de fecho do Camp in gás) à comunicação dos participantes de outros grupos ativistas estrangeiros que acompanharam as ações, no sentido de fortalecer a necessidade de se «operar em rede» internacional contra os problemas que são globais. Retive em particular o facto da ativista suíça manifestar que o seu grupo deparou-se com o facto de terem conseguido evitar uma nova exploração de fracking num local e que a mesma empresa dirigiu-se (se não estou em erro) para Moçambique e lá conseguiu autorização para concretizar o furo, com efeitos devastadores para as populações locais. (DC p. 40) (Mário B.) Diz que urge uma compreensão total de todo o processo que se vive e que não basta o ativismo individual, que o sistema só muda com ações coletivas e diretas às grandes empresas responsáveis pela situação que se vive. Contudo, manifesta que é contra a banalização das ações performativas (como sejam aquelas levadas a cabo pela Extinction Rebellion nos meses anteriores) e considera que encontros de debate e de esclarecimento são essenciais para que as pessoas possam entender do que se trata a crise climática, como um todo. (DC p.44) A empresa que pretende explorar os terrenos nesta localidade é australiana e foi transmitido pelos GASTivists durante o plenário do acampamento que estas empresas operam a nível internacional e que

		quando um contrato é cancelado/impedido num país tentam implantar-se noutro, daí a relevância das ONGs trabalharem em rede, o que foi observado com a presença de 3 organizações estrangeiras no acampamento. De recordar que os financiamentos da CLV são internacionais. (DC p. 57)
Cidadania Participativa	Conjuntura	<p>«ah mas uma coisa que me fizeste lembrar, uma coisa que me fizeste lembrar que utilizar formas gentis de fazer a luta ambiental e dependendo do contexto e no caso português em que temos uma comunidade ah, somos 10.5 milhões não é? Um povo até que no geral, até o residente em Portugal, independentemente de ser português ou não, bastante hetero homogéneo e temos 4 canais de televisão e tudo funciona muito à base do que a televisão e os media falam, por isso é muito importante esta questão da com. Social e das imagens que nós passamos, certo?» (E3 p.17)</p> <p>»É uma sociedade um bocadinho superficial nesse sentido, o primeiro a fazer ou a melhor hashtag ou a celebridade... então eu acho que aí é muito importante que os grupos pequenos – e os que trabalham com a arte em geral e os mais gentis – que tenham formas criativas de fazer as coisas» (E3 p.18)</p> <p>«(...)enquanto o grupo do lado do meu pai, tem todo o grupo de luta contra a ditadura e etc são ativistas do sofá e das redes sociais, por isso eles existem, e não tem de ser mau, se calhar não vão a protestos mas... E . assinam petições? C – assinam. Por isso se calhar nós temos que perceber a existência de diferentes tipos de comodismos, diferentes tipos de interações mm... não sei...são grandes perguntas que eu também me debato sim.» (E3 p.21)</p> <p>Considera (Ana) que há ainda uma maioria muito embrenhada no capitalismo, apesar do crescimento de consciência em matéria climática (DC p. 16)</p> <p>«Bom, é assim, nós estamos num contexto nacional muito pouco participativo a nível de cidadania... por razões históricas também não é...depois, talvez com um chapéu maior por razões do nosso sistema de educação não é. O maior exemplo que eu posso dar é o meu próprio porque eu nunca gostei de ler e a partir do momento em que eu comecei a saber, foi no momento em que eu entrei para a AC comecei a saber que haviam outros métodos de educação, comecei a ler sobre esses métodos de educação e comecei a perceber que afinal eu gosto de ler, afinal o problema não é eu não gostar de ler. E para mim este é uma das principais razões...mm... eu acho que estas são as principais</p>

		<p>razões, tudo o resto é muito... depende de cada um, do contexto e das experiências de cada um. Mas respondendo concretamente não. Acho que existe ainda uma grande falta... não só de conhecimento, porque é preciso conhecimento para nós conseguirmos perceber como é que podemos atacar... ou... sim, atacar um problema convém conhecê-lo bem não é, as pessoas não têm muito a noção dos problemas... as pessoas sabem que existem problemas, as pessoas sabem que existe alguma coisa que está mal, mas não sabem bem o que é que está mal. Depois existe também muita falta de tempo para as pessoas poderem dedicar a essas coisas... também falta de prática nisso, o cérebro é um músculo, nós precisamos de exercitá-lo para conseguir pô-lo a trabalhar várias vezes ao dia e, as pessoas não têm essa prática, nós somos muito mecanizados, trabalhar naquele horário, naquela hora, pronto... e depois é dificuldades que as pessoas têm porque as pessoas trabalham muitas horas por dia... mm perdem não sei quantas mais horas para ir para o trabalho e voltar para casa... e tudo o resto, não é, comer, dormir, família... e as pessoas gostam também de ter o seu tempo para descansar, pronto mas não existe muita prática de cidadania. (E1 p. 4)</p>
	Empoderamento	<p>«E – Muito comodismo? C- Sim ,se calhar isso. E depois, também no geral, em qualquer país as coisas funcionam melhor a curto prazo «ah amanhã vão furar em Aljubarrota!» e de repente toda a gente vai, mas se for para uma coisa que ainda é um pouco... E – abstrata? C – abstrata as pessoas aí já não... Mas não sei se é só de Portugal, não sei, não sei mesmo.» (E3 p.21) Parece-me ela e o grupo (de ativistas participante do Feiriarte) em geral, estão muito envolvidos nas questões das alterações climáticas em termos nacionais e alguns internacionais (alguns elementos estão envolvidos em ações internacionais) e portanto não se trata aqui de pessoas que se envolvem apenas e exclusivamente pela sua localidade. (DC p. 23)</p>
	Liberdade	<p>«mm, há muito também aí, há muita vergonha, eu sempre estive envolvida no ativismo desde que era criança e há muita vergonha das pessoas terem uma opinião, de irem para a rua... (E3 p.20)</p>
	Vontade de atuar/contribuir	<p>«Acho que não há uma resposta para isso. Acho que cada país e cada região culturalmente são bastante diferentes... sei lá eu... mm, eu acho que no geral nas sociedades ocidentais e na europa em geral nós vivemos numa situação bastante privilegiada não é? E</p>

		<p>nos temos coisas que nós tomamos... que são básicas e que nos já temos como adquiridas, não é? E a ... acho que o... que faz a mobilização um bocadinho mais complicada, mais difícil e... isto é, ok, bom eu vou dar uns pensamentos um bocadinho soltos ok? Acho que também é complicado mobilizar porque nós somos todos parte de um ciclo de consumo desde o trabalho das 9 as 5 mm, nós somo, eu não que idade é que tens mas assumo que seja entre os 35 ... (...)Ou os jovens que consomem isto e os jovens que consomem aquilo etc. Eu acho que é muito complicado nós sairmos desse ciclo e...eu não tenho filhos mas eu olho para os meus amigos com filhos e, não só sendo ligeiramente critica em relação aos padrões de consumo deles, mas é muito complicado também tu teres uma vida para além... o trabalho é extenuante, tens uma família para cuidar, tens as responsabilidades como é que tu vais ainda ter tempo desenvolver um projeto para engajar a tua comunidade para ir tricotar é mesmo mtu complicado, eu acho que nós não temos, especialmente a sociedade portuguesa eu acho que nós já trabalhamos tanto não é? As pessoas não têm tempo. Por isso é que também é necessário que estas coisas sejam feitas sob uma forma que seja divertida e não como uma obrigação ou um conflito não é? Depois no geral também, eu não sei se as pessoas estão com um bocadinho de preconceito em relação ao 25 de Abril, a sociedade está cada vez mais polarizada, sentem que se forem protestar já são de esquerda o que não é verdade.(E3 p. 19-20) «Ou seja, eu acho que a sociedade é muito resistente no geral mas depois se fica moda vai» (E3 p.21)</p>
<p>Potencialidade da manualidade Tricot/crochet</p>	<p>Empoderamento</p>	<p>Nuno manteve conversa comigo, perguntando-me qual o meu propósito e mostrando-se interessado no meu projeto de investigação. Dispôs-se de imediato a colaborar e contou a sua experiência com a Linha Vermelha num encontro em que participou na Faculdade (não me recordo qual). Revelou que ficou agradavelmente surpreendido pelo impacto que a linha tinha e o simples facto das pessoas tricotarem, como achava que contribuía para o foco. Também manifestou ser interessante o envolvimento das pessoas, enquanto tricotavam, conversarem sobre as questões que iam surgindo no âmbito do clima, suscitando reflexão, interesse e diálogo. (DC p. 10) Sobre o Tricot e a CLV a Ana afirma que foi a Catarina que a contactou a dizer que iria dinamizar a campanha, mas que não sabia fazer tricot e por isso pediu-lhe ajuda. Ambas estiveram envolvidas nos encontros</p>

		<p>desenvolvidos na RDA, onde se encontravam semanalmente para tricotar. (DC p. 15)</p> <p>Aprendeu a tricotar somente aqui (Bajouca) ajudada pela Francisca de Cascais. Afirma conhecer o movimento Craftivismo e do que tem observado na CLV se apresenta de uma forma dócil de abordar/atuar. Percebe que mobilizou senhoras em Sines que tricotam e manifestaram preocupação acerca do que depois se iria fazer com tanta linha tricotada (achei curioso). E que como contaram que seria transformado em mantas para os sem abrigo, fizeram um ponto mais fechado para que as posteriores mantas fossem realmente agasalhos.</p> <p>Diz que o recurso ao tricot possibilita a participação de outro tipo de pessoas e envolvimento mais alargado (nomeadamente de sexagenárias que não se revêm em manifestações), mas que é visível que os homens não se envolvem («Na Linha Vermelha só o João!», afirma).</p> <p>A Ana também tinha falado que quando iniciaram os encontros na RDA (Anjos) foram inclusivamente gozados pelos ativistas ferrenhos: «Ah sim, tricotar pelo furo, isso deve dar alguma coisa»... - mas que ao observarem que está a ter impacto lá reconsideraram. (DC p. 29)</p> <p>Entretanto chegou a Inês e a menina que viera com a avó que a seguia por todo o lado. Sentaram-se perto de mim, bem como as outras duas jovens que, entretanto, regressaram da sala onde decorriam as palestras.</p> <p>Dirigiu-se a nós um rapaz com os seus 20-30 anos cujo diálogo é de assinalar:</p> <p>«Podem ensinar-me?»</p> <p>De imediato a Inês fez o movimento na sua direção.</p> <p>«Eu sempre vi a minha avó tricotar, mas não pude aprender»</p> <p>A colega ensinou-o com uma rapidez impressionante. E eu ao vê-lo disse-lhe: aprendeste depressa. A Inês diz que os homens aprendem mais rápido.</p> <p>«Acabou de me dizer isso. Isto é giro! Se calhar vou fazer uma camisola para o inverno. E ainda é mais sustentável do que comprarmos aquelas de fibra no chinês.»</p> <p>Continuámos. Decorrido algum tempo, veio uma amiga do jovem e este pergunta à Inês:</p> <p>«Pode ensinar à minha amiga?». Ela era alemão, também 20-30 anos.</p> <p>Ao que a colega responde: «Agora és tu que lhe ensinas a ela!» e assim foi, a amiga sentou-se e ele ensinou-a a tricotar num ápice. (DC p. 51)</p>
	Reflexão	«Nós ficámos muito surpreendidos porque é preciso nós... porque a pessoa começa a tricotar e parece que

		<p>está mais recetiva, a pessoa parece que baixa as defesas e está mais disponível para receber a informação.» (E3 p.3)</p>
	<p>Socialização e partilha</p>	<p>Entretanto perto da hora de jantar chegou a Inês, o seu filho Rui e a Leonor. Estivemos a tricotar no palco, havia muito pouca gente na feira, estava mau tempo e basicamente estivemos a tricotar e a conversar. Fomos jantar juntos ao restaurante da feira e durante o jantar foi interessante porque tivemos tempo de conversar sobre quem eramos e o que estávamos ali a fazer – de um modo muito informal, não houve apresentações as pessoas dispuseram-se a partilhar experiências. (DC p. 17)</p> <p>De destacar das pessoas que passaram e entrevistaram/interagiram connosco: duas mães com duas filhas adolescentes que acharam muito interessante estarem pessoas jovens (e não tão jovens) a tricotar e percebia-se que somos pessoas «de fora» e então juntaram-se a nós também com a intenção de colocar as filhas a tricotar. Houve uma das meninas que ainda experimentou, viu-se que não sabia, mas quem esteve mais tempo a tricotar foram as mães. (DC p. 18)</p> <p>(as ativistas na Feiriarte) Estão muito motivadas, dizia, o que é curioso no espírito destas pessoas que se sentam é que há uma partilha de pontos, de técnicas, uma vontade de aprender a tricotar mais. Vê-se que algumas delas esta não é uma prática corrente, dos seus quotidianos digamos assim. Portanto não tricotam por uma questão prazerosa ou para produzir peças, mas estão interessadas em aprender novos pontos e formas de tricotar e de crocheter porque inclusivamente a linha vermelha é feita destas duas técnicas tradicionais.(DC p.21)</p> <p>Contudo, houve um momento em que se proporcionou estar frente a frente a Bruna, ambas tricotando – e aqui devo reforçar o real «facilitador» que a malha se revela, contribuindo para potenciar diálogos e desinibir os mais introvertidos – característica muito apontada por Sarah Corbett do Craftivis Collective. (DC p. 44)</p> <p>Um dos elementos agregadores inerente à CLV é o facto de potenciar partilha informal de saberes e adoção de práticas antigas como sejam as manualidades aqui protagonistas, mas igualmente o resgate de técnicas antigas designadamente de horticultura. Ontem – como em outros momentos – enquanto se tricotou trocou-se receitas de inseticidas naturais, modos de semear/plantar. Relativamente ao tricot, estava eu a continuar um ponto que tinha aprendido no Camp in gás e a Ana revelou vontade de aprender, pelo que a</p>

		<p>ensinei. Observei variadíssimas vezes esta situação. Há uma partilha espontânea das técnicas associadas ao tricot/crochet numa natural demonstração de desejo de preservação/resgate desta manualidade. (DC p. 46-47)</p>
	<p>Apelativo e inclusivo</p>	<p>«E eu acho que a LV aí, atenção não atinge todos os outros públicos que estão a ser excluídos mas atinge alguns, por exemplo os mais velhos, as mulheres, as crianças, que poderão ser uma ponte até para alimentar depois com os outros ativistas tradicionais.» (E3 p.5)</p> <p>O tricot realmente desperta a curiosidade das pessoas. As pessoas não entendem porque estamos a tricotar, aliás o que fizemos e o que percebi que é o «modus operandis» da Campanha é sentar-se, preparar o «estaminé», decorar com a linha vermelha, com folhetos e sentar e começar a tricotar. Realmente o tricot desperta a curiosidade das pessoas. As pessoas mais velhas aqui desinteressaram-se completamente pelo facto de estarmos a tricotar. Olham à distância e com alguma desconfiança sobre o que estaremos a fazer. Conseguimos mobilizar algumas pessoas mais novas: entre os 40as para baixo. Senhoras que vieram realmente perceber o que estávamos a fazer, com curiosidade e vontade de tricotar. Estiveram duas senhoras a tricotar connosco e mobilizaram inclusivamente as filhas. Estas estavam muito curiosas, duas adolescentes, mas acabaram por não aprender a técnica. (DC p. 21)</p> <p>É muito interessante observar a linha: são centenas de metros. Ontem a Sílvia falou de que há já mais de 2km elaborados. Não sei. Li ontem no folheto que o objetivo são realizar cerca de 56 km para que atinjam a maior linha vermelha do mundo através desta campanha de ativismo. Não sei vou depois confirmar com o João. Mas é muito interessante de observar a linha porque esta é feita de vários pontos diferentes, portanto, é perceptível de que há uma continuidade da linha feita por várias pessoas. Há uma pessoa que faz algumas carreiras e depois num outro encontro é outra pessoa que continua. Há inclusivamente a transição entre tricot e crochet e vice-versa na linha, é muito curioso e também há vários tons de vermelho que vão sendo acrescentados. (DC p. 21)</p> <p>(Camp in Gás) A seguir à conferencia a Angela teve a brilhante ideia de irmos tricotar, o que salvou o meu dia! Fomos então com dois cestos e novelos para junto do grupo musical que ensaiava e começámos a tricotar. Foi imediatamente contagioso!</p> <p>Surgiu primeiro um rapaz (não mais de 20 anos) a pedir para aprender. Depois a ativista internacional que viajou</p>

		<p>pelo mundo em cadeira de rodas começou a olhar com muito interesse e eu perguntei-lhe se queria parerender ao que disse que sim. Alnês é fenomenal! Uma excelente comunicadora e pedagoga (disse-me que é educadora, desempregada há 3 anos). Em menos de 20 minutos tínhamos cerca de 10 j0vens a tricotar pela 1ª vez!!</p> <p>O João costa demonstrou miita alegria e agradecimento pelo nosso empenho. Perguntámos-lhe se poderíamos levar a linha vermelha para a manifestação e respondeu: «A linha é vossa. É de todos!» Ficou então conbinado que levaríamos o tricot e ajudaríamos quem nos quisesse acompanhar nestes moldes.</p> <p>É maravilhoso observar o poder impactante da linha vermelha.</p> <p>A ativista suíça veio logo também tricotar. As pessoas no geral revelam muita curiosidade e sorriem e os jovens querem participar. Desta vez contei 4 rapazes e 5 raparigas. (DC p.34)</p> <p>(camp in gás) Prosseguimos na manifestação com muito ânimo. Havia um grupo musical (<i>Sambação</i>) a liderar os manifestantes e pouco atrás estávamos nós a tricotar (Eu, Inês, filho, sra. da Bajouca). A nós juntou-se a Denise do Pombal (bloquista com lugar na Assembleia Municipal) e que tem vindo a acompanhar-participar ativamente na CLV, como referido anteriormente. (DCp.36)</p>
	Criatividade e inovação	<p>Estivemos a montar o espaço (Feiriarte). É interessante observar como não há tomadas de decisão de nenhum líder, há muita liberdade para participar nas decisões conjuntas embora as questões mais importantes realmente sejam questionadas ao João Costa, mas por exemplo sobre a decoração houve muita liberdade em como fazer, o que fazer com a linha vermelha e como decorar. Acabámos por decorar colocando a linha vermelha como se fosse uma cortina no palco e distribuindo os folhetos e os panos. (DC p. 17)</p> <p>A linha vermelha tem efetivamente um grande impacto visual e é o chamariz desta campanha de ação de sensibilização, eu diria, e ação de ativismo.(DC p. 24)</p> <p>(camp in gás) Prosseguimos na manifestação com muito ânimo. Havia um grupo musical (<i>Sambação</i>) a liderar os manifestantes e pouco atrás estávamos nós a tricotar (Eu, Inês, filho, sra. da Bajouca). A nós juntou-se a Denise do Pombal (bloquista com lugar na Assembleia Municipal) e que tem vindo a acompanhar-participar ativamente na CLV, como referido anteriormente. (DCp.36)</p>
	Pela manualidade e	Durante a tarde (2º dia Feiriarte) muitas pessoas participaram, essencialmente dos seus 50 anos. Eram

	DIY (faça você mesmo)	senhoras que ainda tricotam nos seus quotidianos e que acharam interessante estarmos ali e juntaram-se à nossa causa (depreendo que quase exclusivamente pela manualidade). A metodologia é a mesma: sentar e tricotar. As pessoas perguntam-nos se é para o Guinness que estamos a fazer a linha vermelha... (DC p. 24)
Colaborar com a presente investigação e relação com a minha pesquisa	Individuais e coletivos	<p>No final da reunião tive oportunidade de novamente apresentar o meu projeto e passar um documento para inscrição dos que estariam disponíveis para colaborar comigo. Pareceu-me que o facto de João Camargo ter-se disponibilizado no imediato foi positivo para o grupo, o que me levou a depreender que apesar de se apresentarem como um grupo que busca a distribuição equitativa de poder, está latente o respeito e talvez replicação de condutas dos que chamaria líderes camuflados. Senti isto igualmente perante o Sinan que, embora jovem, apresenta muita segurança no que está a realizar, fruto da experiência internacional que já tem enquanto ativista, o que pode conduzir a admiração por parte dos outros elementos. Dos contactos recolhidos, não pude contar com a Ana (rapariga que se sentou ao meu lado), apesar de tê-la diretamente abordado desculpou-se com o facto de estar a registar os tópicos para a realização da ata para não se disponibilizar a fornecer o contacto. À posteriori devo registar que dos 8 contactos recolhidos, apenas 3 responderam positivamente ao meu email... os demais simplesmente ignoraram o que me leva a crer que forneceram os contactos para «parecer bem». (2ª reunião prep. DC p. 12) - nenhum chegou a responder</p> <p>Quando saímos do mercado acabei por dar boleia à Jacinta. Apercebi-me que o facto de transportar as pessoas na minha viatura também é muito interessante do ponto de vista da investigação porque consigo falar e aproximar-me das pessoas. (DC p.23)</p> <p>A minha estratégia foi começar por atuar com elas, tricotar e só depois no diálogo anunciar que este é o meu estudo de caso no âmbito do mestrado. E aí tenho sido acolhida de uma forma muito positiva e as pessoas até se disponibilizam para me enviar informação, se eu estaria interessada, inclusivamente aconteceu com a Jacinta que demonstrou disponibilidade me enviar-me estudos que encontrou sobre a temática de património e que podem ter relação com a CLV. (DC p. 26)</p> <p>Ao terminar o plenário dirigi-me à receção para formalizar a minha chegada e esclarecer se participaria ou não no voluntariado. Não. Tinha sido removida.</p>

		<p>Poderia não ter qualquer ligação com a minha pesquisa....(DC p. 32)</p> <p>(Camp in Gás – dia da Ação) Após a noite passada a tentar receber mensagens da orientadora que efetivamente me orientassem perante as possibilidades que se tinham revelado de sermos todos impelidos a confrontar as autoridades e desconhecendo qual seria a melhor decisão a tomar, uma vez que as comunicações estavam comprometidas pela falta de rede e não tinha conseguido receber resposta pus-me a caminho da manifestação.</p> <p>Havia muita tensão no ar e em mim em particular por desconhecer qual o procedimento adequado numa situação como esta. Se estivesse apenas na condição de manifestante seria mais simples! Acumulou-se a este desgaste o facto de me ter apercebido que a viatura que tinha levado (já não era a minha por esta se ter avariado nas vésperas do acampamento, por isso fiz a viagem num carro emprestado) sofrera um furo num dos pneus. (...).Tudo isto sucedeu-se antes da hora marcada para o arranque da manifestação – o que me deixou sem qualquer desculpa para participar, embora na verdade não tivesse vontade de desistir, ciente de que se o fizesse, aí sim, descredibilizava-me perante aqueles que do grupo já se tinham disponibilizado para colaborar com a minha investigação.</p> <p>(DC p. 35)</p> <p>Após termos iniciado a manifestação, ainda à saída da ABAD, recebo uma mensagem da orientadora a sugerir que saísse da mesma uma vez que não poderia – na eventualidade de ser detida – transmitir que estava ali na condição de mestranda pelo facto das autoridades poderem exigir o acesso a todas as minha anotações. Fiquei perplexa! Não poderia sair dali sem que a mesma fosse reconhecida como prova de que o estudo académico teria servido apenas como disfarce e realmente seria uma «infiltrada», pois esta é a sensação que tenho que têm de mim e já foi delicadamente sugerida pelo meu contacto. Assim, transmiti à professora que iria ficar sob a minha total responsabilidade e dirigi-me ao João para lhe pedir que na eventualidade de sermos detidos nunca manifestar acerca de mim que me encontrava na posição de estudante, explicando que poderiam solicitar os meus apontamentos. O João tranquilizou-se no momento dizendo que se só participasse na manifestação ninguém me iria deter.</p> <p>Entretanto recebi outra mensagem da professora a comunicar que já tinha conseguido parecer da direção</p>
--	--	---

	<p>da escola e que o melhor seria mesmo assumir-me enquanto estudante se fosse detida e chamar a orientadora. Desta vez fui eu que a tranquilizei baseada no que o organizador me tinha comunicado e também tentando que não ficasse preocupada até eu ter condições para dar notícias. (DC p.36)</p> <p>Aproveitei o momento em que todos os manifestantes aguardavam e/ou tomavam a sopa para procurar uma sombra mais distante e poder telefonar à minha orientadora que seguramente estaria apreensiva. Já passava das 13h porque a mesma manifestou-me que tinha acabado de ver a peça no noticiário da RTP. Consegui transmitir-lhe em poucas palavras o que tinha acontecido e o porquê de toda a demora (tínhamos iniciado a manifestação pelas 9.30). (DC p. 38)</p> <p>A ação foi muito bem preparada. Ao pequeno almoço a organização disponibilizou uma espécie de buffet para que cada manifestante fizesse até duas sandes para ter o que comer durante a manifestação. Cruzei-me diversas vezes com Sinan – o ativista da Climáximo que me recebera com desconfiança na primeira Assembleia em que participei. Continuou a evitar cruzar o olhar com o meu e, reconheço que pode parecer impressão minha, à distância observava os meus movimentos. Esta perceção foi agudizada após o encontro pelo facto de nas redes sociais (FB) diversos ativistas me terem solicitado amizade (de entre os quais João Camargo, Andreia e Sinan) e após ter aceitado aproveitar para a eles me dirigir no sentido de agradecer o convite de amizade e pedir uma breve entrevista. Nenhum dos três me respondeu. (...)Eram cerca das 14h quando eu, a Inês e o Rui decidimos dirigir-nos à casa da Ilda para descansar um pouco. Eu sentia-me exausta com a tensão vivida durante a noite e o dia. Aproveitei para refrescar-me e definir as prioridades seguintes. Percebi que ficar mais uma noite pouco acrescentaria à minha pesquisa na medida em que se preparavam para terminar a noite com uma festa de despedida. Tendo em conta que a minha família se encontrava na situação de mudança de casa, assumi que após o plenário regressaria. (DC p. 39)</p> <p>Aproveitei as férias na ilha do Pico para agendar uma entrevista com o organizador da CLV nos Açores. Tinha previamente ouvido falar do Hugo por parte da pessoa amiga que acolheu a nossa família no Pico. Esta tinha participado de alguns encontros promovidos pela associação que levou a cabo o projeto na ilha.</p> <p>Embora não tenha sido possível a concretização de uma entrevista formal – por questões de tempo, logísticas e</p>
--	---

	<p>de clima (estava a chover nessa manhã e a associação não dispõe de um espaço abrigado) – Hugo recebeu-nos motivado por apresentar o seu projeto de dar a conhecer a quinta da MiratecArts. Foi, portanto, uma visita de família, na qual consegui ir intercalando a sua apresentação entusiástica do projeto com algumas questões associadas à minha pesquisa. (DC p.41)</p> <p>No princípio de agosto fui contactada pelo João Costa a perguntar se estaria interessada/disponível para participar num encontro que se realizaria nas Caldas da Rainha. Dispus-me de imediato a participar, ciente que este contexto seria bastante diferente dos outros que pude observar até à data. (Dc p. 42)</p> <p>Tive mais tarde oportunidade de falar com o João acerca deste facto e ele mesmo revelou que inclusivamente a adesão destes o surpreendera, pois não esperava que ninguém o quisesse acompanhar, o que em termos de análise é muito revelador do desinteresse e da visível desvinculação entre aquilo que é implicitamente considerado por aquele grupo uma valoração gradativa de formas de ativismo. Julgo ser esta a perspetiva que os desvincula de qualquer colaboração com a minha pesquisa. Não me parece que seja algo de pessoal «contra mim», mas o facto de considerarem a temática desinteressante «face à urgência climática e seriedade da conjuntura» (palavras minhas, mas baseada nas expressões que lhes são comuns).</p> <p>A verdade é que eu própria me apercebo de alguma inibição da minha parte no trato com as pessoas que sei pertencerem à Climáximo. Por exemplo, em relação a estes dois elementos, dei-me conta da dificuldade que tinha em participar do diálogo que estabeleciam com os demais, receando que me considerassem intrusiva. (DC p. 44)</p> <p>Há um outro questionamento – do meu ponto de vista mais delicado e relacionado com a minha pesquisa! – que me tem inquietado. Apesar de ter sido sempre clara nas minhas intenções ao apresentar-me a todos enquanto mestranda e revelando o propósito inicial que me levou aos encontros da CLV, é natural que vá estabelecendo relação com as pessoas com quem interajo e vou encontrando nos diferentes locais aos quais me desloco. Se por um lado, os ativistas da Climáximo me fazem sentir uma intrusa, por outro, estas pessoas acolhem-me com certo grau de carinho. E vão falando, vão contando as suas experiências, manifestando as suas opiniões e eu sinto que naturalmente esquecem que eu estou a escutar enquanto investigadora e que posso fazer uso da</p>
--	--

		<p>informação que me passam para efeitos da pesquisa. Ainda que não sejam informações de cariz pessoal, não deixam de revelar posicionamentos pessoais relativamente ao tema, mas também às outras pessoas com quem interagem. Ainda que possa e vá alterar os nomes garantindo o anonimato, não estou tão segura que se as mesmas se derem ao trabalho de ler a dissertação não se sintam expostas e sintam em relação a mim uma conduta utilitarista na relação que fui estabelecendo com elas... (DC p. 47-48)</p>
--	--	---

Anexo V - Consentimento informado

CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO

(por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento)

Destinatário: Coordenador da Campanha Linha Vermelha, João Costa.

Título do estudo: “Linha Vermelha por um futuro verde”
Cidadania participativa tecida por movimentos sociais globalizantes.

Enquadramento: no âmbito de uma investigação com fim à obtenção do Grau de Mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária, na Escola Superior de Educação de Santarém, sob a orientação da Professora Doutora Perpétua Santos Silva.

Explicitação: autorização de recolha de dados por via de entrevista, de observação direta e participante em ações conduzidas pela Campanha Linha Vermelha ou nas quais a mesma marca presença durante o ano 2019, bem como de conteúdos existentes nas páginas web oficiais; utilização da informação recolhida para os fins da investigação e referência ao nome, slogan, bem como designação dos grupos associativos responsáveis pelo projeto.


Confidencialidade e anonimato: garantia de uso exclusivo dos dados recolhidos para o presente estudo e eventual posterior elaboração de artigos científicos com o compromisso de total anonimato dos demais participantes, cujas identificações nunca serão tornadas públicas, salvo nos casos em que o tenham autorizado explicitamente.

Agradecemos o consentimento supra,

Rita Joana Reis Carneiro, aluna nº 170225009 de MESIC, Escola Superior de Educação de Santarém, Instituto Politécnico de Santarém

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que acima se apresenta. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a

Nome: João Costa

Assinatura: 

Data: 02 /Abril / 2019